

FLÁVIA CALANCA DA SILVA

VIOLÊNCIA SEXUAL: POR QUE NÃO REVELAR?

Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina, para obtenção do título de Doutor em Ciências.

São Paulo
2020

Flávia Calanca da Silva

VIOLÊNCIA SEXUAL: POR QUE NÃO REVELAR?

Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina, para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Sylvia de Souza Vitalle

São Paulo
2020

Silva, Flávia Calanca

Violência sexual: por que não revelar? / Flávia Calanca da Silva –
São Paulo, 2020.
xvii, 305f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola
Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

Título em inglês: Sexual violence: why not disclose it?

1. Delitos Sexuais 2. Abuso Sexual na Infância 3. Adolescente 4.
Adulto Jovem 5. Revelação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Chefe do Departamento: Profa. Dra. Rosemarie Andrezza

Coordenadora do Curso de Pós-graduação: Profa. Dra. Zila van der Meer Sanchez

Flávia Calanca da Silva

VIOLÊNCIA SEXUAL: POR QUE NÃO REVELAR?

Presidente da banca:

Profa. Dra. Maria Sylvia de Souza Vitalle

Banca examinadora:

Titulares - Prof. Dra. Dalva Alves Silva

Prof. Dra. Jeane Barros de Souza Lima

Prof. Dra. Régia Oliveira

Prof. Dra. Silvia Piedade Moraes

Suplentes - Prof. Dra. Glaura Pedroso

Prof. Dra. Maria José Carvalho Sant'Anna

Dedicatória

À todos os adolescentes e adultos jovens que expuseram suas histórias de vida, seus segredos, suas dores, seus dramas. Sem vocês este trabalho não teria sido possível.

Agradecimentos

Aos meu amados pais (Norma e Manuel), marido (Marcelo) e filhas (Ana Clara e Maria Fernanda), por estarem ao meu lado em todos os momentos da minha vida, apoiando-me incondicionalmente em todos os meus projetos e por deixarem minha vida muito mais feliz.

À Profa. Dra. Maria Sylvia de Souza Vitalle, mais que uma orientadora, minha amiga. Tive o privilégio de poder trabalhar ao seu lado e estar sempre bebendo da fonte de sua enorme sabedoria. Obrigada pela paciência, ensinamentos e por todo o apoio.

Ao Prof. Dr. Mauro Fisberg, inspiração para que eu fizesse Pediatria e trabalhasse com adolescentes.

À minha amiga Aline Monge, que tive o enorme prazer em conhecer por estar realizando este trabalho, por todas as suas reflexões partilhadas, suas ideias e sua amizade.

À Ana Carolina Milani (Carol) e à Maria Eugênia Mesquita, pessoas fundamentais na concepção desta pesquisa, por estarem sempre disponíveis para ouvir minhas ideias, meus pensamentos. Foi um prazer imenso poder trabalhar com vocês.

“A cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”.

Ruth Benedict

“O maior mérito talvez seja menos defender uma tese do que comunicar aos leitores a alegria de sua descoberta, torna-los sensíveis – como ele próprio foi – às cores e aos odores das coisas desconhecidas”.

Philippe Airès

Sumário

Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vi
Lista de gráficos.....	xi
Lista de tabelas.....	xii
Lista de abreviaturas.....	xiii
Resumo.....	xiv
Abstract.....	xvi
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	5
2.1 Sobre a violência.....	6
2.2 Sobre a violência sexual.....	8
2.2.1 O conceito.....	8
2.2.2. A prevalência.....	10
2.2.3 Os perpetradores.....	12
2.2.4 Os efeitos.....	13
2.2.5 Os pais e cuidadores.....	14
2.2.5.1 Práticas educativas positivas.....	15
2.2.5.2 Práticas educativas negativas.....	16
2.2.6 A revelação.....	17
2.2.7 A proteção das crianças e dos adolescentes.....	21
2.2.8 Prevenção, redução de danos e formas de enfrentamento.....	22
3 OBJETIVOS.....	24
3.1 Objetivo geral.....	25
3.2 Objetivos específicos.....	25
4 MÉTODOS.....	26
4.1 Desenho do estudo.....	28
4.2 Casuística.....	29
4.2.1 Critérios de inclusão.....	29

4.2.2 Critérios de exclusão.....	30
4.3 Coleta.....	30
4.3.1 Instrumentos.....	30
4.3.2 Procedimentos.....	32
4.3.3 Entrevistas.....	35
4.4 Análise de dados.....	38
4.4.1 Análise Quantitativa.....	38
4.4.2 Análise Qualitativa.....	39
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	40
5.1 Resultados Quantitativos.....	41
5.1.1 Característica social e demográfica da população estudada.....	41
5.1.2 Atividade sexual e gravidez na população.....	43
5.1.3 Presença de Violência sexual na população.....	43
5.1.3.1 Da população vítima de violência sexual.....	45
5.2 Discussão – A escolha da amostra.....	53
5.3 Discussão – Resultados Quantitativos.....	55
5.4 Resultados Qualitativos e Discussão.....	61
5.5 Limitações do estudo.....	129
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
7 ANEXOS.....	136
Anexo 1 – Parecer Consubstanciado do Centro de Ética em Pesquisa.....	137
Anexo 2 – Entrevistas textualizadas.....	138
8 REFERÊNCIAS.....	245
9 APÊNDICES.....	279
Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	280
Apêndice 2 – Termo de Assentimento (TA).....	283
Apêndice 3 – Questionário de perfil, comportamento e nível socioeconômico.....	286
Apêndice 4 – Questionário sobre Exposição a Eventos Traumáticos (QUESI).....	288
Apêndice 5 – Inventário de Depressão de Beck (BDI).....	289
Apêndice 6 – Inventário de Ansiedade de Beck (BAI).....	292

Apêndice 7 – WHOQOL – Abreviado.....	293
Apêndice 8 – Teste de Triagem do Envolvimento com Fumo, Álcool e outras drogas (ASSIST).....	297
Apêndice 9 – Inventário de Estilos Parentais (IEP).....	301
Apêndice 10 – Questões norteadoras da entrevista semi estruturada quando houve revelação da violência sexual.....	303
Apêndice 11 – Questões norteadoras da entrevista semi estruturada quando NÃO houve revelação da violência sexual.....	304
Bibliografia consultada.....	305

Lista de gráficos

- Gráfico 1.** Distribuição da população de acordo com ter sido vítima ou não de violência sexual.....44
- Gráfico 2.** Distribuição da população vítima de violência sexual de acordo o sexo.....44
- Gráfico 3.** Boxplot da idade (anos) dos alunos, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.....45
- Gráfico 4.** Distribuição dos estudantes de acordo com ter sido ou não vítima de violência sexual e nível socioeconômico.....46
- Gráfico 5.** Distribuição de ter tido ou não coitarca, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.....46
- Gráfico 6.** Distribuição da presença de gravidez entre as estudantes, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.....47
- Gráfico 7.** Boxplot da idade na coitarca (anos) dos estudantes, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.....47
- Gráfico 8.** Distribuição da coitarca, segundo sexo e ter sido ou não vítima de violência sexual.....48

Lista de tabelas

Tabela 1. Distribuição dos estudantes de acordo com ano de coleta dos dados, curso frequentado, sexo, idade, região de origem e nível socioeconômico.....	42
Tabela 2. Distribuição da coitarca segundo sexo e ter sido ou não vítima de violência sexual.....	48
Tabela 3. Medidas dos escores dos questionários de depressão (BDI), ansiedade (BAI) e qualidade de vida (WHOQOL) de acordo com os domínios físico, psicológico, relações sociais, meio ambiente e escore geral, segundo ter sido vítima ou não de violência sexual.....	50
Tabela 4. Distribuição do uso de álcool, tabaco e outras drogas entre os estudantes universitários, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.....	52
Tabela 5. Temas obtidos das narrativas dos indivíduos vítimas de violência sexual.....	62
Tabela 6. Relacionamento das vítimas com os perpetradores.....	73
Tabela 7. Idade de início da violência sexual, perpetrador, tempo de duração e revelação de acordo com o que foi relatado pelas vítimas.....	90

Lista de abreviaturas

ABEP	Associação Brasileira de Pesquisa
ASSIST	<i>Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test</i>
BAI	<i>Beck Anxiety Inventory</i>
BDI	<i>Beck Depression Inventory</i>
CAAA	Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CT	Conselho Tutelar
CTQ	<i>Childhood Trauma Questionnaire</i>
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEP	Inventário de Estilos Parentais
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
MS	Ministério da Saúde
NatSCEV	<i>National Survey of Children's Exposure to Violence</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
PROVE	Programa de Atendimento e Pesquisa em Violência
QUESI	Questionário sobre Exposição a Eventos Traumatizantes
TA	Termo de Assentimento
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
WHOQOL	<i>World Health Organization's Quality of Life Assessment</i>

Resumo

Objetivo: investigar a prevalência de adolescentes e adultos jovens que foram vítimas de violência sexual em algum momento da vida e comparar a presença de sintomas depressivos e/ou ansiosos; qualidade de vida, uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas entre esta população e a que não sofreu abuso. Partindo dos adolescentes e adultos jovens que foram vítimas de abuso em algum momento de suas vidas, buscou-se entender o que os motivou a não revelar a violência sofrida. **Métodos:** Aplicaram-se questionários e instrumentos validados, em população de estudantes universitários, para avaliar: idade, sexo, nível socioeconômico, comportamento sexual, exposição a eventos traumatizantes (QUESI – presença ou não de violência sexual), sintomas depressivos (BDI) e/ou ansiosos (BAI), qualidade de vida (WHOQOL) e o uso ou abuso de tabaco, álcool e drogas ilícitas (ASSIST). Entrevistas foram conduzidas pelos pesquisadores com 22 indivíduos que foram vítimas de violência sexual (de acordo com o instrumento QUESI) para a obtenção da História Oral sobre o abuso experimentado. **Resultados:** Dos 858 alunos que responderam à pesquisa, 71 (8,3%) foram vítimas de violência sexual, sendo 52 meninas (73,2%). No grupo vítima de abuso havia mais alunos desfavorecidos economicamente, mais alunos que já tinham tido a coitarca ($p=0,029$), alunas que já engravidaram ($p=0,001$), estudantes com maiores escores para sintomas depressivos ($p < 0,001$) e ansiosos ($p=0,001$), alunos com pior qualidade de vida ($p < 0,001$) e que usavam de maneira abusiva tabaco ($p=0,008$), maconha ($p=0,025$) e hipnóticos/sedativos ($p=0,048$) quando comparado ao grupo não vítima. Vinte e nove episódios de violência foram vividos pelos 22 participantes das entrevistas. Três (10,3%) situações de abuso foram perpetradas por desconhecidos sendo excluídas da análise qualitativa. Das 26 situações de abuso perpetradas por conhecidos das vítimas, quatro (15,4%) nunca foram reveladas; cinco (19,2%), a revelação ocorreu quando o abuso já tinha cessado; oito (30,8%) foram reveladas e/ou detectadas e o abuso cessou; e em nove (34,6%) episódios, apesar da revelação ou detecção, a vítima continuou sendo molestada pelo agressor e nada foi feito. **Conclusões:** os impactos causados pelo abuso são diversos e afetam, mesmo a longo prazo, a vida dos sobreviventes. As vítimas revelam a violência sofrida, mas não basta a vítima falar, o adulto que recebe a revelação tem que estar apto a ouvir; não basta o adulto ver o abuso, ele precisa querer enxergar. Urge sensibilizar e educar a sociedade em como responder apropriadamente a revelação

e/ou detecção da violência sexual. Crianças e adolescentes que são vítimas desta barbárie precisam ser orientadas a revelar o abuso e solicitar ajuda para quantas pessoas forem necessárias até que sejam ouvidos e acolhidos. Abordar o tema e o discutir, amplamente, em todas as esferas da sociedade é forma de mobilizar, sensibilizar, instrumentalizar o coletivo, desmistificando o assunto e chamando atenção para essa importante questão social.

Palavras-chave

Delitos sexuais, abuso sexual na infância, adolescente, adulto jovem, revelação.

Abstract

Objective: This study aimed to investigate the prevalence of adolescents and young adults who were victims of sexual violence at some point in life and to compare the presence of depressive and / or anxious symptoms; quality of life, use of alcohol, tobacco, and illicit drugs between this population and the one that have not been abused. In the sample of adolescents and young adults who were victims of sexual violence, wanted to know whether or not there was disclosure of sexual violence experience and the reasons for not having revealed. **Methods:** Validated questionnaires and instruments were applied to a population of university students, to assess: sexual and behavior profile, socioeconomic level, exposure to traumatic events (QUESI – presence or not of sexual violence), depressive symptoms (BDI) and / or anxiety (BAI), quality of life (WHOQOL) and the use or abuse of tobacco, alcohol and illicit drugs (ASSIST). Interviews were conducted by the researchers, with 22 participants who had been victims of sexual violence to obtain an Oral History about the abuse experienced by these individuals. **Results:** Of the 858 students who responded to the survey, 71 (8.3%) were victims of sexual violence, 52 (73.2%) were girls. In the abused victim group, there were economically disadvantaged students, more students who had already had sexual intercourse ($p = 0.029$), students who had already become pregnant ($p = 0.001$), students with higher scores for depressive ($p < 0.001$) and anxious symptoms ($p = 0.001$), students with worse quality of life ($p < 0.001$) and who abused more tobacco ($p = 0.008$), marijuana ($p = 0.025$) and hypnotics / sedatives ($p = 0.048$) when compared to the non-victim group. Twenty-nine episodes of violence were experienced by the 22 interviewees, three episodes were excluded because they were perpetrated by unknown people. Of the 26 abuse situations experienced, 4 (15,4%) occurrences were never revealed; 5 (19,2%), the disclosure occurred much later when the abuse had already ceased; 8 (30,8%) were revealed and /or detected and the abuse ceased; and in 9 (34,6%), despite the revelation and / or detection, the victim continued to be molested by the aggressor, and nothing was done. **Conclusions:** The impacts caused by the abuse are several and affect, even in the long-term, the lives of survivors. It is not enough for the child or adolescent to talk, the adult who receives the disclosure must be willing to listen, it is not enough for the adult to see the child or adolescent being victimized, he / she needs to want to see it. It is

observed an urgent need to sensitize and educate society on how to respond appropriately to the disclosures and / or detection of sexual violence. Children and adolescents who are victims of this barbarism should be oriented to disclose the abuse and to ask for help to as many people as necessary until they are heard and supported. Approaching and discussing the topic, widely, in all spheres of society is a way of mobilizing, sensitizing, instrumentalizing the collective, demystifying the subject and drawing attention to this important social issue.

Keywords

sex offenses, child sexual abuse, adolescent, young adult, disclosure

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

A violência sexual é um problema de saúde pública que afeta milhões de pessoas em todo o mundo¹. De acordo com recente metanálise publicada estima-se que 24% das mulheres, globalmente, foram abusadas sexualmente durante a infância². O sexo feminino é mais frequentemente exposto a esse tipo de agressão, quer seja criança, adolescente, jovem ou mulheres adultas¹. Trata-se de tipo de violência interpessoal não fatal que acarreta danos, muitas vezes, irreparáveis para a saúde das vítimas, com consequências físicas e psicológicas que incluem depressão, ansiedade, abuso de substâncias, transtorno alimentar, distúrbio do sono, disfunção sexual, transtorno de estresse pós traumático (TEPT), Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), ideações suicidas, entre outras³⁻⁷.

Devido a alta prevalência e ao ônus que acarreta para os indivíduos que vivenciam esta atrocidade, aqui os chamarei de sobreviventes, para os sistemas de saúde e para a sociedade como um todo, é assunto de grande interesse científico, sendo que há evidências epidemiológicas sólidas sobre o tema, principalmente no que diz respeito aos prejuízos à saúde das vítimas⁴⁻⁷. Há na literatura numerosas publicações que buscam trazer outras respostas sobre o assunto “violência sexual”, para ampliar o entendimento do que se passa com as vítimas, com os perpetradores, tentando, com isso, prevenir e/ou minimizar os danos causados por essa atrocidade^{1,2,8-11}.

Observa-se que as vítimas de violência sexual, principalmente quando é do tipo intrafamiliar ou perpetrada por alguém conhecido, atrasam por muito tempo a revelação ou mesmo, nunca a realizam. Inúmeras são as pesquisas que tentam discutir quais seriam os motivos que levam um sobrevivente a postergar a revelação do abuso e quais são as consequências deste atraso^{10,12-14}. Entende-se que revelar prontamente a violência e ser acreditado é a única forma do sobrevivente receber suporte apropriado e proteção, podendo, desta forma, traçar uma trajetória com menos danos para sua saúde física e mental¹². Acredita-se que colocar o sofrimento em palavras e responsabilizar o culpado ajude a superar o trauma; as vítimas sentem que finalmente podem ser ouvidas e compreendidas. A revelação precoce também é crucial para evitar que o perpetrador faça novas vítimas.

Grande parte dos estudos que abordam questões relativas à revelação da violência sexual partem de populações que já revelaram a vitimização, precocemente ou tardiamente, e estão ou estiveram em acompanhamento em algum serviço de suporte às vítimas, ou ainda, encontram-se com seus nomes cadastrados nos registros dos sistemas judiciários; ou seja, tratam-se de pesquisas que buscam entender questões relativas ao abuso e à revelação a partir de indivíduos que em algum momento da vida resolveram revelar a violência ou a fizeram de maneira não intencional¹⁵⁻¹⁹. Nas publicações quantitativas, algumas até com amostras representativas da população, mapeia-se, normalmente, a prevalência de violência sexual e outras inúmeras questões relacionadas, incluindo se a revelação ocorreu ou não, bem como os motivos para isso, por meio de preenchimento de instrumentos impressos ou on-line. Têm-se, portanto, que a visão e o pensamento dos indivíduos que nunca revelaram o abuso permanecem desconhecidos.

Entendo que a investigação, produção de dados e ampla discussão deste tema é condição *sine qua non* para o enfrentamento da violência sexual. A promoção de programas e estudos que sensibilizem a família, as crianças e os profissionais sobre o abuso sexual, desmistificando o assunto e rompendo tabus, devem ser desenvolvidos e estimulados.

Sempre tive o desejo de trabalhar no meu doutorado com tema socialmente relevante, para que pudesse contribuir com a população de crianças e adolescentes, foco da minha formação profissional. No ano de 2013, tive o prazer de conhecer Dra. Carolina Milani e Dra. Maria Eugênia Mesquista, psiquiatras do PROVE (Programa de Atendimento e Pesquisa de Violência) do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A partir deste encontro, passei a realizar os atendimentos clínicos dos adolescentes vítimas de violência sexual que eram por elas acompanhadas no PROVE. Passamos a realizar, então, um trabalho em conjunto, com atendimentos, discussões de caso, grupos de terapia e de pesquisa, embasado em toda a *expertise* das Dras. Ana Carolina e Maria Eugênia na abordagem dos adolescentes vítimas desta violação, promovendo o meu desenvolvimento profissional, pessoal e me inquietando com milhares de questões referentes a este tipo de violência. E assim se abriu um novo universo, desafiador, no qual estou trabalhando desde 2013 e foi meu objeto de pesquisa de doutorado.

Este trabalho foi realizado com o intuito de dar voz aos adolescentes e adultos jovens que foram vítimas de violência sexual em algum momento de suas vidas e nunca revelaram o ocorrido. Neste cenário, despontou a pergunta de pesquisa do estudo: O que motivou os adolescentes e os adultos jovens que foram vítimas de violência sexual, em algum momento das suas vidas, a não revelar a violência sofrida?

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Sobre a Violência

“...há uma geração atrás, a vara fazia parte dos instrumentos utilizados para medidas disciplinares em escolas britânicas; servia para bater nas nádegas, pernas ou mãos dos alunos. Hoje, uma professora na Grã-Bretanha pode ser processada por usar...qualquer tipo de violência contra uma criança” (World report on violence and health: summary, 2002, p.13)

A partir desta citação, pode-se perceber que violência é fenômeno com sentido complexo e de difícil definição. Sua caracterização envolve julgamento e é influenciada por códigos de ética, valores morais e culturais do que é ou não aceitável em determinada sociedade e em determinada época¹.

Exemplo mais contemporâneo que pode ser descrito, para evidenciar a dificuldade de conceituar violência, refere-se à Lei Menino Bernardo[&] (Lei N° 13.010), proposta em 2003. Esta lei visa proibir o uso de castigos físicos ou tratamentos cruéis ou degradantes na educação de crianças e adolescentes, prática disciplinar admitida culturalmente pelos pais e responsáveis, mas que depois da aprovação da lei, em 26 de junho de 2014, pode levar à sanções e multas para os cuidadores ou para quem se omitir diante de um caso²⁰. Uma das polêmicas ainda existente relativa a esta lei, deve-se às críticas à punição a ser recebida, não só para adultos que espancam os filhos, mas também para o que dão beliscões, "palmadas pedagógicas" ou utilizam de agressões psicológicas (menosprezo, humilhação, ameaça, ridicularização) como castigos.

A partir de ambas as menções acima, fica possível compreender quão atemporal e dinâmica deve ser a definição de violência para poder abranger situações vividas, cotidianamente, em diferentes sociedades. No que diz respeito a saúde pública, o desafio é “ter uma definição ampla o suficiente para capturar o leque de atos dos perpetradores e as experiências subjetivas das vítimas sem, porém, perder o significado ou incluir situações naturalmente vividas...” (World report on violence and health: summary, 2002, p.13)

[&] Essa lei faz alusão ao assassinato do menino Bernardo Boldrini, de onze anos, morto no Rio Grande do Sul, tendo como principais suspeitos seu pai e sua madrasta. No ano do crime, Bernardo pediu a um juiz para mudar de família, o que causou ampla discussão, depois do assassinato, sobre o funcionamento da rede de apoio e amparo às crianças no Brasil. A lei foi sancionada em sua homenagem.

Em maio de 1.996, o assunto “Violência” foi colocado como pauta principal na 49ª Assembléia Mundial de Saúde em Geneve, sendo a partir deste momento considerado problema de saúde pública²¹. A Organização Mundial de Saúde (OMS), como maior agência que coordena trabalhos internacionais na área de saúde pública, passou a ter, a partir de então, a responsabilidade de desenvolver programas públicos para prevenir a violência autoinfligida e dirigida contra os outros. Foi nesta Assembleia que a OMS definiu violência como “o uso intencional de força física ou de poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”, sendo que tal definição passou a ser amplamente utilizada^{1,8}. Ressalta-se que essa definição inclui uma série de atos, como ameaças, intimidação e privação, que não necessariamente levam à injúria, incapacidade física ou morte, mas que apesar disso, impõe um peso substancial aos indivíduos e familiares¹.

A violência afeta a vida de milhões de pessoas e nenhum país ou sociedade está livre deste problema¹. Vê-se, a todo o momento, incontáveis imagens na mídia, nas ruas, nos lares, nas escolas, no trabalho; e há muitos anos a realidade se configura desta forma. Acredita-se que “é um flagelo que ameaça vidas, a saúde e a felicidades de todos” (World report on violence and health: summary, 2002, p.13). De acordo com a OMS estima-se que no ano de 2015 cerca de 470.000 pessoas, ao redor do mundo, foram vítimas de homicídio⁸.

A violência interpessoal não fatal é a forma de violência mais comum e acarreta sérias consequências para a saúde do indivíduo ao longo de sua vida⁹. Mulheres, crianças e idosos são vítimas destas formas ditas não-fatais, como abuso físico, sexual e/ou psicológico⁹. As estatísticas são alarmantes: uma em cada duas crianças experimentou violência física, sexual ou psicológica durante a sua vida; um em cada quatro jovens foi vítima de intimidações; uma em cada três mulheres já sofreu algum tipo de violência perpetrada pelo parceiro; uma em cada 13 mulheres já foi sexualmente abusada e um em cada seis idosos é vítima de abuso todos os anos⁸.

As consequências não fatais da violência representam um imenso encargo social e para os sistemas de saúde. As alterações cognitivas; os problemas de saúdes mental, sexual e reprodutivo; e doenças crônicas ocasionados pelas diversas forma de violência apresentam custos sociais e financeiros superiores às lesões físicas por ela ocasionada⁹. Quando acomete mulheres, suas implicações são ainda mais dramáticas: mulheres que experimentaram violência perpetrada pelo parceiro ou violência sexual apresentam idas mais frequentes a hospitais e serviços médicos, além de internações por tempo mais prolongado quando comparadas às não vítimas, mesmo anos após o evento^{1,22,23}. Violência contra mulheres e crianças é importante fator de risco para infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) ou outras ISTs, gravidez indesejada ou problemas reprodutivos⁹. Estudo publicado em 2013 mostrou que mulheres que experimentaram alguma forma de violência praticada pelo parceiro íntimo tinham 16,0% mais chance de ter um bebê nascido com baixo peso e, aproximadamente, duas vezes mais chances adquirir HIV ou sífilis²⁴. São descritos também outros eventos negativos para a saúde que podem afetar os sistemas nervoso, gastrointestinal, genitourinário, imune e endócrino^{22,25}.

2.2 Sobre a Violência Sexual

2.2.1 O Conceito

Quando se aborda a violência do tipo sexual, observa-se que há na literatura inúmeras definições para essa situação e numerosos termos são utilizados para caracterizar este tipo de agressão, como estupro, abuso sexual, atentado violento ao pudor, assédio sexual, sedução, atos obscenos, estupro de vulnerável^{1,2,5,6}. A utilização de definição ampla favorece aos sobreviventes deste tipo de crime, pois deixa de considerar atos banais que, até então, podiam parecer aceitáveis e corriqueiros, mas que trazem grandes prejuízos às vítimas.

O termo violência sexual caracteriza o toque sexual, a tentativa de obter sexo, o sexo forçado ou sob pressão; ou ainda, “qualquer conduta que constranja o indivíduo a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual

não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força...” (Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence, 2013, p.13), ou seja, a violência sexual refere-se às situações nas quais se é fisicamente forçado a ter intercurso sexual quando não se quer ou se é forçado a fazer algo no contexto sexual que é, pelo indivíduo, considerado humilhante ou degradante^{24,26}. Não implica apenas em penetração pênis – vagina ou ânus e, por isso, homens também podem ser vítimas deste tipo de violência.

Há definições específicas para o termo violência sexual contra crianças. Caracteriza-se pela abordagem sexual ou intercurso sexual com um adulto ou com alguém que tenha pelo menos cinco anos a mais que a vítima no momento do evento; ou ainda, pela realização de qualquer ato sexual com uma pessoa abaixo de 16 anos de idade; ou, a exposição de uma criança às experiências sexuais impróprias para o nível de desenvolvimento físico e emocional, de natureza coercitiva e, geralmente, objetivando a gratificação sexual de um adulto^{13,27}.

A OMS a define como o envolvimento de uma criança em atividade sexual na qual ela não compreende completamente e não tem habilidade para dar consentimento ou que viola as leis ou normas sociais; corresponde aos atos de natureza sexual impostos a uma criança ou um adolescente por um adulto ou por outra criança ou adolescente, que pela idade ou desenvolvimento esteja em um relacionamento de responsabilidade, confiança ou poder e explora sua posição hierarquicamente superior, praticando assédio verbal, invasão de limites corporais ou psicológicos com toques ou palavras e relações sexuais genitais, orais ou anais, cuja atividade se destina a satisfazer as suas necessidades²⁸. O uso exploratório de crianças em performances e materiais pornográficos, o contato sexual consensual ou não, efetivado ou tentado, atos de natureza sexual que não envolvem contato (tais como *voyeurismo* ou assédio sexual); e exploração on-line, completam essa definição^{11,28}.

O Código Penal Brasileiro sofreu considerável modificação com o advento da Lei Ordinária Federal n. 12.015, de 07 de agosto de 2009, no que se refere aos crimes de estupro²⁶. Artigos foram alterados, acrescentados, adequando as definições, nomenclaturas e alterando as penas dos crimes ali

tipificadas. A nova lei criou um capítulo denominado “Dos crimes contra vulnerável”. O “estupro de vulnerável” consiste em “ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos”; “induzimento de menor de 14 anos a satisfazer a lascívia de outrem”; “satisfação da lascívia mediante a presença de criança ou adolescente “ e “favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual de vulnerável”²⁶.

Esses conceitos abrangentes para o termo “violência sexual” serão utilizados neste estudo.

2.2.2 A Prevalência

A violência sexual é fenômeno universal, na qual não se distingue sexo, idade, raça, cultura ou classe social. Sabe-se que o sexo feminino é o mais exposto a este tipo de agressão, quer seja criança, adolescente, jovem ou mulher adulta^{1,29,30}. Estima-se que a cada quinze segundos uma em cada três mulheres no mundo tenha sido espancada ou violentada sexualmente³¹. Estudo internacional revela que aproximadamente 20,0% das mulheres e 5,0 a 10,0% dos homens relataram ter sido vítimas de violência sexual quando criança²⁴. De acordo com relatório publicado pelo OMS em 2014, a prevalência global de violência física e/ou sexual contra a mulher por seu parceiro íntimo está em torno de 35,0%, sendo mais elevada em países da África (45,6%), do Sudeste Asiático (40,2%), Orientais do Mediterrâneo (36,4%) e da América (36,1%)⁹.

Quando se atenta para as estatísticas da violência sexual perpetrada contra crianças e adolescentes, observa-se o grande problema social que esta brutalidade representa. Nos Estados Unidos, o abuso sexual infantil é a terceira causa mais comum de violência contra as crianças, depois da negligência e do abuso físico³². Metanálise publicada em 2011 mostrou que a prevalência de violência sexual contra meninas é próximo de 18,0% e contra meninos, 7,6%³³. Informações da *National Survey of Children's Exposure to Violence* (NatSCEV), que avaliou uma amostra representativa de 4.000 crianças e adolescentes de 0 a 17 anos de idade, indicaram que 2,0% das meninas sofreram violência sexual no ano do estudo (2013-2014)³⁴. Há estimativas que indicam que uma

em cada quatro meninas e um em cada seis meninos são vítimas de violência sexual antes dos 18 anos³⁵.

Dados nacionais do 13º Anuário de Segurança Pública, publicado em 2019, revelaram que no ano de 2018 foram registrados no Brasil 66.041 casos de estupro (média de 180 casos/dia)³⁶. Cerca de 80,0% das vítimas eram do sexo feminino e 53,8% tinham menos de 13 anos de idade, ou seja, quatro meninas de até 13 anos foram estupradas por hora em 2018³⁶. Esses dados representaram um aumento de 4,1% em relação às ocorrências relatadas em anos anteriores³⁶.

Importante pontuar que crianças e adolescentes portadores de deficiências constituem população de maior risco para todos os tipos de violência, inclusive a sexual³⁷⁻³⁹. Estima-se que 5,0% dos indivíduos abaixo de 14 anos no mundo sofram de algum tipo de deficiência de moderada a grave intensidade, são sujeitos estigmatizados, marginalizados, expostos a preconceito e poucas oportunidades de participação na vida comunitária^{40,41}. A grande dependência física e social apresentadas por esses indivíduos, além das características próprias de certos tipos de deficiências, aumentam a vulnerabilidade destes sujeitos^{37,42}. Dificuldade de comunicação, inabilidade de defesa em diversas situações, institucionalização, atenção precária dos cuidadores, dependência excessiva de terceiros são situações que podem facilitar ações violentas contra eles^{38,41-43}.

As crianças, por exemplo, que dependem de adultos para cuidados básicos tendem a confiar mais nos outros, serem mais passivas, conformadas e podem apresentar dificuldade em diferenciar um toque necessário para realizar o cuidado, de um toque abusivo^{42,44}. Revisão sistemática e metanálise publicada em 2012, que avaliou a prevalência e o risco de crianças e adolescentes com deficiências, menores de 18 anos, serem vítimas de violência, estimou que cerca de um quarto das crianças com deficiência experimentarão algum tipo de brutalidade ao longo de suas vidas e encontrou que esses indivíduos têm de três a quatro vezes mais chances de serem vítimas de violência do que seus pares sem deficiências³⁹. E foi além, os sujeitos com deficiência do tipo intelectual têm risco maior de serem vítimas do que

indivíduos com outros tipos de deficiência, sendo as violências física, emocional e sexual as formas mais comuns no grupo intelectualmente comprometido³⁹.

2.2.3 Os Perpetradores

Estranhos molestam crianças e adolescentes, mas na maioria dos casos, o perpetrador do abuso sexual é pessoa conhecida da vítima e da família, geralmente figura de autoridade e confiança, que aproveita desta relação e da amizade para cometer a violência: um dos pais, padrasto ou madrasta, outro adulto do círculo familiar, amigo da família, vizinho, babá, professor, treinador, irmão mais velho, primo; o que aumenta a sensação de vulnerabilidade, perda, traição e quebra de confiança por parte da vítima^{14,45,46}. Nessas relações há sempre uma assimetria de poder, seja pela diferença de idade, experiência ou posição social⁴⁷.

Inicialmente, o perpetrador gasta um longo tempo construindo uma relação de confiança e proximidade com a vítima e, gradualmente, vai cometendo atos menos sérios até, posteriormente, praticar os atos mais graves de abuso⁴⁸. Por ser um processo gradual, pode ser difícil para a criança reconhecer as atitudes como inapropriadas. Quando o perpetrador observa ou toca gentilmente as partes íntimas de uma criança, isto pode ser percebido, como um carinho; a criança pode considerar uma brincadeira ou, até mesmo, um privilégio, pois estão lhe dispensando uma atenção diferenciada⁴⁸⁻⁵¹. Frequentemente o abuso ocorre de maneira crônica, sem envolvimento de agressão, violência ou hostilidade, o que dificulta sua identificação, pela ausência de marcas físicas; inicia-se na infância e, muitas vezes, persiste até a adolescência de forma sempre sutil e velada^{45,50-52}.

Embora na grande maioria das vezes o perpetrador seja do sexo masculino, mulheres também podem ser as protagonistas deste tipo de agressão. O fato de mulheres cometerem crime do tipo sexual, contrasta com as crenças sociais de que elas são sexualmente passivas, não apresentam desejo sexual e jamais cometeriam esse tipo de delito⁵³. Levantamento realizado pela *Australian Royal Commission* encontrou que 10,0% dos abusos

foram cometidos por mulheres⁵⁴. Metanálise publicada em 2016, baseada em 17 artigos de 12 países, mostrou uma discrepância entre o pequeno número de abusos perpetrados por mulheres relatados às autoridades (2,2%), comparados aos obtidos em pesquisas de vitimizações (11,6%)⁵⁵.

Especula-se que as vítimas podem confundir o ato sexual praticado por mulheres com uma brincadeira ou uma forma de cuidado inapropriado, dificultando o reconhecimento e, conseqüente, denúncia^{56,57}. Evidências científicas mostram que mulheres que cometem abuso frequentemente têm uma história pessoal de trauma, inclusive de natureza sexual⁵⁸⁻⁶⁰. Estudo publicado em 2019 revelou que 37,5% das mulheres que cometeram violência sexual tinham sido abusadas por seus parceiros e/ou por seus pais⁵⁶. Acredita-se que o abuso, quando perpetrado por mulheres, causa mais danos psicológicos às vítimas do que quando infligido por homens⁶¹.

2.2.4 Os Efeitos

A violência sexual é um fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias como depressão, ansiedade, TEPT, problemas de sono, fobias, transtornos alimentares, tentativa ou ideação suicida, automutilação; sendo que depressão e TEPT permanecem as formas mais comuns de problemas mentais associados ao abuso sexual^{23,62,63}. Entre mulheres deprimidas, aproximadamente 60,0% apresentam história de abuso sexual⁶⁴.

Quando a violência sexual acomete crianças e adolescentes torna-se especialmente dramática, visto que ameaça o desenvolvimento sexual e psíquico de um indivíduo em formação⁴⁷. Crianças vítimas de violência sexual estão mais sujeitas ao uso de tabaco, abuso de álcool ou drogas, comportamento sexual de risco (início precoce da atividade sexual consensual, múltiplos parceiros e intercurso sexual desprotegido), timidez, isolamento, vulnerabilidade a outros tipos de violência, vitimização, problemas acadêmicos, delinquência, baixa autoestima, agressividade, condutas autodestrutivas, desesperança em relação ao futuro, dificuldade em confiar nos outros, dano na qualidade de vida^{24,47,65-67}.

Além do impacto negativo para vítimas, o abuso sexual na infância gera prejuízos para os pais ou cuidadores não perpetradores que são considerados, por alguns autores, como vítimas secundárias^{68,69}. Saber que seu filho foi abusado sexualmente é algo inesperado, confuso, traumático e envolve importantes perdas emocionais⁷⁰. Todos os eventos com que os pais ou responsáveis têm que lidar após saberem do abuso (separação ou divórcio, afastamento da família e dos amigos, mudança de residência) podem comprometer suas saúdes física e mental^{71,72}. Estudo publicado recentemente evidenciou que mais de 10,0% dos pais de crianças ou adolescentes vítimas de abuso sexual, viram sua saúde declinar após a descoberta da violência, sendo que as mães foram as que mais relataram problemas⁷¹.

2.2.5 Os Pais e Cuidadores

Famílias de indivíduos abusados são descritas como caóticas, violentas, com alto nível de conflitos, pais separados, pobre vínculo emocional entre os integrantes e presença de psicopatologia em algum dos pais ou cuidadores, como abuso de drogas ilícitas e/ou álcool⁷²⁻⁷⁶. Contudo, estas características não podem ser tratadas como fatores determinantes do abuso sexual, mas como indicativos possíveis de um terreno propício para a ocorrência da violência sexual contra suas crianças e adolescentes⁷⁷. Nestas famílias não é incomum que além das crianças, outra pessoa, na maioria das vezes a mãe, também seja vítima de abuso⁷⁷. Características familiares levantam a problemática da relação entre estilos parentais, práticas educativas e maior vulnerabilidade de crianças e adolescentes para situações de risco, como a vitimização por vários tipos de violência, inclusive a sexual.

Estilo parental é definido como o conjunto de práticas educativas ou atitudes parentais utilizadas pelos cuidadores com o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento dos filhos, sendo que práticas educativas dizem respeito às estratégias específicas, utilizadas pelos responsáveis em diferentes contextos⁷⁸. Podem influenciar de forma positiva ou negativa o desenvolvimento cognitivo, a autoconfiança, autoestima,

autonomia e aquisição de habilidades sociais, na infância e adolescência, podendo contribuir, ou não, para maior vulnerabilidade em situações de risco nestes momentos da vida. A classificação de estilos parentais tem sido revista por diferentes autores e Gomide (2006) propôs um modelo teórico de Estilo Parental composto por sete práticas educativas, duas vinculadas ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais (monitoria positiva e comportamento moral) e cinco que promovem o desenvolvimento de comportamentos anti-sociais (negligência; abuso físico; disciplina relaxada; punição inconsistente; e monitoria negativa)⁷⁹.

2.2.5.1 Práticas educativas positivas⁷⁹

Monitoria positiva⁷⁹ - consiste na utilização adequada de atenção e distribuição de privilégios, bem como no adequado estabelecimento de regras, distribuição contínua e segura de afeto, acompanhamento e supervisão das atividades escolares e de lazer. Os cuidadores precisam proporcionar às crianças regras sobre onde devem ir, com quem podem associar-se, quando devem ir para casa, bem como “garantir o seguimento obediente de tais regras e, além disso, ter uma ação disciplinar efetiva quando as regras são violadas”⁸⁰. Ou seja, os responsáveis devem utilizar a disciplina consistente, controlando ativamente o comportamento de seus filhos e companhias⁸¹.

Comportamento moral⁷⁹ - os pais ou cuidadores transmitem aos filhos valores como honestidade, generosidade, senso de justiça, compaixão, auxiliando-os na discriminação do certo e do errado, dentro de uma relação de afeto. Esses valores contribuem para o desenvolvimento da moralidade, bem como para a inibição de comportamento antissocial⁸²⁻

2.2.5.2 Práticas educativas negativas⁷

Negligência⁷⁹ – quando os cuidadores não são responsivos e que se retiram das situações difíceis; não estão atentos às necessidades de seus filhos, não aceitam suas responsabilidades e são limitados em competência⁸⁶. Pais ou cuidadores negligentes ignoram a maioria dos comportamentos da criança, respondendo muito pouco às iniciativas de comunicação dos filhos. A falta de calor e carinho na interação com a criança pode desencadear sentimento de insegurança, vulnerabilidade e eventual hostilidade e agressão em relacionamentos sociais.

Abuso físico⁷⁹ – considera-se abuso físico quando os responsáveis machucam ou causam dor a seus filhos com a justificativa de que os estão educando. Pode gerar crianças apáticas, medrosas e desinteressadas⁸².

Disciplina relaxada⁷⁹ - é caracterizada pelo não cumprimento de regras previamente estabelecidas. Apesar dos pais ou responsáveis estabelecerem regras e ameaçarem os filhos, abrem mão do seu papel quando se confrontam com comportamentos opostos e agressivos dos filhos, retirando-se do embate^{82,88}.

Punição inconsistente⁷⁹ - este tipo de punição interfere, sobretudo, na percepção do indivíduo, prejudicando sua avaliação, no que se refere aos efeitos que suas ações têm sobre os outros e sobre o meio⁸⁹. A mãe que pune a criança algumas vezes e outras não pelo mesmo comportamento, provavelmente, o que está determinando sua conduta não é a ação da criança, mas sim o estado emocional da mãe (mais ou menos calma). Assim, não há interiorização de valores morais, ou seja, a criança não aprende o que é certo ou errado, não discrimina se o ato praticado é adequado ou não, mas sim como está o humor do pai ou da mãe e passa a agir de forma a evitar os “maus humores” destes⁸¹.

Monitoria negativa (ou supervisão estressante)⁷⁹ - caracteriza-se por fiscalização e ordens excessivas dadas aos filhos que, em sua maioria, não são obedecidas, gerando uma relação conflituosa, baseada em hostilidade, insegurança e dissimulações. Contrariamente à monitoria positiva, refere-se às tentativas de controle que inibem ou interferem no desenvolvimento da independência e autodirecionamento da criança, uma vez que contribui para a manutenção de uma dependência emocional dos responsáveis.

Esta classificação foi utilizada em recente tese de mestrado que avaliou a relação de estilos parentais e a ocorrência de violência sexual⁸¹. Observou-se predomínio dos estilos parentais menos protetivos entre os indivíduos que foram vítimas de violência sexual, com maiores escores nas práticas de punição inconsistente, negligência, monitoria negativa e abuso físico, evidenciando que os estilos parentais influenciam diretamente a possibilidade de ocorrência de abuso sexual – monitoria positiva é fator protetor, enquanto negligência e abuso físico (punição) aumentam o risco⁸¹.

Portanto, reconhecer qual o estilo parental das famílias e quais as práticas educativas são por elas utilizadas, pode possibilitar a atuação nos grupos de risco, com o intuito de diminuir a possibilidade da violência ocorrer e/ou abreviar a sua duração, caso já esteja ocorrendo.

2.2.6 A Revelação

Revelar pode ser definido como o ato da vítima contar para alguém sobre a violência sexual experimentada e inclui tanto a revelação formal (feita para as autoridades), como a informal (realizada para familiares, amigos, professores, entre outros)⁹⁰. A revelação é vista como um processo contínuo e dinâmico, que não se finda com a verbalização do ocorrido⁹¹. Staller descreve que a revelação compreende três estágios⁹²:

1. Pré-Revelação – ocorre uma espécie de diálogo interno, no qual se questiona se o fato de não ter dito “não”, significa consentimento com o abuso. Nesta fase também se lida com os diferentes sentimentos e com as sensações de prazer que muitos vivenciam;
2. Revelação propriamente dita;
3. Pós-Revelação - consequências que advêm do ato da vítima ter desvelado o segredo. A repercussão da revelação envolve exposição frente aos familiares, vizinhos e amigos, mudanças nas relações com alguns membros da família e também na comunidade.

Alguns autores classificam a revelação como⁹³⁻⁹⁶:

1. Intencional - quando ocorre a verbalização espontânea e não ambígua, emitida pela própria criança/adolescente vítima;
2. Indireta - quando alguns comentários feitos pela vítima levam a questionamentos por parte do ouvinte, levando estas vítimas a revelarem o abuso;
3. Estimulada - quando entrevistas investigativas ou técnicas de intervenção propiciam a ocorrência da revelação;
4. Detecção por testemunha - situação na qual o abuso sexual foi diretamente testemunhado por uma outra pessoa;
5. Acidental - envolve situações nas quais uma outra pessoa tomou conhecimento sobre o abuso a partir da observação de sinais físicos, mudanças comportamentais ou alterações emocionais levando, por exemplo, a questionar a criança.

Embora seja crime previsto por lei, os casos são ainda pouco notificados e subestimados ou negligenciados quanto à sua gravidade. Observa-se uma incongruência entre baixos números oficiais relatados pelas autoridades e as altas taxas reveladas em estudos: enquanto uma em cada oito pessoas relata, retrospectivamente, ter tido sido vítima de abuso sexual, prevalências publicadas por agências oficiais indicam uma em cada 250^{33,97-99}.

Revelar a violência sofrida é extremamente difícil, cercada por sentimentos de culpa, vergonha, às vezes descrédito e, não raramente, temor

quanto às consequências que pode causar tanto no meio familiar como no social, mas, na maioria das vezes, é o primeiro passo para se obter ajuda após a vitimização. Estudo qualitativo publicado em 2012 mostrou que a maioria dos participantes descreveu que revelar foi uma experiência positiva, que trouxe alívio, além de ter sido também um pré-requisito para receber suporte e interromper o abuso¹⁹. Quando a revelação é levada a sério, pode prevenir que outras crianças sejam vítimas deste perpetrador¹⁰⁰.

Características individuais, familiares e culturais/sociais atuam como fatores que podem facilitar ou dificultar a revelação. Quanto mais jovem é a criança quando o abuso se inicia, mais difícil é a revelação, pela própria imaturidade cognitiva e verbal inerente à criança, pelo fato de, muitas vezes, não entender o significado do que está se passando com ela, ou ainda, pelo descrédito do adulto quando frente à revelação⁷⁷. Há ainda muitos outros motivos relatados para o atraso na revelação: negação de que o abuso tenha ocorrido, sugerindo que as vítimas querem esquecer a violência, ou o evento foi psicologicamente suprimido por um período de tempo depois do incidente; não querer sobrecarregar o confidente com os seus problemas ou por considerar o confidente como emocionalmente instável para receber tal revelação; falta de confiança nos cuidadores para revelar a situação vivida; medo que a revelação cause ruptura na família ou no relacionamento da mãe com seu parceiro perpetrador; o fato de acharem o abuso sexual uma questão muito íntima para falar sobre o assunto; medo de descrédito ou até mesmo de punição^{19,100,101}.

Há crianças que não revelam mesmo quando são questionadas diretamente; em contrapartida, muitos estudos mostram que quando as crianças são questionadas prontamente e de maneira direta sobre a ocorrência do abuso, isso facilita a revelação, ou seja, elas podem não revelar pois simplesmente nunca foram questionadas¹⁰²⁻¹⁰⁷.

Estudo canadense publicado em 2009 concluiu que cerca de 58,0% das vítimas de abuso sexual atrasaram a revelação por pelo menos cinco anos; e que 20,0%, nunca o revelou, tendo que lidar com as implicações à saúde devido à falta de suporte e intervenções terapêuticas necessárias⁷⁷. Em contrapartida, outros estudos, sendo alguns deles com base populacional, estimaram que a

taxa de revelação da violência sofrida foi de 80,0%, indicando que a maioria das crianças revela para alguém a experiência vivida^{13,101,108-110}. Contudo, revelação para adultos e para as autoridades são raras^{13,102-107}. As menores taxas de revelação são encontradas em amostras que incluem crianças mais jovens (menores do que 8 anos), meninos, abuso intrafamiliar ou grupos étnicos específicos¹¹¹.

Apesar de haver consenso que apenas com a revelação o abuso pode ser interrompido e o sobrevivente possa ser assistido, sabe-se que o efeito da revelação na saúde mental depende da reação a esta revelação^{112,113}. O benefício da revelação é principalmente obtido se quem a recebeu respondeu de maneira positiva e o sobrevivente foi acolhido, ou seja, o acesso das vítimas aos serviços médico, psicológico e judiciário depende da revelação e da resposta a esta revelação¹¹⁴.

Crianças e adolescentes que sabem que seus cuidadores não lhe darão suporte, tendem a revelar menos quando são expostos à situações de violência; ou ainda, crianças e adolescentes que experimentam abuso físico e emocional pelos pais ou responsáveis, geralmente, atrasam a revelação da violência sexual pois são crianças mais inseguras e que apresentam dificuldades em confiar nas figuras parentais quando estão experimentando situações de estresse^{13,115,116}. Algumas crianças, quando não estão certas quanto a reação que seus pais ou cuidadores terão ao revelar, passam a revelar a informação gradualmente para testar a resposta do outro, antes de contar completamente o que está acontecendo de fato^{117,118}.

Acredita-se que a subnotificação ou o atraso na revelação entre a população masculina seja ainda mais expressiva¹¹⁹⁻¹²³. O abuso sexual, comumente, expõe meninos às experiências sexuais com outros homens, apontando-os como indivíduos vulneráveis e vítimas passivas, rotulando-os como homossexuais ou os estigmatizando¹¹⁹⁻¹²³.

2.2.7 A Proteção das Crianças e dos Adolescentes

A partir do final do século XX, com a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 (Lei federal nº 8069 de 13 de julho de 1990), esses sujeitos passaram a ocupar lugar de destaque na luta por direitos especiais¹²⁴. Trata-se do principal instrumento normativo do Brasil sobre os direitos e deveres determinando garantias fundamentais destes grupos¹²⁴. É considerado grande símbolo de proteção integral, através do qual crianças e adolescentes passaram a ser vistos como sujeitos de direitos, em condições peculiares de desenvolvimento e com prioridades absolutas referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária; sendo a família, a sociedade e o Estado responsáveis por garantir as condições que levam ao pleno desenvolvimento dessa população, colocando-a a salvo de toda forma de discriminação, exploração e violência¹²⁴.

A violência contra esse grupo passou a ser vista não apenas como uma infelicidade pessoal de caráter privado, mas sim, como um problema social, especialmente no que se refere a proteção contra as diferentes formas de exploração^{124,125}. O ECA passou a ser utilizado como ferramenta, não de dominação ou de controle, mas de proteção à criança e ao adolescente, estabelecendo o direito desta população ser educada e cuidada sem o uso de castigos físicos ou de tratamentos cruéis ou degradantes¹²⁶.

É neste contexto que a crítica à violência ganha força, transformando o crime cometido contra a criança e o adolescente em atrocidade. Hoje, embora ainda exista um sentimento de vergonha em relação a ter sido vítima de abuso sexual e, apesar de nem todos conseguirem ou quererem tornar essa experiência pública, as expectativas sociais e políticas frente à violência sexual são marcadas pela obrigatoriedade em denunciar.

2.2.8 Prevenção, Redução de Danos e Formas de Enfrentamento

Programas escolares para prevenção de violência têm sido bem-sucedidos. Os profissionais que lidam com crianças e adolescentes devem estar sensibilizados e preparados para aconselhar essa população a evitar situações de risco; bem como, devem ter habilidade para facilitar a revelação e reagir apropriadamente frente a elas^{24,32,74,127}. Familiares e amigos também têm importante papel no amparo às vítimas de violência sexual e devem estar instrumentalizados para dar o suporte necessário. Informações para os pais ou cuidadores, sobre formas de prevenir e suspeitar do abuso sexual, questionar diretamente as crianças e os adolescentes, na ausência dos pais ou cuidadores, sobre atos sexuais forçados ou indesejados, devem fazer parte da rotina dos serviços de saúde¹²⁸.

A violência sexual deve ser considerada um problema familiar, social e não apenas relacionado à vítima e ao agressor¹²⁹. No Brasil, o atendimento à pessoa vítima de violência sexual nos serviços de saúde dispensa a apresentação de Boletim de Ocorrência; no entanto, cabe às instituições de saúde estimular o registro da ocorrência e os demais trâmites legais para encaminhamento aos órgãos de medicina legal, a fim de diminuir a impunidade dos agressores¹³⁰. As etapas do atendimento às vítimas incluem: acolhimento, registro da história, exames clínicos e ginecológicos, coleta de vestígios, contraceção de emergência para as mulheres, profilaxia para HIV, IST e Hepatite B, comunicação obrigatória à autoridade de saúde em 24h por meio da ficha de notificação da violência, exames complementares, acompanhamento social e psicológico, e seguimento ambulatorial¹³⁰.

Em se tratando de crianças e adolescentes, de acordo com o ECA, é obrigatória a comunicação do evento ao Conselho Tutelar, sem que haja prejuízo de outras providências legais¹²⁴. No que se refere aos procedimentos de proteção à criança e ao adolescente no Brasil, as denúncias podem ser feitas por meio de diversas instituições, como os Conselhos Tutelares, as delegacias especializadas ou comuns, o disque denúncias locais ou disque 100, as Polícias Militar, Federal ou Rodoviária¹²⁹.

Vítimas de violência sexual relatam grande revitimização, tanto por parte dos profissionais de saúde como dos profissionais do sistema jurídico, ao revelar a violência sofrida. Perguntar à vítima como ela estava vestida, sobre sua história sexual pregressa e se respondeu ao assalto sexual (teve orgasmo) são atitudes comuns desses profissionais, que acabam desencorajando as vítimas de revelar sua história¹³¹⁻¹³³.

Com o intuito de humanizar o atendimento aos indivíduos que sofreram este tipo de violência, os Ministérios da Saúde e da Justiça publicaram em 2015 documento intitulado “Atenção Humanizada às Pessoas em Situação de Violência Sexual com Registros de Informações e Coleta de Vestígios”¹³⁰. Este material busca fornecer informações necessárias para instrumentalizar os profissionais, a fim de que todas as vítimas de violência sexual possam ter “atendimento emergencial, integral e multidisciplinar, visando o controle e o tratamento dos agravos físicos e psíquicos decorrentes de violência sofrida, e encaminhamento, se for o caso, aos serviços de assistência social” (Norma Técnica. Atenção Humanizada às Pessoas em Situação de Violência Sexual com Registro de Informações e Coletas de Vestígios, 2015, p.16).

Acredita-se que a educação sobre o tema deve ser estimulada. Dar voz aos indivíduos que sofreram este tipo de agressão é fundamental, pois a partir destas falas pode-se ter maior clareza a respeito da situação vivida e a sociedade pode ser sensibilizada para agir de maneira adequada frente a ocorrência desta violação^{24,32,74,127}.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Discutir o que motivou os adolescentes e os adultos jovens, que foram vítimas de violência sexual em algum momento das suas vidas, a não revelar a violência sofrida.

3.2 Objetivos Específicos

- Relatar, compreender e discutir a história de vida dos adolescentes e adultos jovens, que foram vítimas de violência sexual em algum momento de suas vidas;
- Conhecer o nível socioeconômico da população e correlacionar com ter ou não sofrido violência sexual;
- Relatar a história da violência sofrida pelos indivíduos;
- Discutir as consequências da violação sofrida na vida dos adolescentes e adultos jovens, observando a presença de transtornos psiquiátricos, a qualidade de vida e o comportamento sexual do grupo e comparar com a população que não sofreu violência sexual;
- Debater as consequências positivas e negativas da revelação, buscando conhecer para quem foi revelada primeiramente a situação de violência, as reações e atitudes deste ouvinte, evidenciando se houve denúncia para Órgãos Oficiais e como ocorreu a condução do caso por parte dos agentes legais.

4 MÉTODOS

Esta pesquisa integra um projeto matricial sobre violência sexual denominado “As várias faces e implicações da violência sexual perpetrada contra adolescentes e jovens”, realizado com a participação de estudantes adolescentes e adultos jovens de uma universidade pública do estado de São Paulo, concretizada por um grupo de pesquisadores que compõem o grupo de pesquisa Atenção Integral e Interdisciplinar ao Adolescente, chancelado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Unifesp, ligados ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância, ambos da Unifesp, orientados pela Professora Doutora Maria Sylvia de Souza Vitalle^α.

O estudo está de acordo com a Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (MS), que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Projeto nº: 0826/2016, sob parecer nº 2.317.772. (Anexo 1).

O interesse pelo tema deu-se pela experiência no atendimento à adolescentes vítimas de violência sexual realizado no Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente (CAAA), ambulatório do Departamento de Pediatria, da Escola Paulista de Medicina (Unifesp), em parceria com o Programa de Atendimento e Pesquisa em Violência (PROVE), impulsionado pelo Departamento de Psiquiatria da Unifesp. As adolescentes vítimas de violência sexual que necessitavam de avaliação psiquiátrica eram encaminhadas para o CAAA pelo Ambulatório de Violência Sexual (AVS) do Hospital Pérola Byington e recebiam atendimento integral e multidisciplinar pelas equipes dos serviços mencionados, e algumas características intrigaram os pesquisadores que decidiram estudar mais profundamente as questões relacionadas

^α Professora Adjunta Doutora do setor de Medicina, na Universidade Federal de São Paulo – Unifesp; Coordenadora do Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente – CAAA da Unifesp; Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência. Autora correspondente: Maria Sylvia de Souza Vitalle, Setor de Medicina do Adolescente / Departamento de Pediatria, Universidade Federal de São Paulo-Unifesp. Endereço: Rua Botucatu, 715, Vila Clementino, CEP 04023-062, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: sylviavitale@gmail.com

à revelação, à violência sexual intrafamiliar, aos sintomas provocados pela violação, à redução de danos e à prevenção.

4.1 Desenho do Estudo

Trata-se de estudo do tipo descritivo, exploratório, empírico, realizado em amostra não representativa seletiva da população de estudantes universitários, do sexo masculino e feminino, de uma universidade pública, da cidade de São Paulo.

O estudo utilizou metodologia mista para a coleta e análise dos resultados. Johnson e colaboradores (2007) definiram pesquisa de métodos misto como o “tipo de pesquisa em que um pesquisador ou um grupo de pesquisadores combina elementos de abordagens de pesquisa qualitativa e quantitativa (p.ex., o uso de pontos de vista qualitativos e quantitativos, coleta de dados, análise e técnicas de inferência) para o propósito de ampliar e aprofundar o entendimento e a corroboração”¹³⁴.

Sabe-se que as pesquisas qualitativas e quantitativas apresentam suas limitações. Quando os pesquisadores estudam alguns indivíduos qualitativamente, a capacidade para generalizar os resultados para muitos é perdida e há um certo viés, devido as interpretações pessoais feitas pelo pesquisador. Quando os pesquisadores examinam quantitativamente muitos indivíduos, o entendimento de qualquer indivíduo isoladamente é diminuído e as vozes dos participantes não são diretamente ouvidas¹³⁵. Acredita-se que “as limitações de um método podem ser compensadas pelas potencialidades do outro método, e a combinação de dados quantitativos e qualitativos na pesquisa mista proporciona um entendimento mais completo do problema da pesquisa do que cada uma das abordagens isoladamente” (Creswell, 2013, p.22)

Os dados qualitativos, dentro do método misto, buscam investigar o que o fenômeno da vida em geral representa para as pessoas que o vivenciaram, quais os significados individuais atribuídos pelas pessoas à experiência ou quais representações as pessoas têm de determinadas experiências de vida, ou seja, estudam os acontecimentos e relações humanas no contexto em que ocorrem, e da perspectiva dos sujeitos diretamente envolvidos¹³⁶.

De acordo com Minayo, pesquisadora conhecida por aliar a pesquisa qualitativa aos temas de saúde e de violência, a pesquisa qualitativa se preocupa com um grau de realidade que não pode ser quantificado, servindo para entender significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, um espaço mais profundo das relações e dos processos¹³⁷.

4.2 Casuística

Estudantes universitários, regularmente matriculados em todos os cursos da Unifesp do Campus São Paulo, foram recrutados durante o segundo semestre do ano de 2016 e primeiro semestre de 2017.

4.2.1 Critérios de inclusão

A amostra foi composta por estudantes, regularmente matriculados nos cursos de Medicina, Ciências Biológicas, Fonoaudiologia e Enfermagem do Campus São Paulo da Unifesp, menores de 25 anos e que estavam presentes em sala de aula no momento da aplicação do questionário e dos instrumentos, bem como que aceitaram participar do estudo mediante leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE – Apêndice 1) para os maiores de 18 anos.

Para os menores de 18 anos, leitura e assinatura do termo de assentimento (TA – Apêndice 2) pelo estudante, juntamente com a leitura e assinatura do TCLE pelo responsável. Os estudantes do internato do curso de medicina (5o. e 6o. anos), por não terem aulas conjuntamente, foram abordados em seus estágios individualmente.

Sobre a caracterização de público alvo, considerou-se como adolescentes aqueles indivíduos com idade de 10 a 20 anos incompletos, e como jovens adultos aqueles dos 20 a 24 anos, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre as idades que delimitam a adolescência e a juventude¹³⁸.

4.2.2 Critérios de exclusão

Foram excluídos do estudo os universitários com mais de 25 anos de idade.

4.3 Coleta

4.3.1 Instrumentos

Todos os estudantes que preencherem os critérios de inclusão foram convidados a responder questionário de perfil, comportamento e questionário para avaliar o nível socioeconômico; bem como instrumentos que avaliam a presença de violência na família, rastream transtornos mentais, qualidade de vida e triam o envolvimento com fumo, álcool e outras drogas:

a) Questionário de Perfil e Comportamento (Apêndice 3) - o questionário continha 18 questões de múltipla escolha que visava caracterizar o estudante segundo idade, sexo (masculino e feminino), naturalidade, curso que frequentava e comportamento sexual, bem como telefone ou e-mail para posterior contato se necessário.

b) Questionário de Nível Socioeconômico (Apêndice 3)¹³⁹ - para definição do nível socioeconômico, foi utilizado o modelo de questionário classificatório da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), reformulado em 2015. O conceito básico desta classificação é discriminar as pessoas socioeconomicamente, mediante informações sobre sua escolaridade e a posse de determinados “itens de conforto”, tais como automóveis, geladeira, microcomputador, empregadas domésticas, lava louça, secadora de roupa, entre outros. É levado em consideração o número de entidades possuídas, item por item. A soma dos pontos obtidos inclui o entrevistado nas classes A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E.

c) Questionário sobre Exposição a Eventos Traumatizantes - QUESI (Apêndice 4)^{140,141} - esse instrumento consiste na versão validada para o português do

Childhood Trauma Questionnaire (CTQ), que aborda a exposição a eventos traumatizantes referentes a abuso, tanto físico quanto sexual, e negligência.

d) Inventário de Depressão de Beck - Beck Depression Inventory – BDI (Apêndice 5)¹⁴² - é a medida de autoavaliação de depressão mais amplamente utilizada tanto em pesquisa como em clínica, tendo sido traduzido para vários idiomas e validado em diferentes países. A tradução e validação para o português foram realizadas por Gorenstein & Andrade (1996) e a validação para ser utilizada em adolescentes foi feita por Gorenstein e cols. (1999)^{143,144}. A escala original consiste de 21 itens, incluindo sintomas e atitudes, cuja intensidade varia de 0 a 3. O participante deve avaliar o quanto cada um dos sintomas é aplicado a si mesmo, numa escala de quatro pontos, de 0 a 3. O escore total se dá pela soma dos escores dos itens individuais, usada para classificar a intensidade dos sintomas depressivos.

e) Inventário de Ansiedade de Beck - Beck Anxiety Inventory – BAI - (Apêndice 6)^{143,145} – utilizado para a medida clínica de ansiedade. Contém 21 itens relacionados a sintomas ansiosos. O participante deve avaliar o quanto cada um dos sintomas é aplicado a si mesmo, numa escala de quatro pontos, de 0 a 3. O escore total se dá pela soma dos escores dos itens individuais, usada para classificar a intensidade do quadro ansioso como mínimo, leve, moderado ou grave.

f) Questionário sobre Qualidade de Vida - World Health Organization's Quality of Life Assessment – WHOQOL (Apêndice 7)¹⁴⁶ - foi utilizada a versão abreviada do WHOQOL validada para o português. O questionário consiste em 26 questões referentes a aspectos da qualidade de vida experimentada pelo adolescente ou adulto jovem nas últimas duas semanas. Aborda-se a satisfação com a própria saúde; o acesso a serviços de saúde, transporte, lazer; e a satisfação com as relações familiares e sociais.

g) Teste para Triagem do Envolvimento com Fumo, Álcool e outras drogas – Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test – ASSIST (Apêndice 8)¹⁴⁷ - questionário estruturado contendo oito questões sobre o uso de nove classes de substâncias psicoativas (tabaco, álcool, maconha, cocaína,

estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos e opiáceos). As questões abordam a frequência de uso, na vida e nos últimos três meses, problemas relacionados ao uso, preocupação a respeito do uso por parte de pessoas próximas ao usuário, prejuízo na execução de tarefas esperadas, tentativas mal sucedidas de cessar ou reduzir o uso, sentimento de compulsão e uso por via injetável. Trata-se de instrumento útil na triagem do uso abusivo de álcool e outras drogas na população geral.

h) Inventário de Estilos Parentais - IEP (Apêndice 9)⁷⁹ - é composto de 42 questões, sendo que cada uma consta de uma frase à qual a criança/adolescente deve responder indicando a frequência com que a figura materna/paterna age(ia) conforme a situação descrita na frase. Assim, responde-se:

- NUNCA: se em 10 ocasiões, ele(a) agiu daquela forma de 0 a 2 vezes.
- ÀS VEZES: se em 10 ocasiões, ele(a) agiu daquela forma de 3 a 7 vezes.
- SEMPRE: se em 10 ocasiões, ele(a) agiu daquela forma de 8 a 10 vezes

As questões estão distribuídas de maneira que abranjam as sete práticas educativas: (A) monitoria positiva, (B) comportamento moral, (C) negligência, (D) punição inconsistente, (E) disciplina relaxada, (F) monitoria negativa e (G) abuso físico, sendo que para cada variável há seis perguntas correspondentes. Cada resposta NUNCA recebe pontuação 0 (zero); ÀS VEZES, pontuação 1 (um); e SEMPRE, pontuação 2 (dois). O cálculo do índice de estilo parental é feito pela subtração da soma das disciplinas negativas (C+D+E+F+G) e da soma das positivas (A+B), ou seja, $IEP = (A+B) - (C+D+E+F+G)$.

4.3.2 Procedimentos

Os questionários foram aplicados pelos pesquisadores responsáveis, após explanação sobre o objetivo e a natureza da pesquisa, com o prévio consentimento dos estudantes, após leitura e assinatura do TCLE e/ou TA, sendo mantidos o anonimato e a confidencialidade.

Haviam 1.308 estudantes matriculados, sendo 333 estudantes do curso de Enfermagem, 143 da Fonoaudiologia, 110 da Biomedicina e 722 da Medicina. Estavam em sala de aula no momento da aplicação dos questionários 1.056 estudantes. Destes, 16 se recusaram a participar, 175 foram excluídos por terem 25 anos ou mais (24 anos é a idade limite para participação no estudo, pois foi determinado os adolescentes e adultos jovens como público alvo), uma estudante não participou pois saiu chorando da sala, três foram excluídos, pois não responderam grande parte dos questionários, um foi excluído pois não preencheu sua idade e dois foram excluídos por não responderem ao QUESI; totalizando assim 858 participantes na primeira parte da coleta de dados.

Os dados quantitativos da pesquisa foram duplamente digitados em planilhas do Excel 2010 for Windows para minimizar os possíveis erros.

Os 71 estudantes que assinalaram qualquer resposta diferente de **NUNCA** nas questões 21, 22, 23, 24 e 27 do Questionário sobre Exposição a Eventos Traumatizantes (QUESI), foram considerados vítimas de violência sexual, e as possibilidades de respostas eram: Nunca, Poucas vezes, Às vezes, Muitas vezes e Sempre. As perguntas do QUESI foram: 21 - **Tentaram me tocar ou me fizeram tocar de uma maneira sexual**, 22 - **Ameaçaram me machucar ou contar mentiras sobre mim se eu não fizesse algo sexual**, 23 - **Tentaram me forçar a fazer algo sexual ou assistir coisas sobre sexo**, 24 - **Alguém me molestou** e 27 - **Eu acredito que fui abusado (a) sexualmente**.

Utilizando um site sorteador^β, esses 71 estudantes foram ordenados para receber um convite para realização de entrevista (fase qualitativa do estudo) com as pesquisadoras responsáveis por esta parte do projeto. Estipulou-se que as entrevistas seriam realizadas até 23 de dezembro de 2017, tempo determinado pelos prazos para coleta de dados. De acordo com ordem sorteada, via celular (WhatsApp) ou e-mail, e o tempo disponível, 45 estudantes foram convidados a participar da entrevista com as pesquisadoras, em local e

^β O site utilizado foi: www.sorteador.com.br;

horário mais conveniente para o estudante, e 22 entrevistas foram realizadas. Abaixo segue quadro com as devolutivas dos convidados (Quadro 1):

Quadro 1 – Devolutiva dada pelos 45 alunos convidados a participar da entrevista.

Convidados para entrevistas e suas devolutivas	
Entrevistados	22
Recusaram a participação na entrevista	4
Embora tenham aceitado participar, não apresentaram disponibilidade em nenhuma data indicada, assim como não sugeriram algum dia em que estivessem disponíveis, mesmo após vários contatos	4
Não preencheram número de celular no questionário e não responderam aos e-mails enviados pelas pesquisadoras	6
Não responderam as mensagens pelo WhatsApp, apesar de serem entregues e visualizadas	5
Não preencheram contatos no questionário	2
Respondeu que pessoalmente não conseguiria falar sobre o tema	1
Respondeu que falar sobre o tema a deixava triste e tensa, apesar disso decidiu participar. Mas posteriormente declinou do aceite.	1
TOTAL de convidados para entrevista	45

As entrevistas foram realizadas pelas pesquisadoras responsáveis pela parte qualitativa do estudo, apresentaram duração média de 60 minutos, foram gravadas em dois dispositivos digitais da marca Sony®. Todas as 22 entrevistas foram transcritas na íntegra por profissional experiente. As transcrições foram conferidas e comparadas às gravações pelas pesquisadoras. As impressões das entrevistadoras, bem como a postura dos entrevistados, seu estado emocional, como foram feitos os contatos, as respostas dos indivíduos contatados, como correu a gravação, eventuais incidentes, foram registrados num caderno de campo e passados para o material transcrito. As entrevistas serão conservadas em arquivos eletrônicos pelo período de cinco anos.

O caderno de campo é extremamente útil para o acompanhamento das entrevistas e para o registro da evolução do projeto¹⁴⁸.

“...deve funcionar como um diário íntimo, em que são registrados até os problemas de aceitação das ideias dos entrevistados, bem como todas e qualquer reflexão teórica decorrente de debates sobre aspectos do assunto” (Meihy, 2013, p.152).

Estudo piloto foi realizado com 15 adolescentes que passaram em consulta no CAAA, para adequação dos instrumentos aplicados e correção de possíveis erros. Foram ainda realizadas entrevistas com adolescentes vítimas de violência sexual que eram atendidas no mesmo local, objetivando corrigir imperfeições. Esse material exploratório não foi utilizado para a análise dos resultados, serviu apenas para a experimentação do roteiro de entrevista, como forma de aperfeiçoá-lo.

4.3.3 Entrevistas

Utilizou-se como metodologia de pesquisa para as entrevistas a História Oral dos indivíduos. A História Oral é uma metodologia de estudo da pesquisa social, o registro escrito de depoimentos e biografias¹⁴⁹. Sendo assim, sejam as fontes orais ou escritas, sobre um fato, um fenômeno ou uma época, recolhe-se narrativas e relatos para um estudo documental. Baseia-se em gravar entrevistas com sujeitos que possam relatar sua percepção e sentimentos sobre os episódios, circunstâncias, instituições, modos de vida, entre outros aspectos da história contemporânea¹⁴⁹.

Através da História Oral acessa-se as experiências de vida e as representações do real elaboradas socialmente pelo indivíduo ao ativar sua memória, captando a subjetividade do momento. Entende-se a memória como a construção de fragmentos psíquicos e intelectuais parciais, representativos do passado, que apresentam significância para o indivíduo¹⁵⁰. De acordo com Matos (2011) não se pode impedir que certas lembranças afluam, mas é possível controlar a forma como elas vão tornar-se públicas¹⁵⁰. As memórias mostram muito sobre os indivíduos, sua visão de mundo e do grupo ao qual pertencem, são significativas para compreender as práticas culturais e

históricas, cujos caminhos são anotados e analisados buscando-se explicitar as interações sociais ao esmiuçar as trajetórias individuais e os processos coletivos.

Mas é equivocado supor que o simples ato de gravar uma entrevista significa fazer história oral. Uma entrevista não é apenas um conjunto de frases reunidas, mais importante do que isso é a percepção que o entrevistador tem do entrevistado no ambiente de gravação; olhar nos olhos, perceber as vacilações, o teor emotivo nas palavras, ou seja, perceber as emoções do entrevistado¹⁴⁷. Esta metodologia possibilita a construção e a recomposição da história por meio dos relatos individuais ou coletivos e divide-se em: história oral de vida, história oral temática e tradição oral¹⁴⁷.

Entendeu-se que a história oral temática seria o enfoque mais adequado para realização das entrevistas, pois esta é uma forma específica de coleta de dados na qual existe um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto. Neste tipo de história oral observa-se a existência de um questionário e é solicitado ao narrador que aborde de modo especial determinado tema, apesar da total liberdade de exposição¹⁴⁷. O entrevistado sabe do interesse do pesquisador e norteia seu relato aos tópicos de interesse pré-selecionados¹⁵¹. Detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam na história oral temática na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central¹⁴⁷.

Neste trabalho foi utilizado roteiro semiestruturado para conduzir as histórias orais temáticas (Apêndices 10 e 11). Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada tem como atributo perguntas básicas apoiadas nas hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa¹⁵². As indagações estimulam o surgimento de novas hipóteses a partir das respostas dos entrevistados e a direção é estabelecida pelo investigador-entrevistador¹⁵².

A entrevista semiestruturada focaliza um tema sobre o qual se confecciona um roteiro com algumas perguntas primordiais, complementadas por outras indagações intrínsecas às conjunturas da entrevista¹⁵³. Este tipo de entrevista pode fazer surgir elementos espontâneos e as respostas não estão

direcionadas a um padrão de opções. Uma semelhança entre Triviños e Manzini é a compreensão da necessidade da elaboração de questões básicas que direcionem a entrevista aos objetivos da pesquisa. Assim, Manzini (2003) salienta que o roteiro, além de coletar os dados principais, serve como um meio para o pesquisador iniciar a interação com a fonte¹⁵⁴.

Para Meihy (2005) são três os procedimentos fundamentais que se complementam para o sucesso da história oral: a transcrição, a transcrição e a textualização¹⁵⁵. A transcrição é o processo de transformar as gravações em textos; a transcrição se refere a inclusão de observações durante a narrativa do sujeito, buscando, com isso, recriar o contexto da entrevista no documento e elaborar uma síntese do sentido captado pelo pesquisador para além das palavras; e a textualização é a etapa onde as perguntas do pesquisador são retiradas ou enxertadas na fala dos colaboradores, sendo possível inclusive reorganizar o texto a partir de indicações cronológicas ou temáticas¹⁵⁵.

As entrevistas textualizadas e verificadas transformaram-se em documentos, segundo o caminho sugerido por nosso referencial teórico metodológico. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas literalmente, transcriadas e textualizadas, sempre ouvindo os áudios, observando as nuances, sentimentos, olhares dos interlocutores. Após o processo de textualização final, as entrevistas foram encaminhadas aos participantes para verificação e legitimação, tendo sido realizadas as incorporações ou subtrações no texto final por eles sugeridas (Anexo 2).

A transcrição é necessária para transformar a transcrição literal em um texto compreensível a leitura, retirando frases repetidas, trechos confusos ou cortados, palavras e expressões equivocadas, próprias de conversas informais, além de estrangeirismos, gírias, palavrões. Os códigos orais e escritos são distintos, então procura-se corrigir esta diferença através da transcrição¹⁵¹. Já a textualização deve produzir um documento histórico, uma narrativa objetiva e coerente, onde são abolidas as perguntas do entrevistador, porém sem alterar as principais ideias do entrevistado, tornando sua leitura clara e compreensível, o que nem sempre ocorre com a entrevista apenas transcrita literalmente.

“[...] a textualização final deve conter em si a atmosfera da entrevista, seu ritmo e, principalmente, a comunicação não-verbal nela inclusa: emoções do

depoente como risos ou choro, entonação e inflexão vocal, gestos faciais, de mãos, ou mesmo do corpo. O texto, ainda, não pode abandonar a característica de originalmente falado, devendo ser identificado como tal pelo leitor” (Meihy, 1996, p. 50)

Impressões gerais, opiniões sobre acontecimentos, juízos objetivos ou não, sonhos, fantasias, mentiras inclusive, tudo isso cabe no universo da entrevista, mas não depende de comprovação nenhuma¹⁴⁷. Não há mentiras em narrativas, pelo contrário, as versões dos fatos, legítimas ou não, são o que mais interessa¹⁴⁷. Para muitos que não entendem de história oral, a confiabilidade das entrevistas é fato suspeito, pois a memória falha, erra, desvia, inventa; mas em história oral é exatamente isso que importa¹⁴⁷.

Falar sobre a violência sexual sofrida na infância e na adolescência tem potencial resignificador, já que a “História Oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (Thompson, 1992, p. 337)

Os nomes dos entrevistados são fictícios e foram escolhidos pelos próprios participantes, objetivando a manutenção do anonimato e preservação

Optou-se, ainda, por não associar os alunos com os cursos frequentados, para que não houvesse qualquer possibilidade destes estudantes serem identificados.

4.4 Análise de dados

4.4.1 Análise Quantitativa

A análise estatística de todas as informações coletadas nesta pesquisa foi inicialmente feita de forma descritiva por meio da média, mediana, valores mínimo e máximo, desvio-padrão, frequências absoluta e relativa (porcentagem), além de gráficos boxplot e barras.

As análises inferenciais empregadas com o intuito de confirmar ou refutar evidências encontradas na análise descritiva foram:

- Qui-Quadrado de Pearson, Exato de Fisher ou sua extensão nas seguintes comparações¹⁵⁷:
 - grupos (vítima de violência, não vítima de violência) quanto às características de natureza categórica
 - sexo (feminino, masculino) e coitarca (sim, não)
- Mann-Whitney ou t-Student para amostras independentes nas seguintes comparações^{158,159}:
 - grupos (vítima de violência, não vítima de violência) quanto às características de natureza numérica
 - sexo (feminino, masculino) e idade da coitarca (anos)
- Regressão Logística Multivariada na investigação conjunta do sexo, nível socioeconômico e escores obtidos nos sete estilos parentais (IEP), na definição de vítima de violência sexual (QUESI)¹⁶⁰.

Em todas as conclusões obtidas por meio das análises inferenciais foi utilizado o nível de significância alfa igual a 5%.

Os dados foram digitados em planilhas do Excel 2010 for Windows para o adequado armazenamento das informações. As análises estatísticas foram realizadas com o programa estatístico R versão 3.5.1¹⁶¹.

4.4.2 Análise Qualitativa

A análise das entrevistas foi feita a partir da leitura atenta e exaustiva das textualizações e das transcrições pelas pesquisadoras envolvidas, com o intuito de buscar nos discursos objetos comuns que pudessem emergir das histórias contadas. As entrevistas foram utilizadas para coletar dados e temas globais emergiram das múltiplas comparações realizadas entre elas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Resultados Quantitativos

5.1.1 Características social e demográfica da população estudada

A amostra selecionada nessa pesquisa foi composta por 858 estudantes universitários, sendo 481 (56,1%) selecionados no ano de 2016 e 377 (43,9%) no ano de 2017. Têm-se que 526 (61,3%) alunos cursavam medicina, 145 (16,9%) alunos cursavam enfermagem, 103 (12,0%) faziam o curso de fonoaudiologia e o restante, 84 alunos (9,8%) cursavam biomedicina (Tabela 1).

A maioria dos estudantes era do sexo feminino (64,0%), com idade média de 21,1 anos, variando de 17 a 24 anos, com naturalidade dos estados da região sudeste (90,2%) e com nível socioeconômico até classe B2 (88,2%) conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos estudantes de acordo com ano de coleta dos dados, curso frequentado, sexo, idade, região de origem e nível socioeconômico.

Ano de coleta (n=858)	2016	481	56,1%
	2017	377	43,9%
Medicina (n=526)	1ª série	186	35,4%
	2ª série	39	7,4%
	3ª série	155	29,5%
	4ª série	6	1,1%
	5ª série	82	15,6%
	6ª série	55	10,5%
	não respondeu	3	0,6%
Enfermagem (n=145)	1ª série	26	17,9%
	2ª série	55	37,9%
	3ª série	28	19,3%
	4ª série	35	24,1%
	não respondeu	1	0,7%
Fonoaudiologia (n=103)	1ª série	29	28,2%
	2ª série	22	21,4%
	3ª série	32	31,1%
	4ª série	20	19,4%
Biomedicina (n=84)	1ª série	30	35,7%
	2ª série	16	19,0%
	3ª série	21	25,0%
	4ª série	16	19,0%
	não respondeu	1	1,2%
Sexo (n=858)	Feminino	549	64,0%
	Masculino	309	36,0%
Idade (anos) (n=858)	Média	21,1	
	Mediana	21,0	
	mínimo-máximo	17-24	
	desvio-padrão	1,8	
Região de origem (n=858)	Norte	4	0,5%
	Nordeste	26	3,0%
	Centro	19	2,2%
	Sudeste	774	90,2%
	Sul	15	1,7%
	Exterior	16	1,9%
	não respondeu	4	0,5%
Nível socioeconômico (n=858)	A	369	43,0%
	B1	192	22,4%
	B2	196	22,8%
	C1	60	7,0%
	C2	11	1,3%
	DE	1	0,1%
	não respondeu	29	3,4%

5.1.2 Atividade Sexual e Gravidez na População

Seiscentos e vinte e seis (73,0%) estudantes tiveram a coitarca, com média de idade de 17,3 anos, variando de 12 a 23 anos. A maioria relatou usar frequentemente ou sempre algum método contraceptivo nas relações sexuais (63,0%). Quanto à gravidez, das 549 estudantes, nove (1,6%) haviam engravidado até o momento da entrevista.

5.1.3 Presença de Violência Sexual na População

Os estudantes foram investigados quanto à ocorrência de violência sexual em algum momento de suas vidas por meio do preenchimento do instrumento QUESI. Segundo este instrumento, 71 estudantes (8,3% - intervalo de 95% de confiança igual a 6,4% a 10,1%) foram vítimas de violência sexual conforme mostra o Gráfico 1; sendo que 52 (73,0%) vítimas eram do sexo feminino (Gráfico 2). Ambos os grupos (vítima de violência e não vítima de violência) apresentaram o mesmo perfil quanto ao ano de coleta ($p=0,072$), sexo ($p=0,090$), distribuição nas séries dos cursos de medicina ($p=0,547$), enfermagem ($p=0,143$), fonoaudiologia ($p=0,355$) e biomedicina ($p=0,104$). A idade dos estudantes na coitarca ($p=0,931$) e o uso de contraceptivo ($p=0,090$) também foram semelhantes entre os grupos.

Gráfico 1 – Distribuição da população de acordo com ter sido vítima ou não de violência sexual.

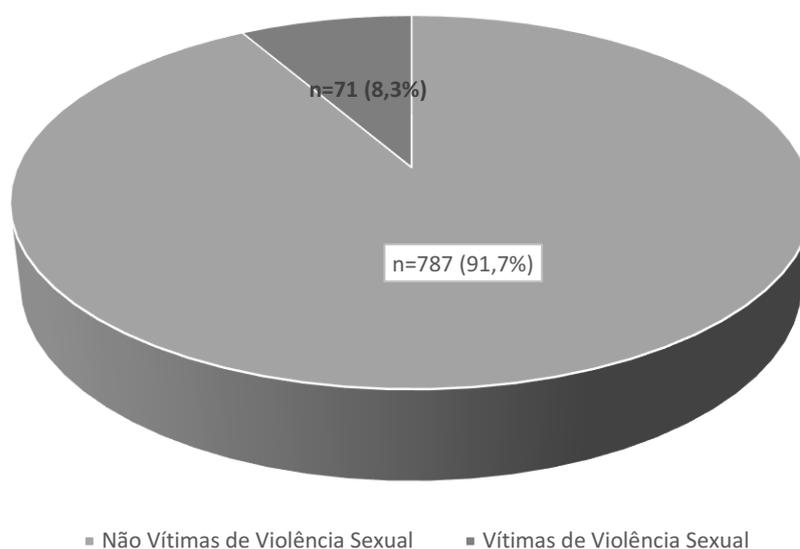
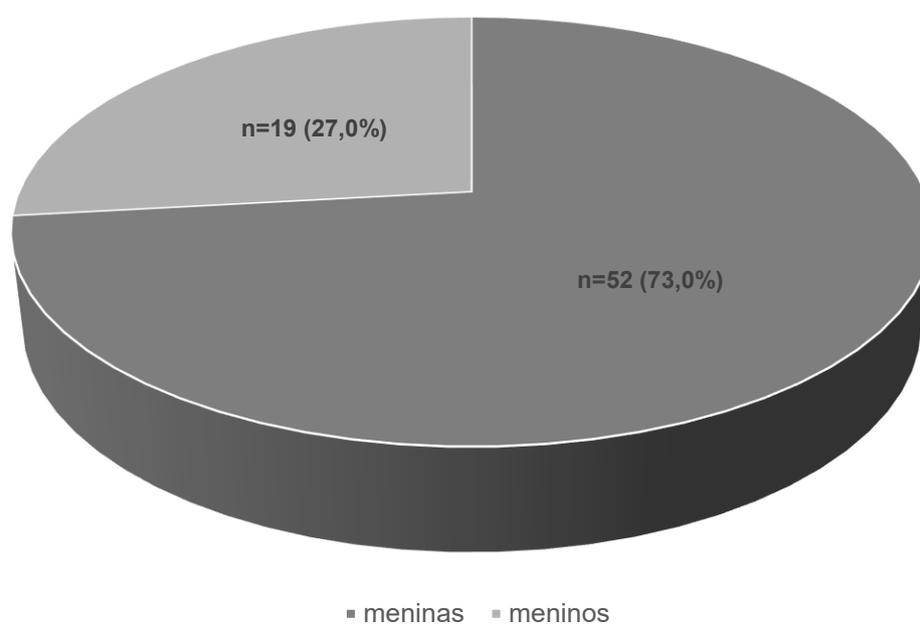


Gráfico 2 – Distribuição da população vítima de violência sexual de acordo o sexo.



5.1.3.1 Da População Vítima de Violência Sexual

Os estudantes, vítimas de violência sexual, apresentaram maior idade ($p=0,014$) e menor nível socioeconômico ($p=0,003$) quando comparados aos não vítimas (Gráficos 3 e 4). No grupo vítima havia mais estudantes que tiveram a coitarca ($p=0,029$) e que já tinham engravidaram ($p=0,001$) – Gráficos 5 e 6. A idade da coitarca foi semelhante entre os grupos (Gráfico 7).

Gráfico 3 - Boxplot da idade (anos) dos estudantes, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.

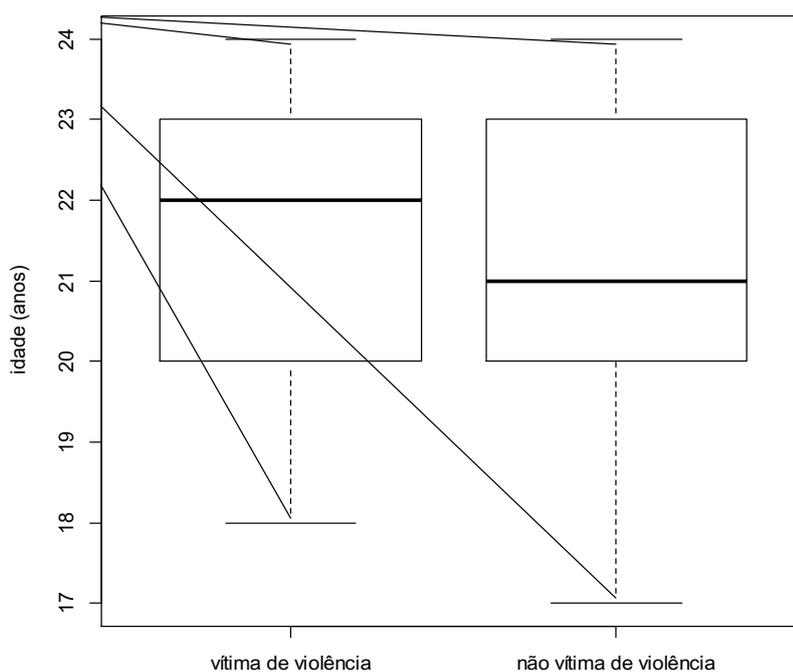


Gráfico 4 - Distribuição dos estudantes de acordo com ter sido ou não vítima de violência sexual e nível socioeconômico.

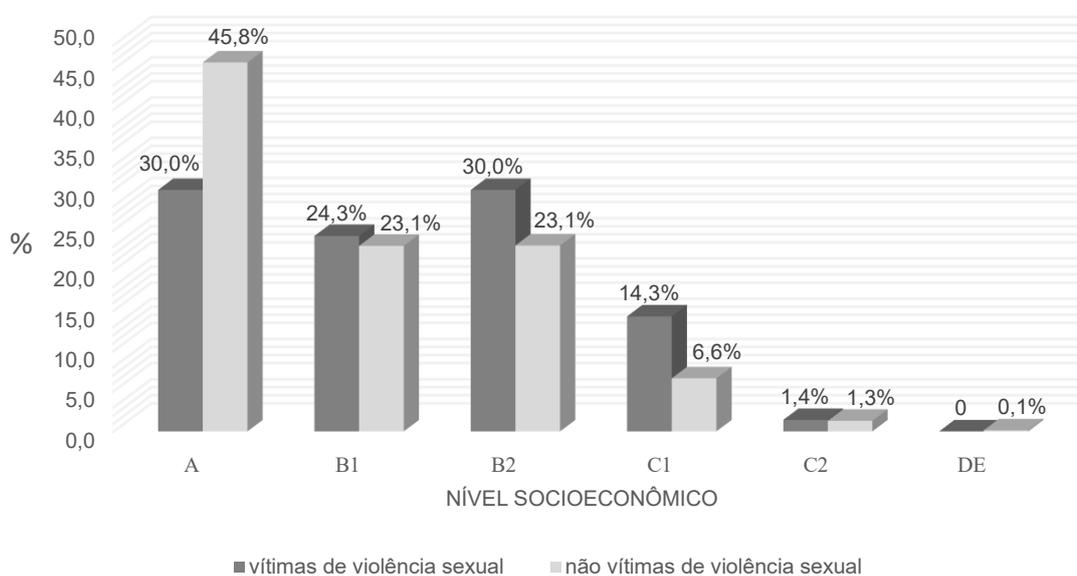


Gráfico 5 - Distribuição de ter tido ou não coitarca, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.

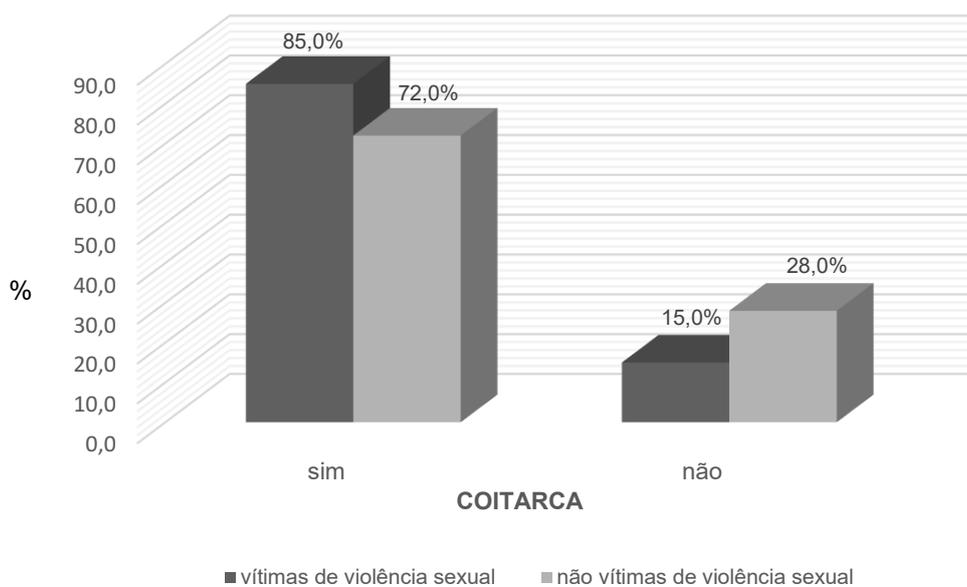


Gráfico 6 - Distribuição de presença de gravidez entre as estudantes, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.

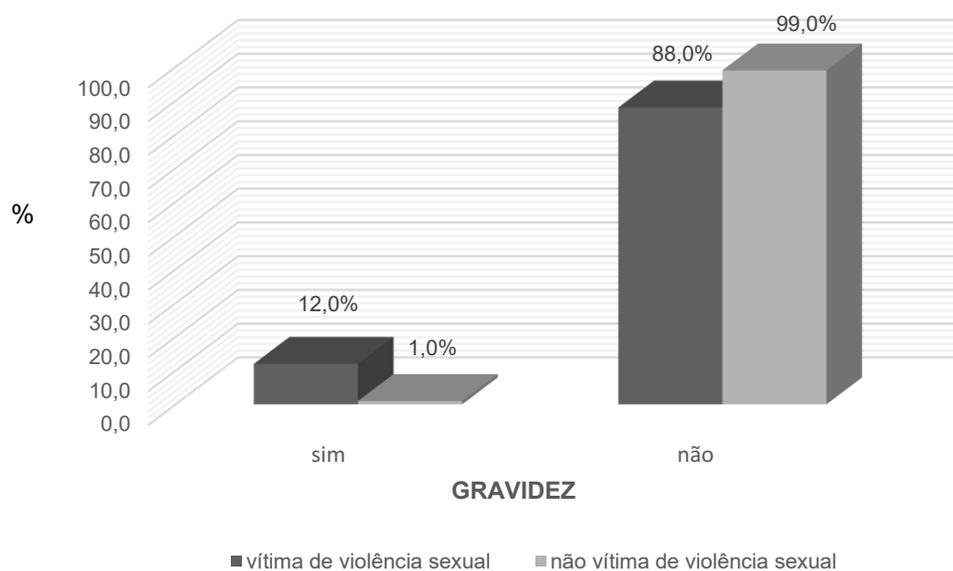
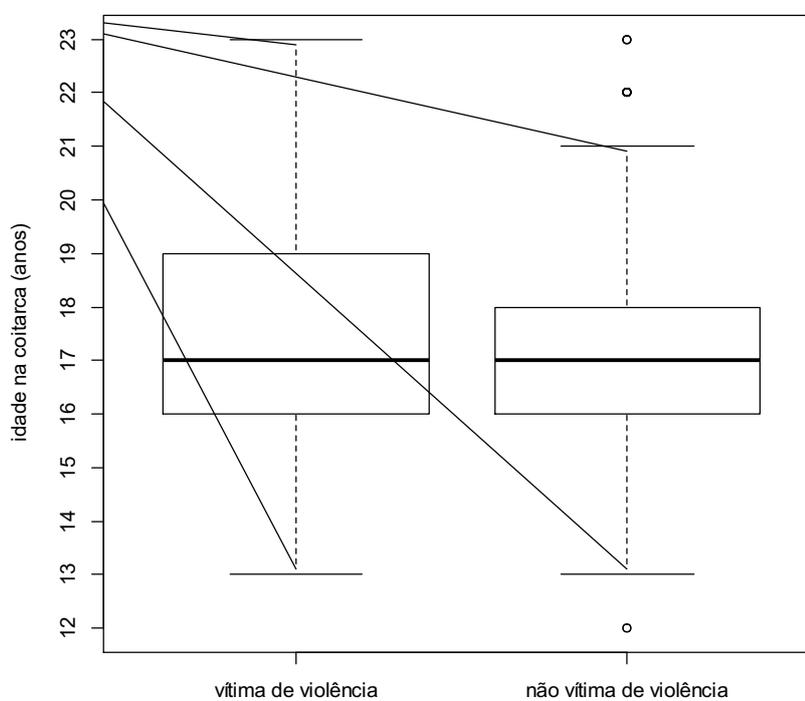


Gráfico 7 - Boxplot da idade na coitarca (anos) dos estudantes, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.



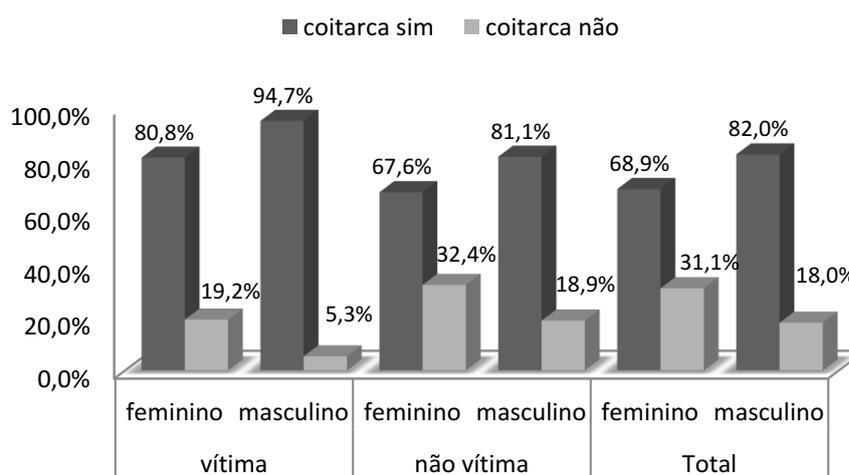
Foi investigada a relação entre coitarca e sexo dos estudantes (Tabela 2 e Gráfico 8). A coitarca foi mais frequente entre os alunos (82,0%) quando comparada às estudantes (68,9%) no grupo como um todo ($p < 0,001$) e quando avaliado somente os que não foram vítimas de violência ($p < 0,001$). No grupo vítima de violência a ocorrência de coitarca foi semelhante entre sexo masculino e feminino ($p = 0,267$).

Tabela 2 - Distribuição da coitarca segundo sexo e ter sido ou não vítima de violência sexual.

		Coitarca				Total	P
		Sim		Não			
Vítima	feminino	42	80,8%	10	19,2%	52	0,267 ^b
	masculino	18	94,7%	1	5,3%	19	
	Total	60	84,5%	11	15,5%	71	
Não vítima	feminino	334	67,6%	160	32,4%	494	<0,001 ^a
	masculino	232	81,1%	54	18,9%	286	
	Total	566	72,6%	214	27,4%	780	
Total	feminino	376	68,9%	170	31,1%	546	<0,001 ^a
	masculino	250	82,0%	55	18,0%	305	
	Total	626	73,6%	225	26,4%	851	

^aQui-Quadrado de Pearson, ^bExato de Fisher

Gráfico 8 - Distribuição da coitarca, segundo sexo e ter sido ou não vítima de violência sexual.



Comparou-se a presença de sintomas depressivos utilizando o instrumento BDI; sintomas ansiosos, por meio do BAI; e qualidade de vida utilizando o WHOQOL; entre os grupos vítima de violência sexual e não vítima (Tabela 3). O grupo vítima de violência sexual apresentou maior escore de BDI ($p < 0,001$) e BAI ($p = 0,001$) quando comparado ao grupo não vítima de violência, ou seja, os estudantes vítimas de violência apresentam mais sintomas depressivos e ansiosos quando comparados aos que não foram vítimas. Para todos os domínios do questionário de qualidade de vida, o grupo vítima de violência sexual apresentou menor escore quando comparado ao grupo não vítima de violência (Tabela 3).

Tabela 3 – Medidas dos escores dos questionários de depressão (BDI), ansiedade (BAI) e qualidade de vida (WHOQOL) de acordo com os domínios físico, psicológico, relações sociais, meio ambiente e escore geral, segundo ter sido vítima ou não de violência sexual.

		vítima de violência	não vítima de violência	Total	P
BDI	N	69	762	831	<0,001 ^c
	Média	13,4	9,2	9,6	
	Mediana	13,0	7,0	8,0	
	mínimo-máximo	1-35	0-37	0-37	
	desvio-padrão	8,4	7,3	7,4	
BAI	N	71	783	854	0,001 ^c
	Média	12,1	8,7	9,0	
	Mediana	9,0	7,0	7,0	
	mínimo-máximo	0-35	0-47	0-47	
	desvio-padrão	9,0	7,8	7,9	
WHOQOL					
domínio físico	N	71	781	852	0,002 ^c
	Média	60,8	67,0	66,5	
	Mediana	60,7	67,9	67,9	
	mínimo-máximo	25,0-100,0	0,0-100,0	0,0-100,0	
	desvio-padrão	16,3	15,4	15,5	
domínio psicológico	N	71	781	852	0,002 ^c
	Média	57,1	64,8	64,1	
	Mediana	58,3	66,7	66,7	
	mínimo-máximo	12,5-91,7	0,3-100,0	0,3-100,0	
	desvio-padrão	19,4	16,6	17,0	
relações sociais	N	71	781	852	0,002 ^c
	Média	60,8	69,2	68,5	
	Mediana	66,7	75,0	75,0	
	mínimo-máximo	0,0-100,0	8,3-100,0	0,0-100,0	
	desvio-padrão	22,3	18,5	18,9	
meio ambiente	N	71	780	851	<0,001 ^c
	Média	59,9	67,7	67,1	
	Mediana	59,4	68,8	68,8	
	mínimo-máximo	15,6-90,6	15,6-100,0	15,6-100,0	
	Máximo	90,6	100,0	100,0	
escore geral	N	71	781	852	<0,001 ^c
	Média	59,5	67,2	66,6	
	Mediana	58,7	68,3	67,3	
	mínimo-máximo	28,9-87,5	24,1-100,0	24,1-100,0	
	desvio-padrão	14,6	13,2	13,5	

^cMann-Whitney

Foi ainda objeto de investigação dessa pesquisa a comparação do uso de tabaco, bebida alcoólica e outras drogas entre os grupos vítima de violência e não vítima de violência sexual através da utilização do instrumento ASSIST. Conforme resultados inferenciais, há mais vítimas de violência sexual entre os estudantes que consumiam tabaco ($p=0,008$), maconha ($p=0,025$) e hipnóticos/sedativos de maneira abusiva ($p=0,048$). O uso das demais drogas não se mostrou relacionado ao grupo (Tabela 4 e Gráficos 9 a 11). Vale destacar que pelo pouco uso de opióides nos grupos, a comparação estatística para esse tipo de droga não foi possível de ser realizada.

Tabela 4 - Distribuição do uso de álcool, tabaco e outras drogas entre os estudantes universitários, segundo ter sido ou não vítima de violência sexual.

		Vítima		Não vítima		Total		P
bebida alcoólica	uso ocasional	28	40,6%	389	50,1%	417	49,3%	0,128 ^a
	Abuso	41	59,4%	387	49,9%	428	50,7%	
	Dependência	-	-	-	-	-	-	
	Total	69	100,0%	776	100,0%	845	100,0%	
Tabaco	uso ocasional	57	81,4%	700	90,3%	757	89,6%	0,008 ^b
	Abuso	12	17,2%	75	9,7%	87	10,3%	
	Dependência	1	1,4%	-	-	1	0,1%	
	Total	70	100,0%	775	100,0%	845	100,0%	
Maconha	uso ocasional	58	84,0%	702	90,6%	760	90,0%	0,025 ^b
	Abuso	10	14,5%	73	9,4%	83	9,8%	
	Dependência	1	1,5%	-	-	1	0,2%	
	Total	69	100,0%	775	100,0%	844	100,0%	
cocaína/crack	uso ocasional	70	100,0%	768	99,1%	838	99,2%	>0,999 ^b
	Abuso	-	-	7	0,9%	7	0,8%	
	Dependência	-	-	-	-	-	-	
	Total	70	100,0%	775	100,0%	845	100,0%	
Estimulantes	uso ocasional	68	97,1%	758	97,6%	826	97,5%	0,690 ^b
	Abuso	2	2,9%	19	2,4%	21	2,5%	
	Dependência	-	-	-	-	-	-	
	Total	70	100,0%	777	100,0%	847	100,0%	
Inalantes	uso ocasional	68	97,1%	761	98,0%	829	97,9%	0,655 ^b
	Abuso	2	2,9%	16	2,0%	18	2,1%	
	Dependência	-	-	-	-	-	-	
	Total	70	100,0%	777	100,0%	847	100,0%	
hipnóticos/sedativos	uso ocasional	65	92,9%	756	97,4%	821	97,0%	0,048 ^b
	Abuso	5	7,1%	20	2,6%	25	3,0%	
	Dependência	-	-	-	-	-	-	
	Total	70	100,0%	776	100,0%	846	100,0%	
drogas alucinógenas	uso ocasional	70	100,0%	768	98,8%	838	98,9%	>0,999 ^b
	Abuso	-	-	9	1,2%	9	1,1%	
	Dependência	-	-	-	-	-	-	
	Total	70	100,0%	777	100,0%	847	100,0%	
Opióides	uso ocasional	69	100,0%	775	91,8%	844	100,0%	-
	Abuso	-	-	-	-	-	-	
	Dependência	-	-	-	-	-	-	
	Total	69	100,0%	775	91,8%	844	100,0%	

^aQui-Quadrado de Pearson, ^bExato de Fisher ou sua extensão, ^cMann-Whitney

Considerando o IEP, notou-se que no grupo vítima de violência há mais escores iguais ou menores que zero, quando comparados ao grupo não vítima, tanto considerando classes do IEP ($p=0,002$), quanto o IEP em escore bruto ($p<0,001$). O grupo vítima de violência sexual apresentou maior escore nas práticas punição inconsistente ($p=0,003$), negligência ($p=0,001$), monitoria negativa ($p=0,017$) e abuso físico ($p<0,001$), quando comparado ao grupo não vítima, de acordo com o que foi publicado em recente tese de mestrado, que compõe esse projeto de pesquisa⁸¹. Na prática monitoria positiva ($p=0,008$), o grupo vítima apresentou menor escore, quando comparado ao grupo não vítima.

Foram ajustados alguns modelos de regressão logística, com o intuito de investigar se os escores obtidos nos sete estilos parentais do IEP se relacionam com ter sido vítima de violência sexual⁸¹. Encontrou-se que a cada aumento de escore para monitoria positiva, há uma redução de 10,0% na chance do indivíduo se tornar vítima de violência; a cada aumento do escore para negligência, aumenta-se em 11,0% a chance do indivíduo se tornar vítima, enquanto para cada aumento de escore de abuso físico, esta chance aumenta em 23,0%⁸¹.

5.2 Discussão - A escolha da amostra

O estudo utilizou amostra intencional, racionalmente escolhida pelos pesquisadores. Apesar das amostras em pesquisa qualitativa não serem representativas e de haver o risco de viés de seleção, a preferência por adolescentes e adultos jovens universitários baseou-se em critérios bem definidos, que visaram buscar um grupo que pudesse dar a melhor resposta para a pergunta do estudo.

Muitos estudos mostram que utilizar as memórias dos adultos para narrar experiências passadas na infância podem incorrer em falhas^{19,73,162-164}. As lembranças dos adultos são baseadas em vivências de muitos anos, influenciadas pela maturidade emocional, filtradas por suas habilidades de pensamento abstrato,

levando a uma reinterpretação dos acontecimentos^{19,73,162-164}. O adulto pode falhar em contar fidedignamente o que aconteceu e quando se deu algum evento passado na infância¹¹¹. Pode, também, esquecer de experiências traumáticas ou simplesmente negar os acontecimentos ou, ainda, possuir falsas memórias a respeito do ocorrido e das razões que o levou a tomar certas decisões como por exemplo, revelar ou não a violência sexual vivida^{73,111,165}.

Quando se aborda a revelação, observa-se que alguns estudos que incorporam narrativas de crianças, tendem a ser mais acurados para examinar esse processo, uma vez que ocorreu num tempo relativamente próximo ao evento, mas, em contrapartida, essas narrativas podem ser afetadas pela inabilidade da criança ou do adolescente jovem entender, nomear e verbalizar o que de fato estava acontecendo, devido a imaturidade inerente. Outra questão relevante, quando se trabalha com crianças e adolescentes é que muitas vezes só participam dos estudos aqueles que revelaram a violência sofrida e estão em algum serviço de suporte à vítima, o que de certa forma, implica em outro viés, ou seja, a visão e o pensamento dos indivíduos que não revelaram o abuso permanecem desconhecidos^{111,117}.

Pesquisas com adolescentes sexualmente vitimizados, recrutados da população, têm se mostrado com excelente acurácia para examinar questões relativas à revelação^{109,111,166}. Como a violência vivida por esses sujeitos não está temporalmente tão distante, o viés esperado, relativo à memória dos fatos, é menor do que quando comparado ao de uma população adulta. Além disso, eles possuem um grau de maturidade que os permitem entender e refletir sobre os eventos vividos. Portanto, foram recrutados participantes que tinham até 24 anos para tentar diminuir o viés quanto a recordação dos fatos vividos que poderiam estar presentes quando adultos mais velhos são entrevistados¹¹⁴. Além disso, comparada à população de crianças ou adolescentes mais jovens, a grande maioria destes estudantes universitários poderiam participar do estudo sem o conhecimento e consentimento dos pais ou responsáveis, por terem mais que 18 anos. Devido a delicadeza do tema, precisar aprovação dos cuidadores para a participação na pesquisa poderia representar um empecilho para a coleta dos dados. Treze estudantes, 1,5% de toda a população, tinham 17 anos e nenhum deles havia sido

vítima de violência sexual, o que tornou fácil a obtenção do TCLE. Trabalhar com universitários garantiria, ainda, ausência de indivíduos com alguma limitação que pudesse dificultar o preenchimento dos instrumentos e posterior participação nas entrevistas.

5.3 Discussão - Resultados Quantitativos

A violência sexual é um problema de saúde pública. No Brasil, a escassez de informações sistematizadas e contínuas dificulta o dimensionamento e enfrentamento desta questão. Apesar do ECA estabelecer a obrigatoriedade de notificação de todos os casos de maus-tratos contra crianças e adolescentes, somente em 2006 o MS implantou, nacionalmente, o Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA), com o objetivo de coletar dados de forma padronizada, permitindo a análise regular destas informações¹⁶⁷. Neste sentido, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), realizada desde 2009, é uma ferramenta útil, que fornece informações para o Sistema de Vigilância de Fatores de Risco de Doenças Crônicas não Transmissíveis do MS, com dados atualizados sobre a distribuição desses fatores no público-alvo, a partir de convênio celebrado entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Saúde, com o apoio do Ministério da Educação¹⁶⁸. A última edição de 2015 trouxe inovações em relação às edições anteriores, permitindo uma maior comparabilidade com indicadores internacionais¹⁶⁸. No que diz respeito a violência, a PENSE 2015 incluiu duas questões sobre relação sexual forçada e encontrou que 4,0% dos escolares do 9º ano entrevistados responderam já terem sido forçados a ter relação sexual, sendo o percentual de meninas maior do que o de meninos¹⁶⁸. Em 26,6% dos casos a violência foi perpetrada por namorado(a) ou ex-namorado(a); em 21,8%, amigo (a); em 11,9%, pai ou mãe ou padrasto ou madrasta; e em 19,7%, outros familiares¹⁶⁸.

Neste estudo, dos 858 estudantes avaliados, 71 (8,3%) relataram ter sofrido violência sexual em algum momento da infância ou adolescência, sendo 52 (73,2%) do sexo feminino e 19 (26,7%) do sexo masculino. Os estudos populacionais refletem a mesma tendência, meninas são particularmente vulneráveis à violência

sexual, têm mais probabilidade de sofrer violência física e sexual praticada por parceiros íntimos, estupro, casamento precoce e forçado, exploração sexual ou de trabalho infantil e mutilação/corte genital^{1,35,47-49,167-169}. Acredita-se que a prevalência de abuso sexual encontrada na população estudada deva ser maior, visto a recusa de alguns estudantes em participar desta investigação.

Tanto a PENSE como a pesquisa aqui apresentada utilizaram metodologia similar para o recrutamento dos indivíduos vítimas de abuso sexual: questionou-se para uma amostra geral da população, que não estava em acompanhamento em serviços de psiquiatria ou de suporte às vítimas de violência sexual (no caso da PENSE a amostra foi representativa), sobre ter vivenciado alguma situação de abuso sexual em algum momento da vida. Chama a atenção que neste estudo foi encontrado o dobro de casos de violência sexual quando comparado ao que foi encontrado na PENSE (8,3% contra 4,0%). Essa disparidade pode dever-se à diferença nas faixas etárias utilizadas nas duas pesquisas, mostrando que muitos casos de violência sexual são perpetrados contra adolescentes, ou seja, muitos estudantes que participaram da PENSE não foram vítimas de violência sexual, mas ainda podem vir a ser. Outra possibilidade pode estar relacionada à diferença na forma como as perguntas sobre violência sexual foram formuladas nos dois estudos. Na PENSE, duas perguntas foram feitas para avaliar se o indivíduo foi ou não vítima de violação sexual:

- 1) Alguma vez na vida você foi forçado(a) a ter relação sexual?
- 2) Quem os forçou a ter relação sexual?

Já na pesquisa em questão, foram utilizadas cinco questões que englobaram de maneira mais abrangente situações de violência sexual, podendo justificar a diferença encontrada nas prevalências:

- 1) Tentaram me tocar ou me fizeram tocar de uma maneira sexual?
- 2) Ameaçaram me machucar ou contar mentiras sobre mim se eu não fizesse algo sexual?
- 3) Tentaram me forçar a fazer algo sexual ou assistir coisas sobre sexo?
- 4) Alguém me molestou?
- 5) Eu acredito que fui abusado (a) sexualmente?

Como pode-se observar, não constitui tarefa fácil comparar as prevalências de violência sexual encontradas na literatura. Vê-se que diferentes metodologias são utilizadas para a coleta de dados nos estudos, com distintas definições sobre o que é considerado “violência sexual”. Muitos trabalhos englobam as estatísticas de outros tipos de violência, as faixas etárias avaliadas não são uniformes nas amostras e o recrutamento das vítimas também é muito variável. Mas, apesar das dificuldades de comparar os resultados encontrados, entende-se que qualquer estatística obtida pode ser considerada alarmante e relevante quando se considera a atrocidade que esse tipo de violação representa.

A cultura patriarcal, transmitida por gerações como ideal social, tem papel relevante na violência contra crianças e mulheres, principalmente no abuso sexual infantil¹⁷⁰⁻¹⁷². Observa-se que as mulheres neste tipo de cultura têm como papel fundamental cuidar da família e dos filhos, e estes devem obediência às ordens do pai¹⁷³. Sociedades patriarcais apresentam uma estrutura hierarquizada, no qual se predomina a autoridade masculina, a divisão do trabalho de acordo com o sexo, uma cultura de obediência das mulheres e das crianças ao homem, que cultiva relações de dominação, medo e violência para gerenciar situações de conflito¹⁷⁴⁻¹⁷⁵. As atitudes estruturais deste tipo de sociedade estão fundamentadas na integridade da família, na diferença de gêneros, no empoderamento dos homens, na negação da existência de eventos abusivos e na opressão de mulheres e crianças^{170-172,177}. O elemento central que faz destas populações um alvo fácil para a demonstração de masculinidade é serem percebidas como naturalmente vulneráveis, justificando, a maior prevalência encontrada deste tipo de crime nas populações feminina e infantil¹⁷⁰⁻¹⁷². Emanar de um sistema patriarcal encoraja e justifica a coerção sexual, a trivialização da violência, o rebaixamento e a desvalorização de indivíduos vulneráveis, pois se acredita que a virilidade está intimamente relacionada com a agressividade e a coragem^{170-172,175}.

Interessante observar como a cultura e o comportamento sexistas estão enraizados no inconsciente coletivo. Estudo realizado em 1995 mostrou que adolescentes, de ambos os sexos, que assistiram a uma vinheta sobre abuso sexual, acompanhada de uma fotografia da vítima usando roupas provocantes, foram mais propensos a responsabilizar a vítima pelo comportamento do agressor⁷⁶. Resultado semelhante foi encontrado em pesquisa nacional realizada

em 2014 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) na qual 26,0% dos brasileiros e brasileiras entrevistados concordaram com a frase “mulheres que usam roupas curtas merecem ser atacadas”⁷⁵.

As pesquisas têm sido consistentes também, em apontar que o consumo de álcool pelas vítimas e/ou pelos perpetradores pode mudar a percepção de culpabilidade e o mito do abuso pode passar a ser aceito¹⁷⁸⁻¹⁸². Pessoas tendem a achar que as vítimas são mais culpadas e os perpetradores são menos culpados quando eles consomem álcool¹⁷⁸⁻¹⁸⁴. Uma mulher que resolve beber tem culpa parcial por qualquer evento que aconteça com ela^{183,184}. Uma explicação para este padrão é que o álcool é percebido, culturalmente, como preditivo de atividade sexual, seu uso sugere que uma pessoa está mais aberta para ter sexo¹⁷⁸⁻¹⁸². Legalmente, uma pessoa que está bêbada não pode consentir com uma atividade sexual, o consentimento envolve um claro “SIM”; a ausência de um “NÃO”, não significa consentimento.

Observam-se, ainda, falsas crenças que podem justificar o abuso sexual em culturas machistas como, por exemplo, a dificuldade natural dos homens para controlar seu desejo sexual; a ideia de que se a vítima não luta contra o abuso, o que ocorreu não é uma violência sexual; ou o mito de que os abusadores devam estar sofrendo de alguma forma de desbalanço psicológico, sexual ou anormalidade mental, justificando a ocorrência desta brutalidade e tirando a responsabilidade do agressor, que passa a ser tratado como vítima¹⁸⁵⁻¹⁸⁸.

Sabe-se que a não revelação do abuso pela população masculina é muito significativa. Normas sobre masculinidade podem influenciar a decisão de meninos sobre revelação, que temem ser tachados como homossexuais¹⁸⁹⁻¹⁹¹. Para provar sua masculinidade, podem achar que deveriam estar aptos a resistir ao perpetrador ou que deveriam lidar sozinhos com a experiência abusiva¹⁹². Ser vítima de abuso coloca os meninos em posição de grande fragilidade, o que está em completo desacordo com o constructo dominante da masculinidade, imposto, mais uma vez, pela sociedade machista e patriarcal^{50,51}.

Foi observado, na população estudada, predomínio das classes sócio econômicas A, B1 e B2, revelando que apesar de existir a política de cotas para o ingresso em universidades públicas desde 2012, ainda há importante diferença no acesso das classes menos favorecidas¹⁹³. Apesar de se ter encontrado vítimas de

violência em todas as classes sociais e de haver neste estudo apenas um indivíduo pertencente à classe DE, há franco predomínio da violência sexual em camadas com menor poder aquisitivo. Carneiro e Veiga (2004) dizem que a pobreza expõe os indivíduos a situações de risco, principalmente em contextos nos quais não se pode contar com rede de suporte social que ofereça instrumentos para o enfrentamento das adversidades¹⁹⁴.

Não é possível afirmar que o nível socioeconômico é fator de risco direto para a violência sexual, mas pode-se refletir que famílias com carência de recursos financeiros, podem ser mais propensas a colocar suas crianças em situações de risco, negligenciando seus cuidados, muitas vezes por falta de melhores opções. Revisão da literatura publicada em 2018 afirma que crianças do sexo feminino pertencentes a famílias cujas rendas estão abaixo ou no limiar da pobreza correm maior risco de vitimização, sendo que a educação parental contribui para este risco, que é menor em famílias cujas mães têm mais do que 12 anos de escolarização^{195,196}. Imaginem uma mãe que tem que passar horas fora de casa entre trabalho e transporte e quando chega precisa cuidar da limpeza, da comida, da roupa. Que tempo e disposição essa mãe tem para supervisionar, dialogar ou cuidar dos filhos?

A ausência de vagas em creches, de escolas públicas em período integral e de locais gratuitos que possam receber crianças ou adolescentes no contra turno escolar, triste realidade brasileira, obrigam as famílias menos favorecidas, que não apresentam recursos financeiros suficientes para pagar por esses serviços, a deixarem suas crianças e adolescentes sob supervisão de vizinhos, que já têm seus próprios filhos ou muitos diferentes afazeres, outros familiares com poucas condições de supervisionar adequadamente, sozinhos em casa, ou até sob cuidados de irmãos pouco mais velhos, expondo-os à situações de risco, muitas vezes identificadas pelo perpetrador.

Interessante notar que os estudantes, vítimas de violência sexual aqui estudados, eram mais velhos dos que os não vítimas. Duas possibilidades podem ser aventadas para esse achado: nível socioeconômico ou prejuízo acadêmico devido à violência sofrida. Está claro que o ingresso na universidade por esta

população ocorreu mais tardiamente. Quando se analisa o nível socioeconômico destes jovens, a idade de entrada na universidade pode fazer sentido: por serem menos favorecidos economicamente, estes sujeitos devem ser provenientes de escolas públicas ou privadas mais populares, cujo ensino não é suficientemente bom para o ingresso em universidades muito concorridas, tendo que fazer anos de aulas preparatórias para conseguir entrar nos cursos que estão. Sabe-se quão caros são as escolas cujo ensino é robusto o suficiente para preparar os alunos para ingresso em universidades públicas no Brasil.

Por outro lado, é consenso entre muitos pesquisadores, que há um severo impacto da vitimização por violência sexual na vida acadêmica da vítima¹⁹⁷⁻²⁰¹. Alterações no desenvolvimento cognitivo, na linguagem, na memória e no rendimento escolar, rebaixamento da percepção do próprio desempenho e na capacidade, têm sido frequentemente relatados¹⁹⁸⁻²⁰¹. Embora todos os sujeitos desta pesquisa sejam universitários, poderíamos refletir que por terem sido vítimas de violência sexual, o consequente prejuízo escolar advindo da abuso, os obrigou a fazer mais anos de cursos preparatórios para ingressar na universidade, o que repercutiu na idade de ingresso desses jovens.

Merece destaque a relação entre a ocorrência de violência sexual na infância/adolescência e comportamento sexual destes sujeitos. Encontrou-se no grupo vítima de violência mais estudantes que já tinham tido a coitarca ($p=0,029$) e que já engravidaram ($p=0,001$). Foi visto ainda que a coitarca foi mais frequente entre os rapazes quando comparadas às jovens no grupo como um todo ($p<0,001$) e quando se avaliou somente os estudantes que não foram vítimas de violência ($p<0,001$). No grupo vítima de violência, a ocorrência de coitarca foi semelhante entre os sexos ($p=0,267$), apontando que as jovens vítimas de violência são mais sexualmente ativas quando comparadas às não vítimas, corroborando com o que sugere a literatura sobre a vivência de abuso sexual e o desenvolvimento de comportamento sexual de risco e atitudes permissivas em relação ao intercuro sexual²⁰¹⁻²⁰⁵. Estudos têm mostrado relação direta entre abuso sexual na infância e sexarca mais precoce, maior quantidade de parceiros, risco aumentado do uso de substâncias psicoativas antes da prática sexual, autopercepção de promiscuidade, maior número de relações desprotegidas, além de maior prevalência de ISTs²⁰⁶⁻²⁰⁹.

Evidencia-se também comportamentos sexuais de risco em indivíduos do sexo masculino que foram abusados, incluindo relação anal desprotegida com outros homens²¹⁰⁻²¹¹.

Quando se comparou a presença de sintomas depressivos, ansiosos, qualidade de vida e uso de álcool, tabaco e outras substâncias entre a população vítima de abuso com a população que não foi violada, encontraram-se resultados compatíveis com o que diz a literatura. Os indivíduos que foram vítimas de violência sexual apresentaram maiores escores para depressão ($p < 0,001$), ansiedade ($p = 0,001$) e pior qualidade de vida ($p < 0,001$) quando comparada à população que não foi vítima de abuso. Em relação ao uso de tabaco, álcool e outras drogas observou-se que os sujeitos que viveram situações de violência sexual apresentam maior consumo de tabaco, maconha e sedativos/hipnóticos de forma abusiva, justificado, talvez, para aliviar os sintomas depressivos e/ou ansiosos mais presentes nesta população. É bem documentado na literatura que a violência sexual é grande fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias^{23,24,47,62,63,65}. Importante pontuar que muitas das violações relatadas nesta investigação ocorreram na infância e/ou início da adolescência, períodos um pouco distantes do momento da realização da pesquisa. Vê-se, portanto, que as consequências negativas do abuso podem persistir por longo prazo.

5.4 Resultados Qualitativos e Discussão

Como exposto no Quadro 1, dos 45 alunos que foram convidados a participar da entrevista, 22 aceitaram. Avaliando os motivos das recusas, é possível observar a delicadeza do tema, visto as devolutivas que apontam sofrimento para falar sobre as violências vividas, assim como as respostas evasivas, ou a falta delas, que visaram escapar da entrevista, sem necessariamente recusá-las.

Das 22 entrevistas realizadas, três foram excluídas de parte da análise qualitativa pois tratavam-se de vítimas de violência sexual perpetrada por pessoas desconhecidas, sendo destoantes das narrativas dos indivíduos violados por alguém do convívio, não tornando possível criar temas e subtemas comuns nesses dois grupos.

A partir da análise das 19 narrativas restantes, foram organizados sete grandes temas, como mostra a Tabela 5.

Tabela 5: Temas obtidos das narrativas dos indivíduos vítimas de violência sexual.

TEMAS
1. Dinâmicas e Relacionamentos Intrafamiliares
2. Memórias do Abuso
3. Revelação e Detecção
4. A Conscientização e as Consequências para a Vida da Violação
5. Prevenção e Redução de Danos
6. Situações de Violência Sexual na Família
7. Meninos Vítimas de Violência Sexual

TEMA 1 – Dinâmicas e Relacionamentos Intrafamiliares

Os relatos sobre a dinâmica e os relacionamentos intrafamiliares de grande parte das 19 entrevistas é marcada por histórias familiares complexas. Observa-se que muitos dos pais citados nas narrativas romperam seus relacionamentos ainda durante a infância dos filhos, culminando, muitas vezes, com a ausência de uma figura ou de um lar de referência para essas crianças, que ficavam indo ora morar na casa de um dos genitores, ora na casa de outro, ora na casa de um parente próximo:

“Meus pais se casaram muito jovens...minha mãe acho que tinha 14, muito cedo, muito precoce, e meu pai 18. Quando eu completei três anos de idade, meus pais se separaram e eu fiquei morando um tempo com o meu pai e um tempo com a minha mãe, foi bem difícil...as vezes por que a minha mãe não conseguia ficar comigo, pois precisava estudar para fazer o curso do trabalho, ora por opção...”.
(entrevista 21 – Nicolas)

“...aos 13 anos fui morar com o meu pai, pois minha mãe foi a trabalho para outra cidade e eu não quis ir...depois de um ano minha mãe voltou e...como o combinado era que eu ficaria apenas um ano morando com meu pai, voltei a morar com a minha mãe.” (entrevista 1 – Joana)

Algumas figuras paternas abandonaram seus filhos após a separação, delegando os cuidados exclusivamente às mães, que por estarem sozinhas e muitas vezes com problemas financeiros, se sobrecarregavam nas suas tarefas, trabalhavam muito para sustentar os filhos e a si própria, se ausentando grande parte do tempo e deixando as crianças sob cuidados de terceiros ou mesmo sozinhas, expondo-as às situações de risco:

“Após o nascimento dele (irmão), meus pais se separaram, meu pai voltou para sua cidade natal e eu não tive mais contato com ele. Não tinha foto, nem nada, cresci sem meu pai, aí eu fui conhecê-lo com 15 anos...É muito difícil crescer sem pai. Pelo fato do meu pai ser ausente, minha mãe sempre teve que trabalhar muito, em dois empregos, quando ela saía de casa eu ainda estava dormindo, quando retornava, eu também já estava dormindo, então, não tive muito contato com a minha mãe. Eu fazia tudo sozinha, ia para escola sozinha, voltava sozinha, na minha primeira série eu era única menina que voltava da escola sozinha. Eu chorava sozinha na rua”. (entrevista 3 – Jéssica)

“...ela (a mãe) me disse que eles tentavam sempre deixar alguém na casa quando saía. A sobrinha de uma moça da igreja que olhava a gente. Eles tentavam. Quando a menina não estava era o senhor, o Antônio, que vendia sorvete, que ficava com a gente. Só que tinha hora que, as vezes escapava do poder dela, sabe, do tipo: eu preciso trabalhar, e as crianças?...Após a separação...ela (mãe) recebia muita ajuda da igreja. Teve uma época que a igreja alugou uma casa para minha mãe, só que não morava só eu e a minha mãe, a gente morou em várias casas, moramos em casa com outras pessoas, com outras crianças, com outras famílias, só que a gente já morou em casa com outros homens também.” (entrevista 3 – Jéssica)

“...os meus pais se separaram quando eu tinha alguns meses de vida...após a separação, fomos morar com os meus tios e ficamos com eles até eu fazer seis anos de idade, quando a minha mãe se casou de novo. Nunca tive muito contato

com o meu pai, ele se afastou depois da separação e só fui encontrá-lo muitos anos depois...” (entrevista 13 – Amanda)

“Meus pais se separaram quando eu tinha seis meses, a separação não foi amigável...no início, minha mãe tinha um contato maior comigo, mas depois, ainda quando eu era bem pequeno, se mudou para outro estado e por lá está. Ela vinha quando era meu aniversário e em algumas outras ocasiões. Há cerca de cinco ou seis anos...a gente se fala bem menos, na verdade não se fala.” (entrevista 18 – Murilo)

O conceito de família é temporal e dinâmico. De acordo com o filósofo francês Michel Foucault nada é absoluto, não existe verdade, não existe mentira, tudo muda com o tempo, o que é considerado normal e o que é patológico, o que é racional e o que é irracional, o que é doentio e o que é saudável dependem do contexto histórico em que estão inseridos²¹². O que era considerada uma família desestruturada há tempos atrás, não é nos dias atuais, por esse motivo não será utilizado na discussão o termo “desestrutura familiar” para referir às famílias com vivências complicadas; falar em “desestrutura”, pressupõe-se que deva haver uma estrutura e acredita-se que esta “estrutura” não existe, depende de quem olha, como olha e quando se olha.

Ao longo da história, profundas alterações na constituição das famílias têm sido observadas, bem como suas atribuições e suas funções, influenciadas por fatores sociais, culturais, religiosos, morais, econômicos. A tradicional família burguesa, idealizada por muitos mesmo nos dias de hoje, composta pelo casal heterossexual e por seus descendentes, passou a ter que conviver com vários outros modelos de família, casais heterossexuais ou homossexuais sem filhos, pais divorciados que se unem com outros pares e os filhos da relação anterior passam a conviver com filhos do novo casal, famílias monoparentais, casais homossexuais e seus filhos, casas com filhos adotivos coabitando com filhos biológicos¹⁷⁴. A “desestruturação” familiar ou sua disfuncionalidade não pode ser simplesmente determinada pela sua configuração.

Whitaker e Bumberry (1990) descreveram as características de uma família saudável e observa-se que os requisitos para isso não se relaciona ao formato: “[...]”

é dinâmica, e não estática, ou seja, é um sistema em contínuo processo de evolução e mudança; suas regras servem de guia e estão a serviço do crescimento; há uma clara separação entre as gerações de forma que os pais (ou adultos que as representem) transmitam às crianças uma sensação de segurança embasada em liderança e solidariedade; as crises e conflitos provocam desenvolvimento, e não rompimento; existe espaço para expressar e compartilhar intimidade e sentimentos, mesmo aqueles conotados como negativos; seus membros sabem usufruir do intercâmbio de experiências entre as gerações; funciona como um organismo aberto que se relaciona com outros e é capaz de incorporar novos elementos”²¹³.

Entende-se que a família, qualquer que seja a sua configuração, é a primeira referência de socialização e proteção dos indivíduos, constituindo um canal de aprendizagem de afeto e produtor de normas éticas e regras sociais²¹⁴⁻²¹⁶. Os baixos níveis de coesão familiar, as relações afetivas desgastadas, o pequeno envolvimento entre os membros, com priorização da individualidade, separação emocional, ausência de suporte, liderança limitada ou ausente, dificuldade de comunicação podem vulnerabilizar os indivíduos que fazem parte deste núcleo.

Nas narrativas, muitos vínculos entre filhos e cuidadores foram marcados pela sensação de abandono, laços afetivos frágeis, negligência, falta de comunicação, rigidez e/ou autoritarismo por parte dos pais, abuso verbais por meio de insultos, xingamentos e ameaças, por vezes violência na forma de educar:

“Meus avós, os tenho como referência de pais...com o meu avô, tenho uma boa relação com ele, mas nunca de falar dos meus problemas mais profundos....Já com a minha avó sempre tive muita abertura, é que ela nem sempre, pela idade, pela criação....nem sempre ela compreendeu...Só as minhas primas sabem que sou homossexual. Tentei contar para a minha avó quando tinha 16 anos, mas não fui muito bem compreendido. Hoje eu entendo, pela idade, pela criação dela, o pai dela falava que preferia ter nove filhas putas do que um veado, na época ela falou: vou te levar em um psicólogo...mas ficou quase um mês não falando comigo.”
(entrevista 18 – Murilo)

“Minha história ...é um pouquinho complicada. Meus pais são casados, mais eu nunca morei com eles...Desde que saí da maternidade já fui morar na casa da minha avó...na época do meu nascimento meus pais trabalhavam muito...nasci prematura e necessitava de muitos cuidados, minha avó é enfermeira e minha mãe tem jeito zero com criança...tinha muito conflito com os meus pais....eu tinha um sofrimento muito grande...um sentimento de abandono que eu carreguei por muitos anos. Eu tinha muita raiva com relação aos meus pais, muita raiva. Porque assim: sempre viajaram, sempre fizeram as coisas. Eles tiveram a vida deles. Eles viviam muito bem. Só que só eles...eu era muito sozinha...sempre foi um relacionamento muito difícil. Eles são autoritários....sempre gostaram de mandar...eles querem mandar muito...muito autoritários, pouco acolhedores e protetores...meu pai só manda piadas pelo WhatsApp e com minha mãe eu converso uma vez por mês, mais ou menos” (entrevista 4 – Márcia)

“Apesar de amar muito minha mãe, respeitá-la e me orgulhar muito dela por tudo que ela passou, temos um relacionamento distante. Eu não tenho muita intimidade com a minha mãe, não tenho problema de ficar longe...eu não tive muito contato com ela...nunca contei nada para a minha mãe dos meus probleminhas de escola...Acho que minha mãe era brava, não sei...Se ela mandasse fazermos alguma coisa, a gente obedecia, simplesmente fazíamos, nunca questionei minha mãe...” (entrevista 3 – Jéssica)

“Eu comia Nescau puro, ela (mãe) sumia com o chocolate de casa e só tinha Nescau, então eu comia Nescau puro, colocava em um potinho e eu escondia no meu guarda-roupa, para ela não achar e jogar o Nescau fora. E às vezes meu pai comprava o Nescau escondido para mim, para eu repor o que eu comia...O vínculo que minha mãe criou e tem até hoje é o financeiro...ela ficava: eu te sustento, você tem que fazer o que eu quero....eu te sustento, você mora na minha casa....eu posso mexer no que eu quiser....a casa é minha e quem paga sou eu... Minha mãe me batia muito e sempre me colocava de castigo por coisas banais....não consigo dar mais espaço para minha mãe na minha vida....a pior coisa é ir para casa. Se eu puder ficar aqui o dia inteiro, eu fico o dia inteiro.” (entrevista 7 – Nicole)

“Ele (se referindo ao avô, por quem foi criada) sempre foi daquelas pessoas muito rígidas que sempre batia para educar e a gente tinha muito receio de falar qualquer coisa em casa.” (entrevista 6 – Ingrid)

“...nunca fui de conversar muito com o meu pai, ele é muito religioso, muito quieto, mais na dele... minha infância foi muito velada. Tudo era proibido...meu maior dilema é isso, não conseguir enfrentar eles (se refere a questão de contar para os pais sobre a homossexualidade), não ter tanta coragem para chegar para eles e confrontar eles...tem muito da minha criação, eles são muito religiosos...a gente não podia assistir televisão muito tempo, minha mãe trancava a sala...porque estava passando desenhos que a gente não podia assistir, porque eram do demônio. Disney não era coisa do bem, Pokémon, todos esses desenhos, nada podia. Tinha que ir para a igreja direto com eles... Meus irmãos sabem que sou homossexual e compactuam da opinião de que os meus pais só devem saber após eu ter certa independência financeira, por conta de uma possível represália...eles eram bem rígidos”. (entrevista 17 – João)

Os novos relacionamentos iniciados pelos pais após a separação surgiram nas entrevistas. Muitas falas revelam quão central na vida dos genitores passam a ser esses relacionamentos. Essas novas uniões afetivas estabelecidas e os filhos destas novas uniões, na visão dos sujeitos entrevistados, parecem ser mais importantes do que os filhos do relacionamento mal sucedido, que passam a ser preteridos, culminando com desavenças constantes, vínculos ruins entre pais e filhos, sentimento de desespero:

“...morei com os meus pais até os oito anos, quando meus pais se divorciaram...um ano após o divórcio, minha mãe começou outro relacionamento e passou a morar com essa outra pessoa...eu via o meu pai a cada 15 dias, por determinação judicial. Meu pai queria a guarda da gente, pois ninguém gostava do marido da minha mãe, nem mesmo eu...na audiência, eu e minha irmã falamos para o juiz que, se a minha mãe se separasse do marido dela, nós ficaríamos com ela. Minha mãe acabou se separando, durou pouco tempo, e no fim...acabamos....morando com a minha mãe e ele.” (entrevista 8 – Maria)

“...minha mãe conheceu outra pessoa, e depois de um mês, em pouquíssimo tempo, ele foi morar na minha casa. Por um milhão de motivos, a gente também não gostava dele...um dia em uma briga “gigantesca”...o namorado dela ficava dizendo que eu e a minha irmã tínhamos que ir embora de casa e a minha mãe, não nos defendia de maneira nenhuma...minha irmã perguntou para a minha mãe o que ela realmente queria, e ela disse que gostaria que nós saíssemos de casa. Eu e a minha irmã fomos então morar com o meu pai...” (entrevista 8 – Maria)

“...meu pai nunca chegou a me defender assim, na verdade ele não me defendia (se referindo aos conflitos que tinha com a madrasta)...tudo que conto para minha mãe ou para o meu pai, eles falam para os seus respectivos companheiros, isso me desagrada imensamente...não tenho um bom relacionamento com o marido da minha mãe, já fiquei um ano sem falar com ele e, conseqüentemente, sem visitar ela...Eu já estive deprimida e estava sozinha. Meu pai achava mais importante a namorada dele, e minha mãe acha mais importante o marido dela. Não iam se preocupar comigo porque estou me sentindo sozinha e abandonada, sabe? Então, já tive esses momentos de achar que não posso contar com ninguém.” (Chora e se emociona bastante)...Minha mãe mudou muito depois que se juntou com esse novo marido dela...tanto que eu convidei ela esses dias para dormir comigo na minha casa e ela falou que não ia porque não dormia sem o marido dela.” (entrevista 1 – Joana)

“O marido da mãe é um depravado, o banheiro da minha casa não tinha chave, e ele entrava enquanto eu estava tomando banho, não sei se a minha mãe não percebia ou se achava aquele comportamento normal. Várias vezes eu estava lavando a louça e ele chegava e batia na minha bunda.” (entrevista 11 – Larissa)

“Desde os seis anos de idade moro com o meu padrasto, a minha mãe e a minha irmã...Ela é um pouco afastada, um pouco fria comigo e com a minha irmã ela é bem fria. Com o meu irmão já não (filho do padrasto e da mãe), sabe, sempre foi assim. Minha mãe sempre trabalhou muito, quem cuidava da gente era minha tia....o relacionamento com o meu padrasto sempre foi bem ruim...a minha mãe sempre quis que a gente aceitasse ele como pai...Minha mãe presenciou o

xingamento (do padrasto com Amanda) e, na época, por eu ser menor de idade a minha mãe me acompanhou até a delegacia, ela foi reclamando o caminho inteiro; ficou lá reclamando o dia inteiro e voltou para casa reclamando.” (entrevista 13 – Amanda)

Não era rara a violência entre os pais e/ou cuidadores e, esta violência, muitas vezes era presenciada pelas crianças. Há trabalhos na literatura que afirmam que a exposição de crianças e adolescentes à violência doméstica é prejudicial e pode aumentar a vulnerabilidade destes indivíduos^{217,218}:

“...meus pais me tiveram muito cedo, eram adolescentes...quando eu nasci morava com os meus avós maternos...que me criaram, pois minha mãe era muito nova...sempre fui uma criança muito ansiosa, roía as unhas, já tive gastrite nervosa, tudo isso por causa das brigas que haviam entre meus pais e entre os meus avós. Minha mãe e meu pai brigavam ou era minha avó e meu avô que brigavam, eles brigavam muito, era bem conturbado, foi bem conturbada a minha infância em relação a isso...” (entrevista 11 – Larissa)

“...minha mãe chamou a polícia para colocar ele (o pai) para fora de casa....um escândalo.” (entrevista 1 – Joana)

“ ...minha mãe sempre foi muito agressiva, quando ela brigava com o meu pai era de uma forma muito agressiva, então a gente sempre tinha receio de que pudesse acontecer o pior...” (entrevista 6 – Ingrid)

“O primeiro namorado da minha mãe era uma pessoa muito agressiva e autoritária, sempre a palavra final tinha que ser dele. Ele e a minha mãe brigavam muito e ele a violentava fisicamente...minha mãe chegou a denunciar ele...mas no fim ela acabou voltando com ele...em nenhum momento nós éramos prioridade...o atual namorado dela tem esquizofrenia e não faz tratamento...além de beber bastante. Ele também já bateu na minha mãe, tendo que a polícia intervir. Eu, minha

tia e a minha madrinha chamamos a polícia para entrar na casa dela, que estava toda machucada depois ter apanhado dele.” (entrevista 8 – Maria)

“Quando eu tinha cerca de oito ou nove anos, minha mãe teve um relacionamento abusivo que durou aproximadamente quatro anos...violência física e psicológica...eu lembro de algumas coisas, de alguns episódios...sei que isso mexe comigo até hoje...Vi diversas vezes ele arrancando sangue dela...Isso me marcou muito, me marcou durante minha adolescência.” (entrevista 21 – Nicolas)

Quando se avalia a pontuação do Inventário de Estilos Parentais da população não vítima de violência sexual e dos sujeitos vítimas de violência que participaram da entrevista, vê-se que a média do primeiro grupo é 5,7 contra -3,26 do segundo grupo, o que está em alinhamento com as narrativas destes estudantes e os resultados encontrados na análise qualitativa deste trabalho sobre um Estilo Parental com práticas predominantemente negativas na população vítima de abuso sexual.

Há inúmeros estudos, relacionando o modo como os pais ou responsáveis educam seus filhos, e os efeitos destas práticas educativas no desenvolvimento psicossocial dos jovens²¹⁹⁻²²⁷. Trabalhos sugerem que as práticas parentais estão realmente associadas a diversos indicadores de desenvolvimento psicológico e comportamental de crianças e adolescentes como autoestima, autoconfiança, competência interpessoal, estabilidade, autonomia²¹⁹⁻²²⁷. Práticas parentais que propiciam a supervisão, o estabelecimento de limites, os posicionamentos claros em relação às regras, o relacionamento estreito entre os membros da família, com uma boa comunicação entre eles, podem reduzir a possibilidade de engajamento em comportamentos de risco, bem como fornecer segurança emocional e o desenvolvimento da autoestima^{192,228,229}.

A formação de vínculo afetivo entre os membros da família também é de extrema importância como fornecedor dessa segurança emocional. Mães capazes de perceber e interpretar corretamente os sinais emitidos pelas crianças e adolescentes, fornecendo respostas imediatas e apropriadas, têm maior probabilidade de desenvolver em seus filhos a concepção de si mesmo, tornando-os menos vulneráveis às situações de risco, como o abuso sexual²³⁰.

Estudo que avaliou fatores de risco e protetores para abuso sexual em jovens americanas, descendentes de latinas e africanas, verificou que adolescentes cujos cuidadores as monitoravam, sabiam seus paradeiros e tinham uma atitude mais conservadora em relação ao sexo, eram menos propensas à vitimização²³¹. A monitorização por parte dos responsáveis estava relacionada com maior proximidade, confiança e honestidade, funcionando como fator protetor contra o abuso sexual e outros comportamentos de risco, indo de encontro com os resultados obtidos neste projeto, que mostraram que os escores de IEP relacionados aos estilos parentais ditos protetores são maiores entre o grupo não vítima de violência sexual.

Conforme resultado encontrado, a redução da chance do indivíduo se tornar vítima de violência com o aumento do escore para a monitoria positiva, parece estar relacionado com a melhora da autoestima e da autoconfiança, que se desenvolve a partir deste estilo parental, configurando seu papel protetor⁸¹. Além disso, cuidadores que utilizam de monitoria positiva contribuem para que os adolescentes tenham maior competência social e psicológica, maior assertividade e maturidade, o que pode justificar os resultados encontrados na pesquisa⁸¹. Já filhos de pais ou responsáveis autoritários e/ou negligentes, que são pressionados a atender às expectativas dos cuidadores, são pouco ouvidos, suas vontades e demandas não são levadas em consideração, possuem menores habilidades sociais, baixa autoestima, maior dificuldade em desenvolver autoconhecimento, além de problemas afetivos e comportamentais, tornando-se mais vulneráveis às situações de riscos aos quais podem vir a ser expostos, aumentando as chances deles tornarem-se vítima de violência sexual, como foram encontrados nos relatos aqui apresentados^{232,233}. Observa-se uma relação direta entre melhor autoestima e menor chance de ser vítima de abuso sexual²³³.

Embora neste estudo tenha sido encontrado relação apenas com os estilos parentais monitoria positiva, negligência e abuso físico, e não com os demais, chama a atenção que existe uma tendência de indivíduos que sofreram abuso sexual terem maior pontuação nos demais estilos não protetivos que o grupo que não sofreu abuso⁸¹.

Portanto, acredita-se que pais ou cuidadores que estabelecem uma relação afetuosa e de acolhimento, mas ao mesmo tempo monitoram as atividades dos filhos, participam ativamente do seu dia a dia, estabelecem regras e limites bem claros, deixam bem definidas as consequências decorrentes de seus atos, contribuem para que a criança e o adolescente desenvolvam maior autoconfiança, autonomia, melhor autoestima e adquiram ferramentas para enfrentar possíveis dificuldades e contratempos, o que favorece como fatores protetores para situações de risco, inclusive quanto ao risco de abuso sexual⁸¹. A demonstração de afeto, carinho e amor pelos cuidadores para com seus filhos durante a infância está associado ao menor risco de vitimização sexual¹⁹⁶. Já, os filhos de pais ou cuidadores cujos estilos parentais são ditos não protetores, apresentam maior insegurança, menor autoconfiança e autoestima, favorecendo comportamentos de risco e aumentando a vulnerabilidade para a ocorrência de abuso sexual⁸¹.

TEMA 2 – Memórias do Abuso

Este tema refere-se às recordações que os indivíduos têm do abuso sexual sofrido. Por terem vivido a situação de violência há algum tempo, grande parte deles não tinham memória exata e nítida dos fatos, mas apesar disso conseguiram articular especificidades da experiência, talvez por ter sido algo marcante na vida. Foram abordados assuntos referentes ao perpetrador, à descrição do ocorrido, às estratégias utilizadas para evitar o abuso e aos pensamentos e sentimentos relacionados à vivência.

Como referido previamente, dos 22 sujeitos que participaram das entrevistas, três foram vítimas de violência perpetrada por pessoas completamente desconhecidas. Foram sujeitos que tiveram o infortúnio de serem abordados em espaços públicos por estranhos.

A violência, no restante da amostra entrevistada, foi cometida por pessoas conhecidas pelas vítimas, ou familiares ou indivíduos que, de certa forma, conviviam com essas crianças e esses adolescentes conforme mostra a Tabela 6. Quatro participantes da pesquisa foram abusados por mais de uma pessoa, sendo que um deles foi vítima de violência por quatro pessoas e outro, por três, em

momentos diferentes de suas vidas. Dentre os perpetradores encontramos primos, padrastos, tio, avô, sobrinho do avó, condutor do transporte escolar, porteiro da escola, filho da funcionária que trabalhava na casa, vizinho, amigo, professora de natação, namorado, morador da casa (no caso de uma família que morava em uma casa cedida pela igreja); ou seja, adultos, figuras de autoridade, que deveriam estar cuidando destas crianças e adolescentes ou, minimamente, zelando por sua integridade.

Tabela 6. Relacionamento das vítimas com os perpetradores.

Perpetradores	N (%)
Homens	28 (96,6%)
Mulheres	1 (3,4%)
Conhecidos das Vítimas	26 (89,7%)
Primo	6
Padrasto	5
Tio	5
Técnico de natação	1
Avô	1
Namorado	1
Sobrinho do avô	1
Motorista do transporte escolar	1
Funcionário da escola	1
Filho da funcionária que cuidava da casa	1
Amigo	1
Vizinho	1
Morador da casa*	1
Desconhecido da vítima	3 (10,3%)

* a família morava com outras pessoas em uma casa cedida pela igreja.

Cabe voltar aqui à discussão sobre criança, família e sociedade. No livro de Philippe Ariès “História Social da Criança e da Família”, o autor, a partir de documentos históricos, obras de arte, iconografia escreve como a família se transformou desde a Idade Média até os dias atuais (a primeira edição do livro foi

publicada em 1973 e, posteriormente, revisada, sendo a segunda edição lançada em 1981)²³⁴.

Ariès nos relata que por volta dos séculos XIII a XV, a infância era considerada uma fase da vida sem muita importância na visão da sociedade. Tanto a criança como o adolescente eram mal vistos. Havia um sentimento coletivo de que as famílias tinham vários filhos para que se pudessem conservar apenas alguns, como demonstra essa passagem do seu livro:

“[...] vemos uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma mulher inquieta, mãe de cinco pestes, e que acabara de dar á luz: antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos...” (Le Caquet de l’ accouchée – 1622)

As crianças na época Medieval eram tratadas com extrema indiferença, tanto que, quando morriam cedo, eram enterradas em qualquer lugar, como no quintal de casa, “[...]como hoje se enterra um animal doméstico, um gato ou um cachorro”(Ariès, 2014, localização 1069). Nos seus primeiros anos de vida eram consideradas “pitorescas” e “engraçadinhas” pelos adultos, capazes de os divertir, do mesmo modo como as pessoas se divertiam com um “animalzinho, um macaquinho impudico” ”(Ariès, 2014, localização 91). Assim que a criança apresentava condições de viver sem a ajuda constante de seus genitores, principalmente sua mãe ou sua ama de leite, ela era introduzida no mundo dos adultos e passava a não se distinguir mais deles. iam morar em casas de outras pessoas, locais onde aprendiam ofícios e contribuía com todas as tarefas de casa. Raramente voltavam ao convívio dos seus pais:

“ [...] A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental...a transmissão de valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram portanto nem asseguradas nem controladas pela família.” (Ariès, 2014, localização 4717).

Prática comum também, até final do século XVII, para a qual Ariès chama a atenção no prefácio da última edição do seu livro, nos diz muito sobre a falta de importância que a criança tinha nesta sociedade²³⁴. Trata-se do “infanticídio tolerado”. Apesar de ser considerado um crime, ele era praticado secretamente

dentro dos lares, sem culpa e sem o sentimento de vergonha, fazendo com que a eventualidade parecesse um acidente. “[...] crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou para salvá-las” (Ariès, 2014, localização 229). J.L.Flandrin (1972-1973) analisou esta prática oculta*:

“[...] a diminuição da mortalidade infantil observada no século XVIII não pode ser explicada por questões médicas e higiênicas; simplesmente as pessoas pararam de deixar morrer ou de ajudar a morrer as crianças que não queriam conservar.”

Fato também relatado nesse livro, diz respeito à naturalidade e, de acordo com a visão contemporânea, falta de respeito, com que os adultos tratavam de assuntos sexuais diante das crianças. Não havia nenhum tipo de filtro, respeito ou pudor; nenhuma reserva, muito pelo contrário, tudo era permitido, “[...] linguagem grosseira, ações e situações escabrosas, elas ouviam e viam tudo” (Ariès, 2014, localização 2652). Atualmente ficar-se-ia chocado com a “[...] grosseria das brincadeiras, a indecência dos gestos, que na época pareciam perfeitamente naturais” (Ariès, 2014, localização 2589). Algumas histórias sobre o infante Luis XIII, tiradas do diário do médico de Henrique IV, pai do infante, exemplificam o costume de associar as crianças às brincadeiras sexuais dos adultos²³⁴:

“Luís XIII ainda não tem um ano: Ele dá gargalhadas quando sua ama lhe sacode o pênis com a ponta dos dedos. Brincadeira encantadora, que a criança não demora a dominar...Durante seus três primeiros anos, ninguém desaprova ou vê algum mal em tocar por brincadeira em suas partes sexuais...Ele e Madame (sua irmã) foram despidos e colocados na cama junto com o Rei, onde se beijaram, gorjearam e deram muito prazer ao Rei...De fato, as pessoas se divertiam em observar suas primeiras ereções...Tendo acordado às 8h, ele chamou M^{lle} Bethouzay e lhe disse: - Zezai, meu pênis parece uma ponte levadiça; levanta e abaixa...”

* Flandrin J.L. Société du XVII. Revue du XVII siècle apud ²³⁴

Essas atitudes eram possíveis pois se acreditava que as crianças impúberes eram “alheias e indiferentes” à sexualidade, sendo que as ações dos adultos não traziam consequências para as crianças – “neutralizavam-se”²³⁴.

Somente a partir do século XVII, face a grande onda de moralização imposta à sociedade pela Igreja e pelo Estado, esse modo de olhar crianças e adolescentes no seio da sociedade começou a mudar. A partir deste momento, passou a existir cada vez mais um respeito pela vida desses indivíduos. A escola, que veio substituir a aprendizagem, com a “cumplicidade sentimental das famílias” possibilitou a valorização da criança dentro deste núcleo social, que passaram a se organizar em torno dela.

“ [...] A família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre os pais e filhos, algo que ela não era antes. Essa afeição se exprimiu sobretudo através a importância que passou a se atribuir à educação. Não se tratava mais apenas de estabelecer os filhos em função dos bens e da honra. Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude outrora desconhecida.” (Ariès, 2014, localização 120).

Portanto, de ser anônimo e irrelevante, a criança passou a ser foco de grande interesse e preocupação moral, sentimentos mantidos até os dias atuais. Para o abade Goussault*:

“ [...] familiarizar-se com os próprios filhos, fazê-los falar sobre todas as coisas, tratá-los como pessoas racionais e conquistá-los pela doçura é um segredo infalível para se fazer deles o que se quiser. As crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com frequência: alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizades feitas de tempos em tempos as comovem e as conquistam. Algumas carícias e alguns presentinhos, algumas palavras de confiança e cordialidade impressionam seu espírito, e poucas são as que resistem a esses meios dóceis e fáceis de transformá-las em pessoas honradas e probas.”

* Goussault, Le Portrait d'une honnête femme, 1693 apud ²³⁴

Via-se, neste momento, o surgimento de uma afeição dos pais para com os filhos, uma preocupação com a educação, valores morais, futuro, ou seja, têm-se aqui os primórdios da família moderna, que passou a assumir uma função ética e espiritual. Se impôs também, neste período, a noção de inocência infantil, datando daí o início de uma fase de respeito às crianças. Essas começaram a ser preservadas das brincadeiras e dos gestos, promiscuidades dos adultos que “então passaram a ser considerados indecentes” (Ariès, 2014, localização 2970). Nota-se, porém, que apesar da visibilidade e importância conquistada, as crianças continuavam a mercê das vontades e normas impostas pelos adultos, não se caracterizando ainda como sujeito de direito, como temos, de maneira incessante, buscado em nossa sociedade. No início dos tempos modernos, objetivando dar formação moral e intelectual à uma camada da população, até então, insignificante, internar as crianças nos colégios, tratá-las de maneira autoritária, vigiando-as constantemente, enquadrando-as, impondo à juventude disciplina de forma punitiva, era o modo como as famílias podiam demonstrar o seu amor e era visto pelos mestres, educadores, eclesiásticos como necessário e eficaz.

Da precoce vivência no mundo dos adultos, como acontecia na Idade Média, a criança foi separada destes e mantida à distância nas escolas e colégios. “[...] Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até os nossos dias” (Ariès, 2014, localização 116).

Nos séculos XV-XVI, o castigo corporal se generalizou e tanto crianças quanto jovens eram igualmente surradas por seus atos ou pela ausência deles, expondo, a ideia da fraqueza desses indivíduos perante a sociedade que cabia discipliná-los e doutriná-los. Havia tratados de educação para os pais, que os orientavam como deveriam corrigir os filhos, em que momento as crianças deveriam iniciar a alfabetização, conforme descreve documento de 1671²³⁴:

“[...] À noite, os pais deveriam proceder a um exame de consciência: se a criança tiver se portado como homem, será lavada e acariciada. Se tiver cometido algumas faltas leves, os adultos a corrigirão, ralhando, caçoando dela ou inflingindo-lhe alguma pena leve e fácil de suportar. Se tiver praticado alguma coisa do tipo das que se aproximam do crime, como a blasfêmia, o roubo, a mentira, ou tiver proferido algum insulto ou injúria grosseira contra

uma criada ou criado, ou tiver sido desobediente, demonstrando teimosia e arrogância, será surrada com uma vara. A seguir, a criança dirá boa-noite a seus pais e mestres...Finalmente, depois de se despir, deitar-se-á na cama para dormir, sem se distrair com conversas e sem contar histórias ou bobagens. Ela deverá deitar-se de forma a ficar bem decentemente acomodada, e toda coberta, não dormirá nem de bruços, nem de costas, mas de lado...” (La Civilité nouvelle, 1671)

As meninas eram excluídas desta escolarização à qual apenas as crianças do sexo masculino eram iniciadas, para elas, a infância continuava tão curta como era na Idade Média. “[...] A partir dos 10 anos, as meninas já eram mulherzinhas”²³⁴. Eram desde muito cedo educadas para se casarem, treinadas para governar a casa e serem mães de família. As mulheres nesta época mal sabiam ler e escrever. O papel da mulher na sociedade também sofreu alteração, conforme descrito por M. Pelot*:

“[...] assistimos a uma degradação progressiva e lenta da situação da mulher no lar...a mulher casada torna-se incapaz, e todos os atos que faz sem ser autorizada pelo marido ou pela justiça tornam-se radicalmente nulos...a autoridade do marido dentro de casa tornava-se maior e a mulher e os filhos se submetiam a ela mais estritamente...”

A história dos papéis das crianças, jovens e mulheres dentro das famílias e da sociedade continuam sendo escritas e mudadas, mas a base formada nos últimos séculos são muito sólidas e continuam influenciando de maneira imperiosa o modo como muitos enxergam e tratam esses sujeitos ainda nos dias atuais; visões e atitudes que vem sendo, vagarosamente, desconstruídas devido às mudanças sociais, tecnológicas e econômicas que vivemos e, graças, à colaboração de ciências como Medicina, Pediatria, Psicologia, Sociologia, que nos auxiliam no entendimento sobre a saúde física e mental destes indivíduos e na busca de um coletivo mais justo, humano, ético, menos moralista.

* P. Pelot, “La famille em France sous l’ Ancien Régime”, in Sociologie comparée de la famille contemporaine, Colóquios do CNRS, 1955, apud ²³⁴

Por tudo o que foi exposto acima, não se torna espantoso o modo a sociedade continua enxergando, agindo ou se omitindo diante dos mais vulneráveis, como aparecem nas falas dos entrevistados sobre os perpetradores. Crianças naturalmente confiam nos adultos e acreditam que esses, principalmente os pais ou os que desempenham papel parental, deveriam os proteger. Os adultos usam essa relação de confiança para cometer a violação. Vê-se que grande parte dos entrevistados descreve os molestadores como pessoas queridas, divertidas, que brincavam e lhe dispensavam especial atenção, ou seja, os perpetradores utilizam deste artifício e criam situações propícias para o abuso ocorrer. Apresentam, muitas vezes, comportamentos aliciadores para conquistar suas vítimas, fazendo com que elas tenham dúvida das verdadeiras intenções e questionem suas próprias percepções, confundindo se o que de fato está ocorrendo não passa apenas de uma atitude carinhosa:

“...nós éramos muito próximos, brincávamos juntos, ele era o primo divertido, nunca poderia achar que ele seria capaz de fazer algo para me machucar.” (entrevista 2 – Beatriz – abusada pelo sobrinho do avô).

“Foi o perueiro da escola no qual os meus pais e eu tínhamos total confiança. Sempre foi muito legal com todas as crianças e comigo, ele era o tio demais, o tio legal...Eu estava sozinha na perua dele...ele disse para eu sentar na frente, eu sentei na frente. O tempo que eu fiquei lá, eu lembro que ele ficou passando a mão nos meus seios e na minha barriga...eu pensava que ele não sabia que ele estava passando a mão no meu peito, que ele queria passar a mão no meu ombro.” (entrevista 14 – Rebeca – abusada pelo condutor do transporte escolar)

“Meu primo era uma pessoa querida...ele convivia muito com a gente, com o meu círculo de crianças. Que eram vários primos que se juntavam na casa da avó. Então todo mundo ficava junto. A gente brincava. Ele era mais velho, mas ele sempre estava junto, zoando a criançada. Era uma pessoa legal, gostava de conviver com ele, naquela época.” (entrevista 21 – Nicolas – abusado por dois primos em momentos diferentes da vida).

“...no início não achava que meu avô pudesse fazer isso com malícia, afinal, era meu avô, uma pessoa que deveria me amar e proteger.” (entrevista 6 – Ingrid – abusada pelo avô e por um tio em momentos diferentes da vida)

“...ele era um tio que eu gostava muito, muito mesmo, quando eu era menor...ele pegava as camisolas da minha mãe, as de renda, dourada, uma preta, e me fazia colocar as camisolas, e eu achava o máximo, eu tenho flashes dele deitado e eu em cima dele, com a camisola...não sabia que era errado, não sabia o que se passava. Eu pensava, como alguém tão querido pela família pode fazer algo mau? (entrevista 7 – Nicole – abusada pelo tio)

“... a gente brincava muito, a gente saía, corria, andava de bicicleta, jogava futebol, jogava videogame...Ele era bem legal, muito legal...E eu era muito sozinha, então, assim...tinha uma companhia.” (entrevista 4 – Márcia – abusada pelo primo)

“No começo achei que estava doida, me questionei se realmente tinha passado por aquilo, se era, realmente, abuso, ou se estava aumentando muito. Passei a usar uma estratégia para ter certeza que o que estava vivendo não era coisa da minha cabeça, eu mandava mensagem para algum amigo meu e falava: Nossa, olha o que aconteceu, e a pessoa falava: Nossa, que absurdo. E eu acreditava que não era da minha cabeça, e eu fazia isso, sempre que tinha dúvida...E eu passava a acreditar mais, e ia alimentando que era verdade mesmo. Que eu não estava viajando.” (entrevista 12 – Júlia – abusado pelo tio)

“...há cerca de um ano, toda vez que eu ia tomar banho ele (padrasto) queria entrar no banheiro antes, com o pretexto de que eu iria demorar. Desconfiei deste comportamento, pensei na possibilidade dele estar colocando alguma câmera no banheiro para me filmar, mas pensei: eu devo estar ficando louca...” (entrevista 13 – Amanda)

“No início eu tinha um bom relacionamento com o marido da minha mãe, eu conversava muito com ele sobre tudo...Nós éramos bem próximos. Mas aí notei que ele começou a dar umas investidas em mim...E ele fazia isso com a filha dele

e com a minha mãe. Então eu ficava imaginando: nossa, será que isso é coisa de pai e filha?, sabe, mas eu não tinha certeza...” (entrevista 1 – Joana)

Em nenhuma das histórias os perpetradores usaram de violência ou ameaças para persuadir as suas vítimas, isso não era necessário, as crianças se submetiam às vontades dos algozes pois confiavam neles:

“Ele nunca foi violento, não me machucava, nem me ameaçava...” (entrevista 2 – Beatriz)

“Ele nunca me ameaçou, apenas pedia para eu não contar.” (entrevista 3 – Jéssica)

“ Meu primo nunca me ameaçou, ele apenas dizia...não pode falar, porque senão vão brigar com a gente e a gente não vai mais....Porque a gente brincava muito...Ele era bem legal, muito legal. E eu era muito sozinha, então...” (entrevista 4 – Márcia)

“Ele nunca me ameaçou, acho que por eu ser muito boazinha e passiva ele, provavelmente, não acreditava que eu seria capaz de contar.” (entrevista 11 – Larissa)

“Ele nunca me ameaçou, simplesmente pedia para eu não contar. Na verdade, ele me tratava muito bem, melhor do que tratava a minha irmã” (entrevista 8 – Ana)

Os participantes relataram, em suas entrevistas, a natureza da vitimização a qual foram submetidos por seus perpetradores: toque em região genital, nádegas e mamas; sexo oral, vaginal e/ou sexo anal; *voyeurismo*; masturbação na frente da vítima com o intuito de ser visto; solicitação para que a vítima tocasse nos genitais ou fizesse sexo oral com o perpetrador, mostrando como a única vontade prevalente é a do adulto que faz o que bem quer com a criança.

Criados numa sociedade adultocêntrica, na qual, autoriza-se a imposição do poder do adulto sobre a população infanto-juvenil, a qual acredita que os mais

velhos tem sempre razão e suas vontades e escolhas não são questionáveis, crianças e adolescentes acabam por serem subjugados e oprimidos, como vem acontecendo nos últimos cinco séculos. Suas vontades ou falta delas não são consideradas, são sujeitos sem vozes, filhos de uma cultura medieval que se caracterizava pela indiferença e de um posterior sistema patriarcal que há séculos submetem mulheres, crianças e adolescentes aos desejos e caprichos dos dominadores, no caso, dos homens que são criados para acreditar que tudo ao seu redor, principalmente dentro de sua casa/família e tudo que é sustentado pelo seu dinheiro, lhe pertence e lhe deve obediência.

A idade que as vítimas tinham quando sofreram a violência variou de 4 a 24 anos de idade, sendo as violações mais incidentes quando os entrevistados tinham menos do que sete anos, época na qual muitos ainda desconheciam questões relativas à sexo, sendo, portanto, mais indefesos a estas abordagens. Das 26 situações de violência sexual vividas pelos 19 sujeitos (lembrando que quatro vítimas foram violadas mais de uma vez), 13 (50,0%) delas se iniciaram quando os indivíduos tinham menos que sete anos de idade; duas (7,7%), entre os 8 e 10 anos de idade; cinco (19,2%), entre 10 e 12 anos de idade; três (11,5%) entre 15 e 16 anos; e três (11,5%) tinham mais de 16 anos. Cinco (19,2%) violações aconteceram uma única vez e 21 (80,8%), repetiram-se por meses ou mesmo anos. Em duas das histórias, os abusos ainda ocorriam e em outra, havia cessado um ano antes da entrevista ser realizada. A Tabela 7 fornece uma visão geral das características dos abusos vividos pelos entrevistados.

Por serem muito jovens no momento que a violência se iniciou, muitos sujeitos disseram que não sabiam o significado do que estava ocorrendo e eram indiferentes às ações do perpetrador. Outros, apesar da falta de compreensão, achavam a atitude do perpetrador estranha, errada, se incomodavam, sentiam medo deste e/ou da reação dos cuidadores caso tivessem conhecimento do que se passava, mas não tinham autonomia, força para alterar a situação, pois não tinham o controle, eram controlados. Observa-se aqui uma relação de dominação que tornam os corpos dóceis²³⁵. Crianças podem não compreender ou ter a capacidade verbal e cognitiva para reconhecer que a experiência vivida foi abusiva²³⁶:

“...eu tinha sete anos e estava passando alguns dias em uma casa, numa fazenda da família, com outros parentes...Então um tio, marido da tia da minha mãe, que tinha uns 50, 60 anos, ofereceu seu quarto para minha mãe e meu irmão dormirem, mas disse que eu deveria continuar dormindo no corredor...no meio da noite eu lembro que ele começou a passar a mão no meu pé, na minha perna, e foi subindo. Eu não estava entendendo muito bem...Depois ele me puxou para o sofá e pôs minha mão dentro da cueca dele e estava passando a mão em mim lá...No começo eu não sabia o que estava acontecendo...Mas depois que ele me puxou e pôs a minha mão dentro da cueca dele, daí eu já estava quase entendendo...Mas mesmo sem ter certeza, eu me senti desconfortável e com medo do que ia acontecer.” (entrevista 1 – Joana)

“Na época eu não tinha consciência do significado do que acontecia....eu não me liguei na época, só depois...como eu não sabia o significado do que acontecia, não me incomodava.” (entrevista 2 – Beatriz)

“Às vezes a gente estava brincando e ele começava a meio que se masturbar. Eu não percebia, não entendia...ele me levou para o banheiro com ele. Ele me pegou no colo e começou a esfregar assim...eu estava brincando e eu não queria porque eu estava brincando, estava me incomodando...Depois ele me pôs no chão e pediu para eu chupar, lamber, quando ele tirou para fora. Só que eu achava que não podia, né...eu tinha consciência de que o que ocorria era estranho, não deveria acontecer...”. (entrevista 3 – Jéssica)

“No início não me incomodava, as coisas que ele fazia eram indiferentes e não tinham nenhum significado para mim...percebi que tinha alguma coisa errada por causa da reação dele (se refere à reação quando a tia viu e o repreendeu).” (entrevista 4 – Márcia)

“...passava todas as férias na casa da minha tia (irmã do meu pai) e do meu tio...a partir de um certo momento, não sei porque, alguma coisa começou a me incomodar nas idas para as férias. Eu era muito pequena, não sabia o que era, mas alguma coisa no tratamento eu não gostava, por parte do marido dessa minha tia,

começou a me incomodar, mas eu era pequena...quando eu encontrava meu tio, tinha uma sensação estranha, mas não sabia porquê...eu ficava perto dele, eu me sentia desconfortável...” (entrevista 5 – Bruna)

“...eu não sabia o significado dos gestos e ações do meu avô, meu avô me olhava de uma maneira diferente e se masturbava na minha frente, para que eu visse. Embora eu não entendesse o que estava ocorrendo, achava aquilo muito estranho e tinha medo...não entendia o que ele queria dizer, mas eu tinha medo.” (conta com a voz trêmula, embargada pelo choro) (entrevista 6 – Ingrid)

“Eu não sabia o significado daquilo, mas sentia que havia algo estranho no comportamento dele...eu comecei a perceber que estava errado quando eu vi ele de cueca, para mim foi um marco, porque minha mãe não deixava eu ver meu pai tomando banho, minha mãe não deixava eu ver meu pai de cueca...e aí quando ele saiu de cueca, como se fosse uma coisa normal, eu comecei a falar: isso está errado, é errado...ver ele de cueca foi um marco para mim...” (entrevista 7 – Nicole)

“Para mim, aquela situação não me incomodava. Eu não entendia muito o que estava acontecendo, então para mim era uma coisa, entre aspas, normal, sabe? Eu não entendi. E criança...ele pedia: abaixa as calças e a calcinha e eu abaixava. E para mim, não via problema, sabe? Acho que do mesmo modo que achava aquilo normal, no fundo, eu sabia que havia algo errado, afinal ele me levava para outro lugar, longe da visão das pessoas.” (entrevista 9 – Ana)

“Tenho muito claro na minha memória que desde que eu tinha seis anos, o meu padrasto sempre quis ficar muito junto de mim, queria ajudar no banho, a trocar de roupa, me pedia para fazer massagem nele. Esses comportamentos aconteciam, principalmente quando minha mãe não estava em casa. Eu me sentia desconfortável com essas atitudes.” (entrevista 13 – Amanda)

“Apesar de eu não saber o significado do que acontecia, acredito que não tinha prazer ou não gostava do que ele fazia comigo. Eu lembro que algumas vezes eu tentei sair correndo, eu lembro que ele tinha trancado a porta do quarto...Eu lembro

que ele me trancou no quarto, trancou o meu irmão para o lado de fora, eu lembro que eu ficava tentando abrir a porta, eu lembro disso, eu acho que eu não gostava.” (entrevista 2 – Beatriz)

“Aos doze anos, eu ia com frequência na casa de um vizinho de uma prima, para brincar com alguns jogos de tabuleiro. O vizinho era mais velho...usava um massageador...e eu ainda não tinha malícia naquela época...ele levava a gente lá para cima para fazer cócegas, só que daí ele colocava a maquininha em lugares inapropriados, falava para gente gozar, ou se tinha gozado...Eu e minha prima...não entendíamos o significado daquilo.” (entrevista 1 – Joana)

“...meus amigos estavam na perua (da escola) fazendo algumas piadas de cunho sexual e eu estava sem entender nada...quando estava apenas eu e o motorista na perua ele me questionou se eu sabia o que era masturbação, eu disse que não sabia e então ele disse que iria mostrar para mim, pôs a mão no meu peito e falou: quando você sentir prazer nisso...lembro que fiquei bem incomodada com a situação....ele tentou dar uma de pai, me explicar o que era masturbação e que eu não tinha gostado...me incomodava, mas eu não via maldade em nada do que o perueiro estava fazendo...”(entrevista 14 – Rebeca)

“...eu lembro dele...esfregando o pênis dele na minha bunda, sabe?...eu não tinha noção de que aquilo era um tipo de abuso...apesar de não ter noção do significado, fiquei bem incomodada.” (entrevista 15 – Clarice)

“Um dia falei para minha mãe o desejo de colocar absorvente interno...Minha mãe comentou o assunto com ele e numa sessão de massagem (o padrasto realizava massagens na adolescente utilizando o pretexto que isso ajudaria a emagrecer) ele falou: é, sua mãe falou que você estava querendo usar OB® ...ah, deixa eu ver um negócio...Enfiou o dedo lá para ver como era e tudo o mais...eu não gostei...comecei a perceber que estava passando dos limites. Eu ficava apenas de calcinha e ele usava um óleo para passar no meu corpo...aí, foi me incomodando.” (entrevista 8 – Maria)

“ Notei que ele (marido da mãe) começou a dar umas investidas em mim...E eu ficava desconfortável...” (entrevista 1 – Joana)

Interessante notar que neste estudo poucos jovens relataram situações de violência sexual durante o período que estavam na universidade. A pergunta que surge é: houveram poucos relatos de situações de sexo forçado durante este período, pois isso não foi questionado diretamente ou os jovens não consideram as situações experimentadas neste momento da vida como violência sexual? Evidências empíricas sugerem que a maioria das vítimas de estupro não rotula suas experiências como estupro, geralmente contextualizam o evento como “*bad sex*”²³⁷⁻²³⁹. Em metanálise de 28 estudos, incluindo 5917 mulheres vítimas de estupro, encontrou-se uma prevalência de 60,4% de abuso não reconhecido pelas vítimas²³⁷. Portanto, para saber sobre situações de violência sexual vividas durante o fim da adolescência ou na juventude, talvez outro tipo de questionamento se faça necessário para esses jovens.

A história que nos conta Philippe Airès, demonstra como mulheres, crianças e adolescentes eram vistos e tratados pela sociedade, resquícios que são percebidos ainda nos dias de hoje. Parece-me que as reflexões de Michel Foucault também podem nos ajudar a entender este comportamento comedido das crianças e dos jovens em nossa sociedade, das minorias, dos vulneráveis.

Segundo Foucault, os indivíduos eram súditos de regimes de soberania que existiram até o fim do século XVIII; a partir daí, atravessados pelas forças normalizadoras, transformaram-se em uma sociedade disciplinar; e na atualidade passaram a ser uma sociedade de controle^{235,240}.

Observa-se que a partir do século XIX houve uma disciplinarização das famílias, dos espaços, da casa; e de acordo com o livro “Microfísica do Poder”, esta disciplina é exercida sobre todos os corpos e seus atos; é contínua e permanente; se fundamenta em um sistema de vigilância na qual mentes e corpos podem ser moldados por instituições sociais²³⁵. Ao mesmo tempo que os dispositivos sociais protegem e assistem, eles criam mecanismos para controlar. De acordo com Foucault, a disciplina é um instrumento de dominação e controle, dedicado a domesticar os comportamentos divergentes²³⁵. Este comportamento controlador

pode ser visto em relação às crianças e aos adolescentes, que acabam se submetendo às vontades dos mais velhos pois é assim que, costumeiramente, a sociedade está concebida, essa é a verdade no contexto social e histórico em que vivem.

Foucault introduz o conceito de panoptismo, um traço da nossa sociedade e que se caracteriza como uma forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua, formando e transformando os sujeitos em função de certas normas²³⁵. Crianças, mulheres, adolescentes, idosos, loucos são moldados para poderem desempenhar o papel que lhes foi determinado dentro da sociedade. Observa-se uma relação de poder entre dominador e dominado no qual a coação, as relações desiguais, as hierarquias se justificam.

Algumas vítimas, apesar de não saberem o significado do que estava acontecendo ou, não acreditarem no que estavam vivendo, por se incomodarem com o modo como vinham sendo tratadas, criaram estratégias de fuga para se autoprotegerem do abuso; evitando, desta forma, a perpetuação da violência. A ausência de proteção externa, fez com que essas crianças e esses adolescentes criassem mecanismos próprios para se resguardarem; e se nota que as táticas utilizadas foram bem sucedidas:

“...só parou a partir do momento que passei a evitar ficar sozinha com ele...ele frequentava a casa, mas nunca mais fiquei sozinha com ele...eu comecei a sabotar, ele ia lá em casa e eu ficava quieta, eu apagava tudo, desligava a TV, e ficava quieta, e então assim, eu não ficava mais sozinha com ele. Minha mãe falava: fica com o tio que eu vou no mercado; mas mãe eu quero ir no mercado, eu ficava no quintal quando ele estava em casa, porque aí ele não podia fazer nada, porque era aberto para a rua. E toda vez que ele ia, eu não fazia xixi, eu lembro disso, eu não ia fazer xixi, para não entrar em casa, eu fazia na grama, no jardim, mas eu não entrava em casa, ficava lá fora.” (entrevista 7 – Nicole)

“Passei a evitar sentar na frente com ele (motorista do transporte escolar) e comecei a pedir para ir para casa e não ficar esperando meu irmão.” (entrevista 14 – Rebeca)

“Ele sempre falava e me estimulava a fazer exercício pois isso implicava na posterior massagem...depois eu comecei a arranjar um jeito de evitar voltar para casa...Sei que eu fui de um jeito ou de outro tentando me esquivar, eu sempre arrumava coisa para fazer à tarde, na escola. Porque, nesta época, eu estudava de manhã. Eu ia para o trabalho da minha mãe, saía. Fazia qualquer coisa. Mas ficava fora de casa. E acabou que foi se perdendo, tendo com menos frequência. Aí, acabou de vez.” (entrevista 8 – Maria)

“...só parou quando parei de dormir na casa da minha tia e hoje evito ao máximo qualquer contato com esse tio.” (entrevista 6 – Ingrid)

“...eu comecei a não querer ficar sozinha com ele...Comecei a fazer de tudo para nas férias ficar sempre perto da minha tia ou de outras pessoas. Comecei a trancar a porta do quarto onde dormia, não sabia o motivo, simplesmente fazia. Eu não sabia por que, porque eu nunca fiz isso, mas eu simplesmente comecei a trancar. Passei a levar a roupa para o banheiro para me trocar após o banho, o hábito anterior era sair de toalha do banho e me trocar no quarto, mas parei de fazer isso na casa da minha tia. Conforme fui crescendo, parei naturalmente de ir passar as férias na casa deles e fui me afastando.” (entrevista 5 – Bruna)

Culpar-se pela violência sofrida surge em várias falas dos entrevistados. Nota-se que esta culpa faz as vítimas buscarem justificativas em seus próprios comportamentos para as situações vividas. Essa autoresponsabilização pode ser atribuída ao hábito social existente de culpar as crianças e os adolescentes por tudo de errado que acontece a sua volta, esses devem obedecer e respeitar os adultos que nunca estão errados, essa ideia acaba por ser precocemente internalizada e se passa a acreditar que os mais velhos nunca são culpados pelas atitudes que tomam:

“Sabe, assim, quando eu brigava com meu irmão era sempre culpa minha, porque eu era mais velha, quando acontecia alguma coisa, fazia alguma coisa errada, a culpa era minha...Minha mãe, de uma certa forma, sempre criou meu irmão e eu para sermos muito educados. Não, era não...me sentia culpada de ter

aceitado ir com ele ao banheiro...me responsabilizando, de certa forma, por estar vivendo aquela situação. Tinha medo que minha mãe brigasse comigo ou mesmo me batesse.” (entrevista 3 – Jéssica)

“...eu me culpava pelo que acontecia, achava que pelo fato de ser bem feminina, usar top, roupas curtas, isso estimulava o avô a ter esse comportamento.” (entrevista 6 – Ingrid)

“No início eu tinha um bom relacionamento com o marido da minha mãe, eu conversava muito com ele sobre tudo, aí eu acho que ele teve uma abertura errada, entendeu alguma coisa errada....” (entrevista 1 – Joana)

“...me sentia culpada pelo que tinha acontecido... quando eu comecei a crescer, eu entendi que eu devia ter reagido, devia ter feito alguma coisa. Eu me sentia muito impotente e pela minha impotência eu me culpava. Eu ainda me culpo um pouco, mas como estou fazendo tratamento, eu estou conseguindo sair disso e enxergar a verdade...(por deixar o perueiro da escola a tocar)”. (entrevista 14 – Rebeca)

Tabela 7: Idade de início da violência sexual, perpetrador, tempo de duração e revelação, de acordo com o que foi relatado pelas vítimas.

Entrevista	Sexo	Idade de Início	Perpetrador	Tempo de Duração	Revelação	À quem foi revelado ou quem detectou
1	F	7 anos	Marido da tia da mãe	Episódio Único	Dois dias após	Mãe
		12 anos	Vizinho	Vários Episódios	Detectado	Pai
		15 anos	Padrasto	Até o momento da entrevista	4 anos após	Amigos
		23 anos	Amigo	Episódio Único	Dias após	Amigos
2	F	4 a 5 anos	Sobrinho do avô	Vários Episódios	Meses após	Prima
3	F	4 a 5 anos	Morador da casa	Vários Episódios	Detectado	Tios/avôs
4	F	7 anos	Primo	Mais de um ano	Detectado	Tia
5	F	6 a 7 anos	Tio	Vários anos	Há 3 anos da entrevista	Amigas, mãe e tia
6	F	5 a 6 anos	Avô	Até o momento da entrevista	5 a 6 anos após	Mãe, avô e pai
		6 a 7 anos	Tio	Muitos anos	Detectado	Tia
7	F	5 a 6 anos	Tio	6 meses	Detectado	Vizinha
8	F	15 anos	Padrasto	3 a 4 meses	Meses após	Vizinha
9	F	4 a 5 anos	Primo	Vários Episódios	Meses após	Mãe
10	F	7 anos	Padrasto	Vários Episódios	Um dia após	Mãe
11	F	12 anos	Padrasto	3 anos	Dois anos após	Psicóloga e tia
12	F	12 anos	Professora de Natação	Vários Episódios	Meses depois	Mãe
		16 anos	Namorado	Episódio Único	Meses depois	Amigas
		20 anos	Tio	Episódio Único	No dia do ocorrido	Pais e amigos
13	F	6 anos	Padrasto	Até há um ano da entrevista	Alguns anos após	Mãe
14	F	10 a 12 anos	Motorista do Transporte escolar	Vários Episódios	Há um ano da entrevista	Psicóloga, irmão, mãe e pai
15	F	19 anos	Porteiro da Escola	Episódio Único	Não houve	-
16*	F	Não lembra	Desconhecido			
17	M	8 a 10 anos	Filho da funcionária que trabalhava na casa	2 a 3 vezes	Não houve	-
18	M	4 a 5 anos	Primo	Vários Episódios	Detectado	Avô
19	M	6 a 7 anos	Primo	6 meses	Não houve	-
20*	M	Não lembra	Desconhecido			
21	M	8 anos	Primo	Vários Episódios	Há alguns anos da entrevista	Amigos
		12 anos	Primo	Vários Episódios	Não houve	-
22*	M	Não lembra	Desconhecido			

* as entrevistas 16, 20 e 22 foram excluídas da análise pois foram perpetradas por desconhecidos.

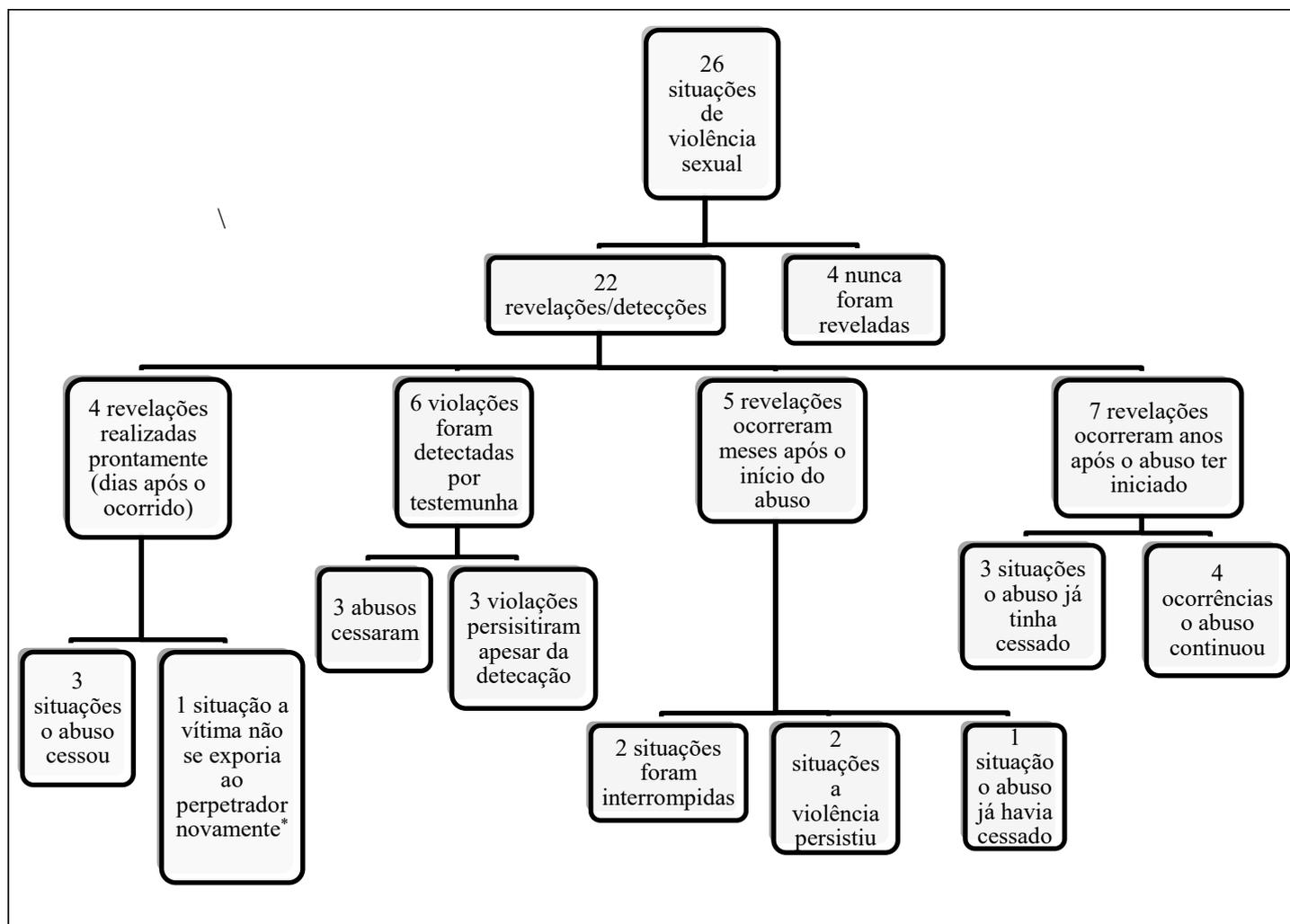
TEMA 3 - Revelação e/ou Detecção

Quando iniciei este projeto de pesquisa, por estar envolvida há três anos com adolescentes vítimas de violência sexual, a pergunta que mais me intrigava era por que as vítimas não revelavam o abuso sofrido (tanto que este é o título desta tese). Tinha uma visão, posso dizer, simplista desta situação, suportada pelas pesquisas que dizem que os números de abusos sexuais são bem maiores do que os publicados, pois trata-se de um tipo de crime subnotificado, no qual as vítimas não dão queixam, não denunciam e não revelam. Para mim estava muito claro: a revelação levaria à conseqüente interrupção do abuso e com a não revelação, o crime se perpetuaria com a mesma vítima ou com outra.

Depois de ler de maneira exaustiva e mergulhar nas histórias contadas pelos sujeitos que participaram deste estudo, entendi quão ingênua era a minha percepção. Revelar ou não revelar passou a ser algo secundário (se tivesse esse conhecimento há três anos, esta pesquisa teria outro título). Revelar, de modo algum, significa interrupção do abuso e não revelar, também, não representa que o abuso não possa cessar. Talvez a pergunta mais importante seja: já que a situação do abuso não pôde ser prevenida, a violência poderia ter sido abreviada? Se sim, por que não foi?

Das 26 situações de abuso perpetradas por pessoas conhecidas da vítima, em apenas quatro (15,4%) delas não ocorreu nenhum tipo de revelação (intencional, não intencional) ou detecção da violação por alguém do convívio. Portanto, a violência sofrida apenas nestes quatro casos não poderia ter sido abreviada e o desfecho não poderia ter sido diferente. Nas outras 22 (84,6%) situações houve revelação (dias, meses e até anos após o início da violência) ou detecção por testemunha. Tão importante quanto saber se ocorreu a revelação e/ou detecção é avaliar quando essas aconteceram e a resposta dada a elas, se o abuso cessou e a vítima recebeu o suporte apropriado. A Figura 1 mostra as situações relacionadas à revelação e/ou detecção, o número de indivíduos que revelou ou não a violência sofrida, se houve detecção, quando ocorreu a revelação e/ou detecção e se a violação cessou apesar de revelada ou detectada.

Figura 1: Número de indivíduos que não revelaram e revelaram a violência sofrida, número de situações na qual a violência foi detectada, quando ocorreu a revelação ou detecção e desfecho da violência após a revelação.



*a vítima foi abusada por um amigo

Apesar de 22 situações de revelação e/ou detecção terem ocorrido, o abuso cessou, como consequência da revelação, em 8 (36,3%) situações; e em 9 (41,0%), o abuso poderia ter sido abreviado, mas persistiu. Em cinco (22,7%) situações, as vítimas revelaram o ocorrido quando o abuso já havia cessado, não alterando o desfecho da história, mas dando a chance delas receberem o apoio e acolhimento necessário, o que não ocorreu na grande maioria dos casos, pois quem recebeu a revelação apenas a escutou, não dando o suporte que a vítima necessitava.

Nas seis situações na qual a violência foi detectada, o abuso continuou ocorrendo em três delas, pois o evento não foi devidamente valorizado pelas

testemunhas. Em uma das situações, a tia presenciou o filho abusando da sobrinha, brigou com ele, mas nada fez; nem sequer tocou no assunto com a vítima posteriormente; nem a tia, nem a vítima contaram sobre o ocorrido e o abuso continuou (entrevista 4 - Márcia); na outra situação, a vizinha presenciou o perpetrador agindo de maneira estranha com a vítima e, a partir de então, começou a tentar evitar que a criança ficasse com o algoz, mas nunca tocou no assunto ou mesmo falou com os pais da sobrevivente, tendo o abuso continuado (entrevista 7 - Nicole); e na última das situações relatadas, a avó presenciou o abuso logo após ele ter iniciado, simplesmente falou com o neto abusador e a história se encerrou aí, mas a violência continuou (entrevista 18 – Murilo):

“Uma vez ele estava assim e minha tia entrou e falou: que é isso? Não pode: Isso é feio, não sei o que, não sei o que...Minha tia, apesar de ter presenciado, nunca tocou neste assunto...Não acho que minha tia imaginava o que estava acontecendo, para ela deve ter sido uma situação pontual.” (entrevista 4 – Márcia) – o abuso persistiu por alguns anos

“Um dia, acho que uma das vizinhas me presenciou no colo dele e, partir deste dia, ela começou a pedir para que eu ficasse na casa dela, acho que ela desconfiou, porque ela falou: estou ficando muito sozinha, eu estou depressiva, será que Nicole pode ficar aqui...eu dou almoço para ela, já que faço almoço só para mim, eu faço para ela também.” (entrevista 7 – Nicole) – o abuso persistiu por meses

“Há cerca de três semanas a um mês atrás fiz uma descoberta que me abalou imensamente, minha avó presenciou um desses momentos. Na época minha avó chamou ele e perguntou: você está louco?, mas decidi por não contar para minha tia.” (entrevista 18 – Murilo) – o abuso persistiu por anos

Em duas situações de violência, apesar delas terem sido reveladas meses após o seu início, houve persistência do abuso. Não foi dada à vítima a devida credibilidade. Observa-se que em uma das situações a revelação foi completamente não intencional, a vítima contou sobre o fato vivido para a vizinha, mas sem o intuito de delatar, pois não tinha ainda consciência que estava sendo

vítima de violência sexual e, apesar da estranheza causada, a vizinha não tomou nenhuma atitude (entrevista 8 - Maria).

“Cheguei a comentar com a vizinha do apartamento ao lado, não com a intenção de revelar algo estranho que estava ocorrendo, mas simplesmente para comentar que estava fazendo algo que funcionava (referente a massagem que o padrasto fazia para ajudar Maria a perder peso), eu achava que era uma coisa que funcionava...Notei que a vizinha teve uma reação estranha ao ouvir a história, mas nada fez, e eu nunca mais comentei com ninguém.” (entrevista 8 – Maria). O abuso durou mais alguns meses

“Quando a gente brigava (vítima e perpetrador) eu ameaçava contar para minha mãe o que ele fazia, mas ele dizia: pode contar, ela não vai acreditar em você mesmo. Um dia eu contei, mas minha mãe não acreditou e ele me desmentiu.” (entrevista 9 – Ana). O abuso durou mais alguns meses.

Nas sete narrativas dos indivíduos que revelaram anos após o início do abuso, quatro situações persistiram e três já haviam cessado quando ocorreu a revelação:

“...contei o que acontecia para minha psicóloga, para a minha tia (cerca de dois anos após o abuso se iniciar)...que imediatamente foi conversar com a minha mãe...minha mãe foi conversar com ele (padrasto) e não sei o que rolou e ela deixou quieto. (entrevista 11 – Larissa). O abuso continuou por mais um ano.

“Sempre falei para minha mãe sobre estes comportamentos dele e, constantemente, eles brigavam por conta disso...A minha mãe sempre encarou estas atitudes dele como naturais, ela sempre quis que a gente aceitasse ele como pai (o padrasto) e eu nunca tive ele como meu pai. Então ela achava que era por rebeldia minha...falava para minha mãe que via maldade no comportamento dele...(entrevista 13 – Amanda). Abuso durou até um ano antes da entrevista.

“Fui crescendo, fui entendendo o que estava acontecendo e a situação ficou insustentável. Primeiro desabafei com meu diário, mas minha mãe achou esse diário, leu e me perguntou o que estava acontecendo e aí eu falei o que estava

acontecendo e tudo mais, mas eles nunca chegaram a ter uma atitude de fato em cima disso que aconteceu. Eles falaram: é só isso então tudo bem, se acontecer alguma coisa física você me fala que aí a gente toma as providências”. (entrevista 6 – Ingrid)

Refletindo sobre as situações nas quais a violência foi presenciada ou revelada e nenhuma atitude foi tomada, algumas explicações podem justificar a passividade, ou mesmo, negligência das pessoas que rodeavam essas crianças e esses adolescentes. Falar sobre sexo ou experiências abusivas é considerado tabu dentro da nossa sociedade. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso para poder proibir^{241,242}. A verdade criada sobre o sexo é que se trata de algo errado, vergonhoso, impuro, por isso, no mundo ocidental moderno, os discursos sobre ele são proibidos. Vivemos numa sociedade na qual se observa uma relutância em falar sobre esse tema devido às normas culturais vigentes e impostas, como a valorização da virgindade; vivemos numa sociedade que produz ou faz circular discursos que funcionam como verdades, e o discurso sobre sexo é um deles, tem sua própria verdade, embaraçosa, carregado de vergonha^{185,212,241,242}.

“...o assunto sexo na minha casa sempre foi um tabu. Sempre fui muito inocente...eu não tinha noção, eu tinha 20 anos. 19, 20 anos, mas eu não tinha noção...meu pai tem uma postura bem machista...” (entrevista 15 – Clarice)

Outra questão interessante é quando as famílias se deparam com um violentador no seu núcleo. A imagem que se tinha de que todo o abusador é um monstro se choca com o ideal de pai dedicado, tio carinhoso, primo brincalhão, padrasto atencioso, avô provedor causando, a princípio, negação, que evolui facilmente para o sigilo, quando não para a descrença e até, culpabilização da vítima. O medo do sofrimento causado ao violentador caso ele seja preso, o medo da desmoralização diante dos conhecidos, o trauma do despedaçamento familiar, fazem com que a agonia da vítima torne-se menor aos olhos dos integrantes da família. Neste caso, o violentador já não é mais um monstro chegando até a se transformar em um coitado que foi seduzido pela lascívia de uma criança ou

adolescente que provavelmente provocou toda a situação, ou está levemente mentindo, ou tenha entendido errado suas intenções de carinho. Muitas vezes a própria criança ou adolescente passam a acreditar nesta versão devaneadora, afinal os adultos estão sempre certos, lembram disso?

E por fim, outra explicação plausível para a omissão diante da detecção de uma situação de violência pode ser dada pela forma como a família passou a ser um núcleo fechado após a Idade Média. Segundo Ariès (2014), até o século XVII a vida das famílias eram públicas, as portas das casas estavam sempre abertas, não havia privacidade, não havia nenhuma intimidade, as pessoas viviam misturadas umas as outras:

“[...] As cerimônias tradicionais que acompanhavam o casamento...como a benção do leito nupcial, a visita dos convidados aos recém-casados já deitados, as brincadeiras durante a noite de núpcias etc., são mais uma prova do direito da sociedade sobre a intimidade do casal.” (Ariès, 2014, localização 5637).

A partir do século XVIII a reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e aos filhos, destruindo a antiga sociabilidade, tornando-se um núcleo fechado, onde os seus integrantes gostavam de permanecer²³⁴. Vida privada, com intimidade, assuntos particulares, tratados internamente, ideias essas que até os dias atuais são respeitadas, conforme dizem nossos ditados populares: “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” e “roupa suja se lava em casa”; mostrando que os problemas familiares devem ser resolvidos dentro da própria família, sem interferência externa, qualquer que sejam as questões.

Dentre os motivos descritos na literatura e também encontrados nesta pesquisa, que impediram a revelação ou levaram a sua postergação foram: dinâmica de poder do perpetrador, ou seja, quando este é o ganha-pão da família; fragilidade na rede social, caracterizando pessoas que, praticamente, não tem para quem contar ou acham que não há ninguém, realmente, preparado para receber a revelação; vergonha; incômodo em falar sobre o assunto; ser rotulada como vítima; preocupação com sentimento de culpa que os familiares possam vir a ter por não

terem sido suficientemente protetores; medo da situação ser banalizada ou de não darem credibilidade ao fato; temor de ser responsabilizado(a) pelo abuso sofrido ou de ser acusado(a) de não ter feito nada para evitar novas tentativas (não ter gritado, corrido); consciência do impacto que a revelação causaria, como por exemplo a preocupação em ocasionar rompimentos nos laços familiares, causar sofrimento demasiado em algum membro da família ou mesmo prejudicar o perpetrador (medo que ele possa ser fisicamente prejudicado, preso ou mesmo morto); receio da notícia ser causadora de mais violência; não entendimento do significado do que vinha ocorrendo; longo período de tempo entre o ocorrido e a conscientização, desmotivando a revelação por provável falta de punição para o perpetrador^{17,165}.

“Essa é uma coisa que eu acho que é uma experiência minha, está dentro de mim, me faz mal...Está escrito isso lá no meu diário, está guardadinho lá, é uma coisa minha que eu prefiro não falar para ninguém. Também por vergonha claro, mas é uma coisa que eu não me sinto bem, sabe? Eu não gosto mesmo... prefiro ficar quieta, é melhor ficar quieta, deixar ali guardadinho, porque não altera em nada minha vida...Meu pai tem uma postura bem machista e provavelmente me culparia pelo que aconteceu...” (entrevista 15 – Clarice)

“Nunca revelei o que ocorreu com meu primo para ninguém...pois é uma situação muito constrangedora, e o clima, na minha família, que já não é bom, ficaria pé em de guerra...até há cerca de cinco ou seis anos, essa situação me incomodava muito, mesmo assim optei por não revelar, seria um desgaste muito grande. Achei que não valeria a pena...Eu evitei muito desgaste, muita dor de cabeça, muita falação...Não me arrependo de não ter falado...Fiz terapia por muito tempo, mas nunca cheguei a abordar este assunto com a terapeuta...Falar sobre esse assunto é um pouco incômodo, tanto que fiquei na dúvida se participaria desta entrevista...me poupou um desgaste (não ter falado), me poupou uma acusação porque você vai receber acusação. Você vai: ah mais você gritou? Você correu?...Acho que se eu tivesse contado para minha tia (presenciou o abuso e repreendeu o primo), eu teria sido poupada de viver tudo que vivi...meu pai tem porte de armas, eu não tenho a menor dúvida que o meu pai, literalmente, mataria ele. Literalmente...no sentido nem um pouco figurado. Seria uma decepção muito grande. Minha avó teria um sofrimento muito grande. Ela e a bisá. E acho que meus

tios não acreditariam...Acho que contar poderia fazer com que as pessoas me vissem de outra forma, me rotulando...Eu acho que é mais confortável ficar na zona de conforto e simplesmente ninguém saber.” (entrevista 4 – Márcia)

“Eu nunca contei a ninguém...pensei em contar para a psicóloga que estava passando...desisti...Não sei qual seria a reação dos meus pais caso eles soubessem. Mas na época eu tinha medo que eles ficassem bravos com o meu primo.” (entrevista 19 – Gustavo)

“Nunca contei isso para ninguém, não contei para os meus pais ou para os meus irmãos...Por vergonha de ter começado a atividade sexual na infância...Jamais contaria para os meus pais. Já tenho dificuldade em contar para eles que eu sou homossexual.... Talvez minha mãe se sentiria culpada...Eu acho que não preciso fazer ela passar por isso. Fazer eles pensarem que eles tiveram uma falha na minha criação, que alguma coisa que aconteceu comigo foi culpa deles. Talvez não foi ou talvez foi. Não quero fazer eles passarem por isso.” (entrevista 17 – João)

“É a primeira vez que estou contando para alguém. Eu nunca tinha contado...inclusive, quando eu fui conversar, uma vez, com a minha mãe, que eu não gostava dele, pensava em contar isso para ela perceber que ele não era uma pessoa boa. Mas acabou que eu nunca tive coragem de contar para ninguém da família.... Nunca conversei com ninguém sobre esse assunto...ficava preocupada com o fato da minha mãe poder vir a saber e se culpar pelo ocorrido. Não queria que minha mãe soubesse (se emociona e começa a chorar) ...Eu tenho vontade de contar, mas tenho medo de não ser valorizada. Acho que algumas pessoas não iriam considerar isso abuso sexual...Acho que meu pai também ia se sentir culpado. Porque ele queria que eu fosse morar com ele...tenho medo de não acreditarem, ou banalizarem o que eu vivi, não acharem que foi abuso sexual, provocar um grande sentimento de culpa nos meus pais e meu namorado, e me acusarem sobre não ter contado antes, ou na época que acontecia...é mais fácil falar para pessoas que não tenho intimidade, que não sofrerão com o que vou contar. ” (entrevista 8 – Maria)

“Nunca contei o que aconteceu quando era pequena...Nunca contei para a minha mãe, pois ou ela não acreditaria nessa história, ou caso acreditasse, a vida dela iria acabar, pois minha mãe idolatra esse irmão...Já meu pai, se soubesse, podia matar ele, o problema é meu pai, porque eu gosto muito do meu pai...Também não gostaria de trazer este assunto na família, eles acham meu comportamento muito avançado para minha idade, sempre me acharam um pouco torta...ninguém acreditaria em mim...Eu consigo imaginar minha mãe falando: Você deve ter seduzido ele, com 4, 5 anos; você já era assim com 5 anos, por isso te coloquei na terapia e a terapia não resolveu...Nunca pensei em revelar quando o abuso estava acontecendo, pois não sabia que era errado, não sabia o que se passava...Nunca contei para os meus terapeutas, nunca, nenhum terapeuta sabe, nenhum sabe...Tenho essa sensação de que se eu contar para um psicólogo ou psiquiatra, vão ficar: nossa, ela foi abusada, meu Deus, tadinha; e aí a conduta, o jeito de lidar comigo muda e eu não quero isso, entendeu, eu não quero passar essa imagem que sou vítima, coitada...a implicação de falar seria com certeza uma separação dos meus pais, com certeza, é claro, para mim é nítido. E não é paranoia minha...Para que eu vou fazer todo mundo passar por isso, não vai mudar o que aconteceu...eu vou trazer um super sofrimento...” (entrevista 7 – Nicole)

“...Por falta de maturidade e por medo, por não entender que eu poderia contar e ter outras repercussões melhores, eu não entendia. Começou muito cedo e eu não consegui, fiquei calada e acabei com medo de ser julgada por não ter contado antes, medo das pessoas falarem: então você estava gostando, né?.” (entrevista 6 – Ingrid)

É importante lembrar que muitos indivíduos possuíam famílias fragmentadas e experimentavam instabilidade familiar, como ausência dos pais, separação ou lares nas quais a violência doméstica era uma ocorrência comum, situações essas que podem inibir a revelação por gerarem a sensação de insegurança nestas crianças e adolescentes^{17,90}. Abaixo estão trechos dos relatos que nos mostram os motivos pelos quais as vítimas não contaram a violência vivida para um ou ambos cuidadores:

“...decidi que não contaria para o meu pai, ele até hoje desconhece esta história, pois me preocupo com a reação dele...Me preocupo muito com minha família caso meu pai saiba do que aconteceu. É uma família muito pequena...se eu contar...Vai ser uma briga, com certeza, muito grande, e a família nunca mais vai se unir...eu sei que minha família já deu uma afastada, claro, porque ela já não faz tanta questão de aparecer, eu não faço tanta questão de ir, minha mãe menos ainda.” (entrevista 5 – Bruna)

“...mesmo tendo um bom relacionamento com minha mãe, preferi não contar para ela (Beatriz contou para uma prima e o abuso cessou). Eu acho que eu tinha medo porque eu achava que ela ia me repreender de alguma forma...eu achava que ela ia brigar comigo. Após ter me conscientizado que tinha sido vítima de abuso sexual, preferi continuar mantendo o fato em segredo...ia ser um estresse, até porque, a família desse primo já tem muitos problemas...eu achei melhor não complicar, eu achei melhor manter assim...eu comecei a perceber que não era uma coisa muito legal contar, porque meu outro primo ficou muito estressado, e tudo mais, eu acho que fiquei me sentindo meio culpada de fazer meu primo voltar para o Rio de Janeiro...de certa forma eu não queria ter prejudicado ele.” (entrevista 2 – Beatriz) - apesar de não ter consciência do que estava se passando, contar para a prima trouxe, na sua percepção, consequências negativas para o perpetrador (primo), o que a fez sentir-se culpada, desestimulando-a a comentar o fato com outras pessoas

“Se minha mãe não tivesse lido meu diário, eu não teria contado, pois minha mãe sempre foi muito agressiva...então a gente tinha receio de que pudesse acontecer o pior...Gostaria que resolvesse, que não acontecesse nunca mais, mas não chegar em uma situação onde você tem agressão física ou até morte....minha mãe não sabe que isso aconteceu mais de uma vez e não sabe que isso ainda acontece, nem mesmo como eu me encontro devastada pelas situações que aconteceram...acho que ela ficaria com bastante raiva porque a questão de ela ter me deixado com os meus avós foi uma necessidade, de ela ter se afastado, não estar presente foi uma necessidade e ela não imaginava que pudesse acontecer tudo isso.” (entrevista 6 – Ingrid)

“...nunca cheguei a contar isso para minha mãe (o abuso perpetrado pelo padrasto) porque ela está nesse casamento, ela o ama, ele é bom para ela...é um pensamento meio dúbio...se eu contasse, eu ia ser a vilã da história...Eu revelaria o abuso que sofri pelo marido da minha mãe se soubesse que ele não faz bem para ela, mas de certa forma ele faz bem para ela...Ajuda ela em tudo que ela precisa...Se ele não fizesse bem para ela, provavelmente eu já teria contado. Ou se ele já tivesse se separado dele há muitos anos e eu soubesse que ela não ia voltar. Mas até hoje eu acho que ela não acreditaria em mim.” (entrevista 1 – Joana)

Crianças, frequentemente, descrevem o impacto de ter um espaço seguro, privado que os permitiria revelar¹⁷. Neste trabalho, isso nem sempre ocorreu, muitos dos adolescentes e adultos jovens não revelaram a violência vivida nem mesmo em ambiente de terapia. Alguns dos entrevistados fizeram terapia por longos períodos e nunca abordaram essa situação com seus terapeutas conforme observamos nas entrevistas 4 (Márcia), 7 (Nicole) e 19 (Gustavo). Percebe-se que Nicole não queria ser estigmatizada pela experiência vivida; já Márcia e Gustavo não sentiam a terapia como um ambiente seguro e acolhedor.

Atributo importante para a não revelação ou para a sua postergação é a falta de entendimento que a vítima possui sobre o tema sexo. Geralmente ela não sabe definir o que é violência sexual ou uma situação abusiva no momento em que está ocorrendo, pois nunca nada lhe foi dito ou explicado sobre o assunto. Muitas crianças, nem mesmo, tem conhecimento sobre assuntos relativos à sexo. Estudo publicado em 2015 mostrou que a imaturidade do indivíduo quando o abuso ocorre faz com que a situação não seja completamente compreendida, dificultando a capacidade e vontade de contar sobre a violência sofrida; os participantes relataram falta de compreensão sobre sexualidade, confusão sobre o abuso e explicaram que lhes faltavam ferramentas e palavras para relatar o ocorrido¹⁷.

Observa-se que a falta de informação pode ser vista como um fator de risco para que crianças e adolescentes não revelem a violência vivida ou a revelem apenas muito tempo depois. Conversar com e esclarecer essa população sobre a possibilidade da violência sexual acontecer por parte de um parente ou alguém próximo é a forma mais eficaz de prevenir essa atrocidade e facilitar a sua

revelação. É urgente que a educação sexual nas escolas seja uma prática; instruir precocemente, falar abertamente com crianças sobre temas relacionados a sexo, aos limites do próprio corpo, a toques indesejados são de extrema importância para que elas possam falar com segurança sobre suas percepções e seus incômodos com o intuito de se protegerem. Cuidadores devem “dar permissão” para as crianças saírem de situações que as deixam desconfortáveis: “Se alguém fizer alguma coisa com você ou pedir para que você faça alguma coisa que não lhe pareça certo, tudo bem dizer NÃO, e você deve me contar, independente de quem a pessoa seja” (American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 2011).

Observam-se abaixo, relatos de sujeitos que revelaram o abuso, a partir do momento que se conscientizaram de que estavam vivendo ou tinham vivido uma situação de violência sexual, muitas vezes anos após o abuso, em alguns casos a violência nem estava mais ocorrendo, mostrando a importância de instrumentalizar as crianças sobre esta temática. Há ainda falas de sujeitos que revelaram quando a memória sobre o abuso foi recuperada, uma vez que ficou por longo tempo suprimida. A conscientização ou mesmo as lembranças dos fatos, despertaram em muitos, a necessidade de dividir com alguém, de desabafar; ou mesmo de revelar para que alguma providência fosse tomada e o abuso cessasse. Manter o assunto em segredo, tornou-se algo muito sofrido, insustentável:

“Aos 10 anos quando voltei a comentar sobre esse assunto com a minha mãe, já tinha noção da gravidade do ocorrido. Nesta época já não acontecia mais. Quando eu tomei conhecimento do que tinha vivido, precisava verbalizar. Eu precisava contar aquilo para alguém. Sabe uma coisa quando te deixa mal e você fica para baixo? Eu precisava contar. E eu lembro que neste dia que eu fui contar para minha mãe eu chorava, desesperada. Chorava e chorava...como se fosse culpada, sabe?” (entrevista 9 – Ana)

“Quando eu estava no primeiro ano de faculdade, resolvi passar um fim de semana na casa da minha tia e do marido dela. Segunda-feira pela manhã minha tia pediu para o marido me levar até o metrô de carro. No trajeto, ele começou a dizer que me viu crescer, que eu estava me tornando uma mulher muito bonita, que

sempre teria tudo que quisesse, era muito inteligente, poderia ter todos os homens aos meus pés e pediu que lhe desse um beijo...Foi neste momento que lembrei de tudo:...Aí foi que eu lembrei, que eu me dei conta do que acontecia, mesmo...Todas as memórias vieram à tona, tudo ficou claro...Inicialmente eu contei para duas amigas da faculdade, para tentar entender melhor o que estava acontecendo...depois de um tempo, não conseguia lidar com tudo aquilo...tomei a decisão de contar para minha mãe, mas apenas para minha mãe...Minha mãe ficou muito mal, muito triste, chorou muito...Resolvi que tinha que falar com a minha tia também...não tinha como ficar em silêncio...Ela também ficou em choque, chorava muito...Eu demorei para contar porque simplesmente não lembrava de nada...memória reprimida que eu não sabia que estava lá, eu não pensava sobre isso, mas também não sabia que ela estava lá...tinha algo que me incomodava, sempre, sempre.” (entrevista 5 – Bruna)

“Por um tempo, para mim, aquilo não tinha ocorrido...Entrei em contato com a situação há cerca de um ano, quando comecei a fazer terapia. Só me lembrava da primeira cena, com a terapia me lembrei da segunda e comecei a apresentar falshes. Foi há dois meses atrás, eu conversando com minha psicóloga e falei: eu fui abusada, foi um tipo de abuso sim...E aí no momento que eu aceitei, eu acreditei...O primeiro a ficar sabendo foi o meu irmão, que ficou muito revoltado com o que aconteceu. Na semana da entrevista contei para os meus pais, primeiro para minha mãe e depois para o meu pai. Eu estava muito angustiada mantendo isso em segredo...Gostaria de tornar isso público, saber se outras pessoas passaram pela mesma situação...” (entrevista 14 – Rebeca)

O imenso estresse causado por um trauma na infância, como a violência sexual, pode alterar o funcionamento da memória, reprimindo-a; trata-se de alteração adaptativa que serve como fator de proteção para a criança que vivenciou o abuso sexual, até que ela esteja conscientemente hábil para lidar com a experiência traumática^{10,244-247}. Geralmente, algum estímulo ou evento da vida, o impacto da mídia, trazem as lembranças à consciência^{10,244-247}. Estudo realizado com 1679 estudantes encontrou que indivíduos que relataram experiências mais

severas de violência sexual foram mais propensos a relatar “esquecimento temporário” do abuso²⁴⁴.

Muitas vítimas, apesar de revelarem e da violência ter cessado, não se sentiram acolhidas e amparadas por seus cuidadores ou por seus familiares. Muitas sentiram-se e sentem-se, até hoje, profundamente decepcionadas e desamparadas pela banalização com que o assunto foi tratado. Os eventos foram muitas vezes subestimados por aqueles que receberam a revelação. Para as mães cujas filhas foram abusadas por seus companheiros, a revelação do abuso gera perdas e exige uma decisão: em quem acreditar. A decisão de acreditar na filha pode resultar em mudanças na família, além de perderem seus companheiros, podem perder o status social, a autoestima, em função de terem se envolvido com uma pessoa capaz de cometer tamanha violência; e a segurança material, pois em muitas situações o companheiro abusador é o principal provedor do sustento da família^{248,249}.

“Quando meu pai descobriu um tempo depois, simplesmente pediu para minha prima e eu não irmos mais lá.” (na casa do vizinho da prima – perpetrador) (entrevista 1 – Joana)

“Uma vez, minha tia presenciou meu tio abusando de mim. Ela ficou muito irritada, colocou o tio para fora de casa, mas logo os dois reataram o relacionamento...hoje evito o máximo qualquer contato com esse tio.” (entrevista 6 – Ingrid)

“...comecei a perceber...que toda vez que eu ia tomar banho ele queria entrar no banheiro antes...pensei na possibilidade dele estar colocando alguma câmara no banheiro para filmar...comentei com a minha mãe que, como sempre falava, disse que era minha imaginação. Até que um dia...encontrei um suporte para celular, o aparelho encapado, apenas com a câmara aberta. Chamei minha mãe, que foi tirar satisfação com o meu padrasto. Ele se defendeu, chorou, falou que tinha sido a primeira vez, que estava com a mente fraca, que foi na ideia das outras pessoas, e aí minha mãe acabou entregando para ele o celular...meu padrasto foi para um hotel e, desde então, novembro de 2016, não voltou mais. Mas minha mãe

continua se encontrando com ele...Eu esperava que ela (mãe) acreditasse em mim, porque eu falei que não foi a primeira vez que ele fez isso e minha mãe acredita que foi a primeira vez; que ele não vai mais fazer isso; que ele está arrependido. E eu esperaria que ela creditasse em mim...que ela se separasse dele; mas não aconteceu...acho que minha mãe não acredita em mim...contei para uma tia que mora no interior, que inicialmente pareceu me apoiar...mas depois ela acabou não ligando muito e dando mais atenção para minha mãe. Ela falava você tem que pensar na sua mãe; você não pode ser assim rancorosa com tudo...Antes eu estava assim, com raiva, com ódio, principalmente da minha mãe; eu não estava nem conversando com ela..." (entrevista 13 – Amanda)

"...estava bem assustada e mandei mensagem para os meus pais que falaram: Olha, a gente não tem como te ajudar, lida aí...no dia seguinte...contei para ela (tia) o que tinha acontecido: porque meu tio abusou de mim. Minha tia não acreditou no que contei: você está mentindo...Não sei, mas você está mentindo, como o seu tio iria fazer uma coisa dessas...não, não é possível...Ela (tia) era muito próxima e achava que me protegeria frente a uma situação como essa...Mas aí ela perguntou: Mas o que é abuso para você?...Você sabe que você destruiu o meu casamento, né? Você não pode falar isso para ninguém e eu falei: Então agora eu vou ser silenciada por uma coisa que cara fez, olha o que você está me pedindo...vítima você não questiona, você acolhe, e você não sabe acolher, você não pergunta se ela está falando a verdade, você questiona quem abusou...Não tive nenhum apoio dos meus pais, eles falaram que eu só queria arrumar problema." (entrevista 12 – Júlia)

"...minha tia, eu tenho um vínculo muito legal com ela, mas ela continua conversando com ele, então, eu não consigo entender esse tipo de coisa, as pessoas continuam aceitando ele, fingindo que não aconteceu...Às vezes me pergunto se minha mãe acredita em mim, pois para mim é impossível entender, não cabe, na minha cabeça as coisas não se encaixam, às vezes eu pergunto: será que realmente ela acredita em mim?. Eu não consigo entender, eu falo: eu não posso julgar, não sou mãe ainda, mas não sei se realmente ela acredita em mim ou não...eu saí da casa da minha mãe, foi bem difícil, eu chorava o tempo inteiro

porque sentia saudade, e no começo eu fiquei com raiva porque ela continuou lá na casa dele, mesmo sabendo...enfim...minha mãe ainda está com ele (padrasto). Minha mãe tentou se separar, mas ficou apenas um mês afastada. Minha mãe me disse que nem gosta mais do marido, mas as coisas são difíceis e por isso está com ele, eu não consigo entender, porque eu não sou mãe ainda, mas acho que se eu fosse mãe, mesmo que eu não tivesse para onde ir, acho que eu ia morar com meus filhos embaixo da ponte, mas eu não ficaria com uma pessoa dessas, eu não conseguiria dormir ao lado de uma pessoa dessas. Mas eu não quero julgar ela, nem entender os motivos, pois isso me dói...hoje em dia eu acho que o que eu tenho de mágoa é isso. Eu tento não ficar cutucando essa ferida, mas acho que uma coisa que eu preciso resolver ainda é isso: de não entender como uma mãe consegue.” ... (entrevista 11 – Larissa)

“Apesar da minha mãe não ter duvidado de mim, acho que não tive muito acolhimento, sinto que talvez eu teria que ter sido também levada para falar com alguém, entendeu?...ele foi tratado e eu nunca fui... (chorando muito)...Acho que se tivesse feito algum tipo de acompanhamento psicológico, se a minha mãe tivesse se separado dele e não precisasse conviver mais com ele, minha dor seria minimizada, eu até posso entender o porquê ela não se separou, acho que a gente já passou por vários altos e baixo em relação à questão financeira, então, talvez, na época ela não tivesse como sustentar uma casa comigo, uma criança pequena, a casa é dele, ela talvez não tivesse condições.” (entrevista 10 – Cláudia)

“Minha tia ainda está com ele...na visão dela foi um conjunto de maus entendidos. Ele nunca fez algo assim, na minha cabeça eu entendi diferente, mas na cabeça dela foi isso, foi o que ela decidiu, eles estão juntos e eu convivo com ele hoje em dia...Apesar da atitude da minha tia...eu gosto muito dela...eu aceitei...falei assim: Vou tentar levar assim, por ela...nos eventos de família que precisar eu fico perto dele, por ela...tocar neste assunto novamente com a minha tia poderia nos afastar definitivamente” (entrevista 5 – Bruna)

Contar para alguém sobre a violência pode tornar menos intenso os danos físicos e mentais; por outro lado, revelar para a pessoa errada pode piorar o

trauma¹¹⁴. Estudos realizados mostraram que sobreviventes que revelaram o abuso durante a infância e vivenciaram reações negativas (como descrédito ou culpa) tinham maiores níveis de TEPT do que aqueles que vivenciaram reações positivas^{103,110}. Portanto, como observado nos relatos acima, apesar de terem ocorrido muitas revelações ou mesmo detecções, em grande parte dos casos, as vítimas não receberam o suporte necessário, o que pode ter levado aos inúmeros prejuízos para a saúde física e mental que serão abordados no próximo tema.

Importante relatar que apenas três situações (11,5%) foram formalmente denunciadas para as autoridades (Larissa – entrevista 11, Jéssica – entrevista 3, Joana – entrevista 1). É neste contexto que vemos o triste desfecho que os casos relatados tiveram: nenhum perpetrador foi punido pelo seus atos. Alguns sobreviventes não tinham conhecimento que poderiam denunciar após longo período de tempo e outros optaram por não prestarem queixa, pois tinham em mente que seria perda de tempo e exposição desnecessária. Duas vítimas tentaram denunciar, mas as dificuldades impostas as demoveram da ideia.

“Minha mãe não queria que eu fizesse uma denúncia. Procurei, então, onde tinha uma delegacia da mulher e fui sozinha realizar a denúncia. Eles falaram que não era lá; que eu tinha que ir em outra delegacia que era mais próxima da minha casa...que para mim era muito mais difícil de ir...demorei para ser atendida, estava sozinha. Cheguei lá, a delegada me tratou bem mal e aí falou assim: você tem o celular?...você tem que ver se a sua mãe consegue o celular para você, para a gente ter alguma prova...eu falei: ele saiu de casa. Ela disse: mas eu preciso de um endereço. Não tem como abrir um BO (Boletim de Ocorrência) sem endereço...você vai lá na sua casa, pergunta para sua mãe onde ele está morando; pede para ela conseguir o celular e volta aqui que eu abro o BO.” (entrevista 13 – Amanda)

“Eu saí de casa e fui até a delegacia mais próxima, andando, e quando eu cheguei lá eles falaram que eu precisava de provas porque só por falar não dá para acusar ninguém. E falaram para eu procurar a Delegacia da Mulher, que era longe, eu lembro, mas eu fui...e eles me aconselharam a gravar, a fazer algum vídeo que mostrasse o ato dele e que fosse algo agressivo e tudo o mais. Cheguei em cada e até tentei (gravar), mas é aquele negócio, quando ele começa, a única reação

que eu tinha era de me trancar no quarto...mas eu ficava muito nervosa na hora, eu ficava muito ansiosa, ficava com raiva, ficava com tudo.” (entrevista 6 – Ingrid)

O despreparo da rede de apoio às vítimas em manejar adequadamente os casos é constatado e envolvem desde os profissionais da área de saúde, educadores, assistentes sociais, juristas até as instituições escolares, hospitalares e jurídicas. Observam-se como os trabalhos nestes campos são fragmentados e desorganizados. Pela lei, crianças e adolescentes deveriam estar protegidos das situações de violência ou ser, prontamente, amparados, no caso de ocorrência, conforme vemos nas deliberações do ECA: “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”, sendo que “os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais”¹²⁴. Infelizmente, observa-se que estas determinações legais acabam por não serem respeitadas.

Os Conselhos Tutelares (CTs) foram criados e instalados em todos os municípios do Brasil após a promulgação do ECA em 1990. Determinou-se que cada cidade deve ter pelo menos um CT, o qual é formado por cinco conselheiros da comunidade, escolhidos para um mandato de três anos pela sociedade civil, com o intuito de desjudicializar as práticas, inibindo a prática policial^{124,250}. Os Conselhos Tutelares devem funcionar de forma autônoma e tem como função receber e acolher denúncias de situações que violam as determinações do ECA, assim como orientar e encaminhar casos para os órgãos jurídicos competentes¹²⁴. Apesar da ação dos CTs ter ganhado intensa visibilidade nacional na política de proteção às crianças e aos jovens no Brasil, por ser o principal órgão de recepção de situações de violação de direitos, na prática muitos problemas são encontrados²⁵¹. Toda infraestrutura dos CTs deve ser respaldada pela prefeitura, porém, normalmente, os municípios não dispõem de recursos financeiros e da rede de equipamentos sociais das quais os CTs necessitam para dar a garantia efetiva

dos direitos da criança e do adolescente, tornando o trabalho dos conselheiros precário e desgastante²⁵².

Vê-se ainda um despreparo por parte de muitos conselheiros que não recebem treinamento específico e não possuem qualificação suficiente para trabalhar com a escuta atenta, o acolhimento, o encaminhamento e o acompanhamento dos casos; observa-se que muitas vezes eles não estão sensibilizados com as necessidades do núcleo familiar e com o contexto social no qual vive a criança e o adolescente, e não estão aptos a lidar de forma mais abrangente com as questões trazidas, se restringindo, apenas, à denúncia²⁵¹⁻²⁵⁴. Os CTs, muitas vezes, têm se colocado como um espaço de controle dos indivíduos, determinando normas para o ajustamento social, ditando regras sobre o que é o ideal de família e, acabam desta forma, por responsabilizar os próprios sujeitos atendidos e os seus familiares pela situação de violência vivida^{251,255}.

Observa-se também uma descontinuidade entre a denúncia, o atendimento pela rede e a sentença judicial. Por estes inúmeros motivos relatados, buscar o CT para denunciar a violência vivida ou presenciada parece ser desestimulante, uma vez que parece não haver resolução dos casos de forma efetiva. Me parece urgente que o *modus operandi* dos CTs seja revisto, que as estratégias utilizadas sejam reavaliadas, os conselheiros sejam treinados e possam ter a seu alcance todos os instrumentos materiais e sociais necessários para desempenho adequado de suas funções, de maneira a revitalizar a ação deste importante órgão de proteção integral à criança e ao adolescente.

A ausência de denúncia dos casos de abuso sexual implica em fator de risco para a revitimização desta e de outras crianças ou adolescentes, bem como contribui para a impunidade dos agressores, que também podem se beneficiar pela ausência de provas materiais do crime¹⁴. A responsabilização penal é um dos mecanismos sociais para romper com o ciclo de impunidade e permissividade em relação às violências sexuais cometidas contra crianças e adolescentes.

TEMA 4 – A Conscientização e as Consequências para a Vida da Violação

Ficou evidente nos depoimentos que a conscientização sobre ter sido vítima de violência sexual ocorreu, na grande maioria dos casos, no fim da infância ou início

da adolescência, quando os indivíduos passaram a ter conhecimento sobre assuntos relativos a sexo. Para alguns, é a partir deste “acordar” para o fato que o sofrimento se inicia. Relatos de depressão, ansiedade, problemas sexuais, anorexia, tentativas de suicídio foram frequentes, conforme é bem descrito na literatura. Revisões sistemáticas de estudos transversais relacionam de maneira consistente o fato de ter sido vítima de violência doméstica e/ou abuso sexual e possuir algum transtorno na saúde mental²⁵⁷⁻²⁶⁰.

Mulheres que foram vítimas de abuso sexual têm três vezes mais chances de apresentar transtornos depressivos, quatro vezes mais chances de apresentar sintomas ansiosos e sete vezes mais chances de vir a ter TEPT, quando comparadas às mulheres que não foram vítimas; mais da metade das vítimas de estupro já tentou suicidar-se como resultado das experiências vividas²⁵⁷⁻²⁶¹. Pesquisas mostram uma associação entre abuso sexual e dificuldades sexuais subsequentes como problemas com excitação e desejo, anorgasmia e dor durante a relação sexual^{262,263}. Associação significativa entre violência sexual, sintomas psicóticos, abusos de substâncias e transtornos alimentares também têm sido relatadas²⁵⁷⁻²⁶⁰. Interromper o ciclo de violência poderia diminuir a prevalência de problemas relacionados à saúde mental em até um quarto²⁶⁴.

“Quando eu fiz oito vi uma notícia na televisão sobre pedofilia e perguntei para o meu pai o que era um pedófilo. E aí me dei conta que meu tio era pedófilo. Quando tinha 12 anos, eu tinha na escola aulas e palestras sobre relação sexual e aí pensei: ele me abusou, e o abuso veio na minha cabeça, isso aqui foi abuso...Lembro que por volta dos 13 ou 14 anos, essas memórias (abuso) passaram a me influenciar muito e eu ficava muito mal, eu não queria ir para a escola, tipo um estado depressivo, eu fiquei muito mal. Na época voltei a fazer terapia...Hoje em dia, tenho dificuldade de ter contato com outras histórias de abuso. Não consigo ter relação sexual com ninguém que esteja com hálito de bebida.” (entrevista 7 – Nicole)

“O que eu vivi influenciou bastante minha vida, principalmente a parte sexual. No começo tinha muita dificuldade para ter relação, para conseguir, não me sentia a vontade. Não era uma coisa que eu me sentia a vontade...Sabe, começava a incomodar. Então tinha muita limitação...Fui diagnosticada com TDAH (Transtorno

de Déficit de Atenção e Hiperatividade) na faculdade, mas tenho sintomas desde os sete ou oito anos, quando o abuso começou a ocorrer...Não acho que o meu déficit de atenção e hiperatividade esteja associado ao que me aconteceu...” (entrevista 4 – Márcia)

“Esse ano eu tive assim muitas crises de ansiedade, de ficar sem ar, palpitação; insônia; pesadelo...o que mais me dificulta é a insegurança que eu tenho em mim mesma. Acho que essa insegurança se deva a situação que vivi e a falta de credibilidade de minha mãe. Quando eu tinha 12 anos tomei remédio pensando em suicídio, mas eu fiquei bem sonolenta, dormi, tomei remédio bem fraquinho. Eu não contei para ninguém; e esse ano eu pensei de novo sobre suicídio...Meio que eu finjo...que nada aconteceu, com o meu padrasto...é bem difícil porque eu queria que ele, sei lá, que morresse.” (entrevista 13 – Amanda)

“...em algum momento da minha vida, depois de grande, queria saber se tinha sido um abuso sexual. O que era...E aí, eu calculei que ele deveria ter por volta de 18 anos e eu, oito. E aí eu percebi que fui vítima de abuso sexual...Eu sei que isso tem consequências na minha vida sexual, hoje. A minha vida sexual é completamente diferente da dos meninos que são gays, homossexuais. Porque eu não consigo me envolver, sexualmente, com as pessoas. Para eu conseguir me envolver sexualmente, fazer sexo, ter tesão, ter uma ereção...preciso criar uma intimidade com a pessoa. Se eu não sentir que sou íntimo da pessoa...Não rola, não acontece...Preciso ter um vínculo. E eu acho que é por causa do abuso, talvez...Mas isso me atormenta até hoje. Não sei dizer se isso é um problema...é algo que eu tenho que lidar hoje ainda” (entrevista 21 – Nicolas)

“Minha mãe conversou comigo sobre sexualidade quando eu tinha aproximadamente 13 anos e, então, minha ficha caiu, mas eu nunca pensei nisso, só voltei a pensar sobre o assunto aos 16 anos...Relembrei dessa situação há cerca de um ano, quando comecei a fazer terapia...Desenvolvi alguns problemas por conta disso...Tenho depressão profunda, diagnosticada faz pouco tempo. Aos 13 anos tinha ideação suicida...Não consigo me relacionar com homens de maneira nenhuma, o máximo que eu consigo fazer é beijar. Não gosto que me toquem, não

gosto que me olhem com olhar de desejo também. Dificuldade de aceitar minha própria sexualidade, eu estacionei nos 12 anos, eu não saí de lá... Com 13 anos, eu lembrei dessa cena que eu estava sentada na janela... Eu olhei para baixo e pensei que eu poderia me jogar, ia morrer rápido... eu não me relacionava, eu precisava saber o porquê eu estava assim. O que me deixava tão... O que me impede de me relacionar com alguém sexualmente?... Quando eu comecei a fazer terapia, primeiro pelo depressão e para entender o porquê eu estava naquela situação, eu fui juntando tudo... Eu vomitava todo dia no cursinho quando eu chegava, não conseguia ficar nas aulas, meu coração disparava, comecei a ficar muito doente... era uma angústia muito forte que eu tinha, e eu ainda tenho... Além da intenção de me matar, tive vontade de me cortar, mas nunca tive coragem... quando eu penso no abuso, como aconteceu há umas duas semanas... me deu taquicardia e eu comecei a fazer tabela do que eu tinha que fazer até o final do ano... Deu cinco minutos, começou a voltar. Eu tirei a página e fiz outra tabela. E aí eu fiquei fazendo várias tabelas, várias tabelas até passar. Eu já tinha feito oito tabelas, de calendário, de quanto eu podia gastar até o final do ano, por mês. Eu acho que ao invés de eu me machucar fisicamente, é um martírio psíquico isso... nunca tinha linkado a depressão, a ideação suicida, as questões da sexualidade, com o que sofri... e descobrir o que motivou tudo isso foi muito bom. Eureka... quando eu falei em voz alta que eu fui abusada. Foi um estouro... foi como se eu tivesse me libertado em saber o porquê que eu passei por tudo aquilo, como é que eu cheguei agora no que eu sou e como isso me impactou..." (entrevista 14 – Rebeca)

"...não conseguindo lidar com aquilo tudo (lembração que tinha sido vítima de abuso pelo tio), eu tive uma espécie de surto, no meio da rua... mas bateu um desespero imenso, eu comecei a chorar, não sabia o que eu estava fazendo... eu comecei a fazer tratamento para depressão... meu sofrimento era imenso, aquilo estava me machucando demais, entrei em uma tristeza sem fim. Eu parei de vir para a faculdade, parei de comer, parei de fazer qualquer coisa. Não queria fazer nada com nada... eu estava um caco. Um dia que eu estava desesperada, desesperada, totalmente, eu lembro que eu tomei quase uma garrafa inteira de vodca sozinha, e tomei todos os remédios que tinham em casa, inclusive os antidepressivos, tomei tudo o que encontrei... todos os meus problemas

apareceram depois que eu me lembrei do que realmente tinha acontecido...Acho que tudo que vivi influenciou de certa forma a minha vida afetiva e sexual, mas essa é uma conclusão que eu só estou tendo agora, depois que passei por tudo aquilo, depressão, por tudo, é como se eu tivesse passado do fundo do poço para o alto da montanha russa...porque depois que eu voltei a sair e tudo eu passei a beber demais, sair demais, a dormir com pessoas demais. Para mim estava tudo bem. Mas não estava tudo bem, estava um vazio...” (entrevista 5 – Bruna)

“Tentei me suicidar aos 15 anos, mas eu não sei dizer se foi uma tentativa de suicídio, mas eu queria, não sei se para chamar atenção ou se para mostrar olha, está demais, eu não estou aguentando, alguém me ajuda. Tudo o que tinha de remédio em casa eu tomei.” (Larissa – entrevista 11)

“Já tive ansiedade, depressão. Sinto muita raiva. Tive problemas alimentares na fase que contei para o meu pai e vi que não recebi a ajuda que eu gostaria e esperava. Isso me deixou bastante decepcionada. Acho que parei de comer para chamar atenção. Em relação aos relacionamentos, sinto que existe uma base lá atrás muito grande por eu ter medo, por eu não conseguir me relacionar de uma forma normal, como as outras pessoas se relacionam, eu sou muito fechada, sou muito quieta, sou muito calada. E relação sexual também não, eu sempre evito muito porque não sei se é só medo, mas não rola. Nunca namorei. Toda vez que tento chegar nesse nível, patamar, eu sempre fujo, eu não sei dizer o que é, mas na hora eu sinto muito medo. Não sei se isso me recorda, talvez me recorde muito o meu avô, é acho que sim, meu tio e na hora eu sinto muito medo, nojo. Então eu não quero... O momento no qual mais sofri, foi pro volta dos 13 -14 anos, quando desenvolvi anorexia... Pensar que isso pode voltar, o ciclo sabe, de eu me relacionar com uma pessoa que também pode ser assim. É sempre aquela desconfiança que você pode levar e ao mesmo tempo não ser saudável para um relacionamento porque não são todas as pessoas que são assim” (entrevista 6 – Ingrid)

“Hoje em dia eu sou uma pessoa extremamente fechada, nunca me relacionei com ninguém. Eu acho que isso é consequência de todos os ocorridos. Porque se

fosse uma coisa só, você ainda consegue imaginar: nossa, é uma pessoa no mundo, mas já aconteceram em diversas situações (viveu quatro situações de abuso), com diversas pessoas diferentes...Eu nunca quis me aproximar das pessoas pelos acontecimentos que vivi...Só que por causa disso, nunca...nunca tive um relacionamento. Eu tive um namoradinho aos 14 anos, quando eu morava com meu pai, e ele demorou sete meses para conseguir me convencer a namorar com ele, dar um beijo nele. E eu sempre fui muito fechada nesse aspecto. Eu não confio nas pessoas, porque olha só o que acontece...então, eu nunca tive uma relação sexual...E não tenho coragem. Às vezes me sinto atraída por um cara e tipo, eu tenho um muro que não deixa que eu fale com ele. Eu fico morrendo de vergonha, finjo que não estou olhando...faço qualquer coisa, mas não me aproximo...e eu tenho 24 anos, já...tenho baixa autoestima (neste momento ela chora).” (entrevista 1 – Joana)

“Me conscientizei que tinha sido vítima de violência sexual quando tinha uns 13 anos de idade. Apaguei o fato vivido da minha memória e só vim lembrar do ocorrido quando tomei consciência. Vivi um período de depressão nesta época, não gostava da escola, não tinha ânimo para fazer as coisas, me isolei, não tinha vontade de falar com ninguém. Mas não acredito que essa alteração de humor se deva ao fato de ter me conscientizado que fui vítima de violência sexual, na verdade nunca estabeleci esta relação...Quando iniciei a atividade sexual, tinha muita dificuldade de fazer sexo oral, era muito difícil...porque eu lembrava. Mas hoje acredito que está tudo bem.” (entrevista 3 – Jéssica)

As sequelas do abuso sexual podem persistir por longo período e estar relacionadas a um padrão de adaptação e ajustamento caracterizados por problemas emocionais, de comportamento e nas relações interpessoais, como ficou evidente nos relatos dos participantes do estudo²⁶⁵.

Os entrevistados expõem, ainda, sentimentos relativos aos perpetradores e muitas dores referentes às experiências vividas, mesmo tendo passado um longo período entre a vivência e a entrevista:

“Às vezes eu encontro esse primo. Ele quase nunca aparece nos eventos da família. Eu me incomodo com a presença dele e com algumas tentativas que ele já fez de manter contato comigo. Normalmente sinto indiferença por ele, mas quando ele está no mesmo ambiente, sinto raiva.” (entrevista 4 – Márcia)

“...eu sinto que toda vez que ele (o padrasto) vem me abraçar, falar bom dia, me dá um abraço, eu fico meio...Acho que pelo fato de eu estar chorando aqui ao contar minha história significa por para fora o que ficou tanto tempo guardado, talvez dê um alívio, eu estar me conhecendo um pouco mais, o porquê da minha relação com ele (padrasto) ser assim e pensar o porquê disso, por que ele fez isso...eu não posso falar que não o culpo.” (entrevista 10 – Cláudia)

“Apesar de não ficar incomodada tanto quanto antes, isso ainda me incomoda...mal lembro desse episódio. Foi uma coisa que eu já consegui superar e deixar para trás...eu já não tenho mais problema com isso...Sinto raiva dele.” (entrevista 9 – Ana)

“No momento estou muito incomodada com essa história. Eu não estou conseguindo mais lidar com isso. Eu não sei o que me faz pensar, mas é como se eu acordasse, fosse dormir, alguma coisa me lembrando disso...então passei por um período bem difícil agora. Eu acho que chorei tanto nos outros dias...está sendo bem complicado.” (entrevista 5 – Bruna)

“...quando eu vou na casa dela (mãe), apenas cumprimento ele (o padrasto), o contato com ele que eu tenho é oi e tchau; não esqueci do que aconteceu e não sei se consigo perdoá-lo...acho que perdão é uma coisa muito acima, ainda mais nesse tipo de coisa, muito acima do que eu estou preparada...não sei se isso está resolvido dentro de mim...Faço faculdade e estou levando a minha vida.” (entrevista 11 – Larissa)

“Ah, eu sinto raiva dele, eu sinto muita raiva dele. Mas ao mesmo tempo eu tento perdoar para isso não ficar ruim comigo. Só que toda vez que ele faz eu sempre sinto a mesma raiva, um sentimento de impotência que eu não gostaria de

sentir e isso me deixa com mais raiva ainda, de mim mesma, de eu não conseguir fazer nada efetivo por mim...(neste momento Ingrid chora). É porque ele me deixa com muita raiva dessa situação, dessa situação ser tão ruim, sabe, para mim, para a minha família, e tudo mais, eu gostaria de poder fugir disso e não ter que vivenciar mais. Eu gostaria de internar meu avô, deixá-lo bem longe, e gostaria de levar minha avó para morar comigo... Quanto ao meu tio...eu sinto muito repúdio quando o vejo, acho que pelo fato de ter sido tocada por ele... Eu quis participar da pesquisa, pois estava passando por um momento de muita raiva, estava precisando contar para alguém sobre o assunto e: Aí eu contei para o questionário” (entrevista 6 – Ingrid)

“Eu sinto nojo dele (padrasto) e me sinto insegura quando estou perto. Ele tem esse lado: só se você quiser, sabe? Mas eu não sei...eu não convivo mais tanto assim com eles (mãe e padrasto), porque eu não moro mais com ela, eu mantenho essa distância. Mas eu sei que ele tem olhos de quem deseja, sabe? Ele tem olhar de quem deseja. E eu tomo muito cuidado. Na praia eu não gosto de ficar me expondo na frente dele, sabe? (entrevista 1 – Joana)

Todos os indivíduos que participaram da pesquisa estão dando segmento às suas vidas, entraram em uma das universidades mais concorridas do país, estão frequentando seus cursos. Assim, emerge a resiliência destes sujeitos. A resiliência não é um traço de personalidade, é um processo dinâmico de desenvolvimento humano, que se forma a partir das relações dos indivíduos com o seu meio, ao longo da vida²⁶⁷. De acordo com a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, o desenvolvimento humano ocorre através de processos complexos entre um organismo humano e as pessoas, objetos e símbolos existentes no seu ambiente externo imediato; e que durante esta ação, os indivíduos crescem, amadurecem e mudam²⁶⁸. O desenvolvimento da resiliência, do mesmo modo, acontece nos processos de interação da pessoa com seu contexto, dentro de um determinado tempo²⁶⁷. Situações adversas vividas estimulam os indivíduos a adquirirem competências, a regularem emoções, a criarem autonomia, a estabelecerem e desenvolverem relações pessoais mais maduras, além de ampliarem sua integridade pessoal²⁶⁷. Acredita-se que receber suporte emocional

dos cuidadores, de outros membros da família ou a comunidade, bem como, obter apoio dos pares, ter objetivos educacionais a longo prazo, ter uma crença ou religião são fatores que podem contribuir para o desenvolvimento da resiliência em vítimas de violência sexual^{195,269-272}. Em menor ou maior grau, observou-se que os estudantes entrevistados desenvolveram, com o trauma vivido, capacidade de superação e alguns conseguem enxergar um lado positivo nas transformações ocorridas:

“Eu amadureci muito ao sair da casa da minha mãe, minha relação com o meu pai melhorou, passei a valorizar mais as coisas, pois na casa da minha mãe tinha mais conforto do que tenho na casa do meu pai...Acho que o meu pai é muito mais capaz de criar e conduzir um filho do que a minha mãe. Hoje eu consigo dormir em paz porque eu tenho privacidade...muita coisa melhorou.” (entrevista 11 – Larissa)

“...hoje isso não é mais um problema, apesar de afetar minha vida, eu acho que afeta minha vida porque me constrói, me individualiza, mas, não sinto que me limita...Eu não odeio meu tio, por muito tempo cheguei a odiá-lo, agora não mais. Precisei cuidar duas vezes do meu tio...Tive que dar comida na boca dele...tive que levar e ficar acompanhando meu tio bêbado no hospital...acho que fiz isso por mim...se eu largasse ele lá eu ia ser uma péssima pessoa, mesmo que ele fosse uma péssima pessoa...e se eu o largasse, não seria eu. Seria o que ele construiu talvez...Essa sou eu, e aí eu senti que se não fizesse, ele teria ganhado, ele teria me corrompido...(neste momento Nicole chora) mas foi difícil ficar lá, foi muito difícil...” (entrevista 7 – Nicole)

“Ainda tenho lembranças dessa relações abusivas que vivi, não sofro, não tenho ansiedade, mas às vezes penso no que aconteceu...na minha cabeça eu superei...são eventos que existiram, e querendo ou não, eles fazem parte de quem eu sou hoje, eu não seria quem eu sou hoje se essas coisas não tivessem acontecido.” (entrevista 12 – Júlia)

Para outros sujeitos, as repercussões na vida da violência experimentada, aparentemente, foram menores:

“Tive consciência que fui vítima de violência sexual durante minha adolescência, eu comecei a ter essa imagem e comecei a raciocinar em cima dela. Mas mesmo depois de ter tomado conhecimento, isso não gerou grande impacto, mas ficava um pouco incomodado em saber que aconteceu, eu ainda convivía com ele e lembrava: ele fez isso, mas eu conseguia ainda dar segmento.” (entrevista 18 – Murilo)

“Fiquei incomodada na adolescência, pelo fato de eu não ter tido escolha. Me dei conta do que vivi por volta dos 9, 10 anos, quando eu fiquei sabendo o que era uma relação sexual. Antes dos 10 anos, até, acho que quando eu fiquei sabendo o que era isso, eu já percebi...Não acredito que o que aconteceu tenha me afetado tanto, eu comecei a namorar, quando surgia esse tipo de oportunidade (relação sexual) eu acho que me sentia um pouco mal por não ter sido com uma pessoa que eu tivesse escolhido, por eu ter essa lembrança, acho, era o que eu me sentia mal, mas eu acho que nunca fiquei depressiva por causa disso, triste.” (entrevista 2 – Beatriz)

Conforme visto acima e descrito na literatura, alguns adolescentes são capazes de lidar melhor com as adversidades e criar interpretações positivas a partir de suas vivências²⁷³. Interessante pontuar que existem programas preventivos ou intervenções educacionais que visam o desenvolvimento da resiliência e das competências para a vida, ajudando crianças e adolescentes a obter recursos internos para enfrentar situações adversas, promover o bem-estar e manifestar o melhor do seu potencial²⁷³. Pesquisa-ação publicada em 2020, desenvolvida para elaborar uma proposta de intervenção educativa com a finalidade de fomentar a resiliência em adolescentes de 11 a 18 anos, concluiu que a resiliência pode ser medida, promovida e está relacionada com melhor saúde mental e qualidade de vida para os indivíduos²⁷³. Estes tipos de programas deveriam fazer parte de políticas públicas, inclusive para sujeitos vítimas de violência sexual.

TEMA 5 – Prevenção e Redução de Danos

Como estes abusos poderiam ser prevenidos ou abreviados com o intuito de reduzir os danos causados? Estas são reflexões fundamentais para tentar impedir vitimizações ou minimizar as consequências negativas resultantes da violência.

Algumas particularidades das atitudes dos perpetradores e mudanças de comportamentos das vítimas poderiam, se observados mais atentamente pelos pais ou cuidadores, ter levantado à suspeita da possibilidade do abuso vir a ocorrer ou estar ocorrendo:

“Eu lembro que meu comportamento mudou na época que era abusada, fiquei mais rebelde, mais impaciente, e nunca a minha mãe, o meu pai ou qualquer outra pessoa conseguiu perceber, a minha pediatra foi minha pediatra a vida toda, ela também não se tocou que eu estava diferente, minha mãe não se tocou que eu estava diferente, ninguém reparou...” (entrevista 7 – Nicole)

“Uma vez eu estava brincando com o meu tio, pai desse primo (perpetrador), e tentei abrir o zíper da calça dele, ou seja, para mim, isso era algo natural, eu lembro também que tive vontade de fazer isso outra vez.” (entrevista 18 – Murilo)

“Na minha adolescência me achavam rebelde sem causa, ninguém entendia o porque do meu mau comportamento, mas acho que era por tudo que acontecia na casa da minha mãe.” (entrevista 11 – Larissa)

“No prédio onde morávamos com a minha mãe, muitas pessoas diziam que ele (padrasto) era pedófilo. Não sei ao certo o que motivou esse comentário dos vizinhos. Inclusive, uma vez, colocaram em baixo das portas dos apartamentos uma carta dizendo para tomarem cuidado com as crianças do prédio, e citando o nome dele. Mesmo assim, nunca nada foi feito, nenhuma denúncia por parte de ninguém, nem mesmo minha mãe tentou entender melhor essa história...” (entrevista 8 – Maria)

“Cheguei a conversar com a minha mãe também, sobre o assunto, vários anos depois, e ela me falou que notava alguns comportamentos estranhos do violentador. De olhar para a gente diferente...” (entrevista 3 – Jéssica)

Apesar de muitas vítimas não saberem o significado do que ocorria, a proximidade com o cuidador, a indagação por parte dele, bem como o incômodo gerado pelo abuso, a percepção que a atitude do perpetrador era errada ou estranha, foram fatores decisivos para que as vítimas relatassem o ocorrido precocemente, o que em algumas situações foi determinante para o fim da violência:

“Na noite seguinte minha mãe estava em casa e quando estava em casa, a minha mãe sempre ia se deitar comigo, dava boa noite. Foi quando revelei para minha mãe o que tinha se passado, aí depois disso...ele foi se tratar. Minha mãe conversou com ele, e ele foi fazer um tratamento psicológico, não sei se chegou a ir ao psiquiatra ou não, deu muita briga na época, eu até achei que eles fossem se separar, mas ele se tratou. E nunca mais nada aconteceu. Eu também nunca fui mais deitar na cama dela, esperando ela chegar, com ele (voz trêmula e chorando)...a rotina da casa mudou um pouco após o que aconteceu, minha mãe e ele passaram a me buscar muito mais tarde na casa da minha avó, eles esperavam a minha mãe chegar para poderem me pegar, para não ficar mais sozinha com ele..” (entrevista 10 – Cláudia)

“...Aí eu quis dormir com a minha mãe, ela perguntou: O que aconteceu? O que aconteceu? e eu não conseguia falar para ela. Ela me deixou dormir com ela. Alguns dias depois, minha mãe voltou a perguntar o que tinha acontecido e então eu contei...Eu não contei para minha mãe na hora pois fiquei com medo dele fazer algo contra ela caso fosse confrontá-lo. Quando contei nós já estávamos em casa e eu me sentia mais segura longe dele.” (entrevista 1 – Joana)

Os sujeitos expuseram seus pensamentos a respeito de qual seria sua atitude mediante o questionamento sobre os eventos que vinham ocorrendo. Muitos afirmaram que se tivessem sido questionados sobre os acontecimentos, certamente os teriam relatado; outros, mesmo sendo arguidos, negaram ou negariam e expõe os motivos para esse deferimento:

“...tenho certeza que se fosse questionada sobre o que estava acontecendo, eu teria falado, isso é uma coisa que eu tenho na minha cabeça, eu teria falado, eu teria falado, com certeza, com certeza... (entrevista 7 – Nicole)

“Minha família se preocupava com o fato dele morar na casa com a gente. Como minha família nunca gostou dele, e eles tinham a preocupação porque era um homem morando na minha casa, eles sempre perguntavam. Então, eu acho que eu sempre falava que não...Acho que, na época, eu não tinha me dado conta (padrasto fazia massagens).” (entrevista 8 – Maria)

“Acho que se alguém tivesse me perguntado eu teria revelado, na época eu teria falado se ela (a tia) tivesse perguntado.” (entrevista 4 – Márcia)

“Acredito que mesmo que minha mãe ou outra pessoa tivessem me questionado, no momento que o abuso estava ocorrendo, eu não seria capaz de contar...eu acho que fiquei me sentindo meio culpada de fazer meu primo voltar para o Rio de Janeiro, não terminar de estudar...(percepção de consequência negativa frente à revelação).” (entrevista 2 – Beatriz)

“Disse para minha mãe, após ela ler meu diário, que só tinha acontecido uma vez. Primeiro ela veio perguntar se isso estava acontecendo mesmo, na época eu lembro de ter dito para ela que não, que não estava acontecendo mais, que isso já passou e tudo mais, para evitar qualquer atitude dela. Por mais que eu quisesse uma atitude dela...(medo de atitude agressiva da mãe)” (entrevista 6 – Ingrid)

“Minha mãe sempre me perguntava se eu era tocada e eu negava. Minha mãe leu o meu diário e foi conversar comigo e eu disse: mãe, como você leu meu diário? Ela perguntou, como foi, como assim ele te explicou (se referindo a explicação dada pelo perueiro para Rebeca sobre o que era masturbação), se foi me tocando, e eu lembro que neguei e comecei a chorar. Minha mãe falou: Não precisa chorar, porque você está chorando? Eu falei: Por que você está me perguntado como se eu fosse culpada de alguma coisa...e ela falou: Não filha, a mãe não está te culpando de nada, eu só estou perguntando porque quero saber. Eu falei que não aconteceu nada, que ele não tinha feito nada. Ele só disse o que era e eu olhei no

dicionário, E a minha mãe então falou: então está bom, se acontecer alguma coisa você me conta. E foi nessa hora que eu senti a primeira culpa muito forte, pois eu pensava, meus Deus, se eu contar, vão achar que a culpa é minha do que aconteceu. Minha mãe sempre me perguntava, às vezes quando a gente estava assistindo filme, ela virava e me perguntava, eu sinto que ela tinha uma desconfiança. Ela falava: se alguém fez alguma coisa com vocês, tocou vocês, vocês podem me falar, tá? (medo de que os pais não se orgulhassem dela)” (entrevista 14 – Rebeca)

“Acho que se minha mãe me perguntasse, claramente, na época que tudo acontecia, eu teria contado.” (entrevista 5 – Bruna)

“Então, acho que se ele (o pai) tivesse perguntado algo desse tipo, teria respondido. Tanto ele, quando minha mãe, ou qualquer figura de autoridade.” (entrevista 21 – Nicolas)

Observa-se que a resposta ao questionamento depende da percepção que os indivíduos tinham sobre quais seriam as consequências da revelação. Descreve-se na literatura que algumas crianças, mesmo se questionadas, negam o abuso⁷⁸. Em contrapartida, questionar prontamente e diretamente pode ser uma tentativa de obter a revelação, pois muitos a realizam ao serem interrogados^{80,81,82,83}. Cohen recomenda que médicos devem perguntar rotineiramente para as crianças sobre vitimização sexual, mesmo que não haja aparente razão para isso e mesmo que a demanda para a consulta tenha sido outra²⁷³. Adultos não podem esperar que crianças falem sobre sexo, se eles evitam falar abertamente sobre este tópico com elas¹⁸⁵. Observa-se uma necessidade urgente de educar pais, cuidadores, e a comunidade em como responder apropriadamente à revelação e o papel dos serviços de suporte pós revelação⁹⁰. É importante que membros da comunidade, incluindo professores, sejam equipados e educados para dar suporte a essas crianças quando ocorre a revelação⁹⁰.

Foi ainda questionado aos participantes o que poderia ter evitado a violência sexual ou a abreviado e qual a atitude deles frente a possíveis situações de risco vividas por outras vítimas em potencial:

“Acho que ter um pouco mais de consciência sobre o próprio corpo, acho que sobre os limites dos outros em relação ao corpo da gente. Não sei. Eu acho que se talvez fosse uma coisa mais, como fala, na época, se eu considerasse estupro, talvez eu tivesse percebido antes e conversado...Acho que talvez, o conhecimento do que é uma violência sexual teria ajudado...” (entrevista 8 – Maria)

“Acho que ter conhecimento sobre o assunto ajudaria a ter prevenido essa situação ou mesmo minimizado, pois no início eu não achava que meu avô pudesse fazer isso com malícia.” (entrevista 6 – Ingrid)

“Ter informação sobre o que é a violência sexual teria me ajudado a contar na época sobre o abuso, por que a gente escuta muito sobre violência sexual, mas do jeito do ato sexual em si, só que as outras coisas também são um tipo de violência sexual, também traumatizam...ninguém nunca me perguntou, porque ninguém nunca pensava. Só que ao mesmo tempo eu não soube reconhecer o que era, porque eu não conhecia...se eu tivesse tido essa informação quando eu era pequena, de que um toque que você não gosta não é legal, de que uma pessoa fazendo um carinho que você não gosta não é legal, de que você pode conversar sobre isso, teria feito a diferença.” (entrevista 5 – Bruna)

“...meus pais não tinham me contado como é que essas coisas funcionam com essa idade (se referindo a sexo). Eu lembro, a minha mãe contava a história da sementinha quando eu perguntava alguma coisa.” (entrevista 1 – Joana)

“Acho que se alguém tivesse conversado comigo antes poderia ter sido um pouco diferente. Eu não sei, eu acho que eu tentaria fugir, chamar alguém, não sei, talvez isso.” (entrevista 2 – Beatriz)

“Nunca falei abertamente sobre o que aconteceu para os meus irmãos, não gostaria que eles soubesse (abuso perpetrado pelo padrasto – pai dos irmãos). Teve uma época que a minha irmã estava sempre se queixando de dor de cabeça, chorava muito, não queria sair do quarto, a minha mãe dizia que estava rebelde e eu perguntei para ela: seu pai invade sua privacidade? Ele entra aqui quando você

está se trocando? Fui tentando perguntar de um jeito que ela não percebesse, eu acho que ela não percebeu aonde eu queria chegar. E ela falou que não...Eu não sei, pelo que eu senti dela, eu acho que ele não mexe com ela.” (entrevista 11 – Larissa)

“Minha prima, tenho muito receio porque ela é filha do meu tio (que abusou de Ingrid) e como ela é muito pequenininha e minha tia tem que trabalhar, às vezes ela fica com meu avô, e minha avó não enxerga, nem nada. Então eu sempre aconselho ela a ficar trancada...Eu explico diretamente para ela por eu saber o que a falta disso pode acarretar, depois do que eu passei eu conto para ela nos mínimos detalhes, eu falo: ele é seu pai, mas ele fez isso, isso e isso.” (entrevista 6 – Ingrid)

O melhor cenário que pode haver para uma criança ou adolescente ao revelar o abuso sexual sofrido é ser acreditado, o evento ser denunciado e o violador ser punido, a vítima ser protegida do perpetrador, as pessoas serem empáticas e se preocuparem com o seu bem-estar, levando para acompanhamento profissional e tratamento quando necessário^{274,275}. Para isso, a rede de apoio, que inclui a família, escola, conselho tutelar, promotoria e Juizado da Infância e Juventude, abrigos, serviços de acompanhamento social e de saúde, só serão efetivos quando garantirem a segurança e o apoio emocional às vítimas e aos cuidadores não-abusivos responsáveis por essas crianças e adolescentes¹⁴.

TEMA 6 – Situações de Violência Sexual na Família

Quatro indivíduos (21,0%) relataram situações de abusos sexuais entre seus familiares.

“Minha mãe também foi abusada, só que ela foi abusada pelo pai dela. E eu não sei também como eu sei disso. Eu sei que ela sabe que eu sei.” (entrevista 21 – Nicolas)

“...quando ela era pequena (mãe), foi vítima de abuso pelo tio, então isso a deixava preocupada e ela sempre perguntava...” (entrevista 14 – Rebeca) – se referindo ao hábito da mãe de perguntar para Rebeca se alguém a tocava.

“Tanto a minha mãe como a minha tia foram vítima de violência sexual. A minha mãe foi abusada por um tio e minha tia, por um desconhecido. Para mim marcou muito. É um problema atual que eu tento entender. Não pode ser natural você pensar que três mulheres da sua família passaram por isso. As três que eu perguntei.” (entrevista 5 – Bruna)

“Meu avô já tinha feito a mesma coisa com as irmãs da minha avó, com a irmã dele, com as minhas tias, inclusive ele já trancou minha tia em casa a forçando a fazer coisas com ele” (entrevista 6 – Ingrid)

Em estudo com 102 mães de indivíduos que foram vítimas de violência sexual e revelaram o abuso sofrido, identificou-se que 74,0% delas tiveram pelo menos uma experiência de abuso sexual durante a infância e adolescência²⁷⁶. Esses resultados podem ser comparados com os obtidos em estudo realizado na Austrália, no qual 34,0% das mães de crianças abusadas sexualmente relataram história de abuso sexual na própria infância; enquanto 12% das mães de crianças que não haviam sido abusadas sexualmente relataram abuso sexual na própria infância²⁷⁷. Dessa forma, observa-se a presença da multigeracionalidade da violência, em especial do abuso sexual, com a tendência para a ocorrência deste tipo de violência na próxima geração.

Mães que foram abusadas sexualmente, em sua própria infância, podem apresentar fatores de risco maior para o envolvimento com companheiros abusivos, mantendo, portanto, o ciclo da violência²⁷⁶⁻²⁷⁸. Mulheres que sofreram abuso sexual durante a infância podem tornar-se mais vulneráveis a estabelecer relações conjugais abusivas e de subordinação, sujeitando-se às necessidades dos companheiros em prol das suas próprias, relutando em fazer exigências às pessoas das quais dependem, temendo de maneira exagerada o solidão e o abandono,

comprometendo, assim, a capacidade de protegerem a si próprias e os seus filhos do abuso sexual²⁷⁶⁻²⁷⁸.

TEMA 7 – Meninos Vítimas de Violência Sexual

Na amostra estudada, 19 meninos (27,0%) disseram ter sido vítimas de abuso sexual, conforme foi apresentado no tópico 5.1. Dentre os 19 sujeitos que participaram das entrevistas e foram abusados por conhecidos, quatro (21,0%) eram do sexo masculino, conforme mostra a Tabela 7. Das cinco situações de abuso vividas por estas quatro vítimas, duas foram reveladas muitos anos após o ocorrido e três nunca foram reveladas.

Condizendo com o que diz a literatura, homens tendem a não revelar o abuso sofrido e quando o fazem, atrasam a revelação por muitos anos, geralmente o fazem quando a violação nem está mais ocorrendo^{279,280}. Homens que foram vítimas de violência sexual relatam que mudaram a visão de si mesmos como homens, sentiam que haviam falhado em serem fortes o suficiente para parar a situação de abuso^{279,281}. Quando são abusados por outros homens, se preocupam ainda mais, por acreditarem que essa experiência pode fazê-los gay, especialmente se experimentaram prazer com o abuso²⁷⁹⁻²⁸². Ereção ou orgasmo durante o abuso pode ser extremamente estressante para os meninos e, frequentemente, resultam em sentimento de culpa, responsabilidade e confusão²⁷⁹⁻²⁸².

Interessante notar que os meninos entrevistados, não sentiram-se abusados, eles gostavam das atitudes do perpetrador, muitos tinham prazer e o procuravam para que o ato sexual se repetisse, apesar da pouca idade que tinham. Eles questionaram se o que viveram foi realmente uma violência sexual ou apenas uma experimentação sexual:

“...não é uma memória clara, mas lembro de alguma vez de estar lambendo e chupando as partes íntimas dele. Acredito que isso aconteceu quando eu tinha em

torno de 4 a 5 anos. Acho que na época eu até gostava do que acontecia entre a gente, não foi algo traumático.” (entrevista 18 – Murilo)

“...a gente tinha algumas brincadeiras sexuais, de tocar, masturbar, teve sexo oral, às vezes, mas não era uma violência, uma imposição, sabe? Era uma coisa que eu tinha curiosidade também e me dispunha a fazer, eu acho...era uma coisa que inclusive eu procurava.” (entrevista 19 – Gustavo)

“...ele pedia para eu o tocar, colocar a boca no seu órgão genital. Na época eu não sabia o significado daquilo e sentia prazer...por muito tempo, enquanto eu crescia...eu não entendia se eu fiz aquilo por querer...se era um abuso ou se eu queria...o fato de eu ter sentido prazer, ainda me deixa um tanto confuso.” (entrevista 21 – Nicolas)

“...Aconteceu com outro primo também. Eu não sei dizer se é um abuso. Porque aí, eu já estava na adolescência, estava me descobrindo, sexualmente...E com 12 anos, aconteceu com outro primo...Sei lá...por ser uma criança que demonstra ser homossexual, não sei. Aconteceu com ele. Mas eu já era mais velho. Não sei se é um abuso, eu tinha 12 anos. Estava me descobrindo, sexualmente.” (entrevista 21 – Nicolas)

“Tenho dúvidas se o que eu vivi foi mesmo uma violência sexual. Eu era criança, tinha entre 8 e 10 anos...o filho dela (funcionária que trabalhava na casa) tinha de quatro a cinco anos a mais que eu...tive algumas relações sexuais com ele, fiz sexo oral e sexo com penetração, mas não era uma coisa contra o meu consentimento, então eu não sei até que ponto era abuso ou não. Eu me lembro que eu estava consciente.” (entrevista 17 – João)

Esta relação entre meninos pode ser considerada por muitos como uma curiosidade sexual espontânea ou como um jogo entre irmãos, primos, amigos, justificada pelo desejo e curiosidade sexual, vontade de manter contato físico, penetrar e ejacular, que surge, com o início da puberdade e é autorizada e

considerada benigna aos olhos da sociedade patriarcal, que ainda considera a busca pelo sexo, por meninos, positivo e valoroso.

Importante refletir que na Antiguidade, no séculos V e IV a. C., em Atenas, o contato sexual entre homens era aceito²⁸³. A pederastia, como era conhecida esta prática, era a pedagogia pós-educação básica adotada para o refinamento da instrução oferecida ao futuro cidadão ateniense²⁸³. As relações pederásticas eram realizadas pelo *erasta*, cidadão com papel ativo na sociedade, geralmente com mais de 30 anos, homem experiente e que sentia brotar em si uma vocação pedagógica ao tornar-se mestre de seu amado; e o *erômeno*, um jovem de idade variante entre 12 e 18 anos, filhos de cidadãos atenienses, nascidos em Atenas, que tinha o direito de “escolher” o mestre que o formaria²⁸³.

Os praticantes da pederastia durante o período clássico compunham a nata da sociedade, pois somente entre os cidadãos e futuros cidadãos de Atenas a pederastia com fins pedagógicos era praticada²⁸³. Em hipótese alguma o *erômeno* poderia demonstrar feminilidade ou inclinações para o sexo descontrolado em relação ao seu *erasta*²⁸³. A diferença de idade era primordial, pois era a partir da desigualdade entre *erastas* e *erômenos* que a educação poderia ser realizada²⁸³. Essa desigualdade era o que garantiria a característica educacional da relação pederasta, já que o mais velho era também o mais sábio e o responsável pela formação do jovem, futuro cidadão de Atenas²⁸³.

Um papel fundamental desempenhado pelo *erômeno* é o de controlar os impulsos sexuais do *erastas* e não permitir ser penetrado em nenhum orifício pelo mesmo²⁸³. Era função do *erômeno* conceder favores a seu *erasta*, em reconhecimento da dedicação do mestre e de seus ensinamentos, mas esses favores restringiam-se apenas à fricção do pênis do *erasta* entre as coxas do *erômeno* ou no ânus²⁸³. A não-penetração do *erômeno* garantia a integridade de sua moral e de seu papel de destaque entre a pirâmide social de Atenas, uma vez que o cidadão em hipótese alguma deveria se subordinar ao papel de uma mulher ou de um escravo²⁸³.

Talvez uma visão equivocada da pederastia ateniense sobreviva no imaginário da nossa sociedade e considere natural a relação sexual entre homem e criança ou adolescente do sexo masculino com o intuito de iniciação sexual. Equivocada, pois se defende a idéia de que a relação pederástica existente entre *erômenos* e

erastas era desprovida de caráter erótico e que não passava de uma relação baseada na pedagogia.

O que chama a atenção nestes relatos é que os meninos, apesar de falarem que as vivências “não foram traumáticas”, “não foram abusivas”, foram “iniciações sexuais”, visto como “rituais de passagem”, ao preencherem o QUESI, atribuíram a essas experiências relatadas a conotação de abuso, ficando aqui a dúvida do que realmente eles pensam e sentem a respeito da situação vivida. Assunto, talvez, para outro trabalho.

5.5 Limitações do Estudo

Em relação às questões quantitativas do estudo, embora ele tenha validade interna, não se pode afirmar sobre sua validade externa, pois seu desenho é transversal, com amostra não representativa da população. Desta forma, é imperativo pensar na viabilização de estudo populacional com amostra representativa da população de crianças e adolescentes, para que se possa ver o tamanho real do problema e o impacto na sociedade brasileira quanto a violência sexual vivida por esses indivíduos.

Entende-se que apesar da falta de representatividade quantitativa da amostra ser um fator limitante, foi somente a partir desta amostra quantitativa que se pôde chegar nos indivíduos vítimas de violência sexual, sujeitos da pesquisa qualitativa.

Seria interessante que todos os adolescentes e adultos jovens que foram vítimas de violência sexual tivessem sido convidados para a realização da entrevista. Desta forma seria possível ampliar a compreensão sobre as histórias dos traumas vividos e ter mais elementos, talvez diferentes do que foram obtidos, para propor medidas de enfrentamento do problema.

Como foi abordado, poucos estudantes que participaram das entrevistas referiram ter sido vítimas de abuso durante a universidade. Não se sabe se na verdade este evento não ocorreu, se as questões existentes no QUESI para definir quem sofreu violência sexual não abrangeram este tópico ou se os jovens não consideraram as situações vividas neste momento da vida como abuso sexual.

Portanto, seria pertinente incluir questões específicas sobre esta temática no questionário respondido por esses jovens.

Neste estudo, foi considerado quem sofreu abuso em algum momento da vida e, desta forma, as respostas obtidas são relativas à épocas, às vezes, distantes da atual, sofreram influência da memória e foram reinterpretados. A decisão de obter a História Oral dos indivíduos faz a memória ter papel relevante e valoroso nos relatos colhidos, pois neste tipo de abordagem a memória integra a maneira de coletar a pesquisa qualitativa. É importante ressaltar que caso essa pergunta de pesquisa fosse feita para crianças que estivessem vivendo situações de abuso ou as tivessem vivido em tempo muito próximo, as respostas poderiam ser diferentes das obtidas.

Durante a pesquisa, suscitou a falta de ter mensurado a resiliência dos jovens que participaram da pesquisa. Com essas informações poderia comparar a resiliência dos indivíduos que sofreram abuso com os que não sofreram, bem como dos que aceitaram participar da entrevista versus dos que não aceitaram.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos da não revelação são diversos e todos bem descritos na literatura, mesmo quando analisamos as falas dos sujeitos cujo primeiro desvendamento se deu durante a entrevista. O que, ao meu ver, foi um grande achado nesta pesquisa, refere-se à revelação. Pudemos observar que os sujeitos, de alguma forma, revelam a violência vivida, de maneira intencional ou não, precocemente ou tardiamente e, quando não a fazem, esta acaba por ser detectada por alguma testemunha. O principal problema não é a relutância da criança falar, mas a vontade do adulto ouvir. Não basta o adulto ver o que está ocorrendo, ele tem que querer enxergar, tem que acreditar no que presenciou, oferecer suporte, simplesmente, não se omitir. A omissão é uma ação e também leva a graves consequências como pudemos observar nas falas dos indivíduos entrevistados.

Entende-se que tão importante quanto tentar prevenir que a violência ocorra é abreviar a sua duração caso ela já tenha acontecido ou esteja acontecendo, a fim de minimizar os danos; e, para isso, é de extrema importância que as crianças sejam precocemente instruídas quanto às questões relativas à sexualidade, violência sexual e como um toque indesejado, mesmo que vindo de uma pessoa muito querida e de confiança, não deve ser aceito. A partir desta precoce conscientização, deveriam ser orientadas e sensibilizadas para revelar o acontecimento quantas vezes fosse preciso e para quantos adultos fossem necessários, até serem ouvidas, acreditadas e acolhidas. A escola deve ter papel fundamental nestas ações e os adultos que convivem com crianças e adolescentes, quer sejam professores, profissionais de saúde, amigos, devem estar atentos às falas das crianças e adolescentes, ao seus comportamentos ou mudanças destes; não devem menosprezar o que veem e devem estar capacitados para dar suporte, acolhimento e impedir que a violência perpetue.

Observamos que as histórias de vida dos indivíduos vítimas de abuso sexual são marcadas por situações de violência na família, cuidadores ausentes e/ou pouco acolhedores, famílias desagregadas e com vínculos frágeis entre seus integrantes. Esses fatores podem ter aumentado a vulnerabilidade destes jovens diante de situações de risco. Viu-se também que os sujeitos vítimas de violência apresentavam menor poder aquisitivo quando comparados aos não vítimas, mostrando que a

pobreza pode ser um fator que expõe crianças e adolescentes à situações de risco, principalmente quando não se dispõe de rede social de apoio e atenção.

Grande parte das violações relatadas foram perpetradas por alguém conhecido e de confiança da vítima, como é bem descrito na literatura. Geralmente um parente próximo, um vizinho, um amigo da família que enxerga a situação de risco na qual a criança e/ou o adolescente está exposta e se aproveita da sua vulnerabilidade para agir. A grande maioria das situações de violência foi perpetrada por homens e contra meninas ainda crianças, mostrando como fatores da cultura patriarcal e da sociedade burguesa são enraizados e presentes no inconsciente coletivo da nossa sociedade.

Pudemos observar que as consequências para a saúde mental e qualidade de vida do abuso sofrido, mesmo que tenha ocorrido há muito tempo, ainda estão presentes na vida de muitos sujeitos. Pelos resultados quantitativos obtidos, pudemos ver que a população que foi vítima de abuso apresenta mais sintomas ansiosos, depressivos, pior qualidade de vida e maior consumo de tabaco, maconha e hipnóticos quando comparada à população que não foi vítima, confirmando o impacto que este tipo de violência tem na vida dos sobreviventes. Observou-se, ainda, que estes sujeitos possuem dificuldades de se relacionarem, de confiarem nas pessoas. Apesar disso, todos estavam tocando suas vidas, cursando uma universidade, alguns sofrendo mais, outros sofrendo menos. O sofrimento existente não se mostrou relacionado com a gravidade do trauma vivido; é provável que as sequelas emocionais estejam mais relacionadas com a resiliência de cada um (tema para outro estudo). O grupo vítima de violência sexual apresentou coitarca mais precoce e maiores taxas de gravidez do que o grupo não vítima, reafirmando o que diz a literatura sobre o comportamento sexual de risco dos indivíduos que foram vítimas de abuso sexual;

As consequências da revelação ou da detecção para a vida dos sujeitos dependeram de como foi a resposta a essa revelação/detecção. O sentimento de quem revelou e não foi acreditado, ou não foi valorizado é de desamparo, solidão, tristeza, raiva; o mesmo se observou nos casos que o abuso foi presenciado e nenhuma providência foi tomada. O acolhimento e credibilidade por parte de quem recebeu a revelação, principalmente se este era um adulto com relação de

proximidade com a vítima, trouxe um certo alívio, mas, muitas vezes, não impediu um sofrimento psíquico e uma culpabilização pelo abuso sofrido.

Apenas três ocorrências foram denunciadas, mas nenhum perpetrador foi punido. Muitas vítimas desconheciam que o abuso poderia ser denunciado muito tempo após. O sentimento de que a denúncia “não daria em nada e poderia trazer mais desgaste” foi muito presente nas entrevistas, mostrando o descrédito que há nos órgãos de justiça e nos sistemas de proteção às vítimas no nosso país. Algumas sobreviventes tentaram denunciar mas não conseguiram, pelo despreparo de diversos setores em lidar com a situação, mostrando que um treinamento urgente para qualificação dos indivíduos que atendem essa demanda se faz necessária. Não basta um atendimento protocolar, a sensibilização destes profissionais é de extrema relevância.

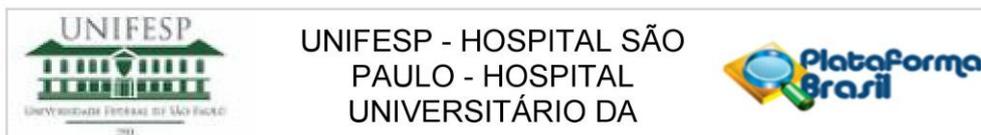
Prevenir que a violência sexual contra a criança e o adolescente ocorra e abreviar a sua duração, caso ela esteja ocorrendo, deve ser o objetivo maior de todos os programas de saúde pública. Informar, instrumentalizar, sensibilizar as crianças nas escolas, nas consultas de saúde, sobre esse tema, de maneira incessante, empoderando-as, dando a elas “voz”, tratando-as como sujeitos de direito, deve ser caminho obrigatório a ser seguido, só assim elas terão real consciência das situações vividas e possuirão força para dizer “NÃO” ou para revelar precocemente quando alguma vivência estiver as incomodando. Educar pais, cuidadores, amigos, profissionais de saúde, vizinhos para que saibam como agir diante de um caso revelado ou presenciado é de extrema importância. Apesar de já ser considerado crime hedíodo, a sociedade deveria enxergá-lo como tal, apenas desta forma, ela passaria a não ser tolerada e, no caso de ocorrência, prontamente, denunciada, mas para isso, precisamos passar por profundas mudanças culturais na nossa sociedade, que talvez ocorram, mas daqui há alguns séculos e nossas crianças e jovens não podem esperar.

Vivemos um momento histórico ímpar, no qual o mundo encontra-se confinado devido a uma pandemia. Grande parte dos países ao redor do globo encontra-se em *lockdown*, as indivíduos só podem sair de seus lares para suprir suas necessidades básicas. Crianças e os adolescentes estão trancados em suas casas, não podem ir à escola e realizar suas atividades habituais, muitos deles dividindo e permanecendo

no mesmo ambiente que seus cuidadores perpetradores, sem ter para onde fugir, sem ter com quem contar, impedidos de acessar serviços de salvamento e apoio, dificultando ainda mais a possibilidade de revelação e denúncia. É imperativo e urgente que os profissionais de saúde, de educação e o poder público criem estratégias para contactar e ajudar seus pacientes, seus alunos, seus cidadãos vulneráveis neste momento tão complexo em que vive a humanidade. Enquanto o mundo continua a enfrentar essa pandemia, as mulheres, as crianças e os indivíduos vítimas de qualquer tipo de violência não devem ser esquecidos.

Apenas um caso de violência ainda ocorria na época que as entrevistas foram realizadas. Todos os outros, de alguma forma, tiveram um fim, talvez não o fim desejado pelas vítimas, pois nenhum perpetrador foi punido. Algumas vítimas cresceram e se mudaram da casa onde o perpetrador vivia, outras passaram a evitar situações que a expusessem ao violentador e o abuso acabou não ocorrendo mais, enfim....acabou, passou, mas fragmentou psicologicamente estes jovens e estes adolescentes pelos restos de suas vidas.

ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do CEP



Continuação do Parecer: 2.317.772

Três novos pesquisadores foram incluídos no trabalho, os quais ajudarão na coleta, tabulação dos dados, bem como na redação dos artigos a serem produzidos. O Dr. Carlos Alberto Landi é médico pediatra e aluno de mestrado do Programa de Saúde Coletiva da Unifesp; Gabriel Amaral Zenardi é aluno de graduação do curso de medicina da Unifesp e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica; e a pesquisadora Denise Chrysostomo Suzuki é musicista, aluna de especialização do curso “Especialização para Equipe Multiprofissional do Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente” da Unifesp. A inserção de tais pesquisadores acarretará maior agilidade na coleta e tabulação dos dados, bem como, gerará maior produção científica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

carta de solicitação da alteração apresentada de forma adequada

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

emenda apresentada adequadamente sem óbices éticas para a aprovação

Considerações Finais a critério do CEP:

emenda aprovada

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_930505E1.pdf	30/09/2017 00:04:59		Aceito
Outros	emenda.doc	30/09/2017 00:02:05	FLÁVIA CALANCA DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	IMG_1448.JPG	12/08/2016 16:53:33	FLÁVIA CALANCA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TA_estudoB.doc	12/08/2016 16:40:17	FLÁVIA CALANCA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TA_estudoA.doc	12/08/2016 16:40:02	FLÁVIA CALANCA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_estudoB.doc	12/08/2016 16:39:38	FLÁVIA CALANCA DA SILVA	Aceito

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.020-050
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** cep@unifesp.edu.br

ANEXO 2 – Textualizações das entrevistas

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 58 / ENTREVISTA 1

Meu nome é Joana, meus pais estão vivos e se conheceram na faculdade, enquanto estudavam. Minha mãe engravidou aos 20, ou 21 anos, na época ela estava terminando a faculdade e teve que interromper o curso. Eles se casaram após a gravidez e ficaram juntos até eu completar sete anos, mas eles já tinham idas e vindas.

Me lembro dos meus pais estarem separados e minha mãe permitiu que meu pai dormisse na casa dela, mas não sei ao certo o motivo. Ela chamou a polícia para colocar ele para fora de casa, e não sei muito bem a história, cada um conta a sua versão, então a gente nunca sabe qual é a verdade – talvez um pouquinho dos dois. A gente morava num prédio e todo mundo do prédio ficou: “meu Deus”, uma viatura entrando, um escândalo. Eu tenho os pais separados desde então.

Morei com minha mãe boa parte da infância, sempre de aluguel, sem residência fixa, me mudei muito assim. Já morei em metade da cidade, perdi as contas...acho que mais de 30 lugares. Aos 13 anos fui morar com meu pai, pois minha mãe foi a trabalho para outra cidade e eu não quis ir, estava na sétima série, ia para oitava e já estudava na mesma escola há muito tempo. Eu queria pelo menos terminar esse ano, aí falei para ela me deixar mais um ano aqui e depois iria com ela. Então minha mãe passou minha guarda provisória para o meu pai e foi para trabalhar, enquanto eu fiquei com meu pai e com meu irmão mais novo, que era quatro anos e meio mais novo que eu. Esse ano foi muito bom, porque minha mãe trabalhava muito, então eu e meu irmão ficávamos período integral na escola desde sempre, mas nesse ano eu não precisava passar o dia todo na escola, então comecei a sair mais, conhecer mais o mundo fora de casa e da escola.

Depois de um ano minha mãe voltou e foi morar na casa do atual marido. Como o combinado era que eu ficaria apenas um ano morando com meu pai, voltei a morar com a minha mãe. A casa do marido da minha mãe (sempre fala “marido da minha mãe”, nunca padrasto) era muito longe. Junto comigo e meu irmão foram morar, também na casa, os filhos do marido da minha mãe. Eles tiveram que vender o carro e construir mais um cômodo, com quartos e banheiro para os filhos, porque

foi eu, meu irmão, o filho mais velho dele e a filha dele que é um pouquinho mais nova que eu. Então, eles fizeram um cômodo para os quatro filhos. Morei com minha mãe por um ano, ela parou de trabalhar tanto e finalmente começou a aprender a como cuidar da gente, mas neste momento eu e meu irmão éramos mais independentes e começamos a brigar muito. Minha mãe então pediu para eu ir morar na casa do meu pai novamente. Eu e meu irmão fomos morar com meu pai até eu terminar a escola, depois durante o cursinho, até o primeiro semestre da faculdade.

Quando eu ainda estava na escola, meu pai começou a namorar, um namoro mais sério, que dura até hoje. Eu não moro mais com meu pai e uma das coisas que me motivou a sair de casa foi a mulher do meu pai. Eu sempre vou dar o meu lado da história e vai ser enviesado, mas ela é muito egoísta...eu não frequento mais o mesmo espaço que ela. Então, se meu pai vai fazer alguma coisa e ela vai, eu não vou. Ela é do Rio de Janeiro e vinha todo final de semana, as vezes trazia os filhos dela e queria impor a vontade dela na minha casa. E ela e os filhos dela eram 100 vezes mais importantes do que a gente, tinha coisa na casa que ela trazia que só eles podiam usar. Meu pai nunca chegou a me defender assim, na verdade ele não me defendia (relata, com certa mágoa). Ele me ama, eu sei, mas tipo, nesses aspectos eu me sentia muito mal dentro de casa. Já não sentia mais o lar, sabe? E eu saí da casa do meu pai. Falei que não aguentava mais, não tinha meu espaço, minha privacidade...e eu precisava disso.

Após sair da casa do meu pai, fui morar com minha bisavó até poder arranjar um lugar definitivo, mas isso durou dois anos e meio. Também não foi fácil ficar na casa da minha bisavó, eu tinha que dividir o quarto com minha avó que fumava e a minha bisavó estava cheia de manias, ela estava precisando ter uma cuidadora, precisava de um espaço, ela sempre me falava isso, sempre dava umas diretas. Aí eu falei: “quer saber? Vai ser melhor para mim e para ela se eu sair da casa dela”, para ela poder ficar menos estressada. Porque ela se estressava demais comigo usando as coisas, e eu me estressava também, porque eu não tinha ainda o meu espaço.

Para eu conseguir morar sozinha, recebo ajuda de outros familiares e da minha bisavó. Eles me dão um pouquinho de dinheiro cada um e eu completo com

meu dinheiro que tenho guardado para pagar as contas, me alimentar e tal. Aí estou vivendo assim já faz uns meses.

Minha mãe no momento está morando com o marido no litoral, pois conseguiu emprego lá. Atualmente tenho um bom relacionamento com meus pais (mas sua fala é um pouco reticente ao afirmar isto). Acho que me dou melhor com meu pai do que com minha mãe, acho que ele é mais próximo de mim. Ele sempre foi aquela pessoa que ajuda todo mundo da família, que pega o carro e vai para o hospital se tiver alguma coisa acontecendo...e ele faz isso por mim. Por exemplo, quando eu voltei de viagem e estava com febre – ele foi me buscar na metade do caminho do aeroporto, ele me buscou lá e me deixou na casa dele porque eu estava mal. Então, a gente tem esse tipo de relacionamento. Mas também ele faz várias escolhas que me magoam muito e ele não enxerga isso. Minha família é muito agressiva. Todo mundo é muito estressado, meu pai se estressa facilmente. Aí eu fiz até um pouquinho de terapia para aprender a ser menos estressada e acho que me ajudou...vivo meus dias com mais calma.

Acho que na maioria das coisas posso contar com meus pais, mas já vivi situações que precisava e não pude contar com eles. Minha mãe mudou muito depois que se juntou com esse novo marido dela, mudou completamente para vida dele... tanto que eu convidei ela esses dias para dormir comigo na minha casa e ela falou que não ia porque não dormia sem o marido dela. Aí eu falei: “tá bom, né, fazer o que”, mas meio que ela escolheu assim... grudou no marido dela.

Eu não tenho um bom relacionamento com o marido da minha mãe, já fiquei um ano sem falar com ele e, conseqüentemente, sem visitar ela. O motivo da briga foi algo muito bobo, mas minha mãe o defendeu. Tudo que conto para minha mãe, ou para o meu pai, eles falam para seus respectivos companheiros, isso me desagrada imensamente. Odeio mais a mulher do meu pai, que o marido da minha mãe, me dá uma raiva...ela não deixa a gente escutar o que ela quer falar com ele, aí vai no quarto e fala baixinho, sabe? Aí tipo, o que eu faço ela sabe, tudo; agora, não sei uma palavra do que ela faz.

(Joana entra espontaneamente no assunto da violência sexual) É que meio que assim, eu não sei o que eu escrevi aí (nos questionários), mas algumas vezes durante a minha infância e adolescência eu meio que quase fui abusada. Pode até

ser considerado um abuso as coisas que aconteceram. E ele foi uma das pessoas, o marido da minha mãe, só que eu nunca contei para ela.

No início eu tinha um bom relacionamento com o marido da minha mãe, eu conversava muito com ele sobre tudo, aí eu acho que ele teve uma abertura errada, entendeu alguma coisa errada. Nós éramos bem próximos. Mas aí notei que ele começou a dar umas investidas em mim e eu sempre travava quando estas coisas aconteciam. Minha mãe pagava CNA (escola de línguas) para mim na época, e era meio longe, mas eu ia a pé...teve uma vez, acho que ele foi me levar sozinho de carro e quando eu estava indo embora ele me deu um beijo. Eu ficava meio que sem reação. E ele fazia isso com a filha dele e com a minha mãe. Então, eu ficava imaginando: “nossa, será que isso é coisa de pai e filha?”, sabe, mas eu não tinha certeza. E eu ficava desconfortável, mas também era uma situação em que eu não sabia muito o que fazer. Daí foi acontecendo várias coisas assim.

Isso começou a acontecer quando eu tinha 15 anos, teve uma vez em que estávamos eu e ele na casa. Aí eu estava no computador e ele foi lá passar no quarto...começou a massagear os meus ombros, aí eu fiquei meio que sem reação e fingi que nada estava acontecendo, continuei mexendo no computador. Aí ele começou a descer a mão...até uma hora que ele queria tipo tirar minha calça. Aí ele viu que eu estava meio que paralisada, aí ele perguntou para mim: “você quer que eu faça isso?”, aí eu falei: “não”, aí ele falou: “você nunca mais quer que eu faça isso?”, eu falei: “não”. E daí ele parou”. Mas ele não parou completamente.

Depois disso eu fiquei meio que afastada dele, porque minha reação é me manter longe. Aí teve uma vez que a gente estava assistindo filme no quarto deles e eu peguei no sono. Só que eu estava na ponta da cama de casal e acho que minha mãe estava no meio e ele do outro lado...meio que dei uma acordadinha assim, já estava todo mundo dormindo e ele estava no meio da cama. Aí eu senti ele me apalpando de novo. Só que o que eu ia fazer? Eu fiquei pensando: “puta, e agora? Vou levantar da cama do nada e sair do quarto? E se minha mãe ver alguma coisa, depois ela vai ficar perguntando”. Daí eu fingi que estava dormindo até uma hora que ele meio que parou. Aí eu esperei um pouquinho, levantei da cama e fui para o meu quarto. Porque eu não tenho o que fazer.

Eu não me sinto culpada, mas nunca cheguei a contar isso para minha mãe porque ela está nesse casamento, ela o ama, ele é bom para ela...é um pensamento

muito dúbio. A minha mãe naquela época não se dava tão bem comigo. A gente tinha muito choque. Então, se eu contasse, eu ia ser a vilã da história. Hoje em dia também não vejo motivo, sabe? Estragar... deixa eles. É só eu me manter longe...você não sabe o que fazer. É meio ruim.

Eu sinto nojo dele e me sinto insegura quando estou perto. Ele tem esse lado: “só se você quiser”, sabe? Mas eu não sei...eu não convivo mais tanto assim com eles, porque eu não moro mais com ela, eu mantenho essa distância. Mas eu sei que ele tem olhos de quem deseja, sabe? Ele tem olhar de quem deseja. E eu tomo muito cuidado. Na praia eu não gosto de ficar me expondo na frente dele, sabe? Acho que até hoje, se ele tivesse oportunidade, tentaria fazer algo comigo. Ninguém da minha família sabe o que aconteceu, já contei apenas para algumas amigas e para um amigo bem mais velho.

Mas ele não foi a única pessoa que fez isso comigo. Uma vez, eu tinha sete anos, e estava passando alguns dias em uma casa, numa fazenda da família, com outros parentes. Eu, minha mãe e meu irmão íamos dormir no corredor da casa. Então um tio, marido da tia da minha mãe, que tinha uns 50, 60 anos, ofereceu seu quarto para minha mãe e meu irmão dormirem, mas disse que eu deveria continuar dormindo no corredor, só deveriam ir para o quarto a minha mãe e o meu irmão. Continuei dormindo na poltrona no corredor, mas agora junto com esse tio. No meio da noite eu me lembro que ele começou a passar a mão no meu pé, na minha perna, e foi subindo. Eu não estava entendendo muito bem, mas acho que...mas eu fiquei tipo lá, não sabia o que fazer. Depois ele me puxou para o sofá e pôs minha mão dentro da cueca dele e estava passando a mão em mim lá. E eu nem tenho noção assim do que aconteceu. Eu lembro que eu fiquei com a mão bem fechada assim, em algum lugar, porque eu não tinha o que fazer, aí eu vi uma abertura e dei sorte de novo, eu acredito, nessa hora. Porque vi uma abertura em algum movimento que ele fez, pulei o sofá e saí correndo para o quarto. Aí eu quis dormir com a minha mãe, ela perguntou: “O que aconteceu? O que aconteceu?”, e eu não conseguia falar para ela. Ela me deixou dormir com ela. Alguns dias depois, minha mãe voltou a perguntar o que tinha acontecido e então eu contei, e foi realizada denúncia, boletim de ocorrência, meu tio ficou foragido. Nunca chegou a ser preso e faleceu há alguns anos.

Me lembro de como foi constrangedor dar o depoimento. Eu tenho lembrança do momento em que eu estava contando o que aconteceu. Acho que foi a parte mais marcante de tudo isso, mas só precisei contar a história uma vez. No começo eu não sabia o que estava acontecendo. Quando eu ainda estava no meu sofá e ele no dele, eu não sabia. Mas depois que ele me puxou e pôs a minha mão dentro da cueca dele, daí eu já estava quase que entendendo. Mas é que meus pais não tinham me contado como é que essas coisas funcionavam com essa idade. Eu lembro, a minha mãe contava a história da sementinha quando eu perguntava alguma coisa. Mas mesmo sem ter certeza, eu me senti muito desconfortável e com medo do que ia acontecer se eu não tivesse escapado, sabe? Eu não contei para minha mãe na hora pois fiquei com medo dele fazer algo contra ela caso fosse confronta-lo. Quando contei nós já estávamos em casa e eu me sentia mais segura longe dele. Mas se minha mãe não tivesse me perguntado novamente, eu não revelaria, pois estava tentando esquecer o que havia acontecido.

Aos doze anos, eu ia com frequência na casa de um vizinho de uma prima, para brincar com alguns jogos de tabuleiro. O vizinho era mais velho e dava uma incrementada nos jogos para atrair as crianças. As crianças iam para lá e o vizinho usava um massageador. Ele falou que tinha um jogo, e eu ainda não tinha malícia naquela época. Tipo, ele tinha uma maquininha lá que tremia, que fazia cócegas – olha isso, essa eu tenho vergonha de não ter percebido...aí ele levava a gente lá para cima para fazer cócegas, só que daí ele colocava a maquininha em lugares inapropriados, falava para gente gozar, ou se tinha gozado, aí eu também não sabia o que fazer e ficava quieta. Eu e minha prima, que era mais velha, não entendíamos o significado daquilo. Quando meu pai descobriu um tempo depois, simplesmente pediu para minha prima e eu não irmos mais lá.

Hoje em dia eu sou uma pessoa extremamente fechada, nunca me relacionei com ninguém. Eu acho que isso é consequência de todos os ocorridos. Porque se fosse uma coisa só, você ainda consegue imaginar: “nossa, é uma pessoa no mundo”, mas já aconteceram em diversas situações, com diversas pessoas diferentes. Muitas eu confiava. Então, alguma coisa está errada. Eu nunca quis me aproximar das pessoas pelos acontecimentos que vivi. Acho que é justificável, pois são muitas histórias, e elas começaram na minha infância. Só que por causa disso nunca...nunca tive um relacionamento. Eu tive um namoradinho aos 14 anos,

quando eu morava com meu pai, e ele demorou sete meses para conseguir me convencer a namorar com ele, dar um beijo nele. E eu sempre fui muito fechada nesse aspecto. Eu não confio nas pessoas, porque olha só o que acontece...então, eu nunca tive uma relação sexual, ainda bem que nunca fui abusada nesse nível. E não tenho coragem. Às vezes me sinto atraída por um cara e tipo, eu tenho um muro que não deixa que eu fale com ele. Eu fico morrendo de vergonha, finjo que não estou olhando...faço qualquer coisa, mas não me aproximo...e eu tenho 24 anos, já.

Além de tudo isso, recentemente aconteceu mais uma coisa. Eu sou escoteira desde a adolescência. E hoje em dia eu cuido das outras crianças...aí tem pessoas que trabalham comigo cuidando das crianças, que me viram crescer, porque eu já fui a criança que eles cuidam. Então, eu sou muito próxima deles, como se a gente fosse família. Esse cara não era um dos mais próximos, mas ele se tornou muito próximo de mim. Ele é casado, conheço a esposa dele, ele tem emprego fixo, está bem de vida, é super brincalhão e a gente se dá superbem. E eu comecei a contar para ele, tanto que ele foi uma das pessoas para quem eu contei essas coisas que aconteceram na minha vida, e eu comparo o relacionamento que eu tinha com ele com o relacionamento que eu tinha com o marido da minha mãe, que era um relacionamento muito aberto, e eu considerava ele um dos meus melhores amigos, a gente sempre tinha combinado de eu ir na casa dele fazer uma sessão de filme, só que eu achei que a mulher dele também ia estar lá, mas ela estava viajando a negócios, e eu só descobri quando cheguei na casa deles. Aí achei que fosse dormir no sofá, eu já fiquei meio com um pé atrás quando ele falou que a gente ir dormir na cama de casal dele, então fomos assistir ao filme no quarto. Eu peguei no sono lá mesmo, ele quis começar a fazer massagem em mim...era tipo deitar de costas, subir nas minhas costas e fazer massagem. Aí eu nem sei por que, mas eu travei – porque eu travo. Já passei por situações em que tentaram me beijar a força, colegas que estavam em relacionamentos na época, e minha atitude sempre diante dessas situações é ficar paralisada. Não consigo impor um limite. Não é algo que eu consiga atualmente. Eu realmente acho que eu preciso de ajuda psicológica para conseguir vencer e saber lidar com essas situações, eu realmente não sei como me proteger dessas coisas. Eu teria que não travar. Porque daí eu conversaria, ou diria “não” e sairia fora. Mas eu não consigo fazer. Eu quero fazer

essas coisas, mas eu não faço. Fico lá esperando, travada. Além disso, eu tenho baixa autoestima.

Tudo isso que eu vivi não me deixa confiar nas pessoas. Recentemente fui excluída de um grupo da faculdade sem ser avisada. As pessoas das quais eu fui próxima nos últimos anos de faculdade fizeram um grupo sem mim, não me avisaram, todos os grupos estavam montados, mas eu estava sem grupo e ninguém falou nada e agiram como se nada tivesse acontecido. Todas as pessoas que eu achei que fossem meus amigos na faculdade eram falsos, duas caras, e não se importavam comigo da forma que eu achei que eles se importavam. Então, foi muito facada. Uma coisa que eu odeio é ser ignorada. Acho que é uma falta de respeito fingir que não está escutando a pessoa. E meu pai fazia muito isso comigo e eu tinha muita raiva. Eu odeio que as pessoas façam isso comigo.

Atualmente eu não espero nada das pessoas, cada um tem sua vida e sempre vai ser mais importante o que eles têm que fazer para eles, do que se preocupar com outra pessoa, e na verdade eu sou uma pessoa que gosta de cuidar dos outros. Então, para mim é meio diferente o pensamento. Então, eu não me preocupo mais e não me machuco tanto quanto no passado. (Enfatiza o “tanto” e chora). Eu já estive deprimida e estava sozinha. Meu pai achava mais importante a namorada dele, e minha mãe acha mais importante o marido dela. Não iam se preocupar comigo porque estou me sentindo sozinha e abandonada, sabe? Então, já tive esses momentos de achar que não posso contar com ninguém. (Chora de novo. Se emociona bastante).

Acho que tudo que vivi moldou a forma como me relaciono com as outras pessoas e não sei como resolver isso. Gostaria de me sentir mais segura e saber que tem pessoas que gostam e se preocupam comigo. (Diz isso chorando copiosamente).

Eu revelaria o abuso que sofri pelo marido da minha mãe se soubesse que ele não faz bem para ela, mas de certa forma ele faz bem para ela. Ao mesmo tempo que ele a coloca para baixo em alguns momentos, intelectualmente, ele e o resto da família dele, os filhos dele ficam a zoando nesse aspecto, tirando essa parte assim, ele faz muito bem para ela. Ajuda ela em tudo que ela precisa, se a gente estiver com alguma necessidade e minha mãe não puder ajudar, eu sei que ele vai ajudar, ele é muito bom para ela nos outros aspectos. Tanto que antes de

ela estar casada com ele, ela viva nas dívidas e ele a ajudou...então, ele fez bem para ela. Se ele não fizesse bem para ela, provavelmente eu já teria contado. Ou se ela já tivesse se separado dele há muitos anos e eu soubesse que ela não ia voltar. Mas até hoje eu acho que ela não acreditaria em mim. (Joana se emociona muito no final da entrevista.)

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 6 / ENTREVISTA 2

Meu nome é Beatriz, tenho 21 anos. Moro com os meus pais e com um irmão, que tem quase a mesma idade que eu, e sempre tivemos um bom relacionamento. Tenho outra irmã, por parte de pai, que é casada e não mora conosco. Minha mãe sempre foi muito presente em minha vida, ela trabalha em casa e em projetos da igreja, já o meu pai foi um pouco mais ausente, ele é taxista e sempre trabalhou bastante. Eu sempre estudei em escola pública, tentei algumas vezes fazer testes para entrar em escola particular, mas não tive sucesso. Estudei muito no terceiro ano do ensino médio e fiz cursinho para entrar na faculdade. Meu relacionamento com minha mãe é bom, ela é mais afetiva e compreensiva. Meu pai é mais ignorante e arrogante, mas, de certa forma, nos damos bem. Meus pais há cerca de três anos, apesar de morarem juntos, não tem um relacionamento conjugal. Eu gostaria que eles se separassem, morassem em casas diferentes, para que cada um continuasse com sua vida e tivessem mais liberdade para viver outro relacionamento.

A convivência dos meus pais nunca foi muito harmônica, sempre houve muitos conflitos em casa, principalmente pelo meu pai ser muito ausente. Ele é taxista, acho que ele é viciado em trabalho, então ele sai cedo e chega tarde. Na minha infância eu não lembro muito do meu pai em casa, quando eu ia dormir ele ainda não tinha chegado, quando eu acordava ele já tinha saído. Meu pai começou a construir uma casa, então ele passava os fins de semana, também, nessa construção, então isso gerou muito conflito entre os meus pais. A minha mãe tentava conversar, tentava ter alguma participação nas coisas, na construção da casa, e o meu pai nunca a incluiu. Acho que isso foi virando uma bola de neve, e agora eles estão assim.

Eu me lembro muito pouco sobre o que me aconteceu (se referindo a violência sexual). Foi um primo distante, na verdade filho do meu tio-avô, que morava em outra cidade e veio morar na casa da minha avó para estudar. Nós morávamos ao lado dessa avó. Na época eu tinha entre 4 e 5 anos e ele, provavelmente, uns 15 ou 16 anos. Ele veio morar com minha avó para fazer o Ensino Médio. Minha avó, às vezes, deixava a gente brincando sozinhos e ele aproveitava esses momentos. Me lembro que contei para uma prima, que ficou indignada, mas eu não entendi o motivo. Essa prima contou para um primo mais

velho, que brigou com ele (o perpetrador). Sem nenhuma explicação ele foi embora e parou de estudar.

Na época eu não tinha consciência do significado do que acontecia, nós éramos muito próximos, brincávamos juntos, ele era o primo divertido, nunca poderia achar que ele seria capaz de fazer algo para me machucar. Eu não me liguei na época, só depois. Não tenho ideia de quanto tempo isso durou, mas sei que não foi apenas uma vez.

Meu primo me pedia para abaixar a calça, e aí...aí...aí, né. (Beatriz tem dificuldade de relatar claramente o que aconteceu, nomear). É isso que eu lembro, mas eu não lembro muito bem. Como eu não sabia o significado do que acontecia, não me incomodava. Fiquei incomodada na adolescência, pelo fato de eu não ter tido escolha. Me dei conta do que eu vivi por volta dos 9, 10 anos, quando fiquei sabendo o que era uma relação sexual. Antes dos 10 anos, até, acho que quando eu fiquei sabendo o que era isso, eu já percebi.

Minha família é bastante religiosa e, mesmo tendo um bom relacionamento com minha mãe, preferi não contar para ela. Eu acho que eu tinha medo porque eu achava que ela ia me repreender de alguma forma, então, sei lá, eu achava que ela ia brigar comigo. Após ter me conscientizado que tinha sido vítima de abuso sexual, preferi continuar mantendo o fato em segredo. Não achei necessário contar, acho que já passou, que ia ser um estresse, até porquê, a família desse meu primo já tem muitos problemas, ele voltou para a cidade dele, começou a se envolver com criminoso, teve que voltar porque ficou ameaçado de morte, a mãe dele já ficou em depressão, então eu resolvi não querer complicar, eu achei melhor manter assim.

Acredito que mesmo que minha mãe ou outra pessoa tivessem me questionado, no momento que o abuso estava ocorrendo, eu não seria capaz de contar. Eu comecei a perceber que não era uma coisa muito legal contar, porque meu outro primo ficou muito estressado, e tudo mais, eu acho que fiquei me sentindo meio culpada de fazer meu primo voltar para a cidade dele, não terminar de estudar, então de certa forma eu não queria ter prejudicado ele. Eu acho que não contaria por causa disso.

Ele nunca foi violento, não me machucava, nem me ameaçava. Sempre havia alguma pessoa em casa, então ele tentava manter tudo em segredo.

Eu ainda tenho contato com ele e o trato normalmente, como se não me lembrasse do que aconteceu, e ele age como se não tivesse feito nada. Mas eu também não me importo, até hoje eu acho que eu tenho um pouco de dó dele pelo que aconteceu com a vida dele, porque eu acho muito triste, ele está usando drogas, as vezes rouba as coisas da casa para usar drogas, agora ele tem um filho, não consegue emprego.

Não acredito que o que aconteceu tenha me afetado tanto, eu comecei a namorar, quando surgia esse tipo de oportunidade (relação sexual) eu acho que me sentia um pouco mal por não ter sido uma pessoa que eu tivesse escolhido, por eu ter essa lembrança, acho, era o que eu me sentia mal, mas eu acho que nunca fiquei depressiva por causa disso, triste.

Acho que se alguém tivesse conversado comigo antes poderia ter sido um pouco diferente. Eu não sei, eu acho que eu tentaria fugir, chamar alguém, não sei, talvez isso.

No início da adolescência do meu irmão, fiquei sabendo que ele também foi abusado por esse primo, na mesma época que eu também sofria o abuso. Meu irmão contou para minha mãe e apesar de ela ter agido de maneira muito acolhedora, decidiu não tomar nenhuma atitude, por pena do primo e da família dele. Acredito que o abuso tenha trazido para meu irmão consequências emocionais piores que as minhas.

Apenas minha prima e seu namorado sabem, nunca falei com meu irmão a respeito disso. Acho desnecessário falar hoje, pois já faz muito tempo e não tem mais o que fazer. Eu realmente não sei o que é que eu poderia fazer a respeito dele continuar abusando de outras pessoas, mas eu também não teria coragem de prejudicar ele, então é por isso que eu não falo, também porque eu tenho muita dó da minha tia, que ela realmente é bem depressiva, ela teve que deixar a família dela para vir para cá por causa dele, então ela sofre bastante por causa disso, então prefiro não complicar.

Apesar de eu não saber o significado do que acontecia, acredito que não tinha prazer ou gostava do que ele fazia comigo. Eu lembro que algumas vezes eu tentei sair correndo, eu lembro que ele tinha trancado a porta do quarto, acho que foi no dia que eu fui pra casa de uma outra tia minha e estava eu, meu irmão e ele, a minha tia, eu acho, que falou: "eu vou ali comprar alguma coisa e já volto", e como

ele era o mais velho, ela deixou a gente com ele. Eu lembro que ele me trancou no quarto, trancou o meu irmão para o lado de fora, eu lembro que eu ficava tentando abrir a porta, eu lembro disso, eu acho que eu não gostava.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 11 / ENTREVISTA 3

Meu nome é Jéssica e, nossa, tenho muita história para contar. Minha mãe me teve com vinte e poucos anos, meu pai ficou com a minha mãe até meu irmão nascer, ele é três anos mais novo que eu. Após o nascimento dele, meus pais se separaram, meu pai voltou para sua cidade natal, e eu não tive mais contato com ele. Não tinha foto, nem nada, cresci sem meu pai, aí eu fui conhecê-lo com 15 anos. A família da minha mãe nunca aceitou o relacionamento dela com o meu pai, ela é a caçula de oito irmãos, e quando saiu da casa da mãe, minha avó ficou profundamente triste, pois era muito apegada a filha. Já o meu pai tinha tido outros relacionamentos, casamentos, tinha outros filhos. Após a separação, minha mãe não quis voltar para casa da minha avó, pois era um ambiente muito opressor, então fomos morar de favor na casa de uma amiga. Ela recebia muita ajuda da igreja. Teve uma época que a igreja alugou uma casa para minha mãe, só que não morava só eu e a minha mãe, a gente morou em várias casas, moramos em casa com outras pessoas, com outras crianças, com outras famílias, só que a gente já morou em casa com outros homens também.

A família da minha mãe, sabendo desta situação, resolveu pedir minha guarda, eu tinha de quatro para cinco anos. Lembro que fiquei um bom tempo sem vê-la, passei natal sem ela, eles entraram na justiça, me pegaram, tiraram a guarda da minha mãe, eu tive que depor e tudo, mas no final deu tudo certo. Eu lembro que fiquei separada do meu irmão, eles me tiraram, a assistente social queria me levar para alguma família desconhecida, só que um dos meus tios falou assim: “eu fico com ela”...e eu fiquei um tempo na casa dos meus tios, meu irmão, acho que foi para uma família desconhecida...a gente ficou separado, eu sem ver minha mãe. A gente tinha algumas visitas, só que eram poucas. Nessas visitas é que eu via meu irmão e minha mãe juntos. Mas eu lembro que eu fiquei um pouco na casa dos meus tios, meu irmão ficou em outro lugar e eu via a minha mãe de vez em quando, até passar todo o processo. Eu me lembro que queria muito ficar com ela. Queria, queria, queria. Sentia saudades da minha mãe. Quando eles foram me buscar na casa que eu morava, lá morava um senhor que cuidava da gente, eu também gostava dele, hoje em dia gosto muito dele. Mas na época, eu achava mais legal passear com as minhas tias...minha tia chegou no portão de casa e falou: “vamos passear com a tia, pega umas roupas para você e para seu irmão”. Eu achei que eu

só fosse passear, só que tinha polícia lá na porta, eu não estava entendendo muito bem, mas minha tia falou que eu ia passear, peguei minhas coisas e fui, eu e o meu irmão. Tanto que depois eu até me senti culpada, porque pensei: “Poxa, fui eu que fui”. Eu nunca quis ficar longe da minha mãe. Este afastamento foi totalmente contra a minha vontade.

Meu pai quis conhecer a gente quando eu tinha 15 anos. A reaproximação não foi nada tranquila, pois eu não gostava da ideia, falei para a minha mãe que eu não queria ver ele. É muito difícil crescer sem pai. Pelo fato do meu pai ser ausente, minha mãe sempre teve que trabalhar muito, em dois empregos, quando ela saía de casa eu ainda estava dormindo, quando retornava, eu também já estava dormindo, então, não tive muito contato com a minha mãe. Eu fazia tudo sozinha, ia para escola sozinha, voltava sozinha, na minha primeira série eu era única menina que voltava da escola sozinha. Eu chorava sozinha na rua. E eu não tinha nenhuma foto do meu pai. Às vezes eu parava em frente a qualquer pessoa que fosse mais velha e olhava: “poxa, será que meu pai parece esse cara? Será que tem a cara do meu pai?”, eu não sabia. Por tudo isso eu não queria de maneira nenhuma conhecer meu pai. A gente passou por um monte de dificuldade, eu e minha mãe, sabe, todo mundo sozinho, eu ajudando muito minha mãe em questão de casa, questão de mudança, cuidar do meu irmão também, e aí agora meu pai ia querer aparecer? Para quê? Para confundir minha cabeça? Mas com a insistência e presença constante dele, aos poucos eu passei a aceitá-lo. Depois que a gente foi pegando mais intimidade, que ele foi chamando a gente para passear para a casa dele, hoje é bem tranquilo, nas férias a gente se encontra, eu o abraço. Não tem tanta intimidade assim, mas conversamos. É que eu tinha uma certa raiva por tudo o que a gente passou.

Depois que acabou a disputa pela minha guarda, eu fui morar com a minha mãe e fiquei com ela até vir para a universidade. Minha mãe mora com o namorado dela e minha meia irmã. Apesar de amar muito minha mãe, respeitá-la e me orgulhar muito dela por tudo que ela passou, temos um relacionamento distante. Eu não tenho muita intimidade com a minha mãe, não tenho problema de ficar longe. A minha mãe sofre muito, eu não tive muito contato com ela. Até porque meu irmão era muito doente, então o tempo que ela ficava em casa era com meu irmão, mas

sempre foi muito distante, nunca contei nada para a minha mãe dos meus probleminhas de escola.

Com a família da minha mãe o relacionamento também é distante, por conta das questões judiciais que tivemos. Não temos muito contato, não tenho um tio para me dar um presente de aniversário, no meu aniversário meus tios não vinham, não falavam comigo, contato com primo também é muito distante. Acho que com uns 15 anos é que esse relacionamento começou a ser retomado. Hoje em dia é mais tranquilo, vou na casa da minha avó, a gente almoça todo mundo junto, mas, normalmente, não era assim, minha família se reunia todo o final de ano para viajar, e era eu e minha mãe distantes. Visitávamos minha avó para ver minha avó, e não para ver o resto. Íamos em um horário que eles não estavam.

Sempre estudei em escola pública, me dava muito bem, era boa aluna. Fiz cursinho para entrar na universidade. Nos primeiros anos, trabalhava e estudava, então só assistia aula, não conseguia estudar em casa. Mas depois parei de trabalhar e ganhei bolsa de estudos. Neste período, como parei de ajudar em casa financeiramente, minha mãe não tinha como pagar o aluguel, então recebemos quatro ordens de despejo, porque a gente juntava dois alugueis e pagava um, juntava mais dois e pagava outro, quando dava três meses a gente pegava ordem de despejo...foi, foi complicado, e eu achava que a culpa era minha, várias vezes chorei porque se eu estivesse trabalhando ao invés de ficar só estudando, eu iria poder ajudar, mas foi uma decisão que eu tive que tomar, minha mãe concordou, minha mãe concordou. Minha mãe sempre me deu força.

Na época em que estava na moradia oferecida pela igreja, quando era criança, moravam na casa, minha mãe, meu irmão, eu, e mais dois homens. Um deles era o senhor que posteriormente cuidou de mim e do meu irmão. Ele vendia sorvete, era um amorzinho, quando sobrava dava um para mim e outro para o meu irmão. Ele era super bonzinho, gostava muito da gente, cuidava muito da gente, e o outro era uma pessoa meio esquisita. Às vezes a gente estava brincando e ele começava a meio que se masturbar. Eu não percebia, não entendia. Houve situações estranhas que aconteceram com este outro morador da casa, porém, naquela época, eu não entendia o que estava acontecendo. Me lembro de alguns fatos, que na audiência pela disputa da guarda tive que contar para o juiz. Eu estava brincando de boneca, aí ele me levou para o banheiro com ele. Ele me pegou no

colo e começou a esfregar assim. Só que eu estava brincando e eu não queria porque eu estava brincando, estava me incomodando. Eu queria ir para o chão, ele não deixava, começou a se esfregar, só que eu estava de roupa ainda. Depois ele me pôs no chão e pediu para eu chupar, lamber, quando ele tirou para fora. Só que eu achava que eu não podia, né. Ele falava: “não tem problema, só um pouquinho”, lembrei que não gostei do gosto, queria ir embora. Depois começou a se esfregar de novo, depois parou assim e foi embora. Lembro de acordar uma vez com as calças abaixadas. Na ocasião, eu tinha entre quatro e cinco anos. Isso motivou a disputa judicial pela guarda. Não sei como a minha família descobriu o que estava acontecendo na casa, porque nunca contei para ninguém. Eu acho que eles devem ter desconfiado, viram que minha mãe estava morando com dois outros caras desconhecidos, estava deixando duas crianças sozinhas em casa com eles.

Acho que não contei para minha mãe pois achava que ela ia brigar comigo. Eu tinha muito medo e não sabia o que falar. Não sabia como dizer. Eu tinha consciência de que o que ocorria era estranho, não deveria acontecer, mas me sentia culpada de ter aceitado ir com ele ao banheiro, por exemplo, me responsabilizando de certa forma por estar vivendo aquela situação. Tinha medo que minha mãe brigasse comigo ou mesmo me batesse. Acho que minha mãe era brava, não sei. Sabe, assim, quando eu brigava com meu irmão era sempre culpa minha, porque eu era mais velha, quando acontecia alguma coisa, fazia alguma coisa errada, a culpa era minha. Além da culpa, o fato de ser muito difícil verbalizar o ocorrido. Para uma criança, somente o fato de dizer a palavra "pinto" já parece algo incabível, quanto mais transformar em palavras uma situação que envolve todo um contexto sexual; simplesmente é muito difícil verbalizar, sem contar que quando a gente fala é como se revivesse a cena de certa forma. Ficar calada é uma tentativa de apagar a situação da história de vida.

Eu não me lembro ao certo quanto tempo durou, mas aconteceu várias vezes, deve ter durado cerca de um ano, mas não me lembro ao certo.

Me conscientizei que tinha sido vítima de violência sexual quando tinha uns 13 anos de idade. Apaguei o fato vivido da minha memória e só vim lembrar do ocorrido quando tomei consciência. Vivi um período de depressão nesta época, não gostava da escola, não tinha ânimo para fazer as coisas, me isolei, não tinha vontade de falar com ninguém. Mas não acredito que essa alteração de humor se

deva ao fato de ter me conscientizado que fui vítima de violência sexual, na verdade nunca estabeleci esta relação.

Quando eu tinha uns 11 anos, a gente estava na casa de uma amiga da minha mãe, estava todo mundo lá, e eu brincando com as crianças do lado de fora, e tinha a casa e uma janela de um quarto. A gente brincando no quintal, eu consegui ver a sombra de um cara se masturbando, comigo brincando, e aquilo me deu um gelo muito grande. Eu comecei a chorar, chorar, chorar, porque eu lembrei do que aconteceu. Deu um gelo no meu corpo inteiro, comecei a chorar, chorar, chorar. Quando iniciei a atividade sexual, tinha muita dificuldade de fazer sexo oral, era muito difícil...porque eu lembrava. Mas hoje acredito que está tudo bem. Acho que uma vez o encontrei na rua (o perpetrador), eu lembro que eu olhei para a cara de uma pessoa que parecia muito com ele e eu paralisei, eu paralisei, eu não conseguia andar, até ele ir embora.

É a terceira vez que eu conto o que me aconteceu. A primeira vez foi quando precisei depor, falei também para meu ex-noivo que, por ser meu primo, já sabia da história e conversou comigo sobre o assunto. Durante minha infância eu tentava apagar. Às vezes quando eu lembrava, eu tentava apagar e fingia que nada aconteceu. Acho que aconteceu algo também com meu irmão, mas ele nunca falou nada e nem tocou no assunto. Da parte dele eu não sei até hoje o que aconteceu. Toda a vez que eu tento tocar no assunto ele não fala. Não sei...cheguei a conversar com minha mãe também, sobre o assunto, vários anos depois, e ela me falou que notava alguns comportamentos estranhos do violentador. Dele olhar para a gente diferente, ela me disse que eles tentavam sempre deixar alguém na casa quando saiam. A sobrinha de uma moça da igreja que olhava a gente. Eles tentavam. Quando a menina não estava era o senhor, o Antônio, que vendia sorvete, que ficava com a gente. Só que tinha hora que as vezes escapava do poder dela, sabe, do tipo: “eu preciso trabalhar, e as crianças?”, a gente não tinha família, praticamente, nossa família não falava muito com a minha mãe justamente por ela não voltar para a casa da minha avó. Mas eu não acho que minha mãe tem culpa disso, de maneira nenhuma.

Até eu entender que foi uma violência sexual, só tinha sido uma coisa estranha que tinha acontecido, tinha sido assim, uma situação meio bizarra, então eu não queria contar para ninguém, não queria que ninguém soubesse. Acho que

eu também não contava para ninguém para não acharem que eu era culpada daquilo. Minha mãe, de uma certa forma, sempre criou meu irmão e eu para sermos muito educados. Não, era não. Se ela mandasse fazermos alguma coisa, a gente obedecia, simplesmente fazíamos, nunca questioneei minha mãe...então sei lá, acho que eu podia ter feito alguma coisa, ter esperneado, ter chorado, ter gritado, ter saído do banheiro, só que era uma pessoa me mandando fazer alguma coisa e ele era mais velho...figura de autoridade. Ele nunca me ameaçou, apenas pedia para eu não contar.

O que me causou muito sofrimento foi ter sido afastada da minha mãe, ter que depor, na época eu não sabia o que podia ou não falar, tinha medo de ser tirada da minha mãe caso contasse algo que não devia. Mesmo sendo muito nova, me lembro muito bem do meu depoimento, do escrivão anotando todas as informações, da minha mãe e eu chorando muito na audiência. Isso tudo foi mais marcante do que a própria violência. Me senti meio invadida. Meio...por que estão fazendo tudo isso comigo, sendo que era para eu estar em casa com a minha mãe? Senti assim, por que vocês estão mexendo na minha vida?

Eu tinha um relacionamento com a minha mãe que não cabiam desconfianças, penso que se eu contasse para minha mãe, ela acreditaria em mim e faria algo para mudar a situação.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 17 / ENTREVISTA 4

Meu nome é Márcia. Nossa, minha história de vida é um pouquinho complicada. Meus pais são casados, mas eu nunca morei com eles. Sou filha única. Desde que sai da maternidade já fui morar na casa da minha avó e morei com ela até passar na faculdade, quando me mudei. Sempre morei relativamente perto dos meus pais, na mesma cidade, inclusive as casas são próximas, mas nunca morei com eles. Na casa da minha avó moram minha bisavó, um sobrinho dela, um tio com a esposa e o filho deles. O tio é irmão da minha mãe e meu padrinho. Quando vou para minha cidade, fico sempre na casa da minha avó, apenas visito meus pais.

Sempre morei com a minha avó pois na época do meu nascimento meus pais trabalhavam muito, além disso, nasci prematura e necessitava de muitos cuidados, minha avó é enfermeira e a minha mãe não tem jeito com criança.

Hoje em dia tenho um relacionamento melhor com os meus pais. A gente consegue conviver um pouco melhor, mas sempre foi um relacionamento muito difícil. Eles são autoritários e, apesar de nunca estarmos juntos, sempre gostaram de mandar. Sempre pagaram tudo. A parte financeira eles sempre administraram, então assim, remédio, plano de saúde, manutenção, cursos, escola. Agora aqui onde eu moro, eles que pagam tudo, mas eles querem mandar muito. Eles são muito autoritários, mas pouco acolhedores e protetores. Já o meu relacionamento com minha avó e a minha bisavó é muito bom. Minha avó liga todos os dias, é bastante preocupada, quer saber como eu estou, se preciso de alguma ajuda. Meu pai só manda piadas pelo WhatsApp e com minha mãe eu converso uma vez por mês, mais ou menos.

Eu sempre tive um quarto montado na casa dos meus pais, com guarda-roupa, televisão, cômoda, computador, tudo, mas nunca foi usado. É um quarto que fica fechado, como se fosse, sei lá, um filho falecido. Quando eu cresci, o berço foi trocado por uma cama de casal, e assim ficou. Cheguei a morar com meus pais durante quatro anos, quando a casa da minha avó estava em reforma, minha avó e a bisavó também foram morar conosco, mas assim que acabou a reforma, voltamos todas para a casa da minha avó. Algumas vezes meus pais tocaram no assunto de que eu deveria ir morar com eles, mas era muito mais para exercer autoridade,

quando eles achavam que tinha alguma coisa que a minha avó estava fazendo que não estava do agrado deles, do que por querer em si. Quando eu vou para minha cidade, nem sempre os visito.

Quando eu era pequena, por volta dos sete anos de idade, meu tio, irmão da minha mãe, sempre me levava para casa dele aos finais de semana. Esse tio era casado e tinha dois filhos, na época com 14 e 15 anos. Meu tio me levava para sua casa pois achava que eu ficava muito sozinha. Ele falava: “[...] não brinca na rua porque a vó não deixa ir para a rua, não vai para a casa de ninguém porque a avó não deixa”. Minha avó sempre foi assim mesmo. Às vezes, uma outra prima, que morava mais longe, ia também, mas geralmente era só eu. Um dos primos, o de 14 anos, abusava de mim e dizia que era tudo brincadeira. Me lembro claramente o que acontecia. Ele gostava de ficar mostrando o corpo, queria que mexesse nele. No início não me incomodava, as coisas que ele fazia eram indiferentes e não tinham nenhum significado para mim. Após algum tempo, cerca de dois anos, as atitudes dele passaram a fazer sentido e me incomodar e, então, eu parei de frequentar a casa dos meus tios.

Uma vez ele estava assim e minha tia entrou e falou: “que isso? Não pode. Isso é feio e não sei o quê, não sei o quê...”. Então, eu não sei até que ponto ele era só sem noção e até que ponto, eu não sei, ele tinha um grau de... Porque hoje, ele tem três filhos e tem dois sobrinhos. Um dos sobrinhos...ele cuida do menino com maior..., ele cuida muito bem dos filhos, ele se preocupa e cuida muito bem do sobrinho. E cuida mesmo...Não me parece ser uma pessoa ruim.

Quando eu tinha nove anos, cheguei a perguntar para minha prima se algo semelhante acontecia com ela, e a prima não fazia ideia do que eu estava falando.

Nunca revelei o que ocorreu com meu primo para ninguém. Minha tia, apesar de ter presenciado, nunca tocou neste assunto. Nunca contei para ninguém pois é uma situação muito constrangedora, e o clima, na minha família, que já não é bom, ficaria pior. Não acho que minha tia imaginava o que estava acontecendo, para ela deve ter sido uma situação pontual. Até há cerca de cinco ou seis anos, essa situação me incomodava muito, mesmo assim optei por não revelar, seria um desgaste muito grande. Achei que não valeria a pena.

Eu evitei muito desgaste, muita dor de cabeça, muita falação. Acho que foi melhor assim. Não me arrependo de não ter falado.

O que eu vivi influenciou bastante minha vida, principalmente a parte sexual. No começo tinha muita dificuldade para ter relação, para conseguir, não me sentia a vontade. Não era uma coisa que eu me sentia a vontade e eu tinha a impressão de que tudo estava um pouco a mais. Sabe, começava a incomodar. Então tinha muita limitação. Eu tenho certeza que meu primo me penetrou quando eu tinha cerca de oito anos, lembro porque eu tive sangramento. Esse incomodo durou por muitos anos e foi diminuindo gradativamente.

Fiz terapia por muito tempo, mas nunca cheguei a abordar este assunto com a terapeuta. Eu tenho déficit de atenção desde sempre e o foco da terapia era para cuidar deste meu problema. Morei com meu namorado por anos, mas também não contei para ele. Falar sobre esse assunto é um pouco incômodo, tanto que fiquei na dúvida se participaria desta entrevista, mas acho que estar falando com você pode me ajudar a chegar a alguma conclusão ou, mesmo, ajudar alguém.

Eu tenho uma tendência a não falar das coisas que me incomodam e dos problemas. Eu acho que falar, sempre para mim, é uma experiência pior do que não falar. Então o benefício de não ter falado é que eu não precisei lidar com aquilo de uma maneira que eu sei que eu não gostaria de ter que lidar. Então assim, eu acho que me poupou uma exposição, me poupou um desgaste, me poupou uma acusação porque você vai receber acusação. Você vai: “ah, mas você gritou? Você correu?”.

Eu tentei me machucar, me cortei de propósito, quando eu tinha uns 8, 9 anos, mas era muito mais porque eu tinha muito conflito com os meus pais e eu achava que tudo era horrível, que a minha vida era horrível, e eu não queria mais viver, não queria mais aquilo. Aquela vida não valia a pena...Eu achava o ambiente muito hostil. Não gostava de nada. Tudo me incomodava e eu tinha um sofrimento muito grande. Talvez até um sentimento de abandono que eu carreguei por muitos anos. Eu tinha muita raiva com relação aos meus pais, muita raiva. Porque assim: sempre viajaram, sempre fizeram as coisas. Eles tiveram a vida deles. Eles viviam muito bem. Só que só eles.

Meu primo nunca me ameaçou, ele apenas dizia: “...não pode falar, por que senão vão brigar com a gente e a gente não vai mais...”. Porque a gente brincava muito, a gente saía, corria, andava de bicicleta, jogava futebol, jogava vídeo game...Ele era bem legal, muito legal... E eu era muito sozinha, então assim... tinha

uma companhia. Acho que se alguém tivesse me perguntado eu teria revelado, na época eu teria falado se ela (a tia) tivesse perguntado. Porque eu percebi que tinha uma coisa muito errada por causa da reação dele. Ela falou: “não pode, não sei o que...” porque ele estava com a roupa abaixada, e ele respondeu: “foi ela quem puxou, ela mãe. Ela estava brincando e puxou”, sabe? Acho que se eu tivesse contado para minha tia, eu teria sido poupada de viver tudo que vivi. Eu acho que não teria acontecido tudo o que aconteceu depois. Porque ali ainda estava, meio que, ele estava começando a fazer as coisas.

Se os meus pais soubessem seria uma catástrofe total. Porque a minha mãe já não fala mais com esse meu tio, por outros motivos, não podem existir no mesmo ambiente. E meu pai tem porte de armas, eu não tenho a menor dúvida que o meu pai, literalmente, mataria ele. Literalmente...no sentido nem um pouco figurado. Seria uma decepção muito grande. Minha avó teria um sofrimento muito grande. Ela e a bisá. E acho que meus tios não acreditariam.

Às vezes eu encontro esse primo. Ele quase nunca aparece nos eventos da família. Eu me incomodo com a presença dele e com algumas tentativas que ele já fez de manter contato comigo. Normalmente sinto indiferença por ele, mas quando ele está no mesmo ambiente sinto raiva.

Não acho que meu déficit de atenção e hiperatividade esteja associado ao que me aconteceu. Fui diagnosticada com TDAH na faculdade, mas tenho sintomas desde os sete ou oito anos, quando o abuso começou a ocorrer.

Acho que contar poderia fazer com que as pessoas me vissem de outra forma, me rotulando. Eu prefiro que não me vejam de jeito nenhum, nem como vítima, nem como não vítima, nem como nada. Eu acho que é mais confortável ficar na zona de conforto e simplesmente ninguém saber.

Já com o gravador desligado, Márcia relata que tem grande dificuldade de confiar nas pessoas, de contar coisas da sua vida para alguém, crê que as pessoas vão julgá-la. Sempre teve muita intolerância a frustração. Disse que quando as coisas na sua vida davam errado tinha vontade de acabar com tudo, mas não atribui este comportamento ao abuso vivido.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 20 / ENTREVISTA 5

Eu sempre estudei em escola pública e gostava muito de estudar. Já no colegial, meus pais perguntaram se eu queria fazer faculdade, ou o que eu imaginava para o meu futuro. Eu desejava fazer curso superior, mas como meus pais não teriam condições de bancar uma faculdade particular, teria que fazer colegial e cursinho em uma cidade com escolas que propiciassem uma melhor formação, para poder entrar em uma faculdade pública. Neste momento, meus pais me ofereceram a chance de sair de casa e morar em outra cidade para poder me preparar melhor.

Fui morar com meu irmão, em uma cidade maior, ele na época estudava em uma universidade pública. Fiz o segundo, o terceiro colegial e o cursinho. Passei na faculdade e me mudei. No início foi muito difícil, pois eu morava em república, dividia o quarto com pessoas que eu não conhecia, mas tudo bem, não era o mais confortável, mas era o economicamente possível. No primeiro ano eu odiava a faculdade, não gostava de nenhuma matéria, eu odiava com todas as minhas forças. Nossa, não gostava nada de nenhuma matéria. Mas foi uma fase conturbada em vários aspectos para mim. Apesar disso, com uma determinação muito grande, resolvi que só sairia da faculdade se soubesse o que eu faria da minha vida. Eu pensava: “Ok, vou estudar, mas enquanto eu não decido o que eu quero estudar, não vou sair daqui, porque eu não quero voltar para a casa dos meus pais...”. Fui ficando e no segundo ano me apaixonei pelo curso e, hoje, pretendo fazer mestrado após terminar a faculdade.

Meus pais são muito presentes, bastante acolhedores e protetores. Nunca fui de contar muitas coisas da minha vida para eles, até porque eu saí de casa muito cedo, tinha 15 anos, então muitas coisas eu não contava para eles, primeiro beijo, primeiro namorado, essas coisas não era muito comum contar. Mas eles sempre foram muito carinhosos, me incentivaram a estudar, a sair, brincar, é uma relação muito boa. Sempre deram o melhor que eles podiam para mim, eles me apoiam em tudo. Tenho dois irmãos e a relação com eles é ótima também. Um deles é 12 anos mais velho e, apesar da diferença de idade e do pouco convívio, pois quando eu nasci ele já estava saindo de casa, a relação com ele é muito boa. Sou muito próxima do irmão com quem morei para estudar, a gente se dá muito bem, muito, muito bem.

Quando era mais nova, por volta dos 6 a 7 anos, passava todas as férias na casa da minha tia (irmã do pai) e do meu tio (marido da tia). Todas as férias, todos os anos, desde que eu conseguia ficar fora de casa sem a minha mãe, desde muito pequena. E eles são casados desde que eu nasci, mais ou menos, minha idade, 22 anos que eles estão juntos. Eu passava as férias sem meus pais. Eu adoro esta tia, sempre gostei muito dela. A partir de um certo momento, não sei por que, alguma coisa começou a me incomodar nas idas para as férias. Eu era muito pequena, não sabia o que era, mas alguma coisa no tratamento eu não gostava, por parte do marido dessa minha tia. Começou a me incomodar, mas eu era pequena, eu só ficava um tempo e depois ia embora, então ficava por isso mesmo, porque eu não falava para ninguém. No outro ano voltava....eu queria voltar. Eu queria. Sempre queria. Então eu comecei a não querer ficar sozinha com ele.

Comecei a fazer de tudo para nas férias ficar sempre perto da minha tia ou de outras pessoas. Comecei a trancar a porta do quarto onde dormia, não sabia o motivo, simplesmente fazia. Eu não sabia por que, porque eu nunca fiz isso, mas eu simplesmente comecei a trancar. Passei a levar a roupa para o banheiro para me trocar após o banho, o hábito anterior era sair de toalha do banho e me trocar no quarto, mas parei de fazer isso na casa da minha tia. Conforme fui crescendo, parei naturalmente de ir passar as férias na casa deles e fui me afastando. Quando encontrava com meu tio, tinha uma sensação estranha, mas não sabia o porquê.

Quando eu estava no primeiro ano da faculdade, resolvi passar um fim de semana na casa da minha tia e do marido dela. Segunda-feira pela manhã minha tia pediu para ele me levar até o metrô de carro. No trajeto, ele começou a dizer que me viu crescer, que eu estava me tornando uma mulher muito bonita, que eu sempre teria tudo que quisesse, que era muito inteligente, que poderia ter todos os homens aos meus pés e me pediu um beijo. Eu fiquei totalmente sem reação, fiquei em silêncio e ele pediu de novo, então eu saí do carro correndo, ele tinha estacionado, saí correndo e fui embora. Foi neste momento que me lembrei de tudo, eu me dei conta do que acontecia. Me lembrei que ele entrava no meu quarto durante a noite, que ele fazia carinho na minha mão, e ia subindo, começou em cima da roupa, depois ele colocava a mão dentro da minha roupa,

que ele ficava esperando eu sair do banheiro, que eu saia enrolada na toalha e ele ficava olhando. Que quando a gente ia na praia tinha um olhar diferente quando eu estava com biquíni. Coisas assim. Um beijo no rosto de despedida que era sempre mais perto da boca. Era diferente, eu não gostava. Todas as memórias vieram à tona, tudo ficou claro.

Inicialmente eu contei para duas amigas da faculdade, para tentar entender melhor o que estava acontecendo. Elas sugeriram que eu procurasse ajuda especializada, o que a princípio eu não quis. O meu jeito de lidar com isso, até então, era fingir que isso nunca aconteceu. Fingia que nunca tinha acontecido. Mesmo já sendo grande, já tendo capacidade de entender aquilo, é como se eu não pensasse. Eu ficava perto dele, eu me sentia desconfortável, mas eu não pensava sobre isso, simplesmente levantava, saía e pronto. Hoje eu sei que não foi o melhor jeito de lidar com isso, mas foi o jeito que eu achei na época.

Depois de algum tempo, não conseguindo lidar com tudo aquilo, eu tive uma espécie de surto, no meio da rua. Eu não sei o que aconteceu, eu não lembro direito, mas bateu um desespero imenso, eu comecei a chorar, não sabia o que eu estava fazendo, eu andava pelas ruas sem saber. Uma amiga minha me encontrou por acaso e me levou para o psiquiatra. E eu comecei a passar com ele. Só que eu não gostava de falar sobre aquilo, me doía muito, muito, muito, muito...ter que falar daquilo, eu não queria, porque eu sentia que eu sempre saía pior do que eu entrava no consultório. Eu comecei a fazer tratamento para depressão. Durante o acompanhamento médico, tomei a decisão de contar para minha mãe, mas apenas para ela, decidi que não contaria para o meu pai, ele até hoje desconhece esta história, pois me preocupo com a possível reação dele. Minha mãe ficou muito mal, muito triste, chorou muito, e disse que tinha passado por isso quando era mais nova e tudo o que ela não queria era que eu tivesse vivido isso. Resolvi que tinha que falar com a minha tia também, até porque nessa época o filho da minha tia teve uma filhinha pequena, e aquilo me incomodava muito, pensar que com a proximidade entre eles, não tinha como ficar em silêncio. Eu consegui conversar com ela, depois de alguns meses e contei tudo o que aconteceu. Ela também ficou em choque, chorava muito, mas eu disse que ela deveria fazer o que quisesse em relação ao

casamento dela, eu não estava cobrando nada, era uma decisão que ela devia tomar. Eu tinha receio que a minha tia reagisse mal, brigasse comigo, me culpasse ou desacreditasse, o que, para o meu alívio, não aconteceu. Mas o que eu contei acabou nos afastando. A gente ficou um ano sem se falar, porque eu não fui atrás e ela também não veio.

Apesar de ter contado, meu sofrimento era imenso, aquilo estava me machucando demais, entrei em uma tristeza sem fim. Eu parei de vir para a faculdade, parei de comer, parei de fazer qualquer coisa. Não queria fazer nada com nada...eu estava um caco. Um dia que eu estava desesperada, desesperada, totalmente, eu lembro que eu tomei quase uma garrafa inteira de vodca sozinha, e tomei todos os remédios que tinham em casa, inclusive os antidepressivos, tomei tudo o que eu encontrei. Na época eu morava com uma enfermeira, que me encontrou desacordada ao chegar em casa e me levou para o hospital.

Depois disso, encontrei em mim uma força que eu não sabia que tinha, que inicialmente eu procurava em outras pessoas, que me fez sair deste período de sofrimento profundo. Eu parei de ir para o psiquiatra porque aquilo me machucava muito e eu cheguei à conclusão de que eu não queria mais conversar daquilo com ninguém, para minha mãe eu disse: *“Isso morreu aqui, não quero mais saber.”* Foi muito difícil. Mas eu achei uma força em mim, tudo ficou muito claro, então eu consegui ir me restituindo. Voltei para a faculdade, voltei a conversar mais com as pessoas e me relacionar.

Minha tia ainda está com ele. Depois desse um ano ela mandou mensagem, na visão dela foi um conjunto de maus entendidos. Ele nunca fez algo assim, na minha cabeça eu entendi diferente, mas na cabeça dela foi isso, foi o que ela decidiu, eles estão juntos e eu convivo com ele hoje em dia.

Apesar da atitude da minha tia, eu fiquei muito feliz com a reaproximação, pois eu gosto muito dela. Então, eu aceitei. Para mim estava tudo bem, falei assim: *“vou tentar levar assim, por ela...nos eventos de família que precisar eu fico perto dele, por ela”*.

Tanto a minha mãe como a minha tia foram vítimas de violência sexual. A minha mãe foi abusada por um tio e minha tia, por um desconhecido. Para mim marcou muito. É um problema atual que eu tento entender. Não pode ser natural

você pensar que três mulheres da sua família passaram por isso. As três que eu perguntei.

Eu demorei para contar por que simplesmente não me lembrava de nada. A sensação que eu tenho é exatamente essa, como se fosse uma memória reprimida que eu não sabia que estava lá, eu não pensava sobre isso, mas também não sabia que ela estava lá...tinha algo que me incomodava, sempre, sempre. Todos os meus problemas apareceram depois que eu me lembrei do que realmente tinha acontecido. Para mim foi bom contar, eu não me arrependi. Sinto que me ajuda, fica um pouco mais fácil cada vez que eu falo. Minha mãe nunca duvidou da história ou me culpou pelo ocorrido, e sempre me deu apoio incondicional. Contar para minha tia foi uma grande alívio, porque eu falei para ela e pedi, tia, independente do que você queira acreditar ou não, não deixa a minha sobrinha sozinha com ele, jamais, só me promete que você nunca vai fazer isso, então eu me senti muito, muito, muito leve depois que eu falei para ela.

Acho que se a minha mãe perguntasse, claramente, na época que tudo acontecia, eu teria contado.

No momento estou muito incomodada com essa história. Eu não estou conseguindo mais lidar com isso. Eu não sei o que me faz pensar, mas é como se eu acordasse, fosse dormir, alguma coisa me lembrando disso...eu não tenho vontade de fazer algo sobre, do jeito falar para alguém da família ou tomar alguma atitude em relação dentro da minha família. Isso não...não gostaria de agora ter que contar para o meu pai, nada disso..., mas para mim isso está sendo muito ruim, está me cobrando agora.

Me preocupo muito com minha família caso meu pai saiba do que aconteceu. É uma família muito pequena, apenas meu pai e minha tia com os filhos e com quem são casados. Eu admiro muito a proximidade do meu pai e da minha tia, gosto muito dos dois e da relação deles, então se eu contar acabou isso. Vai ser uma briga, com certeza, muito grande, e a família nunca mais vai se unir.

Sobre minha tia ter resolvido continuar casada e isso ser a causa do meu sofrimento, eu nunca pensei sobre isso...eu aceitei bem, porque eu não vi como sendo a escolha de um lado, eu não encarei assim. Por mais que as pessoas

que saibam digam isso, não foi meu jeito de lidar com isso, porque eu fui bem clara com ela de que ela estava livre para escolher o que quisesse...é uma coisa muito grande. Jamais seria fácil. Não sei se ela é 100% feliz agora ao lado dele. Não sei se ela escolheu ficar só por ser cômodo. Eu não sei essas coisas. Eu sei que minha família já deu uma afastada, claro, porque ela já não faz tanta questão de aparecer, eu não faço tanta questão de ir, minha mãe menos ainda.

Acho que tudo que vivi influenciou de certa forma a minha vida afetiva e sexual, mas essa é uma conclusão que eu só estou tendo agora, depois que passei por tudo aquilo, depressão, por tudo, é como se eu tivesse passado do fundo do poço para o alto da montanha russa...porque depois que eu voltei a sair e tudo eu passei a beber demais, sair demais, a dormir com pessoas demais. Para mim estava tudo bem. Mas não estava tudo bem, estava um vazio...então passei por um período bem difícil agora. Eu acho que chorei tanto nos outros dias...está sendo bem complicado.

Ter informação sobre o que é a violência sexual teria me ajudado a contar na época sobre o abuso, por que a gente escuta muito sobre violência sexual, mas do jeito do ato sexual em si, só que as outras coisas também são um tipo de violência sexual, também traumatizam...ninguém nunca me perguntou, porque ninguém nunca pensava. Só que ao mesmo tempo eu não soube reconhecer o que era, porque eu não conhecia...se eu tivesse tido essa informação quando eu era pequena, de que um toque que você não gosta não é legal, de que uma pessoa fazendo um carinho que você não gosta não é legal, de que você pode conversar sobre isso, teria feito a diferença.

Nunca tinha passado na minha cabeça que o que aconteceu fosse plausível de denúncia, eu nunca tinha pensado sobre isso. E me parece que agora, olhando novamente, pela minha família, eu não faria. Porque para mim seria igual contar para o meu pai...la rachar minha família, sabe. Eu já pensei na possibilidade de o meu tio fazer isso com outras crianças. Apesar de eu ficar bem preocupada, tocar neste assunto novamente com a minha tia poderia nos afastar definitivamente.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 7 / ENTREVISTA 6

Meu nome é Ingrid e vou contar um pouco da minha história pessoal e familiar. Ela é um pouco dividida, pois morei com os meus pais apenas até os quatro meses de vida e depois disso morei com os meus avós paternos. Isso se deu pois os meus pais precisavam trabalhar e não tinham tempo de cuidar de mim. Nunca mais convivi com o meu pai e com a minha mãe, sempre foi mais com o meu avô e com a minha avó, embora os meus pais sempre morarem próximo à casa dos meus avós. Teve uma época que o meu pai, já separado da minha mãe, chegou a morar no mesmo quintal, mas continuei morando com os meus avós.

Hoje em dia tenho um bom relacionamento com minha mãe, que está mais estabelecida financeiramente, tendo, então, mais tempo para mim. Hoje tenho mais proximidade com ela do que no passado. Inclusive ela me ajuda financeiramente para eu poder estudar. Já o meu pai, nunca ligou muito para os filhos, não tem casa própria, não tem estrutura para se sustentar, meu relacionamento com ele sempre foi muito difícil.

Um dos motivos de eu morar com os meus avós foi justamente o fato do meu pai não trabalhar muito, minha mãe sempre teve que correr atrás sozinha das coisas e acabou deixando a gente.

Eu sempre estudei em escola pública e foi uma dificuldade para tentar convencer a mim e a minha família de que eu queria uma universidade pública.

Sobre o abuso, eu só fui perceber o que o meu avô fazia quando fui crescendo, pois quando tudo começou, por volta dos cinco ou seis anos, eu não sabia o significado dos gestos e ações do meu avô, meu avô me olhava de uma maneira diferente e se masturbava na minha frente, para que eu visse. Embora eu não entendesse o que estava ocorrendo, achava aquilo muito estranho e tinha medo. (Ingrid conta esta parte de sua história com a voz trêmula, embargada pelo choro.)

Aos poucos eu percebia que existia malícia em todas as situações, por exemplo, eu ia me trocar e de repente eu o via na janela me olhando de uma forma diferente. Eu era criança, uns cinco ou seis anos, achava estranho, mas não sabia muito bem o que era aquilo. Quando eu estava com sete para oito

anos, mais ou menos, lembro do meu avô sempre atrás da porta, fazendo gestos de masturbação de uma forma que ele gostaria que eu visse aquilo. Isso se prolongou, porque eu não entendia o que era aquilo, não entendia o que ele queria dizer, mas eu sentia medo.

Ele sempre foi daquelas pessoas muito rígidas que sempre batia para educar e a gente tinha muito receio de falar qualquer coisa em casa. Conforme fui crescendo, fui entendendo o que estava acontecendo e a situação ficou insustentável. Primeiro desabafei com o meu diário, mas minha mãe achou esse diário, leu e me perguntou o que estava acontecendo e aí eu falei o que estava acontecendo, mas eles nunca chegaram a ter uma atitude de fato em cima disso que aconteceu. Eles falaram: “é só isso? então tudo bem, se acontecer alguma coisa física você me fala que aí a gente toma as providências”, mas para mim aquilo já era um tipo de violência sexual que me deixava completamente transtornada.

Quando eu era pequena ia dormir na casa do meu tio e mesmo com a minha tia e outras pessoas na casa, meu tio ia à noite para minha cama e ficava passando a mão pelo meu corpo falando “besteiras” para mim. Eu chorava e pedia para parar, mas ele continuava. Lembro de ter seis anos ou sete anos mais ou menos, não sei se aconteceu antes porque eu não lembro. Mas eu lembro de bem pequenininha isso acontecer e isso só parou quando parei de dormir na casa da minha tia e hoje evito ao máximo qualquer contato com esse tio.

Há alguns anos eu acordei e meu avô estava se masturbando na minha frente, na janela. E nisso eu acordei com muita raiva e foi o dia que eu contei para a minha avó, eu saí, acordei com muita raiva, chorando e disse: “vó, está acontecendo isso, isso e isso” e meu avô estava na janela. No momento em que eu contei isso ele veio muito nervoso, me chamou de mentirosa e me deu um tapa na cara.

Eu saí de casa e fui até a delegacia mais próxima, andando, e quando eu cheguei lá eles falaram que eu precisava de provas porque só por falar não dá para acusar ninguém. E falaram para eu procurar a delegacia da mulher, que era longe eu lembro, mas eu fui...e eles me aconselharam a gravar, a fazer algum vídeo que mostrasse o ato dele e que fosse algo agressivo e tudo mais.

Cheguei em casa e até tentei (gravar), mas é aquele negócio, quando ele começava, a única reação que eu tinha era de me trancar, ouvir uma música para não ouvir nada e tentar ler alguma coisa para me distrair e tentar fingir que nada estava acontecendo, mas eu ficava muito nervosa na hora, eu ficava muito ansiosa, ficava com raiva, ficava com tudo.

Meu avô já tinha feito a mesma coisa com as irmãs da minha avó, com a irmã dele, com as minhas tias, inclusive ele já trancou minha tia em casa a forçando a fazer coisas com ele.

Ela nunca chegou a comentar nada, minha avó é daquelas pessoas que gostariam de acreditar o contrário, que não tivesse acontecido, prefere acreditar que isso não aconteceu. Até hoje ela prefere acreditar que ele melhorou, tanto é que quando eu vou contar ela sempre tenta desviar o assunto.

Para o meu pai eu contei e ele não fez nada de efetivo, ele nunca falou: “vamos sair daqui agora”, nunca chegou a conversar com ele, não sei se por medo, porque meu avô sempre teve esse jeito de impor autoridade em casa, então meu pai desde pequeno sempre foi mantido de uma forma submissa e ele, acho que não tem coragem de conversar com meu avô sobre isso e enfrentar essa situação.

Uma vez minha tia presenciou meu tio abusando de mim. Ela ficou muito irritada, colocou o tio para fora de casa, mas logo os dois reataram o relacionamento. Essa tia é a que era abusada pelo meu avô, ela é filha dele.

Para mim a única maneira desta situação cessar foi com o afastamento da casa dos meus avós, eu não vejo outra forma, pois, embora todos saibam, ninguém me apoia, são todos bem negligentes em relação a essa situação.

Esse ciclo é horroroso porque é um ciclo de submissão que você se impõe por algum tipo de dependência, eu acho. A minha tia eu acredito que seja uma dependência emocional que ela tem com o meu tio, e minha avó com o meu avô é uma dependência financeira e emocional, porque eles estão juntos há muito tempo.

Se minha mãe não tivesse lido o meu diário, eu não teria contado, pois minha mãe sempre foi muito agressiva, quando ela brigava com o meu pai era de uma forma muito agressiva, então a gente sempre tinha receio de que pudesse acontecer o pior e eu não queria que acontecesse o pior pela situação

que estava acontecendo, eu não queria que piorasse. Gostaria que resolvesse, que não acontecesse nunca mais, mas não chegar em uma situação onde você tem agressão física ou até morte.

Por falta de maturidade e por medo, por não entender que eu poderia contar e ter outras repercussões melhores, eu não entendia. Começou muito cedo e eu não consegui, fiquei calada e acabei com medo de ser julgada por não ter contado antes, medo das pessoas falarem: “então você estava gostando né”.

Agora que eu me afastei, vi minha vó muito doente, e não consigo me afastar efetivamente, uma pelo vínculo que eu tenho com ela, de ter me criado e tudo mais e outra porque ela é doente, não dá para deixar sozinha, ela não enxerga bem, se não fosse isso eu não veria mais o meu avô. Não tenho nenhuma vontade. Perdoe ele, mas bem longe, desde que ele não faça nunca mais isso.

Minha prima, tenho muito receio porque ela é filha do meu tio e como ela é muito pequenininha e minha tia tem que trabalhar, às vezes ela fica com meu avô, e minha avó não enxerga, nem nada. Então eu sempre aconselho ela a ficar trancada, lá em casa a gente sempre se acostumou em uma rotina de ficar trancada dentro do quarto, por medo de que acontecesse alguma coisa desse tipo. Para evitar mesmo a ter contato e tudo mais, então a gente sempre aconselhava: “olha, não fica próximo, não dê motivo, tenta ficar o mais longe possível dos dois”. (avô e pai da prima)

Eu explico diretamente para ela por eu saber o que a falta disso pode acarretar, depois do que eu passei eu conto para ela nos mínimos detalhes, eu falo: “ele é seu pai, mas ele fez isso, isso, isso e isso”.

Na infância, eu me culpava pelo que acontecia, achava que pelo fato de ser bem feminina, usar top, roupas curtas, isso estimulava o avô a ter esse comportamento. Ao longo do tempo e até hoje eu mudei a maneira de me vestir, não compro mais nada assim, não uso maquiagem, não faço nada que remeta a alguma visão sexual para mim, eu tento, mas é muito difícil porque a partir do momento em que eu vejo as pessoas olhando de uma forma diferente, eu já fico com medo. Eu não sei se isso é algum trauma, mas eu fico com muito receio.

Já tive ansiedade, depressão. Sinto muita raiva. Tive problemas alimentares na fase que contei para o meu pai e vi que não recebi a ajuda que

eu gostaria e esperava. Isso me deixou bastante decepcionada. Acho que parei de comer para chamar atenção.

Em relação a relacionamentos, sinto que existe uma base lá atrás muito grande por eu ter medo, por eu não conseguir me relacionar de uma forma normal, como as outras pessoas se relacionam, eu sou muito fechada, sou muito quieta, sou muito calada. E relação sexual também não, eu sempre evito muito porque não sei se é só medo, mas não rola. Nunca namorei. Toda vez que tento chegar nesse nível, patamar, eu sempre fujo, eu não sei dizer o que é, mas na hora eu sinto muito medo. Não sei se isso me recorda, talvez me recorde muito o meu avô, é acho que sim, meu tio e na hora eu sinto muito medo, nojo. Então eu não quero.

Minha mãe não sabe que isso aconteceu mais de uma vez e não sabe que isso ainda acontece, nem mesmo como eu me encontro devastada pelas situações que aconteceram. Disse para minha mãe, após ela ler meu diário, que só tinha acontecido uma vez. Primeiro ela veio perguntar se isso estava acontecendo mesmo, na época eu lembro de ter dito para ela que não, que não estava acontecendo mais, que isso já passou e tudo mais, para evitar qualquer atitude dela. Por mais que eu quisesse uma atitude dela, eu por imaturidade, burrice na época, eu disse que não, não acontecia mais, que foi só uma vez...ela não sabe que isso continua acontecendo, ela não sabe, ela acha que me mudei porque é mais próximo da faculdade e tudo mais.

Mas eu acho que ela ficaria com bastante raiva porque a questão de ela ter me deixado com os meus avós foi uma necessidade, de ela ter se afastado, não estar presente foi uma necessidade e ela não imaginava que pudesse acontecer tudo isso e com duas pessoas ainda, da minha família.

Hoje eu tento poupar minha avó, que já tem a saúde muito debilitada e seria terrível ter que lidar com essa situação. Acho que ter conhecimento sobre o assunto ajudaria a ter prevenido essa situação ou mesmo minimizado, pois no início não achava que meu avô pudesse fazer isso com malícia, afinal, era seu avô, uma pessoa que deveria me amar e proteger.

Ah, eu sinto raiva dele, eu sinto muita raiva dele. Mas ao mesmo tempo eu tento perdoar para isso não ficar ruim comigo. Só que toda vez que ele faz eu sempre sinto a mesma raiva, um sentimento de impotência que eu não gostaria

de sentir e isso me deixa com mais raiva ainda, de mim mesma, de eu não conseguir fazer nada efetivo por mim e por ver que minha prima, por exemplo, pode passar pelo mesmo e eu não fazer nada de efetivo. Eu gostaria muito de que ela não tivesse nem que olhar para cara mais, eu vou fazer o que? Eu não consigo. Mas eu gostaria porque eu não quero ver ela passando por isso também porque eu sei a raiva que dá. (Neste momento Ingrid chora e se desculpa por chorar.) É porque ele me deixa com muita raiva dessa situação, dessa situação ser tão ruim, sabe, para mim, para a minha família, e tudo mais, eu gostaria de poder fugir disso e não ter que vivenciar mais.

Eu gostaria de internar meu avô, deixá-lo bem longe, e gostaria de levar minha avó para morar comigo, para poder vê-la mais. Quanto ao meu tio, eu não tenho o que fazer, teria que partir da minha tia. Mas eu sinto muito repúdio quando o vejo, acho que pelo fato de ter sido tocada por ele. Mas me preocupo muito com a minha prima, ela vive em uma “*zona de perigo*”. Chego a conversar sobre isso com a minha tia, mas ela acha que o marido dela não faria isso com a própria filha, diz que trata a filha muito bem, o que para mim é um sinal de que algo pode acontecer de fato.

Eu tenho vagas lembranças do meu avô me tocar, porque eu não lembro efetivamente, mas quando eu era criança eu tenho vagas memórias de que uma vez eu estava na parede e ele estava encostado sobre mim, mas eu não me lembro direito o que estava acontecendo.

Hoje em dia, tenho contato com boas pessoas que me fazem esquecer desta situação, deste sofrimento, mas há momentos em que é inevitável o incômodo. O momento no qual mais sofri, foi por volta dos 13 – 14 anos, quando desenvolvi anorexia.

Se eu soubesse que contar iria melhorar, acho que eu teria contado já antes e teria me livrado disso. Se fosse uma certeza na hora eu teria contado.

Pensar que isso pode voltar, o ciclo sabe, de eu me relacionar com uma pessoa que também pode ser assim. É sempre aquela desconfiança que você pode levar e ao mesmo tempo não ser saudável para um relacionamento porque não são todas as pessoas que são assim. As pessoas podem parecer muito “boazinhas”, mas na verdade não são.

Eu quis participar da pesquisa, pois estava passando por um momento de muita raiva, estava precisando contar para alguém sobre o assunto e: *“Aí eu contei para o questionário”*.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 28 / ENTREVISTA 7

Meu nome é Nicole e sou estudante da Unifesp. Meus pais vivem juntos e sempre morei com eles. Meus pais trabalham desde que eu era bem pequena, minha mãe sempre trabalhou mais que o meu pai, por conta disso eu ficava mais com o meu pai do que com a minha mãe. Minha mãe trabalhava o dia todo e meu pai apenas 8 horas. Às vezes eu ficava na casa das minhas tias, enquanto meus pais estavam trabalhando; geralmente meu avô me buscava na escola e me deixava na casa das minhas tias até meus pais chegarem do trabalho. Quando fiz 10 ou 12 anos comecei a ficar sozinha em casa, sob supervisão de uma vizinha.

Meu relacionamento com o meu pai é excelente, mas com a minha mãe não é nada bom. Não é nem um pouco bom. Porque minha mãe, hoje eu vejo assim que ela é uma irmã mais velha para mim, ela não era mãe. Assim, sempre foi um zelo excessivo, muito, sempre fui criada muito trancada, sem poder fazer nada. E nunca dormia em casa de amiga, nada, minha mãe não me deixava fazer nada, e até hoje não posso dormir na casa do meu namorado. Ela sempre foi assim, e então ela tinha um zelo muito grande, mas, ela era muito de birra comigo, como se fosse irmã. Antes ela era como uma irmã mais velha e hoje é como se fosse minha filha, porque ela fica querendo que eu cuide dela. Minha mãe tem 60 anos e meu pai tem 52 anos e, talvez, até pela diferença de idade, ela não consiga acompanhar minha geração direito.

A gente mora junto. Hoje a gente se dá bem e convive, mas, assim, é uma guerra fria, não somos superamigas. Já a relação com o meu pai é maravilhosa totalmente diferente. O meu pai sempre foi meu melhor amigo, ele é uma pessoa que ele me conhece, se eu tiver um problema ele sabe que não precisa intervir, ele fala “ela sabe lidar com isso sozinha, eu *não* vou dar nem pitaco, entendeu”, “se você quiser minha ajuda eu estou aqui”.

Na minha casa com a minha mãe, eu sou a pior pessoa do mundo, eu sou a pessoa que sabe menos. Minha mãe é bem cruel com as palavras, ela não poupa, não te poupa.

Minha mãe sempre foi uma pessoa que valoriza muito mais a opinião das pessoas de fora do que das pessoas de dentro, sempre os outros vão pensar e

valer muito mais do que o que a gente está sentindo e vivendo, e então para ela tudo bem se estiver horrível em casa, mas as pessoas acharem que a gente é uma família perfeita, entendeu. Meu pai não consegue por limite nas atitudes da minha mãe, ele tenta intervir, mas não tem voz ativa. Tudo o que for para o lazer sempre foi feito pelo meu pai. Minha mãe me proibia de comer chocolate, pois dizia que eu ia ficar gorda, minha mãe era assim. Eu comia, hoje meus amigos dão risada de mim, porque eu comia Nescau, porque eu não tinha chocolate em casa. Eu comia Nescau puro, ela sumia com o chocolate de casa e só tinha Nescau, então eu comia Nescau puro, colocava em um potinho e eu escondia no meu guarda-roupa, para ela não achar e jogar o Nescau fora. E às vezes meu pai comprava o Nescau escondido para mim, para eu repor o que eu comia. Ela limitava o que eu comia, ela limitava as minhas comidas na cantina da escola, porque, é o que eu fazia, não podia comer em casa e eu ia comer na escola. Então eu comprava na cantina e ela limitava os meus vales na cantina, é só para salgado, bebidas, mas não podem entrar doces, então eu não tinha dinheiro para comer doces. O objetivo da minha mãe, era não deixar eu engordar para ficar esteticamente bonita, sempre foi esse o ponto.

Faço terapia desde criança, acho que minha mãe me colocou para fazer terapia desde cedo, pois sempre me viu muito rebelde e questionadora. Com quatro anos ela me falava, *“você não pode”*, e eu falava *“por que eu não posso?”*, *“porque eu estou mandando, eu sou sua mãe”*, e aí eu falava, *“mas, porque você ser minha mãe faz você mandar em mim?”*. Entendeu, e eu sempre tive esse embate com ela...ter autoridade em mim não pode ser só pelo fato de você ser mãe, é um vínculo...e o vínculo que a minha mãe criou e tem até hoje é o financeiro. É esse, ela ficava *“eu te sustento, você tem que fazer o que eu quero”*, nunca foi assim, *“eu sou sua mãe, eu quero o seu bem, e eu quero que você faça isso porque é a melhor coisa”*, mas foi, *“eu que te sustento, você mora na minha casa, essa casa é minha, o seu quarto fica dentro da minha casa e eu posso mexer no que eu quiser, posso fazer o que eu quiser porque é meu, a casa é minha e quem paga sou eu”*.

Quando consegui ter independência financeira, o vínculo com minha mãe vai acabar e nada vai sobrar, ela não vai servir mais para nada. Eu falo pra ela assim: *“...você vai servir para quê? Você fez coisas completamente substituíveis”*,

eu posso te substituir...”. Minha mãe me batia muito e sempre me colocava de castigo por coisas banais. Já meu pai batia quando coisas mais relevantes aconteciam, e conforme fui crescendo, minha mãe e eu contávamos para meu pai versões particulares da mesma história, fazendo com que meu pai tivesse que escolher em quem acreditar. Para eu apanhar do pai era só se minha mãe distorcesse completamente as histórias.

Eu sei que não sou uma filha perfeita, sou muito difícil de lidar, mas não consigo dar mais espaço para minha mãe na minha vida, depois que um cachorro apanha muitas vezes, se a pessoa chegar perto, vai falar, “não, vem aqui”, ela fala, “eu vou falar com você e você já está com sete pedras na mão”, eu estou, mas é porque desde criança eu me acostumei com isso. Com uns 15 anos que eu ganhei consciência das coisas, eu falei, “mãe, vamos parar de brigar, a gente não precisa se adorar...eu falei para ela, “mãe, vamos parar de brigar, você não precisa gostar do que eu faço, e eu do que a senhora faz, mas pelo menos para ter um clima agradável em casa”, porque a pior coisa é ir para casa. Se eu puder ficar aqui o dia inteiro, eu fico o dia inteiro.

Minha mãe cuida muito de mim, sempre cuidou, mas com o que ela acha que tem que cuidar, não realmente o que eu preciso. Minha mãe projetou uma vida para mim e agora, como não tem mais o controle sobre esta vida projetada, fica enlouquecida.

Eu tinha entre cinco e seis anos de idade, minha mãe tem cinco irmãos e apenas um mora em São Paulo. Tenho duas primas mais velhas, filhas desse tio, sendo que uma delas eu considero como uma irmã; ela é dez anos mais velha que eu. Esse irmão da minha mãe é alcólatra e sempre teve muitos problemas financeiros, problema com jogo. Minha prima descobriu que o meu tio tinha tido uma outra filha fora do casamento e colocou meu tio para fora de casa. Minha tia era muito submissa. Minha mãe tem uma relação com ele de eterna gratidão, pois esse tio recebeu minha mãe na casa dele quando ela se mudou de estado, minha mãe tem muito carinho por este tio, acha ele um sofredor, um coitado. Quando meu tio foi colocado para fora de casa, pela minha prima, minha mãe o chamou para morar com ela. E ele era um tio que eu gostava muito, muito mesmo, quando eu era menor. Eu não lembro de tudo, tenho vagas lembranças e alguns flashes do que acontecia. Meu tio começou a pedir para sentar no colo

dele, ficava me abraçando. Eu não sabia o significado daquilo, mas sentia que havia algo estranho no comportamento dele. E isso se repetia e foi ficando mais íntimo, minha mãe falava, a *“Nicole não tomou banho ainda”* e ele falava, *“deixa que eu...”* e minha mãe não deixava, achava errado, mas ele tipo, *“você não quer tomar outro banho antes de ir para escola por que pintou de tinta?”* e eu falo, *“eu quero, eu me sujei de tinta”*, aí eu ia tomar banho, e eu saia do banho e, isso eu lembro muito claramente... ele pegava as camisolas da minha mãe, as de renda, dourada, uma preta, e me fazia colocar as camisolas, e eu achava o máximo, eu tenho flashes de ele deitado e eu em cima dele, com a camisola, assim, nunca teve penetração, até porque eu acho que ele não era idiota a esse ponto, mas, ele se esfregava em mim, ele ficava pelado, ele me fazia colocar a mão.

Um dia, acho que uma das vizinhas me presenciou no colo dele e, a partir deste dia, ela começou a pedir para que eu ficasse na casa dela, acho que ela desconfiou, porque ela falou, *“eu estou ficando muito sozinha, eu estou depressiva, será que a Nicole pode ficar aqui, quando você sai do almoço, eu dou almoço para ela, já que faço almoço só para mim, eu faço para ela também”*. E aí, minha mãe veio me perguntar se eu queria e eu falei, *“eu quero, porque o tio não sabe esquentar a minha comida, e eu quero ficar com a dona Felicita...eu adoro ela, ela faz torta que eu gosto, eu quero muito, muito ir”*, e aí, às vezes minha mãe falava, *“tadinha da dona Felicita, hoje não vai, fica com o tio”* e eu falava *“não mãe, eu prometi para ela ajudar a arrumar”*.

Aceitei ficar em companhia dessa vizinha, pois aquilo tudo estava me incomodando, até essa coisa de vestir a camisola e vir no colo eu não via maldade, eu não via maldade, eu comecei a perceber que estava errado quando eu vi ele de cueca, para mim foi um marco, porque minha mãe não deixava eu ver meu pai tomando banho, minha mãe não deixava eu ver meu pai de cueca, então quando eu vi meu tio de cueca, foi sem querer, eu fechei a porta do banheiro e pensei, *“Meu Deus, eu não podia ter visto isso”*, e aí quando ele saiu de cueca, como se fosse uma coisa normal, eu comecei a falar, *“isso está errado, é errado”*, entendeu? E ver ele de cueca foi um marco para mim, porque eu não podia ver meu pai. Eu pensei, *“se eu não podia ver meu pai, eu não podia ver ele”*. Não me recordo se ele pedia para não contar o que acontecia, eu sabia que não podia contar, que as pessoas não podiam saber.

Essa situação com meu tio só parou a partir do momento que passei a evitar ficar sozinha ele. Ele permaneceu na mesma casa por cerca de seis meses, depois ele frequentava a casa, mas nunca mais fiquei sozinha com ele, por exemplo, todo sábado ele vai lá em casa, até hoje, e se eu tivesse sozinha, ele chamava, e eu fingia que não tinha ninguém em casa. E aí minha mãe perguntava “*seu tio passou aqui?*” e eu falava, “*não, eu estava dormindo*”, e então, eu comecei a sabotar, ele ia lá em casa e eu ficava quieta, eu apagava tudo, desligava a TV, e ficava quieta, e então assim, eu não ficava mais sozinha com ele. Minha mãe falava, “*fica com o tio que eu vou no mercado*”, “*mas, mãe eu quero ir ao mercado*”, eu ficava no quintal quando ele estava em casa, porque aí ele não podia fazer nada, porque era aberto para a rua. E toda vez que ele ia, eu não fazia xixi, eu lembro disso, eu não ia fazer xixi, para não entrar em casa, eu fazia na grama, no jardim, mas eu não entrava em casa, ficava lá fora.

Nunca contei o que aconteceu quando era pequena, simplesmente esqueci do que tinha acontecido. Quando eu fiz 8 anos vi uma notícia na televisão sobre pedofilia e perguntei para o meu pai o que era um pedófilo. E aí que me dei conta de que meu tio era pedófilo. Quando tinha 12 anos, eu tinha na escola aulas e palestras sobre relação sexual e aí pensei: “ele me abusou”, e o abuso veio na minha cabeça “isso aqui foi abuso”, pensei.

Nunca contei para a minha mãe, pois ou ela não acreditaria nessa história, ou caso acreditasse, a vida dela iria acabar, pois minha mãe idolatrava esse irmão, isso faz eu ter mais raiva dele, porque como é que você chega a esse ponto, está fazendo minha mãe de trouxa, isso me dá mais raiva do que ele ter feito, porque ele ter feito, eu acho que hoje eu consegui estabelecer isso muito bem, mas ele era alcoólatra, ele estava todo problemático, não é certo, de maneira nenhuma, mas, assim, às vezes eu penso assim, “espero ter sido só eu”, porque eu acho que eu lidei bem com isso depois. Já meu pai, se soubesse, podia matar ele, o problema é meu pai, porque eu gosto muito do meu pai.

Não sei se isso aconteceu com outra pessoa na família, mas imagino que possa ter acontecido algo com a minha prima, filha dele, pois ela odeia ele. Também não gostaria de trazer este assunto na família, eles acham meu comportamento muito avançado para minha idade, sempre me acharam um pouco torta. Então, acho que ninguém acreditaria em mim, se tornaria um ponto

negativo para mim, entendeu? Eu consigo imaginar minha mãe falando, “*you should have seduced him, at 4, 5 years*”, “*you were like that at 5 years, for that is why I put you in therapy and the therapy didn't solve it*”.

Nunca pensei em revelar quando o abuso estava acontecendo, pois não sabia que era errado, não sabia o que se passava. Eu pensava, como alguém tão querido pela família poderia fazer algo de mau? Mas tenho certeza, que se fosse questionada sobre o que estava acontecendo, eu teria falado, isso é uma coisa que eu tenho na minha cabeça, eu teria falado, eu teria falado, com certeza, com certeza. Eu lembro que meu comportamento mudou na época que era abusada, fiquei mais rebelde, mais impaciente, e nunca a minha mãe, o meu pai ou qualquer outra pessoa conseguiu perceber, a minha pediatra, foi minha pediatra a vida toda, ela também não se tocou que eu estava diferente, minha mãe não se tocou que eu estava diferente, ninguém reparou, eu acho que esse é o ponto.

Eu tenho outra coisa que eu acho que é resquício disso, a pessoa respeitar o meu não...eu falei que eu não queria, não importa o que você acha, eu falei que não queria e eu não quero, e às vezes a pessoa fala “*it's an exacerbated reaction*”, e eu falo “*no, if I said no it's no, I won't talk no two times*”.

Lembro que por volta dos 13 ou 14 anos, essas memórias passaram a me influenciar muito e eu ficava muito mal, eu não queria ir para a escola, tipo um estado depressivo, eu fiquei muito mal. Na época voltei a fazer terapia. Nunca contei para meus terapeutas, nunca, nenhum terapeuta sabe, nenhum sabe...porque hoje isso não é mais um problema, apesar de afetar minha vida, eu acho que afeta minha vida porque me constrói, me individualiza, mas, não sinto que me limita.

Tenho essa sensação de que se eu contar para um psicólogo ou psiquiatra, vão ficar, “*our girl was abused, my God, poor girl*”, e aí, a conduta, o jeito de lidar comigo muda e eu não quero isso, entendeu, eu não quero passar essa imagem de que eu sou vítima, coitada. Eu sou vítima, mas não quero que vejam fragilizada.

Eu não odeio meu tio, por muito tempo cheguei a odiá-lo, agora não mais. Precisei cuidar duas vezes do meu tio. Primeiro ele fez uma cirurgia de catarata

e ficou na minha casa para se recuperar. Tive que dar comida na boca dele. E aí eu pensava “nossa, eu podia engasgar ele...eu podia engasgar ele, ele não está enxergando mesmo, se eu colocar um veneno ele não vai ver”, sabe assim, jamais faria, mas está muito fácil e muito vulnerável. Depois, tive que levar e ficar acompanhando meu tio bêbado no hospital, no dia de Natal, acho que fiz isso por mim... se eu largasse ele lá eu ia ser uma péssima pessoa, mesmo que ele fosse uma péssima pessoa. Eu acho que eu sou a Nicole aqui, e a mesma em Marte, entendeu, e eu tenho os meus princípios aqui e em Marte, e se eu os largasse, não seria eu. Seria o que ele construiu, talvez. E eu acho que isso...Essa sou eu, e aí eu senti que se não fizesse, ele teria ganhado, ele teria me corrompido, e aí eu falei, “não” e eu fiquei. (Chora neste momento e desabafa) Mas foi difícil ficar lá, foi muito difícil e eu falo, *“gente, é Natal, eu não posso fazer isso, é Natal, eu podia estar em casa, e eu estou aqui.”*

Sobre conviver com ele até hoje, eu também não quero que alguém desconfie, você entende, então se eu ficar dando muito na cara, eu já não cumprimento ele e não gosto dele...mas eu não queria que alguém falasse assim, *“será que aconteceu alguma coisa”*...eu acho que iam ficar falando, *“tadinha da Nicole”*, eu não quero... Eu não quero, eu não quero, mesmo que eu fui vítima, mas eu não quero.

A única coisa que eu me arrependo, é de não ter contado e ter facilitado para ele fazer com outras crianças, hoje ele pode fazer uma coisa má para uma criança da minha família porque eu não falei para ninguém que ele era perigoso. E eu não falei para a minha família, porque se eu tivesse falado, talvez, pelo menos meu pai, acreditaria em mim. E para mim, a implicação de falar seria com certeza uma separação dos meus pais, com certeza, é claro, para mim é nítido. E não é paranoia minha.

Para que eu vou fazer todo mundo passar por isso, não vai mudar o que aconteceu, pode mudar o futuro, talvez, entendeu, eu vou trazer um super sofrimento...eu ia desestabilizar muito a relação dos meus pais, eu ia desestabilizar muito a minha relação com a minha prima, porque ela falaria, *“cara, por que você nunca me falou? Eu poderia ter ajudado, e você não me falou, era o meu pai, e você não me falou”*. Entendeu? Ela me chamava na casa dela, ela era meu vínculo com ele, eu estava sempre com ele, porque eu estava

com ela. E eu não sei se ela passou por isso, porque ela odeia muito ele, ela não faz questão de esconder que ela odeia muito ele. Mas, ela nunca, nunca, falou, eu já perguntei “*por que você odeia tanto seu pai?*”, “*por que você não gosta tanto do tio*” eu falo. E ela fala, “*não, porque ele bebia, não sei o que, não sei o que...eu não consigo ver ganhos, eu só consigo ver perdas*”. Minha mãe não ia abandonar, porque por mais cruel que ele fosse, é irmão dela, ela vai se amargar cuidar de uma pessoa que ela não quer, acho que não compensa.

Diz, já com o gravador desligado, que não quer de maneira nenhuma ser rotulada como vítima e que as pessoas sintam pena dela pelo que aconteceu na sua vida.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 35 / ENTREVISTA 8

Meu nome é Maria e morei com os meus pais até os oito anos, quando meus pais se divorciaram. Depois de um ano após o divórcio, minha mãe começou outro relacionamento e passou a morar com essa outra pessoa. Minha mãe só se juntou com o marido dela, não casou nem nada. Passamos a morar eu, minha mãe, o marido dela e minha irmã, que é 3 anos mais nova.

Eu via o meu pai a cada 15 dias, por determinação judicial. Meu pai queria a guarda da gente, pois ninguém gostava do marido da minha mãe, nem mesmo eu. Gostaria de morar só com a minha mãe, sem ele. Na audiência, eu e minha irmã falamos para o juiz que, se a minha mãe se separasse do marido dela, nós ficaríamos com ela. Minha mãe acabou se separando, durou pouco tempo, e no fim, eu e a minha irmã acabamos passando por cima de tudo e morando com a minha mãe e ele.

Moramos juntos até o final de 2014, quando então minha mãe se separou dele definitivamente. Mas em abril de 2016, minha mãe conheceu outra pessoa, e depois de um mês, em pouquíssimo tempo, ele foi morar na minha casa. Por um milhão de motivos, a gente também não gostava dele. Esse relacionamento dela foi bem confuso, um dia em uma briga “gigantesca” que houve, o namorado dela ficava dizendo que eu e a minha irmã tínhamos que ir embora de casa e a minha mãe, não nos defendia de maneira nenhuma, apenas ficava tentando contê-lo, pois ele ficava bem alterado e nervoso. No dia seguinte, minha irmã perguntou para a minha mãe o que ela realmente queria, e ela disse que gostaria que nós saíssemos de casa. Eu e a minha irmã fomos então morar com o meu pai em julho de 2016. Em agosto, fui morar com uma tia por parte de mãe, por ser mais cômodo, mais perto da faculdade, e para minha tia não ficar sozinha, pois ela tinha acabado de perder o marido vítima de câncer.

O primeiro namorado da minha mãe era uma pessoa muito agressiva e autoritária, sempre a palavra final tinha que ser dele. Ele e a minha mãe brigavam muito e ele a violentava fisicamente, nunca aconteceu na minha frente. Minha mãe chegou a denunciar ele, a família toda se envolveu para ajudar ela, mas no fim ela acabou voltando com ele. Ela sempre acaba voltando. O fato dele começar a passar noites fora de casa pesou na decisão da minha mãe de se

separar, definitivamente. Ela descobriu que ele a traia. Traiu várias vezes. Em nenhum momento nós éramos prioridade. Apesar da gente sempre conversar com a minha mãe a respeito dele, a verdadeira motivação para a separação foi o incômodo com a traição. Ele nunca foi agressivo com a gente.

O atual namorado dela tem esquizofrenia e não faz tratamento, ele não aceita se tratar, além de beber bastante. Ele também já bateu na minha mãe, tendo que a polícia intervir. Eu, minha tia e a minha madrinha chamamos a polícia para entrar na casa dela, que estava toda machucada depois ter apanhado dele. Ela diz que se separou, mas meu namorado a viu no supermercado com ele, ao ver ela no supermercado com ele, meu namorado partiu para cima dele e teve que ser tirado do local por seguranças.

Estudei até a sétima série em escola pública e depois estudei em uma escola particular, em uma cidade do interior, onde minha avó morava. Não sei por qual motivo que fui morar com a minha avó, lembro apenas que na época da separação da minha mãe fui também passar uns meses com a minha avó. Morei com ela em 2000 e depois voltei para fazer o ensino médio.

Acho que só mais recentemente que comecei a entender que foi uma violência, porque na época eu achava que não, ou, não sei, tentava me enganar. Não sei. Foi com aquele ex. da minha mãe, o primeiro.

Tudo começou quando eu estava no ensino médio, tinha uns 15 anos de idade, numa época que todos em casa começaram a fazer muito exercício físico. As pessoas ficavam me falando que eu tinha que emagrecer. Um dia, o marido da minha mãe me disse algo sobre uma massagem, tipo uma drenagem linfática, e ele começou a fazer massagem em mim. Geralmente ele trabalhava em casa e minha mãe não ficava em casa, e eu ficava, porque estudava à tarde. Então, ficava de manhã em casa e depois que voltava da escola – algumas vezes nessa questão de fazer massagem. Porque era quase no corpo inteiro, praticamente, que ele fazia. Ele falava para eu não comentar aquilo com ninguém alegando que, provavelmente, as pessoas não iriam entender. Cheguei a comentar com a vizinha do apartamento ao lado, não com a intenção de revelar algo estranho que estava ocorrendo, mas simplesmente para comentar que estava fazendo algo que funcionava, eu achava que era uma coisa que funcionava. Eu até falei para ela “*Não, ele está fazendo*”. Notei que a vizinha teve uma reação estranha

ao ouvir a história, mas nada fez, e eu nunca mais comentei nada com ninguém, pois não via nenhuma malícia naquela atitude dele.

Ele sempre falava e me estimulava a fazer exercício pois isso implicava na posterior massagem. Depois, eu comecei a arranjar um jeito de evitar voltar para casa. Hoje, eu percebo que era mais por causa da outra questão, da massagem, do que pelo exercício. Porque andavam meio que juntas as duas coisas.

Um dia, falei para a minha mãe o desejo de colocar absorvente interno, eu não tinha tido relação sexual ainda. Minha mãe comentou o assunto com ele e numa sessão de massagem, ele falou: *“é, sua mãe falou que você estava querendo usar OB. Mas acho que não é bom mesmo, não, tal...”*. E falou assim: *“ah, deixa eu ver um negócio”*. Enfiou o dedo lá para ver como era e tudo o mais. Aí, eu também não sabia, eu não gostei. Mas não sabia que reação ter. Fora isso, dele colocar o dedo, nunca entrei em contato com nenhuma parte íntima dele. Ele gostava também de fazer depilação com lâmina nas minhas partes íntimas, inclusive, depilação, ele fez com gilete, lá. Porque eu sempre tive muito pelo na região genital. Então, ele falava: *“está muito”*. Aí, ele mesmo fez.

Não me lembro quanto tempo durou as massagens. Mas não aconteciam semanalmente. Eu não sei se eu comecei a perceber que tinha uma coisa errada e fui tentando me esquivar. Sei que eu fui de um jeito ou outro tentando me esquivar, eu sempre arrumava coisa para fazer à tarde, na escola. Porque, nessa época, eu estudava de manhã. Eu ia para o trabalho da minha mãe, saía. Fazia qualquer coisa. Mas ficava fora de casa. E acabou que foi se perdendo, tendo com menos frequência. Aí, acabou de vez.

É a primeira vez que estou contando para alguém. Eu nunca tinha contado, fora essa vez que falei para minha amiga. Mas não contei com esse tom, que foi uma violência. Até, na época, eu achava legal, porque achava que era bom para emagrecer. Eu sempre quis muito emagrecer. Então, eu comentei com ela. Depois, eu não falei nada com ninguém. Inclusive, quando eu fui conversar, uma vez, com a minha mãe, que eu não gostava dele, pensava em contar isso para ela perceber que ele não era uma pessoa boa. Mas acabou que eu nunca tive coragem de contar para ninguém da minha família. Porque as pessoas já achavam que isso pudesse acontecer.

No prédio onde morávamos com a minha mãe, muitas pessoas diziam que ele era pedófilo. Não sei ao certo o que motivou esse comentário dos vizinhos. Inclusive, uma vez, colocaram em baixo das portas dos apartamentos uma carta dizendo para tomarem cuidado com as crianças do prédio, e citando o nome dele. Mesmo assim, nunca nada foi feito, nenhuma denúncia por parte de ninguém, nem mesmo minha mãe tentou entender melhor essa história.

Nunca conversei com ninguém sobre esse assunto, nem mesmo com a minha irmã. Não sei dizer se algo semelhante aconteceu com ela. Desconfio de algo, pois minha irmã tem muita raiva dele. Não sei se a raiva se deve ao fato de ter acontecido algo ou se a raiva é pelo fato dela ter sofrido muito com o processo da separação, além dela sempre presenciar as brigas violentas dele com a nossa mãe.

Acho que as massagens duraram cerca de três a quatro meses. No começo não me incomodava, até achava legal, mas depois comecei a perceber que estava passando dos limites. Eu ficava apenas de calcinha e ele usava um óleo para passar no meu corpo. Nunca percebi ele excitado. Era até uma coisa que eu até pensava. Pelo menos, ele não aparentava estar excitado. Então, para mim, não tinha problema. Mas eu ficava de calcinha, praticamente...aí, foi me incomodando. Mas eu, pelo menos, não lembro de ter percebido que ele estava excitado, nem nada.

Ele nunca me ameaçou, simplesmente pedia para eu não contar. Na verdade, ele me tratava muito bem, melhor do que tratava a minha irmã. Porque eu lembro que ele me tratava melhor do que a minha irmã. Porque os dois não se bicavam muito. Sempre se enfrentavam. Eu não gostava dele. Mas eu tinha uma maior tolerância em relação a ele. De vez em quando, conversava um pouco mais do que ela. Óbvio que tinham períodos e períodos. Quando tinha muita briga, eu também queria dar na cara dele. Mas quanto estava numa época mais tranquila, eu conversava. De vez em quando, eu puxava assunto. Mas ele sempre falou comigo com mais calma. Ele não ameaçou. Eu nem lembro se ele chegou a falar muitas vezes. Lembro que, no começo, nas primeiras vezes, ele falou. Depois, não comentou mais nada.

Acho que eu fui me conscientizando sobre a violência sexual tendo contato com outros relatos. Porque, em 2014, eu comecei a ter mais contato com

o feminismo, essas coisas. E comecei a conhecer mais coisas, vendo relatos e vendo que não era só a questão de ter penetração, que outras coisas também eram violência sexual. Aí eu comecei a perceber. Mas acho que demorou um pouco, porque eu não queria aceitar, entendeu? Eu pensava: “*Ah não, mas eu estava permitindo*”, sei lá, eu não estava consentindo a questão sexual, mas, o que ele estava se propondo a fazer, em tese, a massagem, eu estava aceitando. Acho que demorei um pouco mais para poder me conscientizar de que era mesmo violência sexual.

Quando eu percebi, quis muito contar para alguém, mas ficava preocupada com o fato da minha mãe poder vir a saber e se culpar pelo ocorrido. Não queria que minha mãe soubesse. (Neste momento da história ela se emociona e começa a chorar, foi necessário dar uma pausa no relato para ela tomar uma água.)

Acho que ter um pouco mais de consciência sobre o próprio corpo, acho que sobre os limites dos outros em relação ao corpo da gente. Não sei. Eu acho que se talvez fosse uma coisa mais, como fala, na época, se eu considerasse estupro, talvez eu tivesse percebido antes e conversado. Mas como era uma coisa que eu demorei muito para saber, então, eu não considerava. Acho que talvez, o conhecimento do que é uma violência sexual teria ajudado a revelar.

(A fala de Maria passa a ser embargada pelo choro, as vezes sua voz fica trêmula.)

Eu tenho vontade de contar, mas tenho medo de não ser valorizada. Acho que as algumas pessoas não iriam considerar isso abuso sexual. O meu namorado não sabe do que aconteceu e eu não contaria, pois temo pela sua reação. (Diz chorando e muito triste) Porque assim, quando ele era criança, passou por violência também. Então, já é um assunto complicado para ele. Eu acho que ele se culpa muito...Acho que eu não contaria para ele não, porque ele demorou para me contar. Ele me contou acho que faz uns dois anos. Já vai fazer seis anos que a gente namora. Mas acho que não traria alguma coisa boa para ele. Mas, talvez, para alguém que já esteja mais fortalecido em relação a isso, eu gostaria de contar. Acho que é isso, mas acho que para minha mãe eu não sei se eu contaria. Acho que meu pai também ia se sentir culpado. Porque ele queria que eu fosse morar com ele.

Hoje eu não contaria por que tenho medo de não acreditarem, ou banalizarem o que eu vivi, não acharem que foi abuso sexual, provocar um grande sentimento de culpa nos meus pais e no meu namorado, e me acusarem sobre não ter contado antes, ou na época que acontecia. Minha família se preocupava com o fato dele morar na casa com a gente. Como minha família nunca gostou dele, e eles tinham a preocupação porque era um homem morando na minha casa, eles sempre perguntavam. Então, eu acho que eu sempre falava que não. Mas eles perguntavam assim, o tempo todo que ficamos juntos. Acho que, na época, eu não tinha me dado conta. Acho que se hoje alguém viesse perguntar, eu contaria, mesmo para a minha mãe, pois acho que se ela perguntasse significa que estaria mais preparada para ouvir.

Assim, eu sempre fui uma pessoa muito fechada em relação aos sentimentos. Então, eu nunca expressava muito o que eu estava sentindo. Até quando eu ia chorar, eu ficava chorando só na hora de dormir, eu chorava na minha cama. Nunca fui de conversar muito sobre os meus sentimentos. Em relação a isso, não mudou muita coisa. Porque, como eu nunca falava mesmo, não teve muita alteração. Mas eu não sei se na parte sexual, foi sempre mais uma coisa da relação com o meu corpo em si, entendeu? Mas eu tinha até medo quando eu fui começar a ter relações com o meu namorado. Assim, não demorou muito. Mas eu ficava assim, antes de acontecer, ficava com receio que na hora, eu ia ter algum bloqueio, entendeu? O que acabou não acontecendo. Mas eu sempre ficava pensando que, talvez, pudesse acontecer.

Conversar sobre o assunto diminui meu sofrimento. Acho que eu poderia ter contado para alguém antes, mas, é mais fácil falar para pessoas que não tenho intimidade, que não sofrerão com o que vou contar.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 64 / ENTREVISTA 9

Meu nome é Ana meus pais são casados e tenho um irmão mais velho. Sempre fui muito bem tratada, minha família nunca teve muito dinheiro, mas nunca passamos por grandes dificuldades financeiras. Sempre fui uma criança muito esperta e comunicativa.

Quando eu era criança quase não via o meu pai. Ele sempre saía de casa muito cedo para trabalhar e voltava muito tarde. Via meu pai aos fins de semana. Já a minha mãe nunca trabalhou e sempre foi muito presente na nossa vida. Agora tenho um contato maior com o meu pai. Às vezes tenho algumas desavenças com ele, nada muito sério. Sempre fui muito amiga da minha mãe, mas com o meu irmão não é nada bom, sempre briguei muito com ele, já tem 4 anos que não nos falamos. Ele é muito genioso e tem algumas atitudes com a minha mãe que eu não concordo e aí acabo tomando as dores dela. Esse foi um dos motivos que me levou a não conversar mais com o ele.

Sempre fui boa aluna, nunca dei problemas na escola. Estudei toda a vida em escola pública. Meu irmão fez universidade pública e sempre me incentivou a fazer também. Fiz cursinho e passei em um curso na faculdade federal.

Meus pais compraram um terreno e construíram uma casa, depois que eu nasci, decidiram ampliar a casa para que eu e o meu irmão tivéssemos cada um o seu quarto, mais privacidade, visto que ele é 7 anos mais velho. Então, meus pais acabaram por construir uma casa maior em cima da existente e passaram a alugar a casa menor para ter outra fonte de renda. Durante o período que a casa de cima estava sendo construída, eu tinha entre 4 e 5 anos, meu primo, que passava alguns períodos na minha casa, me levava para a construção, abaixava minha calça e minha calcinha, e ficava acariciando minhas partes íntimas. Acho que meu primo tinha entre 15 e 20 anos, isso aconteceu algumas vezes, e eu criança não entendia o que estava acontecendo. Quando a gente brigava eu ameaçava contar para a minha mãe o que ele fazia, mas ele dizia *“pode contar, ela não vai acreditar em você mesmo”*. Um dia eu contei, mas a minha mãe não acreditou e ele me desmentiu. Acho que isso aconteceu cerca de 4 a 5 vezes pelo que eu me recordo.

Quando eu tinha aproximadamente 10 anos, voltei a tocar neste assunto com a minha mãe, dizendo que tudo o que eu tinha contado era

verdadeiro. Minha mãe contou para a minha avó e são as únicas pessoas que sabem, meu pai nem sonha, porque eu acho que meu pai faria uma besteira se ele soubesse. Hoje meu primo está sumido. Ele chegou a frequentar a casa da minha avó por uns tempos, mas eu agia normalmente, pois eu não tinha ideia da gravidade do que acontecia. Depois que eu conversei com a minha mãe, ele não apareceu mais.

Tenho uma prima de 27 anos, que recentemente falou para a minha mãe que passou pela mesma situação, com o mesmo primo e no mesmo lugar. Como eu não gosto de ficar tocando neste assunto, minha mãe não contou que eu tinha passado pela mesma situação. Para mim, aquela situação não me incomodava. Eu não entendia muito o que estava acontecendo, então para mim era uma coisa, entre aspas, normal, sabe? Eu não entendia. E criança... ele pedia: *“abaixa as calças e a calcinha”*, eu abaixei. E para mim, não via problema, sabe? Acho que do mesmo modo que achava aquilo normal, no fundo, eu sabia que havia algo errado, afinal ele me levava para outro lugar, longe da visão das pessoas. Mas a intriga entre a gente, realmente, motivou a minha revelação.

Aos 10 anos quando voltei a comentar sobre esse assunto com a minha mãe, já tinha noção da gravidade do ocorrido, nesta época não acontecia mais. Quando eu tomei conhecimento do que tinha vivido, senti a necessidade falar sobre isso. Eu precisava contar aquilo para alguém. Sabe quando uma coisa que te deixa mal e você fica para baixo? Eu precisava contar. E eu lembro que nesse dia que eu fui contar para minha mãe eu chorava, desesperada. Chorava e chorava... como se eu fosse culpada, sabe? Eu me sentia culpada disso. Apesar de não ficar incomodada tanto quanto antes, isso ainda me incomoda. Minha mãe ao ouvir a história, ficou bem mal, ela ficou revoltada, também chorou bastante, se sentiu culpada porque na época eu contei para ela e ela não acreditou em mim. Assim, ela ficou muito mal mesmo. Mas, infelizmente, não tinha o que fazer. Já tinham se passado anos, não tinha como ir numa delegacia, não tinha como fazer nada. A gente não sabe nem mais onde ele está. Então não tinha muito o que fazer. Mas minha mãe ficou bem... bem decepcionada. Se sentiu bem culpada.

Eu acabei me sentindo um pouco melhor depois de contar, como se tivesse tirado um peso de cima de mim. Porque parecia que era um segredo que

eu estava guardando, e quando eu contei, me senti mais aliviada, sabe, de ter compartilhado isso com alguém e ter visto que não foi minha culpa. Porque as vezes a gente acaba se sentindo culpada, mas não tinha como, eu era criança, não sabia o que estava fazendo e... eu me senti melhor. E aí minha mãe falou: *“não comenta isso com seu pai, porque agora não tem mais o que fazer e é melhor evitar”*. Porque imagina, você fala que sua filha de quatro anos foi abusada por um sobrinho seu. Meu pai com certeza ia atrás dele. Com certeza. Aí a gente preferiu deixar.

Esse primo é filho do irmão da minha mãe. Minha mãe tem contato com o irmão dela, mas nem o próprio pai tem conhecimento do paradeiro dele. Eu e a minha mãe nunca pensamos em denunciar devido ao tempo que tinha se passado. Nunca paramos para pensar na possibilidade dele ter abusado ou estar abusando de outras pessoas.

Nunca tive nenhum problema em relação a isso. Já tive atividade sexual e no início foi bem complicado, mas nunca associei esta dificuldade com o que vivi. Tanto que eu, graças a Deus, mal lembro desse episódio. Foi uma coisa que eu já consegui superar e deixar para trás. Tanto que quando eu fui preenchendo a pesquisa, eu parei, pensei e falei: “é, já tive”. É uma coisa que, graças a Deus, eu já não tenho mais problema com isso.

Saber que o mesmo aconteceu com a minha prima, de certa forma me conforta, até me questiono se este é um sentimento “certo”, mas cheguei a conclusão que saber que não fui a única reforça o fato de eu não ser culpada. Sinto raiva dele. Mesmo a minha mãe não acreditando em mim de início, após a primeira revelação, ela ficou mais “esperta” em me deixar sozinha com ele.

Já com o gravador desligado diz que sente muita raiva do primo.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 47 / ENTREVISTA 10

Meu nome é Cláudia e meus pais são separados desde que eu tinha dois anos de idade, mais ou menos. Minha mãe tem um outro relacionamento desde a separação e o meu pai se casou novamente. Tenho dois irmãos por parte de pai, adotados. Minha mãe é filha única e, por isso, a família por parte da minha mãe é bem pequena. Já a família por parte do meu pai é grande, são vários netos. Sempre estudei em escola particular, fiz cursinho e entrei na universidade. Sempre morei na casa da minha mãe depois que meus pais se separaram. Na minha casa também morava a prima da minha mãe, que eu chamo de tia, e quando eu tinha cerca de quatro ou cinco anos de idade, meu padrasto foi morar com a gente. Minha tia se mudou após algum tempo, ficando na casa eu, a minha mãe e o meu padrasto.

Meu relacionamento com meus pais é bem tranquilo. Minha mãe sempre trabalhou muito, eu ia para escola, e a minha vó me buscava e eu ficava na casa dela até a minha mãe chegar do trabalho, eu não tinha muita relação com minha mãe, eu era mais próxima até dessa minha tia. Em 2009 minha mãe ficou desempregada, foi aí que ela ficou mais tempo em casa, eu comecei a criar mais vínculo com ela. Essa minha tia sempre foi muito, muito próxima. Mas apesar da convivência e maior proximidade com a minha tia, a minha mãe sempre deu todo suporte e sempre estava disponível quando eu precisava. Meu pai, por morar sempre um pouco longe, eu via a cada 15 dias, há cerca de 10 anos ele foi morar no interior, onde está até hoje, então eu o vejo esporadicamente. Mas temos uma boa relação. Meu pai nunca foi muito provedor, a minha mãe sempre me sustentou sozinha. Hoje ele dá um pouco mais de suporte, mas durante toda a vida foi a minha mãe.

Meu padrasto tem umas peculiaridades, é muito metódico, ele melhorou muito ao longo dos anos, mas tinha muito conflito, ele tem três filhos do primeiro casamento. Então, pelo modo que ele me tratava e a mãe dele me tratava em relação aos outros netos. Minha mãe, eu lembro deles brigando, mas minha mãe, agora mais para frente quando eu cresci, ela contou algumas histórias e tudo mais. Eu nunca me aproximei muito, muito dele, ele me trata como filha, acredito eu. Ele ajudou a pagar minha festa de 15 anos, me ajudou quando eu precisava

viajar, acho que hoje a gente está começando a ter uma relação melhor. Os filhos dele moram no interior. Quando eu era criança, eu ia junto com o ele e a minha mãe visitar, a cada 15 dias, os filhos dele no interior. A gente brincava, já fomos viajar juntos.

Ainda moro com a minha mãe e o meu padrasto, sou muito próxima da minha avó materna, ela me educou muito. Acho que porque eu vivia com ela, então, quando ela me buscava na escola, eu ficava o resto do dia com ela, acho que a maior parte da minha criação foi ela quem deu, ela sempre foi muito rígida, mas sempre com muito amor.

No começo eu conversava mais com a minha tia sobre as coisas que eu pensava e que me aconteciam, que era muito próxima, hoje tenho total abertura para conversar sobre tudo com a minha mãe.

Sobre o abuso, eu não sei exatamente a definição correta, teve um caso. Quando eu era criança, não lembro exatamente quantos anos eu tinha. A minha mãe chegava sempre muito tarde do trabalho e o meu padrasto me buscava na casa da minha avó, às vezes deitava na cama da minha mãe e ficava assistindo desenho para esperar minha mãe chegar e acabava dormindo. Um certo dia eu acordei e percebi que estava passando pornografia na TV e o meu padrasto estava com a mão nos meu genitais. (Começa a chorar neste instante) Então, não foi um abuso sexual sabe, um ato. Mas foi algo que me marcou. E aí eu comecei a me mexer, ele percebeu que eu estava acordando, e rapidamente subiu as calças, trocou o canal. Na noite seguinte minha mãe estava em casa e quando estava em casa, a minha mãe sempre ia se deitar comigo, dava boa noite. Foi quando revelei para a minha mãe o que tinha se passado, aí depois disso, eu não fiquei sabendo exatamente todos os detalhes da história, mas ele foi se tratar. Minha mãe conversou com ele, e ele foi fazer um tratamento psicológico, não sei se chegou ir ao psiquiatra ou não, deu muita briga na época, eu até achei que eles fossem se separar, mas ele se tratou. E nunca mais nada aconteceu. Eu também nunca mais fui deitar na cama dela, esperando ela chegar, com ele. (E continua, ainda abalada, com voz trêmula e chorando) Hoje quando ele me toca, eu fico assim, por isso eu acho que eu não me aproximo muito dele também.

Eu sabia que o que ele estava fazendo não deveria ser feito. Isso eu tinha consciência. Não sei o motivo pelo qual achava aquilo errado, não me lembro de ninguém da família falar sobre abuso ou violência sexual comigo, eu realmente não sei, eu sabia que era errado, sabia que não devia ser feito, a atitude dele me deixou bastante chateada.

A minha mãe nunca duvidou da minha palavra e ficou espantada, contei sem olhar para ela, então não vi a reação dela, mas a voz era de espanto, algo completamente inesperado. Acho que a minha mãe tentou controlar seus sentimentos para não assustar mais a mim. Apesar da minha mãe não ter duvidado de mim, acho que não tive muito acolhimento, sinto que talvez eu teria que ter sido também levada para falar com alguém, entendeu? (Ainda chorando muito, diz:) Isso que aconteceu ficou muito tempo esquecido na minha cabeça, mas com a participação na pesquisa isso veio novamente à tona, nossa, isso aconteceu, apaguei, ele foi tratado e eu nunca fui, entendeu? Um tempo depois a minha mãe foi falar para mim que o meu padrasto estava sendo tratado, mas sem maiores detalhes, sem maiores informações e nunca mais se conversou sobre esse assunto.

Apaguei tudo, tanto é que nunca entendi bem o motivo pelo qual não me aproximava do meu padrasto. Após participar dessa pesquisa e relembrar do fato, tenho certeza que essa distância se deve a isso. Não tenho vontade de abordar esse assunto com a minha mãe, eu não gostaria de trazer isso de novo para ela. Acho que para ela deve ser muito doloroso. E está uma situação complicada financeiramente em casa. Então, criar outro caos, não. Tenho vontade de fazer terapia e tratar esse assunto com o psicólogo. Relembrar isso mexeu muito comigo.

A gente nunca consegue se pôr no lugar, até que acontece. Mas pensando, nossa, eu acho que se fosse eu, eu teria me separado, sabe? Não deixaria a minha filha. Acho que era uma atitude que eu esperaria, mas a gente não sabe até acontecer com a gente.

Não contei pra ninguém além da minha mãe, mas na semana da entrevista acabei contando para meu namorado, em quem eu confio muito, estamos juntos há seis anos. Ele frequenta minha casa e convive com o meu

padrasto e a minha mãe, ele já chegou a falar: *“nossa, as vezes eu sinto que ele tenta se aproximar e que você se fecha”*.

Não é que eu não lembrava, estava lá guardadinho. Não queria lembrar e tal. Agora, depois de ressurgir este assunto fico muito entristecida e estou ainda mais distante dele, eu sinto que toda vez que ele vem me abraçar, falar bom dia, me dá um abraço, eu fico meio... Não vejo grandes consequências atuais para a minha vida.

Eu lembro muito pouco, mas acredito que a rotina da casa mudou um pouco após o que aconteceu, minha mãe e ele passaram a me buscar muito mais tarde na casa da minha avó, eles esperavam a minha mãe chegar para poderem me pegar, para não ficava mais sozinha com ele. Mas como eu era pequena não relatei os fatos.

Apesar de não ter, na época, uma relação muito próxima com a minha mãe, nós conversávamos e eu sabia que podia contar com ela. Além disso, tinha consciência de que aquilo não poderia ter acontecido, a noite quando ela estava em casa, ela me colocava para dormir. E eu contava coisas do meu dia, contava o dia inteiro para ela. Então, eu contei, eu sabia que aquilo não deveria ter acontecido. Em nenhum momento passou pela minha cabeça que a minha mãe poderia não acreditar em mim, não tinha essa desconfiança.

Na adolescência me dei conta que tinha sido vítima de violência sexual, mas novamente deletei isso do meu pensamento. Essa conscientização impediu que nós tivéssemos um relacionamento mais próximo.

Minha avó é uma mulher muito forte (novamente se emociona ao falar). Meu vô sempre foi um problema, alcólatra, gastava dinheiro no bar, ela criou minha mãe, mais duas sobrinhas, ela é paraplégica, ela trabalhava, fazia faculdade, cuidava das crianças, sustentava a casa. Então, ela sempre foi uma mulher muito, muito, muito forte. E nunca precisou de homem para nada eu acho que se ela ouvisse isso, seria capaz de matar.

Em relação ao meu pai, ele não pode nem sonhar, acho que tenho a sensação que o meu pai não queria se separar, minha mãe que queria se divorciar, pois o meu pai tinha problemas com bebida e, como a minha mãe já tinha a experiência de ter vivido com um alcoolista, viu que aquela vida com o marido não era para ela. Se o meu pai soubesse ele ia ficar muito mal, acho que

ele pioraria, se afundaria mais ainda na bebida. Coisa que eu luto muito com ele, fico brigando com ele.

Acho que pelo fato de eu estar chorando aqui ao contar minha história significa por para fora o que ficou tanto tempo guardado, talvez dê um alívio, eu estar me conhecendo um pouco mais, o porquê de a minha relação com ele ser assim e pensar o porquê disso, por que ele fez isso. Eu entendo que isso é uma doença, então, não eu não posso falar que não o culpo, mas eu entendo. Eu quero acreditar que as pessoas podem melhorar. E que eu acredito que ele tenha melhorado. (Diz isso muito emocionada e chorando.)

Acho que se tivesse feito algum tipo de acompanhamento psicológico, se a minha mãe tivesse se separado e não precisasse conviver mais com ele, minha dor seria minimizada, eu até posso entender o porquê ela não se separou, acho que a gente já passou por vários altos e baixos em relação à questão financeira, então, talvez na época ela não tivesse como sustentar uma casa comigo, uma criança pequena, a casa é dele, então, ela talvez não tivesse condições.

Essa violência aconteceu na casa onde eu ainda moro, e nos mudamos para lá quando eu tinha sete anos.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 49 / ENTREVISTA 11

Meu nome é Larissa e meus pais me tiveram muito cedo, eram adolescentes. Eles não chegaram a se casar e nem namorar muito tempo, quando eu nasci morava com os meus avós maternos, os meus avós que me criaram, pois minha mãe era muito nova. Meus avôs paternos relutaram um pouco para aceitar a gravidez, mas quando me viram logo passaram também a ajudar nos cuidados. Havia muita briga na família para ver com quem eu ia passar o Natal, por exemplo; e às vezes eu estava na casa do meu pai e queria ficar por lá. Meus pais entraram na justiça para disputar a minha guarda e acabou que fiquei com a minha mãe podendo ver meu pai a cada 15 dias. Mas como as minhas avós moravam na mesma rua, essa determinação judicial não era completamente cumprida. Quando eu queria ver os meus avôs paternos e o meu pai eu sempre os via.

Eu não tenho muitas lembranças do meu pai durante a minha infância. Tenho mais lembranças do meu avô paterno. Teve uma época que o meu pai começou a namorar uma pessoa que tinha ciúmes de mim. Essa namorada acabou engravidando e por um tempo eles moraram juntos, mas a relação dos dois era bem conturbada.

Meu avô paterno faleceu quando eu tinha seis anos. Foi um período muito difícil, para mim foi um choque, eu era bem pequena, mas eu quis ir no velório, quis ir no enterro, tive um período de luto bem grande porque eu ficava com ele todos os dias e eu acho que ele era a figura masculina que eu tinha de referência.

Quando eu tinha quatro anos a minha mãe começou a namorar, logo em seguida ela se casou, desse relacionamento nasceu uma filha, minha meia irmã. Então, fui morar com a minha mãe, no começo foi um pouco difícil sair da casa da minha avó, eu chorava e ficava super... porque eu queria ter todo mundo junto. E foi meio difícil, mas eu acostumei. Eu tinha um relacionamento com o marido da minha mãe, bom até...depois que, mais para frente, começou a ficar estranho a coisa.

Tenho bom relacionamento com meus pais, quando eu era adolescente tinha algumas brigas, principalmente com o meu pai, ele tinha bastante medo de eu engravidar e tudo o mais, então, ele era bem autoritário, mas o meu relacionamento com meu pai hoje é bom. Nós temos nossas diferenças, mas na adolescência ele pegava bastante no meu pé, ficava muito atrás de mim, ficava me controlando. Na minha adolescência me achavam rebelde sem causa, ninguém entendia o porquê do

meu mau comportamento, mas acho que era por tudo que acontecia na casa da minha mãe.

Tentei me suicidar aos 15 anos, mas eu não sei te dizer se foi uma tentativa de suicídio, mas eu queria, não sei se para chamar atenção ou se para mostrar “*olha, está demais, eu não estou aguentando, alguém me ajuda*”. Tudo o que tinha de remédio em casa eu tomei...Morei com a minha mãe até os 15/16 anos, depois fui morar com o pai, com quem moro até hoje.

Desde os doze anos o marido da minha mãe tentava abusar de mim. Depois de um tempo contei o que acontecia para a minha psicóloga, para a minha tia, esposa do irmão da minha mãe, que imediatamente foi conversar com a minha mãe, ela foi em casa, mas minha mãe conversou com ele e não sei o que rolou e ela deixou quieto. Quando eu tinha 15 anos, depois de uma briga com ele por causa da porta do meu quarto estar fechada, aí falei tudo para o meu tio, meu avô materno e para o meu pai, eu fiquei meio assim porque não sabia a reação do meu pai. Só que eu liguei para o meu pai, contei, meu pai me ouviu, eu tinha muito medo porque meu pai é meio explosivo, mas, não sei, e ele foi até a casa da minha mãe, ele sentou no sofá, e o marido da minha mãe estava sentado no sofá, sentou no sofá e eu já fui arrumando minhas coisas porque falei “*não vou mais morar aqui*”, e o que eu lembro, ele falou: “*eu só vim te comunicar que estou indo na delegacia, eu vou abrir um boletim de ocorrência*”, e o marido da minha mãe começou a falar que eu era dissimulada, que eu inventei tudo isso e tudo mais.

Eu sabia sim de tudo o que estava acontecendo. Os comportamentos dele em casa eram muito estranhos. Eu já cheguei a acordar de madrugada e ele e minha mãe estarem transando na sala, então, eu tinha consciência dessas coisas já, e acho que amadureci muito rápido pela minha história de vida, minha mãe ser muito nova, eu tinha que me virar, então, eu tinha consciência sim. No começo tinha medo de contar, mas depois quando fui crescendo passei a ameaçar ele, eu dizia “*eu vou falar para o meu pai; sai daqui*”. O marido da mãe é um depravado, o banheiro da minha casa não tinha chave, e ele entrava enquanto eu estava tomando banho, não sei se a minha mãe não percebia ou se achava aquele comportamento normal. Várias vezes eu estava lavando a louça e ele chegava e batia na minha bunda. Ele tinha um binóculo em casa e ficava, da janela do apartamento, observando a intimidade dos vizinhos.

No dia que contei o meu pai disse “*não interessa, se você está falando que ela é dissimulada, ok, eu acredito na minha filha.*” Meu pai me levou até a delegacia para

fazer a denúncia, fomos na Delegacia da Mulher e para mim foi bem difícil, por mais que eu quisesse sair daquela situação, para mim foi bem difícil porque fazem um monte de pergunta...ficamos revivendo, fica mexendo, e para mim, eu acho que o jeito que eu tinha encontrado, era não falar para ninguém e tentar dar o meu jeito; mas já que por algum motivo eu resolvi falar.

Um dos meus maiores medos era o que seria dos meus irmãos, caso ele fosse preso. Eu ficava imaginando como ia ser na cabeça deles com o pai preso, que tentava abusar da irmã, então, ia ser muito traumatizante para eles; então, eu tinha muito medo dele ser preso. Tive que ir fazer exame de corpo e delito no Pérola Byington, é super constrangedor, aquele dia foi o pior para mim, porque eles tiram foto, você conversa com psicólogo, porque eles ficam achando que você está omitindo, que ele realmente abusou, eu não queria falar e eles tiraram foto da região genital e tudo mais, é super constrangedor. Mas o processo não deu em nada, o meu pai tinha muita vontade de ir atrás para que ele fosse punido, mas para mim, era tudo muito ruim. Eu mudei da casa da minha mãe, mas sentia muita saudade, chorava o tempo inteiro e me sentia muito culpada apesar do meu pai reforçar que eu era a vítima desta história, ele dizia *“você é a vítima e você está se sentindo culpada”*, e era exatamente esse sentimento, eu me sentia super culpada, porque o casamento da minha mãe deu aquela...a vida dela, e eu me sentia muito culpada por tudo isso. E minha rotina mudou, eu saí da casa da minha mãe, foi bem difícil, eu chorava o tempo inteiro porque sentia saudade, e no começo eu fiquei com raiva porque ela continuou lá na casa dele, mesmo sabendo, continuaram perto dele, enfim, acho que o delegado sentiu de mim que realmente tinha acontecido, mas acho que eles ficaram assim: *“será que realmente aconteceu? Será que ela não está inventando?”*. Eu realmente falava, eu não me contradisse, em nenhum momento, no que eu tinha dito, mas eu não mostrava aquela vontade *“eu quero que ele seja preso, eu quero justiça”*, por conta dos meus irmãos e da minha mãe.

Hoje ainda tenho contato com o ele, porque a minha mãe ainda é casada com ele. Minha mãe tentou se separar, mas ficou apenas um mês afastada. Minha mãe me disse que nem gosta mais do marido, mas as coisas são difíceis e por isso está com ele, eu não consigo entender, porque eu não sou mãe ainda, mas acho que se eu fosse mãe, mesmo que eu não tivesse para onde ir, acho que eu ia morar com meus filhos embaixo da ponte, mas eu não ficaria com uma pessoa dessas, eu não conseguiria dormir ao lado de uma pessoa dessas. Mas eu não quero julgar ela, nem

entender os motivos, pois isso me dói. De vez em quando que vou na casa dela, apenas cumprimento ele, o contato com ele que eu tenho é “oi” e “tchau”; não esqueci do que aconteceu e não sei se consigo perdoá-lo, não sei se eu ainda estou pronta para isso, acho que perdão é uma coisa muito acima, ainda mais nesse tipo de coisa, muito acima do que eu estou preparada.

Eu queria proteger o casamento da minha mãe, por isso não contei nada assim que as coisas começaram a acontecer, não era um casamento super harmonioso, por isso, eu tinha medo do que poderia acontecer, porque na minha cabeça eu imaginava *“vou contar isso para a minha mãe, ela vai se separar dele, e eu não sei como vai ficar, meus irmãos são pequenos, ela não tem para onde ir”* então, por isso demorei para contar. Minha tia ficou completamente chocada quando soube, mas eu não lembro da reação da minha mãe ao saber, ela conversou com o marido e ele justificou sua atitude dizendo que me *“testava”*, *“ah, estou testando ela, testei ela para ver até que ponto ela deixa alguém manipular ela”* e a minha mãe acreditou. Meu padrasto chegou a pedir desculpas por estar invadindo a minha privacidade, disse que não ia se repetir, mas após um tempo tudo recomeçou.

As pessoas, eu acho estranho, porque a minha tia, eu tenho um vínculo muito legal com ela, mas ela continua conversando com ele, então, eu não consigo entender esse tipo de coisa, as pessoas continuam aceitando ele, fingindo que não aconteceu.

Meu namorado sabia do que acontecia, eu não contava tudo, pois tinha medo da reação dele, mas ele sabia de muitas coisas. E, embora o meu namorado nunca tenha me obrigado a contar, eu me sentia completamente apoiada e acolhida por ele, era o meu aliado, me sentia segura. Acho que se não fosse o suporte emocional dado por ele, não teria tido coragem de contar e meu sofrimento seria bem maior.

Eu ter contado tudo me protegeu de continuar vivendo essa situação, pois eu não teria saído da casa da minha mãe se isso não tivesse ido à tona. Eu amadureci muito ao sair da casa da minha mãe, minha relação com o meu pai melhorou, passei a valorizar mais as coisas, pois na casa da minha mãe tinha mais conforto do que tenho na casa do meu pai, e me dou muito melhor com os meus irmãos. Acho que o meu pai é muito mais capaz de criar e conduzir um filho do que a minha mãe. Hoje eu consigo dormir em paz porque eu tenho privacidade, porque na casa da minha mãe, uma das coisas que ele fazia muito era vir e ele vinha, várias vezes eu abria o olho e ele estava praticamente tentando passar a mão em mim, e quando eu abria o olho ele fingia que estava tentando cobrir minha irmã, então, eu não dormia sossegada. Lá no

meu pai eu tenho a minha privacidade, muita coisa melhorou. Talvez não houve justiça.

Acredito muito na justiça divina, por mais que a gente ache que ele vá sair ileso em relação à justiça do homem, acho que ele vai colher o que ele plantou em algum momento, não sei se aqui, não sei se em outra vida, mas eu não desejo que ele pague aqui ou que ele seja preso, pelos meus irmãos. Mas eu acho estranho, as pessoas não conhecem ele, as pessoas super idolatram ele, acham que a família da minha mãe é a família perfeita, é a família modelo, que ele nossa, é um homem super, sabe, e isso me frustra um pouco, das pessoas vangloriarem ele, e ele não é aquilo que ele passa para as pessoas, mas não desejo que ele seja preso, não desejo nada para ele, acho que não cabe a mim.

Sempre fui uma criança muito ansiosa, roía as unhas, já tive gastrite nervosa, tudo isso por causa das brigas que haviam entre meus pais e entre os meus avôs. Minha mãe e meu pai brigavam ou era minha avó e meu avô que brigavam, eles brigavam muito, era bem conturbado, foi bem conturbada a minha infância em relação a isso, porque meu avô queria ir lá me buscar e minha mãe não deixava, ela dizia: *“hoje não é dia”*, eu chorava, eu queria ir, ou eu não queria voltar para casa, então, sempre fui bem ansiosa.

Não vejo consequência negativa por ter revelado. Depois que minha mãe ficou sabendo e depois de eu ter saído de casa, ela tentou se suicidar, foi uma época bem conturbada. A minha mãe não gosta dele, o casamento deles não é legal, e ele acabou sabendo que ela traía ele, e nisso que ela tentou se suicidar, foi nessa fase que eu tinha saído de casa. Acho que para a minha mãe teve muito impacto, muitas repercussões negativas, acho que nisso, eu ficava muito preocupada com ela, eu acho que eu me preocupo muito com ela e também me preocupo muito com os meus irmãos em relação a estar com ele lá, eu falo que eu não sei até que ponto ele é maluco, a minha mãe fala *“ah, não, são os filhos dele”*, eu falo *“mãe, eu não sei, eu não confio”*.

Já tentei conversar de novo sobre esse assunto com a minha mãe, com o intuito de proteger meus irmãos, mas ela confia no meu padrasto, afinal são os filhos dele. Nunca falei abertamente sobre o que aconteceu para os meus irmãos, não gostaria que eles soubessem. Teve uma época que a minha irmã estava sempre se queixando de dor de cabeça, chorava muito, não queria sair do quarto, a minha mãe dizia que estava rebelde e eu perguntei para ela: *“seu pai invade sua privacidade? Ele entra aqui quando você está se trocando?”* fui tentando perguntar de um jeito que ela não

percebesse, eu acho que ela não percebeu aonde eu queria chegar. E ela falou que não, que eles não conversam muito, que não é aquela relação “*nossa, a gente super conversa*”, mas que ele não invade a privacidade dela. Eu não sei, pelo que eu senti dela, eu acho que ele não mexe com ela.

Quando iniciei minha vida sexual eu era bem retraída, tinha bastante vergonha, mas não consigo saber se isso foi consequência do que aconteceu.

Ele nunca me ameaçou, acho que por eu ser muito boazinha e passiva ele, provavelmente, não acreditava que eu seria capaz de contar.

Me senti acolhida na delegacia e no Pérola Byington, apesar de ter sido muito traumatizante os procedimentos eu pensava “*se ele for preso vão matar ele lá dentro, porque falam que não aceitam esse tipo de gente lá dentro*”. Se nem os próprios bandidos aceitam, eu ficava “*meu Deus, se ele for preso o que vai acontecer?*” o Pérola Byington foi realmente o pior dia.

Fico incomodada pela a justiça ser tão falha. Fiz terapia e acho que ficar falando sobre o assunto é ruim, machuca; não ter que depor mais, não ter que fazer mais nada, de certa forma é confortável para mim, mas não sei se isso está resolvido dentro de mim. Não falar sobre o assunto é bom.

Faço faculdade e estou levando a minha vida, gostaria que minha mãe tivesse tido outra postura, que ela não tivesse com ele até hoje. Minha mãe tentou se separar dele recentemente, mas não conseguiu e voltou com ele. Ela saiu de casa, ficou na minha avó e os meus irmãos ficaram com ele, e para os meus irmãos estava muito difícil, o meu irmão chorava todo dia, pedia para ela voltar, então, ela não conseguiu, ela voltou. Eu até entendo ela, hoje em dia eu acho que o que eu tenho de mágoa é isso. Eu tento não ficar cutucando essa ferida, mas eu acho que uma coisa que eu preciso resolver ainda é isso: de não entender como uma mãe consegue.

Às vezes me pergunto se minha mãe acredita em mim, pois para mim é impossível entender, não cabe, na minha cabeça as coisas não se encaixam, às vezes eu pergunto: “*será que realmente ela acredita em mim?*”. Eu não consigo entender, eu falo: “*eu não posso julgar, não sou mãe ainda, mas não sei se ela realmente acredita em mim ou não*”.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 62 / ENTREVISTA 12

Eu sou a Júlia. Vivi com meus pais até os 17 anos, quando fui fazer faculdade. Mudei muito como pessoa, da época que morava com os pais até o momento atual, eu passei por uns perrengues e tal e com perrengue a gente aprende bastante. Na época em que morava com os meus pais não tinha opinião própria, não tinha muita crítica, simplesmente aceitava as imposições deles.

Pensei em desistir do curso, não ligava para a faculdade, ficava o tempo todo em festa, me drogava, bebia, era assim, várzea. Eu disse para o meu pai que queria largar o curso, que tinha vontade de estudar outra coisa, mas por ter passado, mesmo tentando me sabotar no vestibular, meu pai não me deixou fazer cursinho, ele falava que Deus tinha dado essa oportunidade, e que eu tinha que aproveitar.

Quando morava com os meus pais praticamente não saía, pois os meus pais não me deixavam e eu também não tinha essa demanda. Todo o dinheiro que os meus pais ganhavam, que não era muito, era guardado para o estudo da gente, então a minha família não saía, não tinha passeio, viagens, nada do tipo. O que o meu pai falava era que a herança que eles deixariam para as filhas era o estudo, portanto, nós não tínhamos margem para fazer outras coisas, tínhamos que estudar. Meus pais diziam: *“Filha, a gente cria vocês, para vocês terem estudo, para que vocês não dependam de ninguém, para vocês conseguirem se sustentar, então, estudem, é isso que vocês precisam, é essa a herança que a gente vai deixar para vocês.”*

Tenho uma irmã e a gente não questionava essas limitações colocadas pelos meus pais. Meus pais trabalhavam em casa até eu me mudar para São Paulo. Faziam diversos tipos de serviços. Fomos assaltados algumas vezes e, depois disso, ficamos bem falidos, porque roubaram muitas coisas, máquinas alugadas, então, a gente teve que pagar por elas, roubaram umas coisas caríssimas, e nos deu um prejuízo bem grande, e como eles tiveram que pagar essas dívidas, nós ficamos bem mais duros do que já éramos.

Eu me viro como posso. Se estou precisando de dinheiro vou trabalhar em buffet. Meus pais se separaram no início de 2017, meu pai tinha uma relação abusiva com a minha mãe, ela não fazia nada para ela, não podia fazer nada sem o consentimento deles, não comprava nada sem a permissão dele, até comida, eles conversavam sobre quanto que ela poderia gastar no mercado. Agora que a minha mãe adquiriu independência, está morando sozinha, trabalha, tem sua própria vida e o próprio

dinheiro, está numa fase de fazer tudo o que ela não fez, e ela não gasta muito com a gente, se a gente pede alguma coisa, ela fala que não dá, ai minha irmã me liga e fala que ela está gastando 200 reais com cabeleireiro, só que para mim não influencia muito, eu vou me virando.

Na infância os meus pais eram muito presentes, eu conversava bastante com a minha mãe sobre todos os assuntos, já o meu pai era mais quieto e tinha aquela separação de gênero, que você só pode conversar certas coisas com a sua mãe, porque você é menina, e seu pai não. Então, eu não podia andar de calcinha e sutiã em casa, que ela falava "*Para de andar desse jeito, que seu pai está em casa*", era meio esquisito, na minha cabeça não fazia muito sentido, então, eu só obedecia. Hoje a minha relação com eles é distante, quase não os vejo. A última visita foi há duas semanas pois eu fui apresentar minha namorada para a minha irmã, que ainda mora com a minha mãe. Visito a minha família pela minha irmã, somos muito amigas e sentimos falta uma da outra, não vou para ver os meus pais. Com meu pai nunca fui muito próxima mesmo, era muito mais mecânico, mas sei que era uma coisa mais sentimental, eu lembro de poucas vezes que meu pai me ajudou. Já a minha mãe foi diferente, depois que eu vim para cá, eles mudaram o jeito de dar suporte, era mais financeiro, e era muito mais, a gente faz o que a gente pode, então, não sobrecarrega a gente com problemas emocionais, depois de uns três anos morando em São Paulo, minha mãe começou a me mandar mensagens para eu resolver os problemas dela, eu procurei um psicólogo e faz um ano que eu faço atendimento psicológico, e isso me ajudou muito, muito, eu me distanciei muito da minha mãe, com a terapia, a gente chegou à conclusão de que a melhor opção...a gente acabou se distanciando, e no ano passado eu estava me relacionando com uma menina, e ela descobriu, e eu falei para ela que eu era lésbica, e ela se distanciou de mim, e isso foi uma via de mão dupla, e a gente não conversa muito, porque o fato de eu ser lésbica faz ela sofrer bastante. Eu nem ligo, porque não me faz falta, porque ela me faz mais mal do que bem estando perto de mim, então, eu prefiro que não esteja. A única pessoa que eu faço questão é a minha irmã.

Quando eu tinha 12 anos fui assediada pela minha professora de natação. Não lembro muito bem e já vivi várias situações de abuso sexual. Eu prefiro não relembrar das coisas e sentimentos e acabo não tendo lembranças muito fiéis, o último abuso foi feito pelo meu tio, do qual me recordo melhor.

Sobre a minha professora de natação lembro do contexto, do cenário, mas não lembro de detalhes. Lembro que ela me dava presentes, falava que pagaria uma viagem para mim, só que na minha cabeça era algo muito ingênuo. Eu contava para a minha mãe sobre o comportamento da minha professora e a minha mãe percebeu que algo estava acontecendo, tanto é que a minha mãe me questionou “*Julia, você quer ser lésbica?*”, eu não sabia na ocasião o que era ser lésbica, mas mesmo assim respondi que não, então a minha mãe me tirou da natação. Acho que deve ter acontecido algo entre mim e a professora do qual eu não me recordo. Mas nunca me incomodei com esse fato da professora de natação, eu nem lembro direito.

Pior foi com meu ex-namorado, nós tínhamos uma relação muito intensa, com muito abuso psicológico, que considero até pior do que o abuso sexual que sofri, aos 16 anos. Ele me traiu e nosso relacionamento acabou. Isso aconteceu bem na época que eu passei na faculdade. Apesar da distância e da falta de contato, eu não conseguia esquecê-lo, não porque eu gostava dele, porque simplesmente ele ficou na minha cabeça, e eu decidi tentar voltar com ele. Ele se tornou uma pessoa horrível, ele me culpava pela pessoa que ele tinha se tornado, ele é uma pessoa amarga, irritado, grosso com as pessoas, era tudo minha culpa, e eu dormia todas as noites chorando, e quando eu chorava ele falava que eu estava fazendo tempestade em copo d'água. Eu não percebi que tinha sido abusada, só algum tempo depois, porque a primeira vez que a gente ficou juntos, ele partiu do pressuposto que eu queria transar, e ele me penetrou, e me fez ficar lá, e eu não conseguia falar não, porque eu não tinha empoderamento, para mim eu não podia negar. Uma amiga me alertou, dizendo que eu provavelmente estava vivendo um relacionamento abusivo e me dei conta que tinha sido estuprada e terminei o relacionamento. Não denunciei porque eu achava que eu ia me expor, por um lado eu ia entrar na estatística, mas por outro eles não iam fazer corpo de delito, fazia meses que tinha acontecido, eu ia me expor, a delegacia da mulher tem muito homem atendendo, e ele ia me invalidar, e eu ia ficar ainda mais chateada, hoje eu falo tranquilamente sobre isso, na época não, eu estava sensível ainda, eu ia me expor em um momento que não estava forte o suficiente.

Com meu tio, aconteceu ano passado, fui passar as férias na casa de uma tia. No segundo dia que estava na casa da minha tia, que estava trabalhando, ao acordar, vi que o meu tio estava parado na porta do quarto me observando, ele é bem velho, tem por volta de 86 anos, eu ouvi a respiração ruidosa dele, e eu meio que fingi que estava dormindo, para ele não ver que eu tinha acordado. Ele saiu do quarto, mas

logo voltou. Levantei e fui arrumar minha cama quando ele se aproximou, beijou meus ombros, depois meu pescoço, o rosto e foi em direção à boca. Fiquei meio paralisada, pedi licença, pois precisava tomar banho e o meu tio perguntou se eu precisava de ajuda. Fui tomar banho, estava bem assustada e mandei mensagem para os meus pais que falaram “*Olha, a gente não tem como te ajudar, lida aí...*”. Avisei meus amigos, deixei todo mundo avisado, para caso acontecesse alguma coisa. Fui tomar café da manhã e passear, para não voltar para a casa da minha tia, pois não queria ficar sozinha com ele. Meu tio e a minha tia ficaram desesperados e muito bravos com o meu sumiço, pois não avisei ninguém para onde fui. No dia seguinte, minha tia ainda brava comigo pelo sumiço, contei para ela o que tinha acontecido “*porque o meu tio abusou de mim*”. Minha tia não acreditou no que contei “*você está mentindo... Não sei, mas você está mentindo, como o seu tio iria fazer uma coisa dessas... não, não é possível*”. Decidi que não voltaria para casa e passei a fingir que nada daquilo tinha acontecido. Ela era muito próxima e achava que me protegeria frente a uma situação como essa. Voltamos a conversar sobre o assunto quando estávamos sozinhas, eu tive vários embates com ela, estávamos conversando sobre pessoas que a gente confia na família, e eu falei em quem eu confiava, e ela falou “*Por que você não confia em mim?*” e eu falei “*Porque quando eu mais precisei de você, você simplesmente virou as costas para mim*”. Mas aí ela perguntou “*Mas o que é abuso para você?*” e ela falou “*Você sabe que você destruiu meu casamento, né?*”. “*Você não pode falar isso para ninguém*” e eu falei “*Então, agora eu vou ser silenciada por uma coisa que um cara fez, olha o que você está me pedindo... vítima você não questiona, você acolhe, e você não sabe acolher, você não pergunta se ela está falando a verdade, você questiona quem abusou...*”. É muito doloroso, e quando alguém te questiona, que te silencia, é horrível, é o fim, você quer morrer. Você não quer mais que a sua existência seja verdade.

Não tive nenhum apoio dos meus pais, eles falaram que eu só queria arrumar problema. Tive apoio apenas dos meus amigos. No começo achei que estava doida, me questionei se realmente tinha passado por aquilo, se era realmente abuso, ou se estava aumentando muito. Passei a usar uma estratégia para ter certeza que o que estava vivendo não era coisa da minha cabeça, eu mandava mensagem para algum amigo meu, e falava “*Nossa, olha o que aconteceu*”, e a pessoa falava “*Nossa, que absurdo*”, e eu acreditava que não era da minha cabeça, e eu fazia isso, sempre que

tinha uma dúvida...E eu passava a acreditar mais, e ia alimentando que era verdade mesmo. Que eu não estava viajando.

Não tenho nenhum problema em contar o que aconteceu para qualquer pessoa, se eu for questionada. Acho que os meus pais e a minha tia fizeram o melhor que eles puderam, acho que eles não tinham conhecimento o suficiente para fazer melhor.

Eu sou muito resiliente, muito...acho que eu me fortaleci, porque tiveram alguns momentos da minha vida que eu percebia que eu não podia contar com ninguém e é muito difícil quando você percebe que você tem muito poucas pessoas que você pode contar, eu sei que eu posso contar com os meus pais financeiramente, e até um certo ponto, para a sobrevivência, depois disso não, eu comecei a me descobrir, comecei a pensar sobre a minha sexualidade, comecei a olhar para mim, e ver o quanto eu gostava de mim, eu comecei a me amar muito, era muito difícil as pessoas me atingirem, porque eu estava muito protegida por mim mesma.

Ainda tenho lembranças dessas relações abusivas que vivi, não sofro, não tenho ansiedade, mas as vezes penso no que aconteceu. Gosto muito de usar drogas psicodélicas, em uma das vezes que abusei deste tipo de droga e misturei com ecstasy e álcool vivi uma situação muito angustiante, eu fui para cama e aí ela (a namorada) se mexeu de um jeito que meu ex namorado fazia, e isso foi um gatilho, e eu comecei a chorar copiosamente, porque veio na minha cabeça às vezes que eu fiquei chorando e eu não conseguia parar de chorar, e ela falou “*Julia, você não pode ficar usando essa drogas se você não superou essas coisas*”, mas na minha cabeça eu superei, mas eu acho que esses gatilhos sempre vão existir, eu não acho que vai passar, porque são eventos que existiram, e querendo ou não, eles fazem parte de quem eu sou hoje, eu não seria quem eu sou hoje, se essas coisas não tivessem acontecido.

O momento de mais solidão que passei foi na casa da minha tia, mas tudo bem.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 50 / ENTREVISTA 13

Meu nome é Amanda e os meus pais se separaram quando eu tinha alguns meses de vida. Tenho uma irmã mais velha. Após a separação, fomos morar com os meus tios e ficamos com eles até eu fazer seis anos de idade, quando a minha mãe se casou de novo. Nunca tive muito contato com o meu pai, ele se afastou depois da separação e só fui encontrá-lo muitos anos depois, quando ele resolveu se reaproximar das filhas, dizendo que queria voltar a ter contato com a gente. Meu pai tinha outra família, outros dois filhos, cuja existência só tomei conhecimento quando o meu pai se reaproximou. Logo depois disso ele faleceu. Minha mãe sempre cuidou sozinha da gente, meu pai nunca ajudou a minha mãe em nada.

Desde os seis anos de idade, moro com o meu padrasto, a minha mãe e a minha irmã. Tenho um meio irmão, filho da minha mãe com o meu padrasto. Sempre estudei em escola pública e fiz cursinho para conseguir passar na faculdade. Meu padrasto é quem pagava o cursinho.

É muito bom o relacionamento com a minha mãe. Ela é um pouco afastada, um pouco fria, comigo e com a minha irmã é ela é bem fria. Com o meu irmão já não, sempre foi assim. Minha mãe sempre trabalhou muito, quem cuidava da gente era a minha tia. Depois que minha mãe se casou novamente, ela parou de trabalhar e passou a cuidar da gente, na época eu tinha uns sete ou oito anos. Agora o relacionamento com o meu padrasto sempre foi bem ruim.

Hoje moro só com a minha mãe, minha irmã e meu irmão. Meu padrasto saiu de casa há alguns anos, mas ele e a minha mãe ainda estão juntos. As atitudes do meu padrasto sempre foram muito abusivas, controladoras, o que me desagradava profundamente. Algumas conversas que ele tinha eu acho que não cabiam para a nossa idade, às vezes ele queria passar a mão, em algumas brincadeiras ele passava a mão, quando eu estava doente, ele queria ficar lá comigo e com a minha irmã no quarto. E a minha mãe nunca ligou para isso. Quando eu ou a minha irmã tínhamos dor de barriga ou nas pernas, ele queria ficar fazendo massagem. Ele queria que a gente fizesse massagem nele nas costas, minha mãe não, sempre era eu e a minha irmã; ele queria que a gente ficasse no quarto junto com ele com a luz apagada, e eu nunca gostei.

Comecei a perceber, há cerca de um ano, que toda vez que eu ia tomar banho ele queria entrar no banheiro antes, com o pretexto de que eu iria demorar. Desconfiei

deste comportamento, pensei na possibilidade dele estar colocando alguma câmera no banheiro para me filmar, mas pensei: “*eu devo estar ficando louca*”. Cheguei até a procurar uma vez, não encontrei nada, comentei com a minha mãe que, como sempre falava, disse que era minha imaginação. Até que em um dia, eu deixei ele entrar antes no banheiro e fiquei esperando do lado de fora. Escutei ele mexendo em baixo da pia, entrei no banheiro, procurei embaixo da pia e encontrei um suporte para celular, o aparelho encapado, apenas com a câmara aberta. Chamei minha mãe, que foi tirar satisfação com o meu padrasto. Ele se defendeu, chorou, falou que tinha sido a primeira vez, que estava “com a mente fraca”, “que foi nas ideias das outras pessoas” e aí a minha mãe acabou entregando para ele o celular. (palavras angústiadas)

Depois disso, meu padrasto estava meio desorientado e a minha mãe, temendo que ele fizesse alguma besteira, não o deixou sair de casa. Fui para a igreja que frequentava e pedi ajuda para o presbítero e para o pastor. Esses me disseram que o meu padrasto deveria sair de casa e que eu precisava denunciar. Ambos foram até a minha casa, conversaram com a minha mãe e o meu padrasto foi para um hotel e, desde então, novembro de 2016, não voltou mais. Mas a minha mãe continua se encontrando com ele e o meu irmão continua vendo o pai.

Acho que as filmagens devem ter durado uns seis meses. Sempre falei para a minha mãe sobre estes comportamentos dele e, constantemente, eles brigavam por conta disto. Se eu não fizesse massagem, ele dizia que eu era ruim, mal-agraçada, não reconhecia o que ele fazia pela família, porque, afinal, só ele sustentava a casa. Dizia, ainda, para os familiares, que eu era folgada, não fazia nada o dia inteiro, não ajudava a minha mãe nas atividades domésticas. A minha mãe sempre encarou estas atitudes dele como naturais, ela sempre quis que a gente aceitasse ele como pai e eu nunca tive ele como meu pai. Então ela achava que era por rebeldia minha.

Não sei dizer se ele também fazia isto com a minha irmã, e eu não pude olhar o celular porquê na hora eu entreguei para a minha mãe. Eu não deveria ter feito isso, mas eu entreguei para ela e ela entregou para ele, e ele, com certeza, apagou tudo.

Eu esperava que ela acreditasse em mim, porque eu falei, mãe não foi a primeira vez que ele fez isso e minha mãe acredita que foi a primeira vez; que ele não vai mais fazer isso; que ele está arrependido. E eu esperaria que ela acreditasse em mim depois disso, que ela se separasse dele; mas não aconteceu, apesar de tudo, eu não me arrependo de ter contado, foi mais uma prova de que eu estava certa.

Tenho muito claro na minha memória que desde que eu tinha seis anos o meu padrasto sempre quis ficar muito junto de mim, queria ajudar no banho, a trocar de roupa, me pedia para fazer massagem nele. Esses comportamentos aconteciam, principalmente, quando a minha mãe não estava em casa. Eu me sentia-se desconfortável com essas atitudes, falava para a minha mãe que via maldade no comportamento dele.

Ele é muito carinhoso, extrovertido, quando está na presença da família. É uma pessoa muito agradável, que faz amizade facilmente, o que faz todos gostarem dele. Ele agia diferente na presença dos familiares, por isso nunca ninguém desconfiava do comportamento malicioso dele. Não cheguei a contar para o meu pai, após o nosso reencontro ele viveu muito pouco.

Esse não é um assunto que a gente conversa mais em casa. Depois dessa situação da filmagem no banheiro, tentei conversar com a minha mãe algumas vezes, mas nós brigávamos, a minha mãe chorava, então desisti. Com a minha irmã também se não toca no assunto.

Minha mãe não queria que eu fizesse uma denúncia. Procurei, então, onde tinha uma delegacia da mulher, e fui sozinha realizar a denúncia. Eles falaram que não era lá; que eu tinha que ir em outra delegacia que era mais próxima da minha casa...que para mim era muito mais difícil de ir, qualquer delegacia deveria poder fazer, demorei para ser atendida, estava sozinha. Cheguei lá, a delegada me tratou bem mal e aí ela falou assim: *“você tem o celular?”*, *“não, não tenho”*. Ela falou assim: *“você tem que ver se a sua mãe consegue o celular para você, para a gente ter alguma prova”*, e como ele tinha saído de casa, eu falei: *“ele saiu de casa”*. Ela disse: *“mas eu preciso de um endereço. Não tem como abrir um BO sem endereço”*...ela falou assim: *“você vai lá na sua casa, pergunta para a sua mãe onde que ele está morando; pede para ela conseguir o celular e volta aqui que eu abro o BO”*.

Já havia feito outra denúncia contra ele por agressividade. As pessoas na delegacia falaram na ocasião, *“a gente vai abrir aqui; você quer abrir mesmo?...isso não vai dar em nada porque como ele não bateu em vocês– ele só falou – então não vai dar em nada. Você pode abrir e depois tentar recorrer”*. Minha mãe presenciou o xingamento e, na época, por eu ser menor de idade a minha mãe me acompanhou até a delegacia, ela foi reclamando o caminho inteiro; ficou lá reclamando o dia inteiro e voltou para casa reclamando. Acho que a minha mãe não acredita em mim.

Acho que ele pode fazer isso com outras pessoas, inclusive com o meu irmão. Ainda o vejo aos finais de semana, no começo foi bem difícil, eu procurava nem sair do quarto, não falava com ele, mas com o tempo, foi ficando impossível não encontrá-lo, ele sempre está na minha casa, apesar de não morar mais lá.

Esse ano eu tive assim muitas crises de ansiedade de ficar sem ar, palpitação; insônia; pesadelo...o que mais me dificulta é a insegurança que eu tenho em mim mesma. Acho que essa insegurança se deva a situação que vivi e a falta de credibilidade de minha mãe. Quando eu tinha 12 anos tomei remédio pensando em suicídio, mas eu fiquei bem sonolenta, dormi, tomei um remédio bem fraquinho. Eu não contei para ninguém; e esse ano eu pensei de novo sobre suicídio.

Meu padrasto pediu para que eu não contasse para ninguém a história da filmagem no banheiro, ele logo em seguida me mandou mensagem pedindo para não contar para ninguém, nem para os meus tios. Mandou um textão no whatsapp e aí eu fiquei um pouco receosa. Mesmo assim contei para uma tia que mora no interior, que inicialmente pareceu me apoiar, mas depois demonstrou indiferença, não entendi muito a reação dela. Porque no momento ela me apoiou, mas depois ela acabou não ligando muito e dando mais atenção para a minha mãe. Ela falava: *“você tem que pensar na sua mãe; você não pode ser assim rancorosa com tudo”*. Aí eu contei para outra tia minha que também é do interior, e essa minha tia está bem nervosa com a minha mãe – ela e o meu tio...Eles não estão indo lá em casa, mas o resto dos meus parentes ninguém sabe.

O pastor me ajudou muito, ele disse: *“você perdoa ele, mas não precisa ter nenhum contato com ele porque isso não foi culpa sua, foi culpa dele, não foi sua culpa, sua mãe está totalmente errada”*.

(Entristecida) Antes eu estava muito assim, com raiva, com ódio, principalmente da minha mãe; eu não estava nem conversando com ela, só que eu vi que isso estava me prejudicando porque querendo ou não eu estou morando com a minha mãe e se eu chegar em casa e não falar com ela é muito difícil, porque eu não tenho outra pessoa para eu conversar. Então eu decidi que o melhor para mim foi perdoar a minha mãe e tentar começar um relacionamento melhor com ela...só que eu queria conversar com ela sobre esse assunto, mas ela não quer; então eu evito. Meio que eu finjo...que nada aconteceu, com o meu padrasto também é bem difícil porque eu queria mesmo que ele, sei lá, que morresse (faz uma pausa e engole seco). Mas não é bem assim a vida, às vezes me dá um pouco de raiva porque ele está lá

na casa dos meus tios sempre; e quando tem festa, eu evitei um monte de festa esse ano. Eu não ia, ele ia. Eu ficava em casa.

Sem muito apoio da minha mãe, pensei em desistir da faculdade e ir morar com a minha tia no interior, sair da casa da minha mãe. Mas devido a atitude da minha tia, resolvi ficar morando com a minha mãe. O pastor me aconselhou: “...*não desista da faculdade, não desista, porque se você tiver esse diploma, vai ter tudo na sua vida*”. E resolvi ficar e estou tentando continuar.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 52 / ENTREVISTA 14

Meu nome é Rebeca e sempre fui muito filhinha do papai e da mamãe, sempre fui muito superprotegida pelos meus pais. Tenho um irmão mais velho e os meus pais sempre foram muito carinhosos com a gente. Meu pai é do estilo “*vamos seguir regras, vamos impor regras*”. Ele tem bem o estereótipo de pai, já a minha mãe tem o estereótipo de mãe, protetora e do lar. Fui criada seguindo bons valores, respeitando a sociedade e as pessoas, fazendo sempre o melhor. Meus pais são religiosos, e acreditam que as pessoas têm que fazer o bem para receber o bem, e foi a partir deste princípio que fui criada.

Fui cuidada pela minha avó desde que nasci, pois os meus pais trabalhavam muito. Minha avó ia para a minha casa e ficava cuidando de mim e do meu irmão até meus pais chegarem do trabalho. Minha avó faleceu quando eu tinha 18 anos, mas até esse momento a avó cuidava de mim. Apesar dos meus pais trabalharem muito e chegarem tarde, no tempo que eles tinham eram muito próximos da gente, a maior parte, foi a minha avó que criou a gente, durante a semana, eu e meu irmão. Meus pais também sempre foram muito próximos. Por eles ficarem muito tempo fora, eles tentavam a noite brincar com a gente, fazer lição de casa, para não perder esse contato...então sempre teve essa coisa de ter que ter família, jantar, almoço, todo mundo junto, sábado e domingo, família sempre junta.

Sou muito caseira e tímida, penso na possibilidade de morar sozinha perto da faculdade, mas sou muito apegada aos meus pais e não sei se conseguiria aguentar essa distância, como eu fui criada com a família, é um pouco difícil sair, vir para cá e ficar uma semana inteira, mas ver meus pais só nos finais de semana seria pior. Tenho uma relação muito boa com os meus pais, de amizade, eu chego em casa, conto do meu dia.

Apesar dos meus pais trabalharem muito, tenho ótimas recordações da minha infância, meu pai me ajudava muito em matemática, matéria na qual eu tinha bastante dificuldade, eu sempre tive total liberdade de conversar com eles.

Estudei em escola pública na educação infantil, pois apenas a minha mãe estava trabalhando nesta época. Quando o meu pai conseguiu emprego, eu e o meu irmão fomos para a escola particular. Foi uma época muito difícil para mim, pois não conhecia muitas pessoas na escola, quando entrei as turminhas já estavam formadas, os colegas me excluía um pouco, fui vítima de bullying porque usava óculos, era um

óculos de gatinho, super cheguei, o que eu usava. E o pessoal ficava falando do meu óculos. Me chamavam de feia. Eu era muito sozinha na escolinha. Da primeira até a quarta série foi uma época muito difícil. Aí na quinta série fiz amizade com umas meninas mais populares, aí fui tendo amizades até o oitavo ano, quando mudei de escola, fui fazer colegial e depois cursinho para entrar na faculdade.

Meus pais sempre me perguntavam se estava indo tudo bem na escola, se eu tinha amigos e eu nunca disse para eles o que realmente acontecia, eu sempre fui muito de não contar as coisas para os meus pais, porque eu tinha medo que eles ficassem tristes. E porque eles não poderiam me ajudar na época, eu achava que eu tinha que me virar sozinha. Porque eles trabalhavam muito, minha avó cuidava da gente, e eu achava que eu tinha que dar um jeito nos meus problemas. Porque minha mãe sempre tentou nos criar independente, eu e meu irmão. Ela falava: “*vocês tentam resolver suas coisas, mas tem que contar para a gente*”. E aí eu não contava algumas coisas.

Estou fazendo tratamento terapêutico hoje em dia por conta do que aconteceu e comecei a tratar recentemente deste assunto em terapia. Tenho um bloqueio muito grande em relação ao que aconteceu, portanto, não tenho certeza da idade que tinha, acho que por volta dos 10 a 12 anos, na quinta ou sexta série.

Foi o perueiro da escola no qual os meus pais e eu tínhamos total confiança. Sempre foi muito legal com todas as crianças e comigo, ele era o tio demais, o tio legal. Tudo começou a acontecer no final do ano quando os meus amigos estavam na perua fazendo algumas piadas de cunho sexual e eu estava sem entender nada, pois sempre fui muito inocente em relação a esses assuntos. Conversávamos na perua sobre masturbação e eu era a última a ser deixada em casa, então quando estava apenas eu e o motorista na perua ele me questionou se eu sabia o que era masturbação, eu disse que não sabia e então ele disse que iria mostrar para mim, pôs a mão no meu peito, e falou: “*quando você sentir prazer nisso*” e ele falou que é quando o homem se toca, também, lembro que fiquei bem incomodada com a situação e ao chegar em casa escrevi o que aconteceu no meu diário. Eu escrevi que ele tentou dar uma de pai, me explicar o que era masturbação e que eu não tinha gostado. Eu coloquei só isso e não escrevi mais nada.

No ano seguinte, vivi outra situação com o perueiro, no começo do ano, eu estava sozinha na perua dele de novo, a gente estava esperando meu irmão na educação física. Por que ele começou a insistir, eu me lembro, de querer me levar,

porque eu saía meio dia e 50, meu irmão saía 13:10. Ele falava: “*eu vou pegar seu irmão, você fica na perua comigo, e a gente pega seu irmão juntos e aí vão os dois para casa ao invés de eu ter que ficar levando os dois*”. Eu falei que tudo bem, sem ver maldade nisso. Ele disse para eu sentar na frente, eu sentei na frente. O tempo que eu fiquei lá, eu lembro que ele ficou passando a mão nos meus seios e na minha barriga. Eu não lembro de mais nada, também. Eu lembro que eu ficava olhando o horário e falando: será que ele já está saindo? Tentando me mexer para sair o tempo inteiro. Porque eu pensava que ele não sabia que ele estava passando a mão no meu peito, que ele queria passar a mão no meu ombro. Hoje em dia eu vejo que não era isso.

Na época eu não sabia o significado do que estava acontecendo. Fui criada muito na inocência, sem maldade, sem ver maldade nas coisas e nas pessoas. Fui ter conhecimento de questões relativas à sexualidade por volta dos 15 anos, mais ou menos.

Não sei se entre esses dois episódios houveram outros, não me lembro, as vezes tenho alguns flashes, mas não sei se são reais ou se é minha imaginação. Acho que uma vez ele foi comentar da minha bolsa e acabou por passar a mão no meu peito, chegou a passar a mão na minha perna quando eu estava na frente da perua sentada ao lado dele.

Passei a evitar sentar na frente com ele e comecei a pedir para ir para casa e não ficar esperando o irmão.

Na época não contei para ninguém, não quis contar, pois me sentia culpada pelo que tinha acontecido. Cheguei a fingir que não tinha vivido aquela situação, que era uma memória falsa. Por um tempo, para mim, aquilo não tinha acontecido. Não gostava de ver ele nem conversar com ele, eu o evitava, cumprimentava de longe.

Relembrei dessa situação há cerca de um ano, quando comecei a fazer terapia. Eu só me lembrava da primeira cena, com a terapia me lembrei da segunda e comecei a apresentar flashes. Desenvolvi alguns problemas por conta disso.

Atualmente, eu acho que era porque eu permitia, não fiz nada na situação que impedisse. Eu entendo atualmente que eu não podia fazer nada, porque eu era uma criança, ele era um adulto, tinha 50 anos e duas filhas, ele sabia exatamente o que estava fazendo. E eu como criança não entendia o que estava acontecendo. Mas quando eu comecei a crescer, eu entendia que eu devia ter reagido, devia ter feito alguma coisa. Eu me sentia muito impotente e pela minha impotência eu me culpava.

Eu ainda me culpo um pouco, mas como eu estou fazendo tratamento, eu estou conseguindo sair disso e enxergar a verdade.

Foi há dois meses, eu conversando com minha psicóloga e falei: *“eu fui abusada, foi um tipo de abuso sim, e aí eu aceitei”*. E aí no momento que eu aceitei, eu acreditei. Eu senti que era realidade, pois antes não era. Porque até o momento de eu admitir, não tinha acontecido. E aí eu admiti para mim, preciso cuidar disso agora. Foi final de junho. O primeiro a ficar sabendo foi o meu irmão, que ficou muito revoltado com o que aconteceu. Na semana da entrevista contei para os meus pais, primeiro para a minha mãe e depois para o meu pai. Eu estava muito angustiada mantendo isso em segredo. Minha mãe, ao tomar conhecimento, disse: *“a gente vai na polícia agora, conversar com a polícia, e a e gente vai na escola falar dele”*. Isso ainda não é um assunto resolvido para mim, e eu quero dar um jeito em tudo. Gostaria de tornar isso público, saber se outras pessoas passaram pela mesma situação.

Me senti mais leve depois de falar para aos meus pais. Eu sabia que eles iriam ficar irritados, se sentir impotentes, porque eu vejo na expressão da minha mãe a tristeza que ela sentiu de saber que ela não fez nada na época, que ela podia ter feito. Impotência de não poder ter me protegido, porque meus pais sempre foram de proteger e estar junto. Ela falou: *“não, eu entendo, eu só fico triste porque você não contou na época e eu não pude fazer nada; eu não pude fazer nada durante todos esses anos que você sofreu em silêncio, eu entendo, eu vou respeitar sua decisão de não falar nada agora, e se um dia você quiser falar, eu vou com você”*.

Pedi para a minha mãe contar ao meu pai, se eu contar para meu pai, ele vai começar a chorar na minha frente e ficar muito bravo. Aí eu falei: *“Mãe, você conta direitinho, tá?”*. Minha mãe foi lá e contou. Aí eu cheguei em casa meu pai veio, só me abraçou, não falou absolutamente nada, porque minha mãe falou que eu não queria que tocasse no assunto, que quando eu quisesse, falaria. Ele me abraçou, me cumprimentou normal, aí ele sentou, ficou olhando para mim por um tempo, eu perguntei se estava tudo bem e ele disse: *“tudo bem”*, e voltou a assistir à televisão. Eu perguntei para minha mãe qual foi a reação dele e ela disse que ele ficou vermelho, irritado, chorou, queria ir lá e fazer um escândalo com todo mundo. Eu ainda não falei só eu e ele. Mas a minha mãe disse: *“Mas agora eu acalmei ele, está tudo certo”*. Ele está esperando o momento que você quiser falar com ele. Eu ainda não falei só eu e ele, né, mas...

Procurei recentemente o perueiro na escola para ver se ele ainda estava trabalhando lá. Tenho quase certeza que não fui a única vítima. Havia uma menina que andava comigo na perua que fazia questão de não deixar eu sentar no banco da frente com o perueiro. Pedia para eu sentar atrás, mesmo que fosse no colo dela. Acho que essa menina deve ter vivido alguma situação semelhante.

Minha mãe sempre me perguntava se eu era tocada e eu negava. Minha mãe leu o meu diário e foi conversar comigo, eu disse “*mãe, como você leu meu diário?*”. Ela perguntou, como foi, como assim ele te explicou, se foi me tocando, e eu me lembro que neguei e comecei a chorar. Minha mãe falou: “*Não precisa chorar, porque você está chorando?*”. Eu falei: “*Por que você está me perguntando como se eu fosse culpada de alguma coisa...*” e ela falou: “*Não filha, a mãe não está te culpando de nada, eu só estou perguntando porque quero saber*”. Eu falei que não aconteceu nada, que ele não tinha feito nada. Ele só disse o que era e eu olhei no dicionário. E a mãe então falou: “*então está bom, se acontecer alguma coisa você me conta*”. E foi nessa hora que eu senti a primeira culpa muito forte, pois eu pensava, meu Deus, se eu contar, vão achar que a culpa é minha do que aconteceu. Minha mãe sempre me perguntava, às vezes quando a gente estava assistindo filme, ela virava e me perguntava, eu sinto que ela tinha uma desconfiança. Ela falava: “*se alguém fez alguma coisa com vocês, tocou vocês, vocês podem me falar, tá?*”. A minha mãe sempre foi de perguntar, pois quando ela era pequena, foi vítima de abuso pelo tio, então isso a deixava preocupada e ela sempre perguntava. Minha mãe disse para mim “*você devia ter me falado antes, porque eu sei como você está se sentindo, eu entendo*”.

Fiquei sabendo que a minha mãe foi vítima de abuso aos 16 anos e na ocasião tive muita vontade de contar o que tinha se passado com comigo, parecia que não era nunca o momento certo. A verdade é que eu nunca tive coragem. Porque eu sempre tive muito medo de decepcionar meus pais. Eu sempre fui muito de “*eu não posso decepcionar, eu tenho que fazer de tudo para eles estarem orgulhosos...*”. Eu sempre me cobrei muito nessa questão. E eu achava que se eu contasse, eles não estariam orgulhosos de mim, porque eu não tive a atitude que eu deveria ter tido, que era de impedir. Eu falei isso para minha mãe também.

Minha mãe conversou comigo sobre sexualidade quando eu tinha aproximadamente 13 anos e, então, minha ficha caiu, mas eu nunca pensei nisso, só

voltei a pensar sobre o assunto aos 16 anos, quando minha mãe revelou, a partir deste momento eu comecei a ter flashes.

O que aconteceu me incomodava, mas eu não via maldade em nada do que o perueiro estava fazendo.

Tenho vontade de contar na escola, tenho vontade de falar. Mas não sei se seria útil para mim e para eles, eu penso em que seria útil para mim e para eles, eu contar. Porque para mim, o útil é eu tentar me resolver agora. Eu estou dando meu jeito, resolvendo os problemas que vieram atrelados a tudo isso, estou cuidando agora. E isso vai me fazer bem. Mas eu contar para a escola, depois de tanto tempo, ele não está mais lá, eu não sei se vai ter algum efeito. Se vai ser útil para alguém. Às vezes eu penso que se eu falar, outra pessoa pode se manifestar e falar. Eu penso que ele devia ser punido. Mas não tem muito o que fazer, eu acho, né.

Tenho depressão profunda, diagnosticada a pouco tempo. Aos 13 anos tinha ideiação suicida, acabei ligando as coisas agora. Não consegui me relacionar com homens, de maneira nenhuma, o máximo que eu consigo fazer é beijar. Não gosto que me toquem, não gosto que me olhem com olhar de desejo, e eu tenho muita dificuldade de olhar para homens com olhar de desejo também. Dificuldades de aceitar minha própria sexualidade, de ter esse meu lado mulher desenvolvido. Na minha questão sexual, eu estacionei nos 12 anos, eu não saí de lá. E como eu nunca tinha trabalhado o porquê eu não saí de lá, eu continuei. Agora que eu falei *“tem alguma coisa errada”*.

Com 13 anos, eu lembrei dessa cena que eu estava sentada na janela, minha janela não tem grade, eu moro em um prédio. Eu olhei para baixo e pensei que eu poderia me jogar, ia morrer rápido. Depois veio um estalo, eu falei que não ia me matar, saí de perto da janela e fui fazer outra coisa para me distrair. Só que eu tinha muito isso de que eu podia me matar agora, não teria problema. No cursinho isso ficou muito forte. Eu falei: *“Eu preciso de ajuda, porque não é normal isso”*, eu vi que não era da idade esse tipo de pensamento, porque todo dia eu chegava no metrô e pensava: *“vou me jogar no trilho do trem, porque aí eu não preciso mais estudar”*. E eu não me relacionava, eu precisava saber o porquê eu estava assim. O que me deixava tão...O que me impede de me relacionar com alguém sexualmente? Porque eu quero ter relações, sentir o toque de alguém, e eu não posso. Quando eu comecei a fazer terapia, primeiro pela depressão e para entender o porquê eu estava naquela situação, eu fui juntando tudo.

Sempre escondi dos meus pais esses meus sentimentos, para que eles não ficassem tristes, porque ia colocar problemas na cabeça deles e eles já estavam cheio de problemas. Eu sempre fui de poupar os meus pais do que eu estava sentindo, para que eles não ficassem tristes. Eu sempre fui assim, a minha vida inteira. Minha mãe sempre falava: *“Filha, se você está triste, pode contar...”*. E eu falava: *“Não mãe, tá tudo bem, eu estou ótima...”*. E minha mãe que me levou no psiquiatra e no psicólogo. Ela viu que eu não estava bem...Minha mãe estava sentindo que tinha alguma coisa diferente. Porque minha mãe me conhece muito bem. Eu vomitava todo dia no cursinho quando eu chegava, não conseguia ficar nas aulas, meu coração disparava, comecei a ficar muito doente, minha mãe começou a ficar muito preocupada. Ela me levou, sem saber que eu tinha ideação suicida. Quando eu contei para a psicóloga, ela falou que a gente teria que chamar minha mãe e conversar. Minha mãe chorou muito, porque ela sabia que tinha alguma coisa errada, mas eu não falava o que era. A mãe perguntava, insistia e aí recentemente eu comecei a falar sobre isso. Porque eu foquei muito na parte de eu estar depressiva, triste. Ela falava: *“o que mais te deixa triste, o que te deixa triste, mais alguma coisa te incomoda?”*. Eu toquei no assunto e é uma coisa que eu estou desenvolvendo muito agora. Porque era uma angústia muito forte que eu tinha, e eu ainda tenho. Era mais difícil para falar. Mas com as seções que eu estou fazendo, começa a liberar, parece que limpa um pouco.

Além da intenção de me matar, tive vontade de me cortar, mas nunca tive coragem. Tenho outras formas de me distrair: ler livros de fantasia, jogar, fazer tabelas de todos meus afazeres, quando eu penso no abuso, como aconteceu há umas duas semanas, eu estava na aula, o professor começou a falar sobre o assunto, eu me identifiquei, começou a me dar um desespero, me deu taquicardia e eu comecei a fazer tabela do que eu tinha que fazer até o final do ano. Aí passou. Deu cinco minutos, começou a voltar. Eu tirei a página e fiz outra tabela. E aí eu fiquei fazendo várias tabelas, várias tabelas, até passar. Eu já tinha feito oito tabelas, de calendário, de quanto eu podia gastar até o final do ano, por mês. Eu acho que ao invés de eu me machucar fisicamente, é um martírio psíquico isso. Para eu tentar desocupar aquele pensamento, eu o jogo de lado e fico me preocupando com outras coisas. Com os livros era a mesma coisa. Eu me concentrava no que eu estava lendo, e não me concentrava no que eu estava pensando. No jogo também.

Tinha algo dentro de mim que me incomodava muito, mas não sabia o que era, nunca tinha linkado a depressão, a ideação suicida as questões da sexualidade, com

o que sofri, mas porque eu me sinto assim, o que me incomoda tanto para me deixar tão angustiada, e descobrir o que motivou tudo isso foi muito bom. Eureka. Eu estava falando, falando, falando e aí eu falei: “*Eu sei porque eu me sinto assim, eu fui abusada quando eu era pequena*”. Foi quando eu falei a primeira vez em voz alta que eu fui abusada. Foi um estouro, para mim foi uma surpresa. Foi uma sensação muito diferente, foi como se eu tivesse me libertado em saber o porquê que eu passei por tudo aquilo, como é que eu cheguei agora no que eu sou e como isso me impactou, mesmo eu desmerecendo a situação.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 44 / ENTREVISTA 15

Meu nome é Clarice, sempre morei com meus pais em um apartamento bem simples. Meus pais sempre trabalharam, mas nós sempre tivemos uma vida muito difícil. Na minha infância, como os meus pais trabalhavam muito, eu ficava com uma vizinha, Rosa, a minha infância basicamente foi meu pai, minha mãe e a família dessa vizinha. E até hoje eu tenho contato, sabe? Tenho um ótimo vínculo com os meus pais, eles são muito acolhedores, mas sinto que eu poderia ter recebido mais amor, mais afeto, sempre senti falta de atenção dos meus pais, eu esperava que me dissessem *"ai, Clarice, como é que foi o seu dia? Me conta como é que foi na escola?"*, eu queria mostrar uma prova e minha mãe: "ah, legal". E aí aquilo foi desestimulando. Mas sei que posso contar com eles em qualquer situação. A minha mãe, ela não pode dar uma coisa que ela não recebeu tanto, né? Minha avó teve muitos filhos, então não tinha como. Meu pai sempre demonstrava afeto através da música, tocando seu instrumento musical.

Quando fiz 8 anos, me mudei com a minha família para uma cidade menor, e minha vida, então, foi mais livre. Meus pais não me deixavam brincar com as outras crianças onde morávamos antes, e os vizinhos comentavam que eu era uma "princesinha" que vivia numa "bolha de cristal". Nessa cidade menor, aprendi a andar de bicicleta, podia ir sozinha a vários lugares, tinha mais amigos na escola, os meus pais eram, de certa forma, exigentes e rigorosos, minha mãe sempre pegou muito no meu pé nos estudos, com razão, claro. Meu pai, isso é um fato muito importante na minha vida também, meu pai não me deixava fazer duas coisas, eu não podia ver outro canal sem ser a TV Cultura e eu não podia ouvir qualquer tipo de música. Era uma regra em casa. Eu lembro muito bem de um dia que todo mundo estava dançando a dança da motinha e aí chegaram para mim: *"por que você não está dançando?"*, eu falei assim: *"ah, eu não gosto desse tipo de música"*, aí perguntaram: *"mas que tipo de música você gosta?"*, eu falei assim: *"ah, eu gosto de Música Popular Brasileira"*. Ninguém sabia o que era MPB. Fui criada nesse mundo, com a minha mãe querendo ler para mim e o meu pai me incentivando na música. Meu pai não me deixava assistir Xuxa de jeito nenhum. Chiquititas. Eu lembro que teve um momento que eu assistia Chiquititas, mas chegou uma hora que ele cortou, daí eu fiquei muito chateada, muito chateada. Mas assim, hoje eu compreendo, sabe? Totalmente. Falo: *"nossa, obrigada, pai querido"*.

Quando eu estava na terceira série a minha mãe percebeu quão deficiente estava o meu aprendizado na escola pública. Eles decidiram dispensar a babá que cuidava da minha irmã para poder me colocar em escola particular. Passei a cuidar da minha irmã, eu praticamente cresci, vamos dizer assim, sendo a mãe da minha irmã.

Sempre fui uma pessoa muito introvertida, tímida, nunca tive muitos amigos na escola, com baixa autoestima. Na faculdade eu não conseguia dar “Bom Dia” para as pessoas. Meu pai frequentemente dizia que eu seria gordinha.

Nossa vida financeira melhorou após os anos 2000, quando a minha mãe ganhou um processo judicial. Minha mãe foi estudar. Foi esse dinheiro que impulsionou, vamos dizer assim. E nesse impulso minha mãe fez bons investimentos em casa, não gastou com coisas supérfluas. Ela investiu muito nos estudos dela. E o salário dela foi aumentando e hoje ela tem um salário bem razoável, que ela me ajuda aqui na faculdade. Sem ela não teria condições.

Quando terminei o colegial não fazia ideia do que faria da vida. Fiz cursinho e acho que foi um período de amadurecimento muito importante para mim.

Sobre o abuso, acho que não foi uma violência de fato. Minha mãe me contou que foi vítima de violência sexual pelo meu avô, que abusava também das minhas outras tias. Ela nunca entrou em grandes detalhes. Minha mãe sempre me orientou muito, não claramente, mas de um jeito que dava para eu entender. Mesmo assim, o assunto sexo na minha casa sempre foi um tabu. Sempre fui muito inocente, aos 19 – 20 anos, não lembro direito, conversava bastante com um porteiro do cursinho sobre meninos, ele me dava dicas de como fazer para os meninos se aproximarem de mim e um dia ele propôs: *"ah, vamos lá em casa, eu te explico melhor"*. Inocente, besta, né? Fui lá atrás. Fui com ele. E ele tinha a ver também com aquelas coisas das pedras, de energia. Eu falei: *"ah, deve ser legal, né?"*. Aí eu cheguei na casa dele, eu até hoje eu não entendi o que aconteceu ali, mas eu sei que foi um tipo de abuso, com certeza. Porque eu lembro muito bem, hoje, assim, com a mentalidade que eu tenho hoje, eu lembro dele, como eu posso dizer? Esfregando o pênis dele na minha bunda, sabe? E, de alguma forma, eu não conseguia me mexer. Acho que ele tinha feito alguma coisa, assim, de energia, eu não sei, eu não sei o que aconteceu ali, que eu não conseguia me mexer direito, enfim, eu não sei o que aconteceu direito ali, que eu estava meio paralisada, ele ficou esfregando e eu nem me dei conta, assim, sabe? Eu só pensei: *"nossa, ele está esfregando o pênis dele na minha bunda, mas acho que*

foi impressão minha", sabe? Só que hoje eu tenho noção de que não foi impressão minha. Eu não tinha noção de que aquilo era um tipo de abuso. Ele me pediu sigilo sobre o que havia acontecido e eu nunca contei para ninguém. Continuei tendo contato com ele, mas não me sujeitaria aquela situação novamente, pois apesar de não ter noção do significado, fiquei bem incomodada.

Quando me dei conta de que fui vítima de violência sexual cerca de um a dois anos depois. Nossa, acho que quando eu entrei na faculdade, que eu me dei conta. Porque acho que o meu mundo era muito fechado, sabe? Na verdade, acho quem foi no finalzinho do último ano de cursinho que eu estava. Começou a me dar um estalo, assim, da vida, e aí quando eu entrei na faculdade parece que o mundo se abriu completamente. E aí eu comecei a ter noção. Eu não sabia que eu era LGBT, não sabia de relacionamento abusivo, enfim, todas essas coisas que hoje a gente sabe.

Nunca contei para ninguém, pois essa é uma coisa que eu acho que é uma experiência minha, está dentro de mim, me faz mal, então é melhor deixar guardada lá e não mexer, sabe? Está escrito isso lá no meu diário, está guardadinho lá, é uma coisa minha que eu prefiro não falar para ninguém. Também por vergonha, claro, mas é uma coisa que eu não me sinto bem, sabe? Eu não gosto mesmo.

Já tive vontade de denunciar, mas como provavelmente não irá dar em nada, prefiro ficar quieta, é melhor ficar quieta, deixar ali guardadinho, porque não altera em nada em minha vida.

Assim, foi um evento, meio fazer o que? Agora eu vou ficar esperta o momento que eu tiver filho, sabe? Vou falar: "olha, me conta". Porque minha mãe não fez isso comigo, eu não tinha noção, eu tinha 20 anos. 19, 20 anos, mas eu não tinha noção. É uma situação resolvida, mas quando eu lembro, assim, dá aquela raiva daquela pessoa. Nossa, que raiva que a Clarice daquele dia... sabe? Que raiva...É, como que você não sabia? Como você era tão trouxa assim? Como? Poxa, sabe? Enfim, eu acho que é a questão muito de maturidade, né? Meu pai tem uma postura bem machista e provavelmente me culparia pelo que aconteceu, diferente da minha mãe.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNA 51 / ENTREVISTA 16

Sou a Brenda, meus pais são casados e trabalham desde que eu era bem pequena. Durante a minha infância, meu avô materno cuidava de mim, eu era muito apegada a ele. Fui filha única até os oito anos de idade, quando meu irmão nasceu, eu literalmente cresci numa bolha, eu era a princesinha. Sempre fui muito obediente, aluna exemplar, super estudiosa. Fiz ensino médio e entrei na faculdade. Minhas tias, primas e tios não reconhecem essas conquistas minhas, o que me deixa muito chateada. Fui a primeira neta a ir para o ensino superior.

Tenho depressão, síndrome do Pânico e TAG, passo no psiquiatra e faço acompanhamento psicológico. Já cheguei a pensar em suicídio.

Com a minha mãe eu tenho um bom relacionamento. Lembro que quando era pequena, minha mãe me acordava pela manhã para ir trabalhar e me deixava na casa do meu avô. Ele me levava para a escola e depois me buscava e eu passava o dia todo lá, até a minha mãe voltar do trabalho. Junto com meu avô moravam na casa uma tia, um tio e a esposa do meu avô. Minha avó se suicidou quando a minha mãe era bem pequena. A madrasta da minha mãe fazia comida, me dava banho, cuidava de mim, mas o relacionamento com o meu avô era mais próximo. Sempre tive muita abertura com a minha mãe para falar de qualquer assunto, diferente do meu pai, quando eu era pequena eu era mais próxima dele, meu pai ele não é uma pessoa tranquila, ele é uma pessoa meio violenta. Já apanhei várias vezes do meu pai e ele também já bateu na minha mãe. Ele grita, joga as coisas. Já cheguei a enfrentar o meu pai e desde este acontecimento nós conversamos apenas o necessário. Meu pai é uma pessoa muito machista.

Quando eu tinha por volta de seis, sete anos, estava indo na padaria comprar pão e fui abordada por um estranho na rua que me ofereceu carona. Por eu ter recusado, ele passou a me seguir com o carro. Depois ofereceu uma bala para mim e recusei também. Esse estranho abriu a porta do carro e eu vi que ele estava nu, quando eu vi sai correndo.

Desde pequena lá em casa sempre se falava nisso, então o pessoal em casa sempre fala isso, desde pequena...minha mãe sempre botou medo nas coisas...meu pai também sempre falou: "*nunca pega carona de estranho*".

Acho que pelo fato de não estar habituada a ver meu pai sem roupa. Eu só tomava banho com a minha mãe. Meu pai não dava banho em mim e também não me via sem roupas.

Nunca contei para ninguém a situação que vivi, simplesmente comprei pão, voltei para casa e apenas isso. Não sei o motivo pelo qual não falei o que tinha acontecido eu tinha liberdade e costumava contar meus problemas para os meus pais.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNO 69 / ENTREVISTA 17

Meu nome é João e sou de outro estado, sou o filho do meio entre cinco irmãos e a mais nova é a única menina. Vivi somente com meus quatro irmãos em casa e quando meu irmão mais novo fez doze anos, minha mãe teve uma menina. Sempre estudei em minha cidade até o terceiro ano do colegial, depois fiz cursinho e moro em São Paulo deste então.

Meus pais são casados há 35 anos, o relacionamento com eles é bom, normal, sem problemas. Com os meus irmãos também tenho um relacionamento normal e me dou bem com todos eles. Meus pais são bastante protetores, às vezes, isso mudou um pouco, mas quando eu morava com eles, eram bem protetores, não deixavam fazer muitas coisas, não podia beber, não podia sair para festas até uma certa idade. Tinha a parte da religião, que eles ficavam muito em cima.

Como a minha mãe sempre trabalhou na loja, quando a gente era pequeno ou a gente ia para o trabalho com eles ou ficávamos com a babá em casa. Minha mãe sempre foi muito presente, meu pai nem tanto. Além do trabalho, meu pai tinha responsabilidade com a igreja, por isso ficava menos tempo em casa.

Tenho dúvidas se o que vivi foi mesmo violência sexual. Eu era criança, tinha entre 8 e 10 anos, meus pais foram viajar por algumas semanas para a Europa e nós ficamos com a babá. O filho dela tinha cerca de quatro a cinco anos a mais que eu, e ficou na casa com a gente. Tive algumas relações sexuais com ele, fiz sexo oral e sexo com penetração, mas não era uma coisa contra o meu consentimento, então eu não sei até que ponto era abuso ou não. Eu lembro que eu estava consciente. Isso aconteceu cerca de duas a três vezes durante a viagem dos meus pais e depois nunca mais voltou a se repetir, mesmo eu encontrando ele algumas vezes.

Não fiquei incomodado com o que aconteceu. Só depois de muito tempo comecei a pensar sobre isso, se o que vivi poderia ter sido uma violência sexual, mas acho que não, na época eu lembro que não ficava preocupado com isso. Depois, um pouco mais adulto, durante aulas de violência sexual, eu pensava: será que talvez eu fui abusado e apaguei isso da minha mente? Mas foi só um questionamento, não lembro de ter me afetado tanto.

Lembro que nessa idade já tinha algum conhecimento sobre o que era o ato sexual. Não sabia tudo, não sabia por exemplo sobre orgasmo, mas já sabia o que era sexo.

Nunca contei isso para ninguém, não contei para os meus pais ou para os meus irmãos e não sei o motivo, não imagino o porquê. Por vergonha de ter começado a atividade sexual na infância, pesado. Jamais contaria para os meus pais. Já tenho dificuldade em contar para eles que eu sou homossexual, não aconteceu até hoje. Eu sou bem assumido e resolvido, mas em casa ninguém sabe disso. Ainda mais esta parte da infância. Talvez minha mãe se sentiria muito culpada por ter ido viajar. Não tenho raiva dele ou qualquer outro sentimento, ele era criança também, do mesmo jeito, mais adolescente, já cheguei a pensar se por causa disso eu acabei me tornando gay, mas essa parte eu já superei na minha vida.

Nunca fui de conversar muito com o meu pai, ele é muito religioso, muito quieto, mais na dele. Não vejo a mínima possibilidade de ter contado ou vir a contar um dia isso para ele.

Não vejo o que isso mudou na minha vida atual. Não sei se eu relacionaria, mas fui ter relação sexual pela primeira vez com 18 anos e era um pouco escondido, porque eu morava com meus tios e nada podia. Tinha que sair de casa escondido, eu comecei a transar com vários caras e não sei se foi por causa disso que eu passei na infância, ou da minha infância ter sido muito velada. Tudo era muito proibido. Fui ter a primeira relação sexual quando vim para São Paulo, e acho que meu comportamento sexual atual, é muito mais reflexo da vida controlada que eu tinha do que desta violência vivida. A partir do momento que eu consegui, desembestei.

Acho que teve uma vez só, recentemente, eu fui transar com um cara mais velho, mais dominador nessa parte de fetiches. E no meio da relação veio isso na cabeça, o porquê eu estava fazendo isso, se não era por causa desse passado. E eu tive que parar, mandei o cara embora. Eu já estava meio mal com a faculdade, meus pais, assumir, e um tempo depois eu procurei um psiquiatra para começar a fazer terapia. Mas esse foi um dos pontos. Antes eu conseguia transar com muita gente, e depois de um tempo eu não conseguia mais, não tinha mais tanto interesse.

Tive alguns episódios de ansiedade e depressivos leve, por conta disso busquei terapia, mas acho que a minha grande questão é essa situação mal resolvida com os meus pais. Sim. Meu maior dilema é isso, não conseguir enfrentar eles, não ter tanta coragem para chegar para eles e confrontar eles. Mostrar porquê. Tem muito da minha criação, eles são muito religiosos, eu sempre estou achando que tem alguma coisa errada por causa da religião.

A gente não podia assistir televisão muito tempo, minha mãe trancava a sala ou porque a gente não fazia tarefa, ou porque estava passando desenhos que a gente não podia assistir, porque eram do demônio. Disney não era uma coisa do bem, Pokémon, todos esses desenhos, nada podia. Tinha que ir para a igreja direto com eles. Na missa todos os domingos, grupos de oração toda segunda-feira. Converso com os meus pais de vez em quando, ligo mais para a minha mãe, com o meu pai não converso muito. Meus irmãos sabem que sou homossexual e compactuam da opinião de que os meus pais só devem saber após eu ter certa independência financeira, por conta de uma possível represália. No meu imaginário eles poderiam fazer isso sim. Porque eles eram bem rígidos.

Nunca conversamos sobre sexualidade, sexo, masturbação, todos esses assuntos eram tabus em casa. Qualquer coisa que acontecia sobre, também, não podia conversar com eles. Se fosse uma relação mais aberta, mais elucidativa, mais explicativa, acho que eu teria mais tranquilidade para talvez não ter feito aquilo, ou para ter contado. (Com olhos marejados) Se não fosse aquela relação tão fechada, tão tabu falar sobre esses assuntos, talvez não teria acontecido. Jamais contaria o que aconteceu mesmo se a minha mãe me perguntasse diretamente. Eu acho que não preciso fazer ela passar por isso. Fazer eles pensarem que eles tiveram uma falha na minha criação, que alguma coisa que aconteceu comigo foi culpa deles. Talvez não foi ou talvez foi. Não quero fazer eles passarem por isso.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNO 67 / ENTREVISTA 18

Meus avós maternos moravam no interior de outro estado e minha mãe foi passar um tempo lá antes de eu nascer. Mas assim que nasci me mudei. Meus pais se separaram quando eu tinha seis meses, a separação não foi muito amigável e fui morar com a minha avó paterna.

Vivi sempre com os meus avós paternos. Quando tinha 12 anos, meu avô traiu a minha avó e saiu de casa. Foi uma época bem conturbada, pois a traição foi com uma mulher bem mais jovem, o que gerou muita polêmica na família. Atualmente, meu avô voltou para a casa somente para morar, apesar de ter uma relação estável com outra pessoa, mas ele ajuda muito a minha avó, então eles tem uma relação civilizada. Quando eu tinha aproximadamente 14 ou 15 anos, meu pai foi morar na casa da minha avó, mas nunca me dei muito bem com o ele, na verdade, ele não bate muito com ninguém, então ele fica meio que no quarto dele e o resto da família existe. Meu tio, que morava próximo, há cerca de 10 anos, também foi morar na casa da minha avó.

Minha mãe se casou novamente, mora com o atual marido e tem dois filhos, uma menina com cerca de 16/17 anos e um menino com 13 anos. No início, minha mãe tinha um contato maior comigo, mas depois, ainda quando eu era bem pequeno, se mudou para outro estado, e por lá está. Ela vinha quando era meu aniversário e em algumas outras ocasiões, mas eu, talvez por não ter vivido com ela, nunca tive muito afeto. Há cerca de cinco ou seis anos, minha mãe começou a postar coisas no Facebook, dizendo que estava arrumando o quarto dele, esperando que eu fosse morar com ela, e isso passou a me incomodar, ela tem arrependimento, imagino que ela tenha, mas não é aquela coisa, ah bacana. Até que uma hora estava incomodando bastante, eu virei e falei, *“ah você sabe que não tem aquele amor de mãe”*, desde então a gente se fala bem menos, na verdade não se fala.

Tenho outros dois irmãos por parte de pai, um mais velho do que eu, o qual tenho algum contato e uma irmã com seis ou sete anos de idade, que eu não conheço. Já falei com ela algumas vezes pelo telefone, mas não a conheço pessoalmente, ela mora em outro estado.

Sempre quem cuidou de mim foram os meus avós, os tenho como referência de pais, tanto é que chamava minha avó de mainha quando era pequeno. Me dou muito bem com o meu avô, tenho uma boa relação com ele, mas nunca de falar dos meus problemas mais profundos, trato com ele assuntos mais do cotidiano e questões

mais superficiais. Já com a minha avó sempre tive muita abertura, é que ela nem sempre, pela idade, pela criação que é totalmente diferente, nem sempre ela compreendeu, mas a gente se dava bem e ainda hoje nos damos.

Estudei em uma escolinha do bairro quando era pequeno, minha avó conta que eu apanhava muito dos colegas e a professora não ajudava muito. Depois fui para outro colégio, particular, era muito bom aluno. Quando precisei sair, na terceira série do ensino fundamental, a diretora não queria, pois eu era um aluno exemplar. Da terceira até o final da sexta série, estudei em colégio público, e foi bom, tinha uma briga ou outra, mas vivia ok. Voltei para o colégio particular graças a bolsa de estudos que consegui, tinha amigos em ambos os colégios que estudei após a sexta série e era tudo tranquilo. Fiz cursinho para entrar na faculdade. Eu prestei no terceiro ano, só que o ensino lá não era a melhor coisa do mundo, muita coisa eu aprendi no primeiro ano, no segundo reforcei e no terceiro aprimorei.

De uma forma bem feia, falando sobre o meu pai, ele é um escroto. Ele não se importa com ninguém e com nada, está simplesmente focado nele, nunca pensa no outro, nas consequências ou impactos dos seus atos, é uma pessoa muito egoísta. Minha avó tem as teorias dela para ele ser assim, se minha vó faz alguma coisa para agradar, ele simplesmente, no máximo bufa, a gente quase não ouve a voz dele em casa, no máximo é quando alguma coisa está muito errada que ele vem querer brigar, mas ele fica no quarto dele e as ações dele que dão raiva, quando ele não considera nada, ele vai e faz a coisa do jeito dele e assim mesmo.

Durante a minha infância convivi muito com uma tia, irmã do meu pai, meu tio e três primos. Sempre me dei muito bem com todos desta família, exceto com o meu primo mais novo, que tem cerca de 10 a 15 anos a mais que eu. Tanto a minha tia, como a minha prima, tenho elas como segunda e terceira mãe, pois sempre ajudaram a minha avó a cuidar de mim. Esse meu primo sempre me maltratou, a infância toda até final da adolescência ele sempre me maltratou no sentido de me bater, eu já tive martelo na cara, eu tinha muito medo de peixe, ele pegava peixe congelado e jogava dentro da minha camiseta para me assustar. Minha prima contou que uma vez ele tentou me esganar, e só parou quando a minha prima nos encontrou; todos diziam que ele tinha ciúmes pelo modo como a minha tia me tratava, mas eu achava que ele era uma pessoa ruim e continuo achando.

De uns dez anos para cá, cheguei à conclusão que fui abusado por esse meu primo. Não é uma memória muito clara, mas lembro de alguma vez de estar lambendo

e chupando as partes íntimas dele. Acredito que isso aconteceu quando eu tinha e torno de 4 a 5 anos de idade. Acho que na época eu até gostava do que acontecia entre a gente, não foi algo traumático no sentido que ele já chegou com força, coisa do tipo. Uma vez eu estava brincando com o meu tio, pai desse primo, e tentei abrir o zíper da calça dele, ou seja, para mim, isso era algo natural, eu lembro também que tive vontade de fazer isso outra vez.

Há cerca de quatro anos, comecei a pensar mais neste assunto, esse assunto não estava me perturbando, mas era algo que eu pensava constantemente e contei o que tinha acontecido para a minha prima, que ficou horrorizada.

Há cerca de três semanas a um mês fiz uma descoberta que me abalou imensamente, minha avó presenciou um desses momentos. Na época minha avó chamou ele e perguntou: “*você está louco?*”, mas decidiu por não contar para a minha tia, pois achou que não acreditariam nela. Depois que descobri isso fiquei muito mal, com um misto de vergonha por saber que a minha avó tinha conhecimento disso, raiva por ela não ter feito nada e por deduzir que isso aconteceu mais de uma vez, pois nas cenas que tenho na memória minha avó não estava presente. Busquei saber, com uma prima que cursa a faculdade de direito, o que poderia ser feito hoje em relação à violência vivida.

Mas só de procurar orientação jurídica me faz sentir culpado, pois acho que eu passaria por vilão por estar despedaçando mais a família, causando um possível rompimento entre meu primo e seus filhos e todos perguntariam o motivo pelo qual eu teria guardado esse fato em segredo por tanto tempo. Acho que a minha família me julgaria e me pergunto se meu único objetivo de revelar e denunciar não seja vingança pelo o que meu primo fez passar e ainda passa.

Acho que tudo aconteceu antes dos seis anos, pois me lembro, claramente, que após esta idade meu primo passou a me tratar muito mal. Tanto um terror psicológico ele fazia, físico, tudo. No meu aniversário de seis anos, ele do meu lado, dizia...*ah se você não me der o primeiro pedaço do bolo eu vou te bater até não sei o que.*

Eu fico me perguntando se for vingança, vale a pena? Mas vale a pena porque foi algo que ele fez de fato. (Começa a chorar) Não tenho coragem de falar para minha vó. (Continua chorando.) Também não tenho coragem de falar com a minha tia, desde que entrei na faculdade minha tia simplesmente se afastou de mim e de toda a família. Cheguei a falar com a minha prima sobre uma possível denúncia (irmã do

perpetrador), e acho que ela não poderia depor a respeito da violência sexual, mas sim da violência física e psicológica, mas fico em dúvida se ela daria um apoio ativo. A única pessoa que poderia depor a favor de mim seria a minha avó.

Tive consciência que fui vítima de violência sexual durante a minha adolescência, eu comecei a ter essa imagem e começar a raciocinar em cima dela. Mas mesmo depois de ter tomado conhecimento, isso não gerou grande impacto, mas ficava um pouco incomodado em saber que aconteceu, eu ainda convivía com ele e lembrava: “*ele fez isso*”, mas eu conseguia ainda dar segmento”. (Chora novamente) Isso me magoou muito, um por ela não ter contado nada, dois por ele ter mantido a vida dele tranquila, sem nenhum problema com isso e porque não sei, mas dá vergonha, não da minha vó, mas de mim.

Acho que a minha avó deveria ter feito algo para que meu primo respondesse pelo que fez. Tenho receio de conversar sobre esse assunto com ela, pois sua saúde é frágil, de certa forma. Apesar de saber que não tenho culpa de nada, me envergonho do que aconteceu. Minha avó sempre falou que me mimava, pois eu apanhei muito da vida. Acredito que seja também pelo abuso sofrido e presenciado por ela.

Nem o meu avô, nem o meu pai e nem a minha mãe sabem. Não me importaria se caso todos ficassem sabendo numa eventual denúncia. Acho que o meu avô sofreria bastante com o fato. Já o meu pai, acho que não daria a mínima importância. Não consigo enxergar nenhum benefício em ter conversado sobre este assunto com a minha prima. Na verdade, preferia não ter falado e não ter ficado sabendo que a minha avó tinha conhecimento.

Não tenho nenhum sintoma ansioso, depressivo, ideação suicida, alteração de sono. Até os 18 anos, eu nunca tinha tido um relacionamento amoroso, eu era muito inseguro, eu achei que ia sempre ficar rejeitado ou coisa do tipo. Hoje tenho uma vida afetiva e sexual saudável. Ainda me sinto um pouco inseguro nos meus relacionamentos, mas não acho que foi por causa da violência sexual que vivi. Só as minhas primas sabem que sou homossexual. Tentei contar para a minha avó quando tinha 16 anos, mas não fui muito bem compreendido. Hoje eu entendo, pela idade dela, pela criação dela, o pai dela falava que preferia ter nove filhas putas do que um veado, na época ela falou: “vou te levar num psicólogo” e tudo mais, mas ficou com quase um mês não falando comigo e hoje em dia não sei se é por mecanismo de defesa meio que ela ignorou.

Acho que as pessoas da minha família, caso soubesse, ficariam se perguntando o motivo pelo qual o fato foi mantido em silêncio por tanto tempo, mas acho que ninguém falaria que era mentira. Da mesma forma que ninguém me culparia, primeiro pela idade que eu tinha na época e segundo, pois todos sabem como ele me tratava.

Diz, já com o gravador desligado, que gostaria que ele (o primo) se ferrasse, não fosse preso, mas se ferrasse.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNO 71 / ENTREVISTA 19

Meu nome é Gustavo, tenho um irmão seis anos mais novo. Morei com os meus pais até vir fazer faculdade, com 17 anos. Sempre estudei muito e sempre fui muito bom aluno.

Assumi minha homossexualidade na faculdade e estou em um relacionamento. Minha relação com os meus pais é tranquila, eles sempre foram presentes, tenho boas recordações deles na infância. Meu pai trabalhava bastante, inclusive à noite, todo dia...de dia ele trabalhava, mas ele me levava para a escola, me buscava. Era sempre presente. Minha mãe também, eu passava a tarde onde ela trabalhava, ou ia para a casa dos meus avós. Com meu irmão também...a gente se dá super bem até hoje. Meus pais eram bem flexíveis, colocavam regras, mas nunca me proibiram de fazer algo. Quando souberam da minha homossexualidade reagiram com tranquilidade. Sempre confiaram muito em mim, então eu tinha permissão de fazer muitas coisas, sempre saí bastante, desde o colegial, e eles nunca ficavam me questionando muito porque eles confiam. Sempre dialogamos bastante e conversávamos sobre tudo.

Eu tinha um primo, ele era sete anos mais velho, e eu passava muito tempo com ele e seus irmãos. Eu tinha uns sete anos e ele 14, aí a gente tinha algumas brincadeiras sexuais, de tocar, masturbar, teve sexo oral, às vezes, mas não era uma violência, uma imposição, sabe? Era uma coisa que eu tinha curiosidade também e eu me dispunha a fazer, eu acho. Isso nunca me trouxe sofrimento, era uma coisa que, inclusive, eu procurava. Durou cerca de seis meses, pois minha mãe foi trabalhar em outro lugar e nós perdemos contato.

Eu nunca contei a ninguém, quando estava no processo de assumir minha homossexualidade, pensei em contar para a psicóloga que estava passando, mas como não estava gostando das consultas, desisti. Já para os meus pais, acho que nunca houve necessidade de contar. Acho que o que vivi não foi, de fato, uma violência sexual e não tenho nenhum trauma a respeito disso, já me perguntei muito sobre isso, se talvez pudesse ter algum trauma em relação a isso.

Até eu vir para a faculdade, nunca tinha passado pela minha cabeça que eu poderia ser gay. Acho que porque no interior não tinha muitas referências, na faculdade eu vi que tinha outras pessoas gays, eu me identificava e me assumi, mas foi relativamente tranquilo. Demorou mais eu me aceitar, tinha 18 anos, aí eu fui viajar

e transei pela primeira vez com um cara, aí foi uma fase de muita experimentação, muita liberdade.

Não sei qual seria a reação dos meus pais caso eles soubessem. Mas na época eu tinha medo que eles ficassem bravos com o meu primo. Hoje tenho pouco contato com esse primo, o encontro ocasionalmente e tudo certo, ele é casado.

Já cheguei a me questionar, durante alguns momentos, se não teria sido uma violência sexual, mas acho que hoje eu vejo como uma experimentação, até porque ele era novo também. Ele era mais velho, mas de seis para 13, sete, 14. Ele também estava experimentando, não era alguém de 20 ou 26, sabe?

TEXTUALIZAÇÃO ALUNO 23 / ENTREVISTA 20

Meu nome é João, sou o primeiro filho de três irmãos. Sempre estudei em escola particular, sofri muito bullying na escola pois era obeso, tinha muitas espinhas, usava aparelho, usava óculos e tinha muito pelo. Eu não tinha muitos amigos, as pessoas se aproximavam de mim por interesse, porque eu era o nerd da sala que estudava bastante, e não saía tanto. Até um primo meu, se aproximou muito de mim no início da adolescência por causa de jogos de computador. Eu adorava jogar e por causa disso eu conheci alguns amigos que também jogavam, eles eram meus amigos mais próximos, tinha bastante contato com esses meus amigos, mais principalmente por causa dos jogos.

Eu era bem diferente dos meus amigos, em muitas coisas nós não nos identificávamos. Descobri ser homossexual na sexta série do ensino fundamental, tive que esconder minha orientação sexual durante a adolescência e só fui praticar minha sexualidade bem tarde.

Em meu estado natal existe muita tradição e conservadorismo com relação a família, moral, os bons costumes, tradições, e meus amigos também têm um pouco disso da infância, então eu não pude me abrir para eles, tanto que o primeiro beijo que eu fui dar eu já estava na faculdade. Eu não saía e nem bebia. No ensino médio eu era bem respeitado, pois ajudava muito os meus colegas dando aula de reforço, passando “cola” nas provas e por conta disso fiz algumas amizades. Poucas, e talvez não muito sinceras, eu acho. Fiz cursinho e entrei na faculdade.

Gosto muito de morar em uma cidade grande, gostei muito do clima, das pessoas daqui, da diversidade. Me envolvi com pessoas que são muito abertas ao diálogo e a diversidade. Foi mais pro final do primeiro ano que eu comecei a frequentar eventos sociais da faculdade, o que foi ótimo para mim, pela primeira vez eu pude ter amigos sinceros e que gostam de mim pelo que eu sou, e não pelo que eu faço.

Assumi minha homossexualidade para os meus pais recentemente. Minha irmã já sabia desde o fim do ensino médio, ela descobriu olhando arquivos do meu computador, ela foi uma pessoa muito companheira na minha vida, era a pessoa da família que eu mais tinha intimidade, eu me assumi para os meus pais por vídeo, a reação deles foi melhor do que eu esperava, eles me disseram que me amavam mesmo assim, apesar de discordarem, e que rezariam por mim para eu mudar algum

dia, mas nunca vou mudar. O relacionamento com os meus pais melhorou bastante depois que contei para eles que era homossexual, antes vivia uma vida dupla.

Apesar de eu ser uma criança muito baderneira, arteira, agressiva e apanhar muito dos meus pais, centenas de vezes, de chinelo, fivela, vassoura, eles sempre foram muito companheiros. Fui um filho muito mimado. Minha mãe fez faculdade, mas nunca exerceu a profissão, ficava com os filhos e cuidava da casa e o meu pai trabalhava. Sempre pude contar com eles para qualquer coisa, menos referente a assuntos relativos à minha sexualidade. Minha mãe sempre foi muito presente. Depois de ter me assumido homossexual para os meus pais, passei a gostar de voltar para a casa e os meus pais passaram a me receber muito bem, me dão presentes, me levam para bares, restaurantes, fazem comidas especiais.

Sobre o abuso sexual, foi uma única vez, eu estava afastado dos meus pais, em um clube, sozinho na piscina funda, tinha oito anos de idade na época. Tinha um homem, bem mais velho do que eu, com cerca de 40 anos, próximo a mim na piscina, que me chamou para se aproximar dele. Eu fui. Ele me mostrou o pênis e me pediu para tocar, eu inocentemente fiz isso, mas ao mesmo tempo que eu fiz, eu falei: "não, isso está errado", e saí correndo. Só falei disso muito recentemente. Contei para o meu ex-namorado, para uma amiga e para minha irmã. Contei não por uma necessidade, foi simplesmente pois estávamos falando sobre situações que vivemos.

Acho que não contei aos meus pais por que eu tenho uma forma de lidar com eles, de que qualquer coisa que eles discordem, às vezes, é melhor não contar, porque a reação deles pode ser pior do que se eu escondesse. Não pensei em contar para eles, nunca tive vontade. Acho que se eu contasse, meus pais ficariam magoados e iriam em busca do cara.

Eu não sabia o significado do que ocorreu, mas achei estranho de qualquer forma, o que me motivou a me afastar. Acho que por volta dos 10 a 12 anos de idade tive consciência de que tinha sido vítima de um pedófilo. Mas me conscientizar não trouxe nenhum incômodo, não teve nenhuma influência em minha vida.

Acredito que me livre do abuso pois senti vergonha do que estava acontecendo e fiquei com medo dos meus pais acharem aquilo errado.

Acho que se eu contasse meus pais acreditariam em mim e não me culpariam. Esse era um assunto conversado em casa. Meus pais me alertavam sobre os limites do corpo, sobre ter cuidado com estranhos, isso talvez tenha me ajudado a conseguir fugir da situação.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNO 10 / ENTREVISTA 21

Meus pais se casaram muito jovens. Quando eu completei três anos de idade, meus pais se separaram e eu fiquei morando um tempo com o meu pai e um tempo com a minha mãe, foi bem difícil, pois era muito ruim ter que escolher com quem ter que ficar. Sempre passamos muitas dificuldades financeiras tanto quando morava com o meu pai, como quando morava com a minha mãe. Sempre fomos muito pobres.

Quando eu tinha cerca de oito ou nove anos, minha mãe teve um relacionamento abusivo que durou aproximadamente quatro anos, mas eu não lembro, minha mãe que me conta isso. Violência física e psicológica, eu acho. Na verdade, eu não tenho muito controle sobre essa parte do meu passado e não tenho muitas imagens concretas. Eu lembro de algumas coisas, de alguns episódios. Eu sei que isso aconteceu, sei que isso mexe comigo até hoje. Mas não é algo que eu consigo colocar em ordem cronológica. Vi diversas vezes ele arrancando sangue dela. Se eu pudesse esquecer tudo, aceitaria numa boa. Isso me marcou muito, me marcou durante minha adolescência. Um dia desses conversando com a minha mãe, fiquei sabendo que este ex-companheiro tentou matá-la, o que me fez procurar ajuda psicológica, pois isso mexeu profundamente comigo.

Agora que eu passei em uma universidade pública é uma reviravolta na vida, passei e a gente começou a lembrar das nossas dificuldades, a gente já passou por tanta coisa e agora os dois filhos estudando é uma vitória, minha mãe também se formou, completamente contra todas as pressões sociais que a gente vivia. Somos vitoriosos, apesar de tudo vivido. Minha mãe é, atualmente, funcionária pública.

Eu ora morava com minha mãe, ora morava com meu pai, as vezes por que a minha mãe não conseguia ficar comigo, pois precisava estudar para fazer o curso do trabalho, ora por opção, pois eu queria morar numa cidade onde seria possível fazer colegial, fazer cursinho, trabalhar e cuidar da minha saúde. Sou homossexual e devido a isso fui vítima de bullying na adolescência.

Fiz alguns anos de cursinho, parte na cidade onde o meu pai morava e parte em uma grande cidade. Morei em um cortiço, era um lugar muito horrível. Muito ruim. Tinham muitos ratos no lugar. Isso me traumatizou muito, são casas antigas. E eu alugava o quarto. O termo correto para isso seria cortiço. Eu não chamava de cortiço, mas o termo correto seria cortiço. E, nossa, foi horrível morar naquele lugar. Mas fiquei lá só um ano.

Acho que minha vida, hoje em dia, parece um alívio. Acho que esses são os pontos mais relevantes.

Então, é um pouco complicada a questão do abuso. Porque eu não sei dizer quando foi, não sei dizer em que situação eu estava, eu não sei me localizar se era quando minha mãe estava com essa pessoa abusiva ou se era quando eu morava com meu pai. Não sei, eu já tentei voltar atrás, reconstruir essa história e descobrir quantos anos eu tinha e quantos anos a pessoa tinha. Porque foi um primo meu...isso, eu sei. Foi um primo meu. E tenho contato com ele até hoje, tenho contato de família. Eu sabia a idade dele, não sabia quantos anos eu tinha, eu tentei lembrar. Porque, em algum momento da minha vida, depois de grande, queria saber se tinha sido um abuso sexual. O que era. Eu não sabia dizer. Porque eu não sabia a idade dele, não sabia se eu tinha gostado, não sabia se, enfim... E aí, eu calculei que ele deveria ter por volta de 18 anos e eu, oito. E aí eu percebi que fui vítima de abuso sexual... porque nem isso eu tinha claro na minha cabeça, se ele era adulto ou se era criança. Por mais simples que seja.

Isso acontecia na casa da minha avó, que mora em outra cidade, onde eu passava as férias. Minha avó trabalhava, eu e as outras crianças ficávamos sozinhos com meu primo mais velho, que tomava conta de nós. Tenho uma imagem que é muito nítida, que foi quando ele realmente abusou de mim. E eu lembro porque me machucou. Eu senti muita dor. Lembro que agachei, fiquei assim em posição, não sei que posição é essa (ele mostra neste momento a posição fetal.) Fiquei em posição fetal e sentindo muita dor, muita dor e lembro que ele me falou para eu não contar para ninguém. E acho que foi isso. Essa é a imagem que eu tenho mais forte.

O abuso ocorreu mais de uma vez, porém, não sei dizer até quando, com penetração foi apenas uma vez, mas ele pedia para eu o tocar, colocar a boca em seu órgão genital. Na época eu não sabia o significado daquilo e sentia prazer. Por muito tempo, enquanto eu crescia, por ser homossexual, eu não entendia se eu fiz aquilo por querer ou se eu fiz porque ele tentava algo contra mim, se era um abuso ou se eu queria. Era uma coisa tão, tão, tão confusa. Hoje em dia não, eu sei que fui abusado. Mas foi difícil chegar nessa conclusão, porque eu não conseguia entender. O fato de eu ter sentido prazer, ainda me deixa um tanto confuso. Você é a primeira pessoa a saber sobre o prazer que eu sentia, alguns amigos sabem sobre o abuso, mas sobre o prazer eu nunca contei. Me sinto aliviado por falarmos sobre isso, e sobre o fato de eu ter sentido prazer não descaracterizar o ocorrido como abuso sexual.

Minha mãe também foi abusada, só que ela foi abusada pelo pai dela. E eu não sei também como eu sei disso. Eu sei que ela sabe que eu sei. Um dia, a gente estava tendo uma conversa daquelas “eu sei do que você está falando e você sabe do que eu estou falando, mas ninguém nomeia nada”. E nessa conversa, ela virou para mim e perguntou se eu já tinha sido abusado. Eu não sei por que ela me perguntou isso e não sei de onde ela tirou essa impressão. Eu não falei que fui, mas também não falei que não fui. Então, não sei se ela sabe, de fato. Da minha família, de contar para alguém, acho que isso foi o mais próximo. Alguns amigos meus, muito próximos, sabem. Eu já contei.

Talvez eu nunca tenha contado para minha família, por causa da dúvida sobre o prazer que eu sentia? Pode ser. Acho que também nunca tive vínculo de conversar sobre assuntos que me constrangessem com as pessoas. Porque meus pais foram separados. Então, quando a gente conversava, era qualquer tipo de assunto. Menos esse. Então, eu não desenvolvi isso de contar. Quando eu sofri bullying na escola, também não contei. Acho que não desenvolvi esse meu lado por conta da situação.

Eu acho que não sabia que tinha opção de contar para alguém. Acho que é algo mais assim. É uma ignorância, ignorância pode ser uma palavra com conotação negativa, um desconhecimento absurdo que você não sabe que tem aquela opção. Eu acho que é isso.

Meu primo era uma pessoa querida. Como eu te disse, não tenho certeza se ele era mais velho, se ele tinha 18, sei que é mais ou menos isso. Então, ele convivia muito com a gente, com meu círculo de crianças. Que eram vários primos que se juntavam na casa da avó. Então, todo mundo ficava junto. A gente brincava. Ele era mais velho, mas ele sempre estava junto, zoando a criançada. Era uma pessoa legal, gostava de conviver com ele, naquela época. Mas após eu descobrir que o que aconteceu foi um abuso, fiquei com aversão dele.

Uma vez eu pensei na possibilidade de ele estar fazendo isso com outras crianças, quando eu estava lá... sei que ele tinha uns primos. Porque é primo de segundo grau. Então, tinham outros primos que não são da parte da minha família. Eram pequenos e que conviviam, conviviam não, estavam de férias com ele. Isso me atormentou muito naquela época. Mas quando aconteceu isso, ele era mais novo. Acho que nem era maior de idade ainda. Mas tive essa consciência de que ele podia fazer alguma coisa com aquelas crianças. E isso me atormentou. Mas eu não sabia o que fazer com aquilo. Não sabia, simplesmente, não sabia. Não tinha para onde

recorrer. Era na época que nem meus amigos sabiam. Não sabia o que fazer. Hoje em dia, não sei. Não tenho mais contato com ele. Mas é verdade, isso o que aconteceu com essas crianças, eu não tenho certeza de nada. Foi algo que eu criei, baseado no que eu vivi. Não sei. Pode ser que sim, pode ser que aconteça.

Eu sei que isso tem consequências na minha vida sexual, hoje. A minha vida sexual é completamente diferente da dos meninos que são gays, homossexuais...Porque eu não consigo me envolver, sexualmente, com as pessoas. Para eu conseguir me envolver sexualmente, fazer sexo, ter tesão, ter uma ereção - eu percebi depois de muito tempo tentando entender por que eu era desse jeito, e por que meus amigos podem sair com um cara que eles conhecem no aplicativo, e eu não posso. Eu tentei buscar, tentei entender isso e eu cheguei à conclusão de que preciso criar uma intimidade com a pessoa. Se eu não sentir que sou íntimo da pessoa, é anatômico. Não rola, não acontece...Preciso ter um vínculo. E eu acho que é por causa do abuso, talvez. Ou por conta da violência que eu assisti minha mãe passar, por conta de várias outras coisas. Mas isso me atormenta até hoje. Não sei dizer se isso é um problema. Mas enfim, é algo que eu tenho que lidar hoje ainda.

Eu convivi muito mais com a minha mãe quando eu era criança. Mas quando eu convivi com o meu pai, ele jamais teria me feito essa pergunta. Jamais, porque ele é todo conservador, machista, de certa forma. Não aceitava minha homossexualidade. Então, para ele perguntar se o filho dele foi abusado, acho que seria, mas enfim... ele já me perguntou coisas do tipo: se eu me interessava por alguma menina, como foi meu primeiro beijo, se eu era virgem. Essas coisas, ele perguntou. E eu respondi. Então, acho que se ele tivesse perguntado algo desse tipo, teria respondido. Tanto ele, quanto minha mãe, ou qualquer figura de autoridade.

TEXTUALIZAÇÃO ALUNO 14 / ENTREVISTA 22

Meu nome é Bernardo. Quando eu era pequeno, por volta dos 6 anos, minha mãe foi diagnosticada com uma doença rara, cujo único tratamento possível era transplante. Sempre se tratou gratuitamente. Quando eu tinha cerca de oito anos, por ela já estar usando os últimos remédios disponíveis para controle da doença, minha mãe foi colocada na fila do transplante e ficou cerca de 4 a 5 anos na fila. Me lembro muito bem deste período. Em 2013 ela começou a ser chamada mais frequentemente, porque surge a possibilidade de ter um transplante, você vai para o hospital, eles cuidam completamente de você, que vai ser transplantado, mas eles descobrem que o órgão a ser transplantado não está bom, então você volta para casa. Isso foi umas seis vezes assim. Foi um ano indo para o hospital e voltando, olha, vai ser hoje, vai ser hoje, mas não era...A gente ia junto, porque se realmente acontecesse o transplante ela ia entrar na cirurgia, sei lá, foi chamada na clínica, três horas, tem que estar na cirurgia, e aí não se sabe. Os médicos prepararam tudo, o hospital comprou maquinário. Era a melhor equipe de cirurgia, os melhores tudo o que tinha lá. Daí ela foi chamada, a cirurgia deu certo, só que 14 dias depois de recuperação, na UTI, ela faleceu. Não deu para saber ao certo se foi alguma coisa específica da minha mãe ou porque o processo realmente não funciona. A morte dela foi algo muito pesado e marcante para mim.

Minha família sempre foi muito unida. Moro com o meu pai e meu irmão. Meu pai sempre esteve presente. Meu irmão é alguns anos mais velho que eu, e todos nós sempre participamos juntos das discussões e resoluções sobre a doença da minha mãe. Ela trabalhava meio período numa empresa. Eu sempre ajudei muito minha mãe em casa, pois a doença a debilitava muito. Eu ajudava a lavar a louça, ajudava a limpar a casa, ela ia no mercado, eu sempre ia com ela, e eu me sentia muito bem a ajudando, sempre, a vida inteira eu a ajudei muito. A gente tinha uma relação muito, muito próxima mesmo. Conversávamos o tempo todo sobre tudo. Com meu pai e o meu irmão a relação também sempre foi muito boa.

Eu não sei nem a data ao certo, foi ou em 2009 ou em 2010, eu estava ou na sexta ou na sétima série, que é sétimo e oitavo ano, de 12 para 13 anos, acho que doze anos. A escola é bem próxima da casa da minha avó, uns quatro quarteirões, minha casa é um pouco mais distante, então minha mãe me deixava na escola, eu estudava o dia inteiro lá, saía e ia para casa da minha avó. Um dia que eu estava

voltando, um homem me abordou na rua como se fosse me assaltar, ele ficou andando comigo na rua por umas três horas, até que ele me falou que ia me estuprar. Ele entrou num terreno baldio da linha de trem, me estuprou lá, depois ele saiu e falou: “pode seguir seu rumo”. Eu não me desesperei, não tentei fugir. Acho que a grande questão é que você (entrevistadora) é a terceira pessoa a saber disso. Eu só contei para minha namorada há três anos, quando tinha 17 anos, para um amigo muito próximo há um ano e agora para você.

Embora eu tivesse consciência do que tinha me acontecido, pois com 12 anos eu já sabia o que era sexo, eu não tinha ideia de quão perigoso aquilo poderia ter sido. Parece que eu neguei aquilo desde o primeiro momento que aconteceu, não sei porque, de que forma...eu cheguei na casa da minha vó e estava todo mundo preocupado, me procurando, eu cheguei e minha mãe estava desesperada, aí o desespero dela me fez pensar: “não, está tudo bem, estou vivo, não estou machucado, não estou sentindo nada...” A ideia que eu talvez não tive era o quão mal ele poderia me fazer, poderia ter pegado uma doença, sei lá, eu só fui descobrir com o tempo.

Na época eu sabia o que era um estupro, mas não sei o que me fez negar tanto para as pessoas e guardar tudo aquilo para mim. Instantaneamente assim, ninguém suspeita disso ou pensa que isso pode ter acontecido, tirando para as pessoas que eu contei. Hoje em dia essa situação está resolvida e eu estou muito mais aberto para falar sobre o assunto, mas foi uma coisa muito sofrida.

Não sei explicar o motivo pelo qual não contei para ninguém. A morte da minha mãe foi algo muito dramático, muito traumático, para mim, mas eu não chorei no velório porque eu queria ajudar as pessoas que estavam lá e, na minha cabeça, eu conseguiria absorver a dor. Acho que eu consigo me virar, eu pensava: “Não sei se minha avó vai conseguir ter saúde mental para aguentar isso, vou ajudar a minha avó e não vou ficar mal agora. Se precisar, depois, eu fico mal sozinho.” Sempre faço isso.

Eu não fiquei mal pela situação do abuso sexual. Vivi situações específicas, tanto com a minha namorada, como com meu amigo, que me fez contar para eles, se não fossem essas situações, provavelmente eu morreria com essa história e nunca ninguém saberia. O que de fato me deixa aflito é que minha namorada não acha saudável eu ter mantido segredo sobre o que aconteceu, e eu nego o que ocorreu. Eu estou certo que nunca vou contar para ninguém da minha família, porque o trauma que seria, para eles, hoje, é dez mil vezes maior do que é para mim, e do que eu estou levando para minha vida. Não tenho a mínima ideia de qual seria a reação do meu pai

se soubesse e de quão mal essa notícia faria para ele. Na ocasião, meu pai perguntou claramente se tinha acontecido alguma coisa ou se tinham feito ou mexido comigo, e eu sempre neguei, em nenhum momento me passou pela cabeça contar, em nenhum momento eu chorei, eu falei: “não, eu estou bem, fiquem bem vocês, eu estou bem.” Eu não tenho nenhuma ideia de como ou por quê.

Hoje eu não conto pois não quero que o meu pai pense que poderia ter feito algo na época ou que isso aconteceu por falta de cuidado dele, afinal meu pai permitiu que eu voltasse a pé e sozinho para casa. Depois do incidente comecei a ir de van escolar para a escola, pois tinha medo de andar na rua sozinho, essa foi a principal seqüela. Ainda hoje eu me incomodo com a possibilidade de andar na rua e alguém estar me seguindo.

Aos 16 anos, resolvi doar sangue e na hora de assinar o voto de autoexclusão, pela primeira vez, pensei na possibilidade de ter adquirido alguma Infecção Sexualmente Transmissível, que poderia ser diagnosticada. Depois que chegou minha carteirinha e descobri que eu não tinha nada, nunca mais pensei nessa história e guardei tudo para mim mesmo.

Meus pais fizeram uma denúncia na delegacia por sequestro relâmpago. Nunca encontraram o agressor. Acho que mesmo que o encontrassem e solicitassem que ele fosse reconhecido, eu não sei se contaria a história do abuso, pois neste caso a pena dele seria maior. Antes dele falar para eu seguir o meu caminho, ele falou que se ele fosse pego algum dia, ele iria atrás de mim e me matava. E talvez por isso eu tenha ficado com medo de contar também.

Poupar as pessoas é o principal motivo que me faz não contar as coisas para os outros. Depois que eu contei para minha namorada ela pensa nisso bastante. Não preocupada, mas ela está super apreensiva com minha participação na pesquisa, parece que eu lido com isso de um jeito muito melhor, eu não pensei muito quando contei para ela, só simplesmente contei, mas parece que isso mexe mais com ela do que comigo, e é justamente isso que eu não quero causar nas pessoas, se é uma história que aconteceu e vai causar mal às pessoas, se eu estou resolvido com isso, não tem porque contar.

Eu estava muito calmo após o ocorrido, ao chegar na casa da minha avó, em nenhum momento fiquei desesperado ou chorei. Parecia que eu estava anestesiado e já tinha na minha cabeça a convicção de que não contaria nada. Eu segui a vida normal, como se não tivesse acontecido nada mesmo. Então, eles me perguntaram

várias vezes se tinha acontecido alguma coisa e eu estava normal, talvez se eu estivesse meio desesperado no momento, eu falaria, ou se eles me forçassem um pouco mais, mas parece que na minha cabeça estava muito certo que eu não ia falar, por algum motivo assim. Acho mesmo que eu queria poupar as pessoas, gosto muito de ajudar todo mundo e muitas vezes engulo minhas dores para ajudar nas dores dos outros, e depois me resolvo sozinho de algum jeito qualquer.

Eu resolvi minha dor na época simplesmente ignorando o acontecimento, não pensando no que tinha se passado. Fui pensar nisso muito tempo depois e, pensar nisso após um tempo, não me causou nenhuma dor, acho que justamente porque eu neguei por muito tempo, então às vezes parece que nem aconteceu, não sei. Eu sei que aconteceu, mas eu nego tanto que ninguém sabe, isso não parece que faz parte da minha vida, embora eu saiba que faça.

Apesar do relacionamento aberto que tinha com os meus pais, sexo não era um assunto abordado em casa. Não me recordo de termos conversado sobre abuso sexual.

Já com o gravador desligado, Bernardo diz que não se arrepende de não ter contado, com a morte da mãe, foi ótimo para ela não saber, pois não mudaria o ocorrido e teria sido um peso para ela. Só reforça para ele que a melhor coisa foi não contar.

8 REFERÊNCIAS

1. World Health Organization (WHO). World report on violence and health: summary. Geneve: WHO; 2002. 45 páginas.
2. Yuli P, Xiujin L, Jianbo L, Shengjie Z, Xuan Z, Fenglan C, et al. Prevalence of Childhood Sexual Abuse Among Women Using the Childhood Trauma Questionnaire: A Worldwide Meta-Analysis. The Lancet [Internet]. 2019. Available from: <https://ssrn.com/abstract=3373847>
3. Boudreaux E, Kilpatrick DG, Resnick HS, Best CL, Saunders, B. Criminal victimization, posttraumatic stress disorder, and comorbid psycho- pathology among a community sample of women. J Trauma Stress. 1998; 11(4): 665–78. doi:10.1023/A:1024437215004
4. Molnar BE , Buka SL , Kessler RC . Child sexual abuse and subsequent psychopathology: results from the National comorbidity survey. Am J Public Health. 2001; 91(5):753–60. [doi:10.2105/ajph.91.5.753](https://doi.org/10.2105/ajph.91.5.753)
5. Mason F, Lodrick Z. Psychological consequences of sexual assault. Best Pract Res Clin Obstet & Gynaecol. 2013; 27(1):27-37. [doi:10.1016/j.bpobgyn.2012.08.015](https://doi.org/10.1016/j.bpobgyn.2012.08.015)
6. Ruggiero KJ , Smith DW, Hanson RF, Resnick HS, Saunders BE, Kilpatrick DG, et al. Is disclosure of childhood rape associated with mental health outcome? Results from the National women's study. Child Maltreat. 2004; 9(1):62–77. [doi:10.1177/1077559503260309](https://doi.org/10.1177/1077559503260309)
7. Walsh K, Keyes KM, Koenen KC , Hasin D. Lifetime prevalence of gender-based violence in US women: associations with mood/anxiety and substance use disorders. J Psychiatr Res. 2015; 62:7-13. [doi:10.1016/j.jpsychires.2015.01.002](https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2015.01.002)
8. World Health Organization (WHO). Violence Info – A Global knowledge platform for preventing violence [homepage on the Internet]. Geneve: WHO. Available from: <http://apps.who.int/violence-info/>

9. World Health Organization (WHO). Global Status Report on Violence Prevention 2014. Geneve: WHO; 2014. 279 páginas. Available from: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/145086>.
10. MacIntosh HB, Fletcher K, Collin-Vézina D. "As Time Went On, I Just Forgot About It": Thematic Analysis of Spontaneous Disclosures of Recovered Memories of Childhood Sexual Abuse. *J Child Sex Abus.* 2016; 25(1):56-72, doi: 10.1080/10538712.2015.1042564
11. World Health Organization (WHO). INSPIRE - Sete Estratégias para Pôr Fim à Violência Contra Crianças. Geneve: WHO; 2016. 106 páginas. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/207717/9789241565356-por.pdf?ua=1>
12. Jonzon E, Lindblad F. Disclosure, reactions, and social support: findings from a sample of adult victims of child sexual abuse. *Child Maltreat.* 2004; 9(2):190-200.
13. Lahtinen HM, Laitila A, Korkman J, Ellonen N. Children's disclosures of sexual abuse in a population-based sample. *Child Abuse Negl.* 2018; 76:84-94. doi: 10.1016/j.chiabu.2017.
14. Habigzang LF, Ramos MS, Koller SH. A Revelação de Abuso Sexual: As Medidas Adotadas pela Rede de Apoio. *Psic.: Teor. e Pesq.* 2011; 27(4):467-73. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400010>.
15. Platt VB, Back IC, Hauschild DB, Guedert JM. Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. *Cienc. Saude Coletiva.* 2018; 23(4):1019-31. DOI: 10.1590/1413-81232018234.11362016
16. van Toledo A, Seymour F. Caregiver needs following disclosure of child sexual abuse. *J Child Sex Abus.* 2016; 25(4):403-14. doi: 10.1080/10538712.2016.1156206.
17. Collin-Vézina D, De La Sablonnière-Griffin M, Palmer AM, Milne L. A preliminary mapping of individual, relational, and social factors that impede disclosure of childhood sexual abuse. *Child Abuse Negl.* 2015; 43:123-34. doi: 10.1016/j.chiabu.2015.03.010.

18. Campbell R, Greeson MR, Fehler-Cabral G, Kennedy AC. Pathways to help: adolescent sexual assault victims' disclosure and help-seeking experiences. *Violence Against Women*. 2015; 21(7):824-47. doi: 10.1177/1077801215584071
19. Schönbucher V, Maier T, Mohler-Kuo M, Schnyder U, Landolt MA. Disclosure of child sexual abuse by adolescents: A qualitative in-depth study. *J Interpers Violence*. 2012; 27(17): 3486–513 doi: 10.1177/0886260512445380
20. Brasil. Ministério da Justiça. Lei nº. 13.010, de 26 de Junho de 2014. Lei Menino Bernardo. Brasília: Ministério da Justiça; 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm
21. Forty-Ninth World Health Assembly. WHA49.25 Prevention of Violence: a public health priority [text on the Internet];1996. Geneve, 20-25 May. Available from: https://www.who.int/violence_injury_prevention/resources/publications/en/WHA4925_eng.pdf
22. Black MC. Intimate partner violence and adverse health consequences: implications for clinicians. *Am J Lifestyle Med*. 2011;5(5):428–39. doi:10.1177/1559827611410265
23. Golding JM, Stein JA, Siegel JM, Burnam MA, Sorenson SB. Sexual assault history and use of health and mental health services. *Am J of Community Psychol*. 1998; 16(5):625-44.
24. World Health Organization (WHO). Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. Geneve: WHO; 2013. 51 páginas. Available from: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85239/9789241564625_eng.pdf;jsessionid=40FF84D9ABDBE293938BE3A90054F581?sequence=1
25. Leeb TR, Lewis T, Zolotor AJ. A review of physical and mental health consequences of child abuse and neglect and implications for practice. *Am J Lifestyle Med*. 2011; 5(5):454–68. doi: 10.1177/1559827611410266

26. Brasil. Lei n. 12015 de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei nº 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília (DF); 2009 Agosto 20; Seção 1:1-4. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm#art2
27. Finkelhor D. Current information on the scope and nature of child sexual abuse. *Future Child* 1994; 4(2):31-53.
28. World Health Organization (WHO). Report of the Consultation on Child Abuse Prevention, 29 – 31 March 1999. Geneve: WHO; 1999. 54 páginas. Available from: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/65900>
29. Brasil. Ministério da Saúde (MS). Viva 2009 – 2011. Vigilância de Violências e Acidentes. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Brasília – DF: MS; 2013. 164 páginas. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sistema_vigilancia_violencia_acidentes.pdf
30. Black MC, Basile KC, Breiding MJ, Smith SG, Walters ML, Merrick MT, et al. The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2010 summary report. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention; 2011. 114 páginas. Available from: http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/nisvs_report2010-a.pdf
31. United Nations Entity for Gender Equality and Empowerment of Women. The Secretary – General's in-depth study on all forms of violence against women. United Nations, 2006. Available from: <http://www.un.org/womenwatch/daw/vaw/SGstudyvaw.htm>
32. Samuels B. Breaking the silence on child abuse: Protection, prevention, intervention, and deterrence. Washington, DC: U.S. Department of Health and

Human Services, 2011. Available from <https://www.govinfo.gov/content/pkg/CHRG-112shrg88103/html/CHRG-112shrg88103.htm>

33. Stoltenborgh M, Vanijzendoorn MH, Euser EM, Bakermans-Kranenburg MJ. A global perspective on child sexual abuse: Meta-analysis of prevalence around the world. *Child Maltreat*. 2011; 16(2):79–101. doi:10.1177/1077559511403920

34. Finkelhor D, Turner H, Shattuck T, Hamby SL. Prevalence of childhood exposure to violence, crime, and abuse: results from the National Survey of Children's Exposure to Violence. *JAMA Pediatr*. 2015; 169(8):746–54. doi:10.1001/jamapediatrics.2015.0676.

35. National Association of Adult Survivors of Child Abuse (NAASCA), 2015. [Home page.] Available from <http://www.naasca.org/index.html>.

36. Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 13º. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2019. <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>.

37. Barron I, Allardyce S, Young H, Levit R. Exploration of the Relationship between Severe and Complex Disabilities and Child Sexual Abuse: A Call for Relevant Research. *J Child Sex Abus*. 2019; 28(7):759-80 doi:10.1080/10538712.2019.1645782

38. Cavalcante LV, Vieira SCM, Silva LMP. Violência contra adolescentes com deficiência: uma revisão integrativa da literatura. *Adolesc. Saúde*. 2016; 13(2):79-86. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v13n2a10.pdf>

39. Jones L, Bellis MA, Wood S, Hughes K, McCoy E, Eckley L, et al. Prevalence and risk of violence against adults with disabilities: a systematic review and meta-analysis of observational studies. *Lancet*. 2012; 379(9826):1621-9. doi:10.1016/S0410-6736(11)61851-5.

40. World Health Organization (WHO). Global Health Estimates 2016: Disease burden by Cause, Age, Sex, by Country and by Region, 2000-2016. Geneva: WHO;

2018. Available from:

https://www.who.int/healthinfo/global_burden_disease/estimates/en/index1.html

41. Cavalcante FG, Marinho ASN, Bastos OM, Deus VV, Maimone MS, Carvalho MM, et al. Diagnóstico situacional da violência contra crianças e adolescentes com deficiência em três instituições do Rio de Janeiro. *Cien Saude Colet*. 2009;14(1):45-56. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n1/a10v14n1.pdf>

42. Northridge JL. Sexual Violence in Adolescents. *Pediatr Ann*. 2019; 48(2):e58-e63. doi: 10.3928/19382359-20190118-01.

43. Ruzany M H, Meirelles ZV. Adolescência, juventude e violência: identificação, abordagem e conduta. *Adolesc Saude*. 2009; 6(3):52-60. Disponível em: [https://s3-sa-east-](https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v6n3a11.pdf)

[1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v6n3a11.pdf](https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v6n3a11.pdf)

44. Robinson S. Enabling and protecting: proactive approaches to addressing the abuse and neglect of children and young people with disability. *Children with Disability*. Australia: Victoria; 2012. 35 páginas. Available from: https://epubs.scu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1111&context=ccyp_pubs

45. Schor EL, editor-in-chief. *Caring for Your School-Age Child Ages 5 To 12*. New York: Bantam Books; 2004. [Child Care Books form Academy American of Pediatrics].

46. Gomes R, Deslades SF, Veiga MM, Bhering C, Santos JFC. Por que as crianças são maltratadas? Explicações para a prática de maus-tratos infantis na literatura. *Cad Saúde Pública*. 2002; 18(3):707-14. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v18n3/9298.pdf>

47. Lowenkron L. Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia: diferentes nomes, diferentes problemas? *Sexualida Salud Sociedad*. 2010; 5:9-29. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/rt/printerFriendly/394/804>

48. Craven S, Brown S, Gilchrist E. Current responses to sexual grooming: implications for prevention. *Howard J Crim Justice*. 2007; 46(1):60–71. doi: 10.1111/j.1468-2311.2007.00454.x
49. Goodyear-Brown P. *Handbook of child sexual abuse: Identification, assessment, and treatment*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2011. 640 páginas.
50. Pfeiffer L, Salvagni EP. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *J Pediatr*. 2005; 81 (Supl. 5): S197-S204. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa10.pdf>
51. Habigzang LF, Koller SH, Azevedo GA, Machado PX. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psic.: Teor. Pesq.* 2005; 21(3):341-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n3/a11v21n3.pdf>
52. Leyton MC, Quezada RD, Molina GT. Perfil epidemiológico de adolescentes mujeres con antecedentes de agresión sexual consultantes en el área de salud mental de un centro de salud sexual y reproductiva. *Rev. Chil. obstet ginecol*. 2013; 78(1):26-31. Available from: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/rchog/v78n1/art05.pdf>
53. Denov MS. The myth of innocence: sexual scripts and the recognition of child sexual abuse by female perpetrators. *J Sex Res*. 2003; 40(3):303–14. doi:[10.1080/00224490309552195](https://doi.org/10.1080/00224490309552195)
54. Wright K, Swain S, McPhillips K. The Australian Royal Commission into Institutional Responses to child sexual abuse. *Child Abuse Negl*. 2017; 74:1–9. doi: 10.1016/j.chiabu.2017.09.031
55. Cortoni F, Babchishin KM, Rat C. The proportion of sexual offenders who are female is higher than thought. *Crimin Justice Behav*. 2017; 44(2):145–62. doi: [10.1177/0093854816658923](https://doi.org/10.1177/0093854816658923)
56. Curti SM, Lupariello F, Coppo E, Praznik EJ, Racalbutto SS, Di Vella G. Child sexual abuse perpetrated by women: case series and review of the literature. *J Forensic Sci*. 2019; 64(5):1427-37. doi: 10.1111/1556-4029.

57. Sandler JC, Freeman NJ. Typology of female sex offenders: a test of Vandiver and Kercher. *Sex Abuse*. 2007; 19(2):73–89. doi:[10.1177/107906320701900201](https://doi.org/10.1177/107906320701900201)
58. McLeod DA. Female offenders in child sexual abuse cases: a national picture. *J Child Sex Abus*. 2015; 24(1):97–114. doi: 10.1080/10538712.2015.978925.
59. Strickland SM. Female sex offenders: exploring issues of personality, trauma, and cognitive distortions. *J Interpers Violence*. 2008; 23(4):474–89. doi: 10.1177/0886260507312944.
60. Oliver BE. Preventing female-perpetrated sexual abuse. *Trauma Violence Abuse*. 2007; 8(1):19–32. doi:[10.1177/1524838006296747](https://doi.org/10.1177/1524838006296747)
61. Denov M. *Perspectives on female sex offending*. London: Routledge, 2004. 240 páginas.
62. World Health Organization (WHO). *Violence against women*. [Homepage on the Internet]. Geneva: WHO; 2017. Available from: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>
63. Golding JM. Intimate partner violence as a risk factor for mental disorders: A meta-analysis. *J Fam Violence*. 1999; 14(2):99-132.
64. Basile KC, Smith SG. Sexual violence victimization of women: prevalence, characteristics, and the role of public health and prevention. *Am J Lifestyle Med*. 2011; 5(5):407-17. DOI: 10.1177/1559827611409512
65. Cohen JA, Mannarino AP. Predictors of treatment outcome in sexually abused children. *Child Abuse Negl*. 2000; 24(7):983-94. doi:[10.1016/s0145-2134\(00\)00153-8](https://doi.org/10.1016/s0145-2134(00)00153-8)
66. Fergusson DM, Horwood LJ, Lynskey MT. Childhood sexual abuse, adolescent sexual behaviors and sexual revictimization. *Child Abuse Negl*. 1997; 21(8):789-803. doi: [10.1016/s0145-2134\(97\)00039-2](https://doi.org/10.1016/s0145-2134(97)00039-2)

67. O'Brien BS, Sher L. Child sexual abuse and the pathophysiology of suicide in adolescents and adults. *Int J Adolesc Med Health*. 2013; 25(3):201-5. doi: 10.1515/ijamh-2013-0053.
68. Deblinger E, Hathaway CR, Lippmann J, Steer R. Psychosocial characteristics and correlates of symptom distress in nonoffending mothers of sexually abuse children. *J Interpers Violence*. 1993; 8(2):155–68. doi:10.1177/088626093008002001
69. Manion IG, McIntyre J, Firestone P, Ligezinska M, Ensom R, Wells G. Secondary traumatization in parents following the disclosure of extrafamilial child sexual abuse: Initial effects. *Child Abuse Negl*. 1996; 20(11):1095–109. doi:10.1016/0145-2134(96)00098-1
70. Elliott AN, Carnes CN. Reactions of nonoffending parents to the sexual abuse of their child: A review of the literature. *Child Maltreat*. 2001; 6(4):314–31. doi:10.1177/1077559501006004005 .
71. Cyr M, Frappier J-Y, Hébert M, Tourigny M, McDuff P, Turcotte M-E. Psychological and physical health of nonoffending parents after disclosure of sexual abuse of their child. *J Child Sex Abus*. 2016; 25(7):757-76. <http://dx.doi.org/10.1080/10538712.2016.1228726>.
72. Santos VA. As medias protetivas e a garantia de direitos na perspectiva de famílias em situação de violência sexual intrafamiliar [tese]. Brasília: Universidade de Brasília; 2010.
73. Alaggia R. An Ecological analysis of child sexual abuse disclosure: considerations for child and adolescent mental health. *J Can Acad Child Adolesc Psychiatry*. 2010; 19(1):32-9.
74. Kenny M, Capri U, Thakkar-Kolar R, Ryan E, Runyon M. Child sexual abuse: from prevention to protection. *Child Abuse Rev*. 2008; 17(1):36-54. doi: 10.1002/car.1012
75. Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). SIPS – Sistema de Indicadores de Percepção Social. Tolerância Social e Violência Contra as Mulheres.

Brasília – DF, 2004. 40 páginas. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf

76. Cassidy L, Hurrell RM. The influence of victim's attire on adolescents' judgments of date rape. *Adolescence*. 1995; 30(118):319-23.

77. Hébert M, Tourigny M, Cyr M, McDuff P, Joly J. Prevalence of childhood sexual abuse and timing of disclosure in a representative sample of adults from Quebec. *Can J Psychiatry*. 2009; 54(9):631-9. doi:[10.1177/070674370905400908](https://doi.org/10.1177/070674370905400908)

78. Reppold CT, Pacheco J, Bardagi M, Hutz C. Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos Estilos Parentais. In: Hutz C, organizadora. Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002. p. 7-51.

79. Gomide PIC, coordenadora. Inventário de estilos parentais – IEP: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. 3a ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2014.

80. Snyder J, Patterson G. Family interaction and delinquent behavior. In: Quay HC, organizador. *Handbook of juvenile delinquency*. New York: Wiley; 1987. p. 216-43.

81. Landi CA. Violência Sexual Contra Adolescentes e Adultos Jovens e Estilos Parentais [tese]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 2019.

82. Gomide PIC. Estilos Parentais e comportamento antissocial. In: Del Prette Z, Del Prette A. Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Alínea Editora; 2003.

83. Comte-Sponville A. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes; 2000.

84. Araújo UF. Conto de escola: a vergonha como um regulador moral. São Paulo: Moderna; 1999.
85. Hoffman ML. Moral internalization, parental power and the nature of parent-child interaction. *Dev Psychol.* 1975; 11(2):228-39.
86. Crittenden PM. Maltreated infants: vulnerability and resilience. *J Child Psychol Psychiatry.* 1985; 26(1):85-96.
87. Dodge KA, Pettit GS, Batters JE. Socialization mediators of the relation between socioeconomic status and child conduct problems. *Child Dev.* 1994; 65(2):649-65.
88. Gomide PIC. Pais presentes, pais ausentes. Petrópolis: Vozes; 2004.
89. Gomide PC. Menor Infrator: a caminho de um novo tempo. 2ª ed. Curitiba: Juruá; 1998.
90. Mathews S, Hendricks N, Abrahams N. A Psychosocial Understanding of Child Sexual Abuse Disclosure Among Female Children in South Africa. *J Child Sex Abus.* 2016; 25(6):636-54. doi: 10.1080/10538712.2016.1199078
91. Alaggia R, Collin-Vézina D, Lateef R. Facilitators and Barriers to Child Sexual Abuse (CSA) Disclosures: A Research Update (2000 – 2016). *Trauma Violence Abuse.* 2019; 20(2):260-83. doi: 10.1177/1524838017697312
92. Staller KM, Nelson-Gardell D. “A burden in your heart”: lessons of disclosure from female preadolescent and adolescent survivors of sexual abuse. *Child Abuse Negl.* 2005; 29(12):1415-32. doi:[10.1016/j.chiabu.2005.06.007](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.06.007)
93. Collings SJ, Griffiths S, Kumalo M. Patterns of disclosure in child sexual abuse. *S Afr J Psychol.* 2005; 35(2):270–85. doi: 10.1177. 008124630503500207.
94. Alaggia R. Many ways of telling: Expanding conceptualizations of child sexual abuse disclosure. *Child Abuse Negl.* 2004; 28(11):1213–27. doi:10.1016/j.chiabu.2004.03.016

95. Campis LB, Hebden-Curtis J, DeMaso DR. Developmental differences in detection and disclosure of sexual abuse. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 1993; 32(5):920-4. doi:10.1097/00004583-199309000-00005
96. Sorensen T, Snow B. How children tell: The process of disclosure in child sexual abuse. *Child Welfare*. 1991; 70(1):3-15.
97. Fallon B, Van Wert M, Trocme N, MacLaurin B, Sinha V, Lefebvre R, et al. Ontario Incidence Study of Reported Child Abuse and Neglect-2013 – Major Findings. Toronto: Child Welfare Research Portal; 2015. 110 páginas. Available from: https://cwrp.ca/sites/default/files/publications/ois-2013_final.pdf
98. Finkelhor D, Shattuck A, Turner HA, Hamby SL. Trends in children's exposure to violence, 2003 to 2011. *JAMA Pediatr*. 2014; 168(6):540–46. doi:10.1001/jamapediatrics.2013.5296
99. Jillian B, Cotter A, Perreault S. Police-reported crime statistics in Canada, 2013 (Catalogue number 85-002-X). Ottawa: Statistics Canada; 2014.
100. Paine ML, Hansen DJ. Factors influencing children to self-disclose sexual abuse. *Clin Psychol Rev*. 2002; 22(2):271–95. doi:[10.1016/s0272-7358\(01\)00091-5](https://doi.org/10.1016/s0272-7358(01)00091-5)
101. Kogan SM. Disclosing unwanted sexual experiences: Results from a national sample of adolescent women. *Child Abuse Negl*. 2004; 28(2): 147–65. doi:[10.1016/j.chiabu.2003.09.014](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2003.09.014)
102. McElvaney R, Greene S, Hogan D. To tell or not to tell? Factors influencing young people's informal disclosures of child sexual abuse. *J Interpers Violence*. 2014; 29(5):928–47. doi: 10.1177/0886260513506281.
103. Søftestad S, Toverud R, Jensen TK. Interactive Regulated Participation: Children's perspectives on child–parent interaction when suspicion of child sexual abuse is raised. *Qual Soc Work* 2013; 12(5):603-19. doi:[10.1177/1473325012454913](https://doi.org/10.1177/1473325012454913)
104. Hershkowitz I, Lanes O, Lamb ME. Exploring the disclosure of child sexual abuse with alleged victims and their parents. *Child Abuse Negl*. 2007; 31(2):111–23. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.09.004>.

105. Hershkowitz I, Lamb ME, Horowitz D. Victimization of children with disabilities. *Am J Orthopsychiatry*. 2007; 77(4):629. <http://dx.doi.org/10.1037/0002-9432.77.4.629>.
106. Pipe M-E, Orbach Y, Lamb M, Cederborg A-C. Seeking resolution in the disclosure wars: an overview. In Pipe M-E, Orbach Y, Lamb M, Cederborg A-C. *Child Sexual Abuse – Disclosure, delay, and denial*. New York: Routledge; 2007. p.3-10
107. Jensen TK, Gulbrandsen W, Mossige S, Reichelt S, Tjersland OA. Reporting possible sexual abuse: a qualitative study on children's perspectives and the context for disclosure. *Child Abuse Negl*. 2005; 29(12):1395–413. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.07.004>.
108. Bottoms BL, Peter-Hagene LC, Epstein MA, Wiley TRA, Reynolds CE, Rudnicki AG. Abuse characteristics and individual difference related to disclosing childhood sexual, physical, and emotional abuse and witnessed domestic violence. *J Interpers Violence*. 2016; 31(7):1308–39. doi: 10.1177/0886260514564155
109. Priebe G, Svedin CG. Child sexual abuse is largely hidden from the adult society. An epidemiological study of adolescents' disclosures. *Child Abuse and Neglect*. 2008; 32(12):1095–1108. doi:10.1016/j.chiabu.2008.04.001.
110. Helweg-Larsen K, Larsen HB. The prevalence of unwanted and unlawful sexual experiences reported by Danish adolescents: results from a national youth survey in 2002. *Acta Paediatr*. 2006; 95(10):1270–6. doi:[10.1080/08035250600589033](https://doi.org/10.1080/08035250600589033)
111. London K, Bruck M, Wright DB, Ceci SJ. Review of the contemporary literature on how children report abuse to others: findings, methodological issues, and implications for forensic interviewers. *Memory*. 2008; 16(1):29–47. doi:[10.1080/09658210701725732](https://doi.org/10.1080/09658210701725732)
112. Edwards KM, Dardis CM, Sylaska KM, Gidycz CA. Informal social reactions to college women's disclosure of intimate partner violence: associations with psychological and relational variables. *J Interpers Violence*. 2015; 30(1):25-44. doi:10.1177/0886260514532524.

113. Roesler TA. Reactions to disclosure of child abuse. The effect on adult symptoms. *J Nerv Ment Dis.* 1994; 182(11):618-24. doi:[10.1097/00005053-199411000-00004](https://doi.org/10.1097/00005053-199411000-00004)
114. Boudreau CL, Kress H, Rochat RW, Yount KM. Correlates of disclosure of sexual violence among Kenyan youth. *Child Abuse Negl.* 2018; 79:164-72. doi: 10.1016/j.chiabu.2018.01.025.
115. Tashjian SM, Goldfarb D, Goodman GS, Quas JA, Edelstein R. Delay in disclosure of non-parental child sexual abuse in the context of emotional and physical maltreatment: a pilot study. *Child Abuse Negl.* 2016; 58:149–59. doi: 10.1016/j.chiabu.2016.06.020.
116. Lawson L, Chaffin M. False negatives in sexual abuse disclosure interviews: incidence and influence of caretaker's belief in abuse in cases of accidental abuse discovery by diagnosis of STD. *J Interper Violence.* 1992; 7(4):532–42. doi:[10.1177/088626092007004008](https://doi.org/10.1177/088626092007004008).
117. Morrison SE, Bruce C, Wilson S. Children's Disclosure of Sexual Abuse: a systematic review of qualitative research exploring barriers and facilitators. *J Child Sex Abus.* 2018; 27(2):176-94. doi: 10.1080/10538712.2018.1425943
118. Petronio S, Redder HM, Hecht ML, Ros-Mendoza TM. Disclosure of sexual abuse by children and adolescents. *J Appl Commun Res.* 1996; 24(3):181–99. doi: [10.1080/00909889609365450](https://doi.org/10.1080/00909889609365450)
119. Price-Robertson R. Child sexual abuse, masculinity and fatherhood. *J Fam Stud.* 2012; 18(2-3):130–42. doi:10.5172/jfs.2012.18.2-3.130
120. Holmes WC, Slap GB. Sexual abuse of boys: definition, prevalence, correlates, sequelae, and management. *JAMA.* 1998; 280(21):1855-62. doi:[10.1001/jama.280.21.1855](https://doi.org/10.1001/jama.280.21.1855)

121. Lamb S, Edgar-Smith S. Aspects of disclosure: Mediators of outcome of childhood sexual abuse. *J Interpers Violence*. 1994; 9(3):307–26. doi: 10.1177/088626094009003002
122. Finkelhor D. Early and long-term effects of child sexual abuse: An update. *Prof Psychol Res Pr*. 1990; 21(5):325–30. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.21.5.325>
123. Finkelhor D. *Child sexual abuse: New theory and research*. New York: Free Press; 1984.
124. Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069 de 13 de julho de 1990 e legislação correlata [recurso eletrônico]. Dispõe sobre a legislação para proteger a juventude. 9a. ed Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara; 2012. Disponível em:
http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf
125. Pimentel A, Araujo LS: Violência Sexual Intrafamiliar. *Rev Para Med* [online]. 2006; 20(3):39-41. Disponível em:
<http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpm/v20n3/v20n3a08.pdf>.
126. Brasil. Ministério da Justiça. Lei no. 8.069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências [Internet]. Brasília: Ministério da Justiça; 1990. Disponível em:
http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%208.069-1990?OpenDocument
127. Kaufman M, Committee on Adolescence (Academy American of Pediatrics). Care of Adolescent Sexual Assault Victim. *Pediatrics*. 2008; 122(2):462-70. Available from: <https://pediatrics.aappublications.org/content/pediatrics/122/2/462.full.pdf>
128. Danielson CK, Holmes MM. Adolescent sexual assault: an update of the literature. *Curr Opin Obstet Gynecol*. 2004; 16(5):383-8. doi:10.1097/00001703-200410000-00005

129. Sociedade de Pediatria de São Paulo. Sociedade Brasileira de Pediatria. Manual de atendimento às crianças e adolescentes vítimas de violência / Núcleo de Estudos da Violência Doméstica contra a Criança e o Adolescente. Coordenação: Renata Dejtiar Waksman, Mário Roberto Hirschheimer. 328 páginas. 2.ed. Brasília, DF: Conselho Federal de Medicina, 2018. Disponível em: http://www.spsp.org.br/downloads/Manual_Atendimento_Crianças_Adolescentes_V%C3%ADtimas_Violência_2018.pdf
130. Brasil. Ministério da Saúde. Ministério da Justiça. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Norma Técnica. Atenção Humanizada às Pessoas em Situação de Violência Sexual com Registro de Informações e Coletas de Vestígios. Brasília: DF; 2015. 44 páginas. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_humanizada_pessoas_violencia_sexual_norma_tecnica.pdf
131. Tillman S, Bryant-Davis T, Smith K, Marks A. Shattering Silence: Exploring Barriers to Disclosure for African American Sexual Assault Survivors. *Trauma Violence Abuse*. 2010; 11(2):59-70. doi:10.1177/1524838010363717.
132. Campbell R. What really happened? A validation study of rape survivor's help-seeking experiences with the legal and medical systems. *Violence Vict*. 2005; 20(1):55-68.
133. Padilha MGS, Gomide PIC. Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual. *Estud Psicol.[online]* 2004; 9(1):53- 61 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22381.pdf>
134. Johnson RB, Onwuegbuzie AJ, Turner LA. Toward a definition of mixed methods research . *J Mix Methods Res*. 2007; 1(2):112-33. doi: 10.1177/1558689806298224
135. Creswell JW, Clark VLP. Pesquisa de Métodos Mistos. Tradução: Lopes MF. 2a ed. Porto Alegre (RS): Penso; 2013.

136. Turato ER. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas. 5ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2011.
137. Minayo MCS (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
138. World Health Organization (WHO). Young People's Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO; 1986. 120 páginas. Available from: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/41720/WHO_TRS_731.pdf?sequence=1&isAllowed=y
139. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP. Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB). Brasil; 2015. Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>.
140. Bernstein DP, Ahluvalia T, Pogge D, Handelsman L. Validity of the childhood trauma questionnaire in an adolescent psychiatric population. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 1997; 36(3):340-8. doi:[10.1097/00004583-199703000-00012](https://doi.org/10.1097/00004583-199703000-00012)
141. Grassi-Oliveira R, Stein LM, Pezzi JC. Translation and content validation of the Childhood Trauma Questionnaire into Portuguese language. *Rev Saúde Pública*. 2006; 40(2):249-55. doi:[10.1590/s0034-89102006000200010](https://doi.org/10.1590/s0034-89102006000200010) Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n2/28529.pdf>
142. Beck AT, Ward CH, Mendelson M, Mock J, Erbaugh J. An inventory for measuring depression. *Arch Gen Psychiatry*. 1961; 4:561-71. doi:[10.1001/archpsyc.1961.01710120031004](https://doi.org/10.1001/archpsyc.1961.01710120031004)
143. Gorenstein C, Andrade L. Validation of a Portuguese version of the Beck Depression Inventory and the State-Trait Anxiety Inventory in Brazilian Subjects. *Braz J Med Biol Res*. 1996; 29(4):453-7.

144. Gorenstein C, Andrade L, Vieira Filho AHG, Tung TC, Artes R. Psychometric properties of the portuguese version of the Beck Depression Inventory on Brazilian college students. *J Clin Psychol*. 1999; 55(5):553-62. doi:10.1002/(sici)1097-4679(199905)55:5<553::aid-jclp3>3.0.co;2-d
145. Beck AT, Epstein N, Brown G, Steer RA. An inventory for measuring clinical anxiety: psychometric properties. *J Consult Clin Psychol*. 1988; 56(6):893-7. doi:10.1037//0022-006x.56.6.893
146. Fleck MP, Chachamovich E, Trentini C. Development and validation of the Portuguese version of the WHOQOL-OLD module. *Rev Saúde Pública*. 2006; 40(5):785-91. doi:[10.1590/s0034-89102006000600007](https://doi.org/10.1590/s0034-89102006000600007)
147. Henrique IFS, De Micheli D, Lacerda RB, Lacerda LA, Formigoni MLOS. Validação da Versão Brasileira do Teste de Triagem do Envolvimento em Álcool, Cigarro e outras Substâncias (ASSIST). *Rev Assoc Med Bras*. 2004; 50(2):199-206. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v50n2/20784>
148. Meihy JCSB, Holanda F. História Oral: como fazer, como pensar. 2. ed., São Paulo: Contexto; 2013.
149. Alberti V. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1990.
150. Matos JS, Senna AK. História Oral como fonte: problemas e métodos. *Historiae* 2011; 2(1):95-108.
151. Meihy JCSB (Org.) (Re)introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã; 1996.
152. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1987.
153. Manzini EJ. A entrevista na pesquisa social. *Didática* 1990/1991; 26/27:149-58.

154. Manzini EJ. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: Marquezine MC, Almeida MA, Omote S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel; 2003. p.11-25.
155. Meihy JCSB. Manual de história oral. São Paulo: Loyola; 2005.
156. Thompson P. A voz do passado: história oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992.
157. Agresti A. Categorical data analysis. New York: Wiley Interscience; 1990.
158. Siegel S. Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed; 2006.
159. Bussab WO, Morettin PA. Estatística Básica. 5ed. São Paulo: Saraiva; 2006.
160. Kleinbaum DG. Logistic regression. New York: Springer-Verlag; 1992.
161. R Core Team. A language and environment for statistical computing. The R Foundation for Statistical Computing. Vienna: Austria; 2016. Available from: <http://www.R-project.org/>
162. Foster JM, Hagedorn WB. Through the eyes of the wounded: a narrative analysis of children's sexual abuse experiences and recovery process. J Child Sex Abuse. 2014; 23(5):538-57, doi: 10.1080/10538712.2014.918072
163. Voogt A, Klettke B, Crossman A. Measurement of victim credibility in child sexual assault case: a systematic review. Trauma Violence Abuse. 2019; 20(1):51-66. doi: 10.1177/1524838016683460
164. Malloy LC, Brubacher SP, Lamb ME. "Because she's the one who listens" children discuss disclosure recipients in forensic interviews. Child Maltreat. 2013; 18(4):245–51. doi: 10.1177/1077559513497250.
165. Malloy LC, Brubacher S, Lamb ME. Expected consequences of disclosure revealed in investigative interviews with suspected victims of child sexual abuse. Appl Dev Sci. 2011: 15(1);8–19. doi:[10.1080/10888691.2011.538616](https://doi.org/10.1080/10888691.2011.538616).

166. Crisma M, Bascelli E, Paci D, Romito P. Adolescents who experienced sexual abuse: Fears, needs and impediments to disclosure. *Child Abuse Negl.* 2004; 28(10):1035-48. doi:[10.1016/j.chiabu.2004.03.015](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.03.015)
167. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Instrutivo de preenchimento da ficha de notificação/investigação de violência doméstica, sexual e/ou outras violências [Internet]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2009. Disponível em:
http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/30_03_2012_8.40.46.6cb50967bbeb18008432b71da11ac636.pdf
168. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa nacional de saúde do escolar 2015 [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2016. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/justica-e-seguranca/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?edicao=17050&t=o-que-e>
169. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. *Boletim Epidemiológico.* 2018; 49(27):1-17. Disponível em:
<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>
170. Boakye KE. Culture and nondisclosure of child sexual abuse in Ghana: a theoretical and empirical exploration. *Law Soc Inquiry.* 2009; 34(4):951–79.
171. Brownmiller S. *Against Our Will: Men, Women, and Rape.* New York: Simon and Schuster; 1975.
172. Millet K. *Sexual Politics.* New York: Ballantine; 1970.
173. Del Priori M (org.) *História das Mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto e Unesp, 1997.
174. Sequeira VC, Stella C. Família e violência: resquícios da cultura patriarcal. *Emancipação.* 2012; 12(1):71-86. doi: 10.5212/Emancipacao.v.12i1.0005. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>

175. Gomes NP, Diniz NMF, Araújo AJS, Coelho TMF. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paul Enferm.* 2007; 20(4):504-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n4/19.pdf>
176. Narvez MG, Koller SH. A concepção de família de uma mulher - mãe de vítimas de incesto. *Psicol Reflex Crit.* [periódico na Internet] 2006; 19(3):395-406. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n3/a08v19n3.pdf>
177. Celik G, Tahiroğlu A, Yoruldu B, Varmiş D, Çekin N, Avci A, et al. Recantation of Sexual Abuse Disclosure Among Child Victims: Accommodation Syndrome. *J Child Sex Abus.* 2018; 27(6):612-21. doi: 10.1080/10538712.2018.1477216
178. Lichty LF, Gowen LK. Youth Response to Rape: Rape Myths and Social Support. *J Interpers Violence.* 2018 doi: 10.1177/0886260518805777
179. Hockett JM, Smith SJ, Klausning CD, Saucier DA. Rape myth consistency and gender differences in perceiving rape victims: A meta-analysis. *Violence Against Women.* 2016; 22(2):139-67. doi: 10.1177/1077801215607359
180. Young A, Grey M, Abbey A, Boyd CJ, McCabe SE. Alcohol-related sexual assault victimization among adolescents: Prevalence, characteristics, and correlates. *J Stud Alcohol Drugs.* 2008; 69(1):39-48. doi:10.15288/jsad.2008.69.39
181. Sims CM, Noel NE, Maisto SA. Rape blame as a function of alcohol presence and resistance type. *Addict Behav.* 2007; 32(12):2766-75. doi:10.1016/j.addbeh.2007.04.013
182. McMahon S. Understanding community-specific rape myths: Exploring student athlete culture. *J Women Soc Work.* 2007; 22(4):357-70. doi:10.1177/0886109907306331
183. Finch E, Munro VE. The demon drink and the demonized woman: Socio-sexual stereotypes and responsibility attribution in rape trials involving intoxicants. *Soc Leg Stud.* 2007; 16(4):591-614. doi: 10.1177/0964663907082737

184. Abrams D, Viki GT, Masser B, Bohner G. Perceptions of stranger and acquaintance rape: The role of benevolent and hostile sexism in victim blame and rape proclivity. *J Pers Soc Psychol.* 2003; 84(1):111-25.
185. Münzer A, Fegert JM, Ganser HG, Loos S, Witt A, Goldbeck L. Please Tell! Barriers to Disclosing Sexual Victimization and Subsequent Social Support Perceived by Children and Adolescents. *J Interpers Violence.* 2016; 31(2):355-77. doi: 10.1177/0886260514555371.
186. Ardayfio-Schandorf E. Violence against women: the Ghanasian case. UN Division for the Advancement of Women. Economic Commission for Europe (ECE). World Health Organization (WHO). Geneva; 2005. Available from: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.564.3095&rep=rep1&type=pdf>
187. Jewkes R. Child Sexual Abuse and HIV Infection. In: Richter L, Dawes A, Higson-Smith C. *The Sexual Abuse of Young Children in Southern Africa.* Cape Town: HSRC; 2004. p.130-42.
188. Collings SJ. Development, Reliability, and Validity of the Child Sexual Abuse Myth Scale. *J Interpers Violence.* 1997; 12(5):665-74. doi: 10.1177/088626097012005004
189. Easton SD. Masculine norms, disclosure, and childhood adversities predict long-term mental distress among men with histories of child sexual abuse. *Child Abuse Negl.* 2014; 38(2):243–51. doi:10.1016/j.chiabu.2013.08.020.
190. Lehrer JA, Lehrer EL, Koss MP. Unwanted sexual experiences in young men: Evidence from a survey of university students in Chile. *Arch Sex Behav.* 2013; 42(2):213–23. doi:10.1007/s10508-012-0004-x.
191. Taegtmeyer M, Davies A, Mwangome M, van der Elst EM, Graham SM, Price MA, et al. Challenges in providing counselling to MSM in highly stigmatized contexts: Results of a qualitative study from Kenya. *PLoS One.* 2013; 8(6):e64527. doi:10.1371/journal.pone.0064527.

192. Donnelly DA, Kenyon S. "Honey, we don't do men": Gender stereotypes and the provision of services to sexually assaulted males. *J Interpers Violence*. 1996; 11(3):441–8. doi:10.1177/088626096011003009.
193. Brasil. Presidência da República. Política educacional. Lei 12.711/2012 (Lei Ordinária) 29-08-2012. Brasília – DF; 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm
194. Carneiro CBL, Veiga L. O conceito de inclusão, dimensões e indicadores. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Coordenação de Política Social; 2004.
195. Sanjeevi J, Houlihan D, Bergstrom KA, Langley MM, Judkins J. A Review of Child Sexual Abuse: Impact, Risk, and Resilience in the Context of Culture. *J Child Sex Abuse*. 2018; 27(6):622-41. doi: 10.1080/10538712.2018.1486934
196. Butler AC. Child sexual assault: Risk factors for girls. *Child Abuse Negl*. 2013; 37(9):643–52. doi:10.1016/j.chiabu.2013.06.009
197. Gilbert R, Widom CS, Browne K, Fergusson D, Webb E, Janson S. Burden and consequences of child maltreatment in high income countries. *Lancet*. 2009; 373(9657):68–81. doi:10.1016/S0140-6736(08)61706-7.
198. Williams LCA. Abuso sexual infantil. Guilhardi HJ, Madi MBB, Queiroz PP, Scoz MC. Sobre comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento 2002. Santo André: ESETec Editores Associados; 2002. p.155-64.
199. Ferrari DCA, Vecina TCC. O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática. São Paulo: Ágora; 2002.
200. Amazarray MR, Koller SH. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicol Reflex Crit*. [online] 1998; 11(3):546-55. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

201. Finkelhor D, Kendall-Tackett K. A developmental perspective on the childhood impact of crime, abuse, and violent victimization. In: Cicchetti D, Toth SL. *Developmental perspectives on trauma: theory, research, and intervention* New York: University of Rochester Press; 1997. p.1-32.
202. Senn TE, Carey MP. Child maltreatment and women's adult sexual risk behavior: Childhood sexual abuse as a unique risk factor. *Child Maltreat*. 2010; 15(4):324–35. doi:10.1177/1077559510381112
203. Testa M, VanZile-Tamsen C, Livingston JA. Childhood sexual abuse, relationship satisfaction, and sexual risk taking in a community sample of women. *J Consult Clin Psychol*. 2005; 73(6):1116–24. doi:10.1037/0022-006X.73.6.1116
204. Messman-Moore TL, Long PJ. The role of childhood sexual abuse sequelae in the sexual revictimization of women: An empirical review and theoretical reformulation. *Clin Psychol Rev*. 2003; 23(4):537–71. doi:10.1016/S0272-7358(02)00203-9
205. DiLillo D. Interpersonal functioning among women reporting a history of childhood sexual abuse: Empirical findings and methodological issues. *Clin Psychol Rev*. 2001; 21(4):553–76. doi:10.1016/S0272-7358(99)00072-0
206. Abajobir AA, Kisely S, Maravilla JC, Williams G, Najman JM. Gender differences in the association between childhood sexual abuse and risky sexual behaviors: a systematic review and meta-analysis. *Child Abuse Negl*. 2017; 63:249-60. doi: 10.1016/j.chiabu.2016.11.023.
207. Richter L, Komárek A, Desmond C, Celentano D, Morin S, Sweat M, et al. Reported physical and sexual abuse in childhood and adult HIV risk behavior in three African countries: findings from Project Accept (HPTN-043). *AIDS Behav*. 2014; 18(2):381-9. doi: 10.1007/s10461-013-0439-7.
208. Wilson HW, Widom CS. An examination of risky sexual behavior and HIV in victims of child abuse and neglect: a 30-year follow-up. *Health Psychol*. 2008; 27(2):149-58. doi: 10.1037/0278-6133.27.2.149.

209. Bensley LS, Van Eenwyk J, Simmons KW. Self-reported childhood sexual and physical abuse and adult HIV-risk behaviors and heavy drinking. *Am J Prev Med.* 2000; 18(2):151-8. doi:10.1016/s0749-3797(99)00084-7
210. Kalichman SC, Gore-Felton C, Benotsch E, Cage M, Rompa D. Trauma symptoms, sexual behaviors, and substance abuse: correlates of childhood sexual abuse and HIV risks among men who have sex with men. *J Child Sex Abus.* 2004; 13(1):1-15. doi:10.1300/J070v13n01_01
211. Paul JP, Catania J, Pollack L, Stall R. Understanding childhood sexual abuse as a predictor of sexual risk-taking among men who have sex with men: the Urban Men's Health Study. *Child Abuse Negl.* 2001; 25(4):557-84. doi:10.1016/s0145-2134(01)00226-5
212. Candiotta C. Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault. *Kriterion.* 2007; 48(115):203-17. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/kr/v48n115/a1248115.pdf>
213. Whitaker C, Bumberry W. Dançando com a família. Porto Alegre: Artes Médicas; 1990.
214. Veras JLA, Silva TPS, Katz CT. Funcionamento familiar e tentativa de suicídio entre adolescentes. *Cad Bras Saude Mental.* 2017; 22(9):70-82. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69090/41545>
215. Kaloustian SM. Família brasileira: a base de tudo. São Paulo: Cortez; 2008.
216. Lasch C. Refúgio num mundo sem coração. São Paulo: Paz e Terra; 1991.
217. Clarke A, Olive P, Akooji N, Whittaker K. Violence exposure and young people's vulnerability, mental and physical health. *Int J Public Health.* 2020. doi: 10.1007/s00038-020-01340-3. Available from:
<https://link.springer.com/article/10.1007/s00038-020-01340-3>

218. American Academy of Pediatrics. The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. Technical Report. *Pediatrics*. 2012; 129(1):e232-e246; doi: <https://doi.org/10.1542/peds.2011-2663>. Available from: <https://pediatrics.aappublications.org/content/pediatrics/129/1/e232.full.pdf>
219. Laible DJ, Carlo G. The differential relations of maternal and paternal support and control to adolescent social competence, self-worth, and sympathy. *J Adolesc Res*. 2004; 19(6):759-82. doi: 10.1177/0743558403260094
220. Meesters C, Muris P. Perceived parental rearing behaviors and coping in young adolescents. *Pers Individ Dif*. 2004; 37(3):513-22. doi: 10.1016/j.paid.2003.09.022
221. Bardagi MP. Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2002.
222. Juang LP, Silbereisen RK. The relationship between adolescent academic capability beliefs, parenting and school grades. *J Adolesc*. 2002; 25(1):3-18. doi: 10.1006/jado.2001.0445
223. Reppold CT. Estilo parental percebido e adaptação psicológica de adolescentes adotados [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; 2001.
224. Juang LP, Silbereisen RK. Supportive parenting and adolescent adjustment across time in former East and West Germany. *J Adolesc*. 1999; 22(6):719-36. doi: 10.1006/jado.1999.0267
225. Pacheco JT, Teixeira MAP, Gomes WB. Estilos parentais e habilidades sociais na adolescência. *Psic: Teor Pesq*. 1999; 15(2):117-26. doi: 10.1590/S0102-37721999000200004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v15n2/a04v15n2.pdf>
226. Shucksmith J, Hendry LB, Glendinning A. Models of parenting: Implications for adolescent well-being within different types of family contexts. *J Adolesc*. 1995; 18(3):253-70. doi:10.1006/jado.1995.1018

227. Lamborn SD, Mounts NS, Steinberg L, Dornbusch SM. Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Dev.* 1991; 62(5):1049-65. doi:10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x

228. Benda BB, Whiteside L. Testing an integrated model of delinquency using LISREL. *J Soc Sci Res.* 1995; 21(2):1-32. doi: 10.1300/J079v21n02_01

229. Cernkovich SA, Giordano PC. Family relationships and delinquency. *Criminology.* 1987; 25(2):295-321. doi: 10.1111/j.1745-9125.1987.tb00799.x

230. Sokol-Katz J, Dunham R, Zimmerman R. Family structure versus attachment in controlling adolescent deviant behavior: a social control model. *Adolescence.* 1997; 32(125):199-215.

231. East PI, Hokoda A. Risk and protective factors for sexual and dating violence victimization: a longitudinal, prospective study of Latino and African American adolescents. *J Youth Adolesc.* 2015; 44(6):1288-300. doi: 10.1007/s10964-015-0273-5.

232. Kerka S. Parenting and career development. ERIC digest: no 214. ERIC Clearinghouse on adult, career, and vocational education [Internet]. Columbus, OH. Office of Educational Research and Improvement; 2000. Available from: <http://ericacve.org/docs/dig214.pdf>

233. Cutrín O, Gomez-Fraguela JA, Maneiro L, Sobral J. Effects of parenting practices through deviant peers on nonviolent and violent antisocial behaviors in middle and late adolescence. *Eur J Psychol Appl Legal Context.* 2017; 9(2):75-82. doi: 10.1016/j.ejpal.2017.02.001

234. Ariès P. História Social da Criança e da Família. Tradução: Flaksman D. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC; 2014.

235. Foucault M. Microfísica do Poder. 28º ed. São Paulo: Paz & Terra; 2014.

236. Hanson RF, Adams CS. Childhood Sexual Abuse. Identification, Screening, and Treatment Recommendations in Primary Care Settings. *Prim Care*. 2016; 43(2):313-26. doi: 10.1016/j.pop.2016.01.005
237. Wilson LC, Miller KE. Meta-analysis of the prevalence of unacknowledged rape. *Trauma Violence Abuse*. 2016; 17(2):149-59. doi: 10.1177/1524838015576391
238. Littleton HL, Radecki Breitkopf C, Berenson AB. Beyond the campus: Unacknowledged rape among low income women. *Violence Against Women*. 2008; 14(3):269–86. doi:10.1177/1077801207313733
239. Littleton HL, Radecki Breitkopf C. Coping with the experience of rape. *Psychol Women Q*. 2006; 30(1):106–16. doi:10.1111/j.1471- 6402.2006.00267.x
240. Foucault M. *Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão*. São Paulo: Vozes; 2013.
241. Foucault M. *História da Sexualidade: a vontade de saber (vol. 1)*. São Paulo: Paz & Terra; 2014.
242. Foucault M. *História da Sexualidade: o cuidado de si (vol. 3)*. São Paulo: Paz & Terra; 2014.
243. American Academy of Child and Adolescent Psychiatry. Facts for families: child sexual abuse. American Academy of Child and Adolescent Psychiatry; 2011. Available from: [https://www.aacap.org/AACAP/Families and Youth/Facts for Families/FFF-Guide/Child-Sexual-Abuse-009.aspx](https://www.aacap.org/AACAP/Families_and_Youth/Facts_for_Families/FFF-Guide/Child-Sexual-Abuse-009.aspx).
244. Bottoms BL, Najdowski CJ, Epstein MA, Badanek MJ. Trauma severity and defensive emotion-regulation reactions as predictors of forgetting childhood trauma. *Journal Trauma Dissociation*. 2012; 13(3):291–310. doi:10.1080/15299732.2011.641497
245. Anderson MC, Huddlestone E. Towards a cognitive and neurobiological model of motivated forgetting. *Nebraska Symposium of Motivation* 2012; 58:53–120.

246. Brewin CR. A theoretical framework for understanding recovered memory experiences. In: Belli RF. True and false recovered memories: Towards a reconciliation. Nebraska Symposium on Motivation. New York: Springer; 2012. p. 149–73.
247. Raymaekers L, Smeets T, Peters MJV, Merckelbach H. Autobiographical memory specificity among people with recovered memories of childhood sexual abuse. *J Behav Ther Exp Psychiatry*. 2010; 41(4):338–44. doi:10.1016/j.jbtep.2010.03.004
248. Furniss T. Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar: manejo, terapia e intervenção legal integrados. Tradução: Veronese MAV. Porto Alegre: Artes Médicas; 2002.
249. Hoopper CA. Madres sobrevivientes al abuso sexual de sus niños. Tradução: Pons H. Buenos Aires: Nueva Visión; 1994.
250. Scheinvar E. Conselho tutelar e escola: a potência da lógica penal no fazer cotidiano. *Psicol Soc* [online]. 2012; 24:45-51. doi: 10.1590/S0102-71822012000400008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24nspe/08.pdf>
251. Lemos FCS, Scheinvar E, Nascimento ML. Uma análise do acontecimento “Crianças e Jovens em Risco”. *Psicol Soc* [online]. 2014; 26(1):158-64. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/17.pdf>
252. Fernandes PV, Aragão EMA. Peculiaridades entre conselho tutelar e crianças encaminhadas pela escola. *Fractal, Rev Psicol*. 2011; 23(1):219-32. doi: 10.1590/S1984-02922011000100015 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n1/v23n1a15.pdf>
253. Milani RG, Loureiro RG. Famílias e violência doméstica: condições psicossociais pós ações do Conselho Tutelar. *Psicol Cienc Prof* [online]. 2008; 28(1):50-67. doi: 10.1590/S1414-98932008000100005 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n1/v28n1a05.pdf>

254. Castro NT, Toledo NTC, Andery AMN. Tramas do cotidiano: a psicodinâmica do trabalho em um Conselho Tutelar. *Psicol Cienc Prof* [online] 2010; 30(3):662-75.

doi: [10.1590/S1414-98932010000300016](https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300016). Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n3/v30n3a16.pdf>

255. Sequeira VC, Monti M, Braconnot FMO. Conselhos tutelares e psicologia: políticas públicas e promoção de saúde. *Psicol estud* [online]. 2010; 15(4): 861-6.

doi: 10.1590/S1413-73722010000400022. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n4/v15n4a21.pdf>

256. Deslandes SF, Campos DS. A ótica dos conselheiros tutelares sobre a ação da rede para a garantia da proteção integral a crianças e adolescentes em situação de violência sexual. *Ciênc saúde coletiva* [online]. 2015; 20(7):2173-82

doi:10.1590/1413-81232015207.13812014.

257. Jonas S, Khalifeh H, Bebbington P, et al. Gender differences in intimate partner violence and psychiatric disorders in England: results from the 2007 adult psychiatric morbidity survey. *Epidemiol Psychiatr Sci*. 2014; 23(2):189–99. doi:

10.1017/S2045796013000292

258. Oram S, Trevillion K, Feder G, Howard L. Prevalence of experiences of domestic violence among psychiatric patients: systematic review. *Br J Psychiatry*.

2013; 202:94–9. doi: 10.1192/bjp.bp.112.109934.

259. Bundock L, Howard LM, Trevillion K, Malcolm E, Feder G, Oram S. Prevalence and risk of experiences of intimate partner violence among people with eating disorders: a systematic review. *J Psychiatr Res*. 2013; 47(9):1134–42. doi:

10.1016/j.jpsychires.2013.04.014.

260. Trevillion K, Oram S, Feder G, Howard LM. Experiences of domestic violence and mental disorders: a systematic review and meta-analysis. *PLoS One*. 2012;

7(12): e51740. doi: 10.1371/journal.pone.0051740.

261. Ng QX, Yong BZJ, Ho CYX, Lim DY, Yeo WS. Early life sexual abuse is associated with increased suicide attempts: An update meta-analysis. *J Psychiatr Res.* 2018; 99:129-41. doi: 10.1016/j.jpsychires.2018.02.001.
262. Loeb TB, Williams JK, Carmona JV, Rivkin I, Wyatt GE, Chin D, et al. Child sexual abuse: associations with the sexual functioning of adolescents and adults. *Annu Rev Sex Res.* 2002; 13:307-45.
263. Leonard LM, Follette VM. Sexual functioning in women reporting a history of child sexual abuse: review of the empirical literature and clinical implications. *Ann Rev Sex Res.* 2002; 13:346-88.
264. Davies SC. Annual report of the Chief Medical Officer 2013, public mental health priorities: investing in the evidence. London: Department of Health; 2014.
265. Bolger KE, Patterson CJ. Sequelae of child maltreatment: vulnerability and resilience. In: Luthar SS. Resilience and vulnerability: adaptation in the context of childhood adversities. New York: Cambridge University Press; 2003. p.156-81.
266. Jennings A. On being invisible in the mental health system. *J Ment Health Adm* 1994; 21(4):374–87. doi:10.1007/BF02521356
267. Sakuma TH, Vitalle MSS. Resiliência na Adolescência. In: Vitalle MSS, Silva FC, Pereira AML, Weiler RME, Niskier SR, Schoen TH. *Medicina do Adolescente – Fundamentos e Prática.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Atheneu; 2019 p. 93-98.
268. Bronfenbrenner U. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres mais humanos:* Porto Alegre: Artmed; 2011
269. Williams J, Nelson-Gardell D. Predicting resilience in sexually abused adolescents. *Child Abuse Negl.* 2012; 36(1);53–63. doi:10.1016/j.chiabu.2011.07.004
270. Edmond T, Auslander W, Elze D, Bowland S. Signs of resilience in sexually abused adolescent girls in the foster care system. *J Child Sex Abuse.* 2006; 15(1): 1-28. doi:10.1300/j070v15n01_01

271. Lam JN, Grossman FK. Resiliency and adult adaptation in women with and without self-reported histories of child sexual abuse. *J Trauma Stress* 1997; 10(2):175–96. doi:10.1002/jts.2490100203
272. Valentine L, Feinauer LL. Resilience factors associated with female survivors of childhood sexual abuse. *Am J Fam Ther*. 1993; 21(3):216–24. doi:10.1080/01926189308250920
273. Cohen JA, Bukstein O, Walter H, Benson RS, Chrisman A, Farchione TR, Medicus J. Practice parameter for the assessment and treatment of children and adolescents with posttraumatic stress disorder. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 2010; 49(4):414-30.
274. Wamser-Nanney R, Sager JC. Predictors of maternal support following children’s sexual abuse disclosures. *Child Abuse Negl* 2018; 81:39-47. doi: 10.1016/j.chiabu.2018.04.016.
275. Hiebert-Murphy D. Emotional distress among mothers whose children have been sexually abused: the role of a history of child sexual abuse, social support, and coping. *Child Abuse Negl*. 1998; 22 (5):423-35. doi:10.1016/s0145-2134(98)00006-4
276. Oates RK, Tebbutt J, Swanston H, Lynch D, O’Toole B. Prior childhood sexual abuse in mothers of sexually abuse children. *Child Abuse Negl*. 1998; 22(11):1113-8. doi:10.1016/s0145-2134(98)00091-x
277. Flores RZ, Caminha RM. Violência sexual contra crianças e adolescentes: algumas sugestões para facilitar o diagnóstico correto. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul*. 1994; 16(2):158-67.
278. Easton SD. Disclosure of child sexual abuse among adult male survivors. *Clin Soc Work J*. 2013; 41:344–55. doi:10.1007/s10615-012-0420-3.
279. Anderson TH. Against the wind: Male victimization and the ideal of manliness. *J Soc Work*. 2011; 13:231–47. doi:10.1177/1468017311410002
280. Alaggia R, Millington G. Male child sexual abuse: A phenomenology of betrayal. *Clin J Soc Work*. 2008; 36(3):265–75. doi:10.1007/s10615-007-0144-y

281. Moody C. Male child sexual abuse. *J Pediatr Health Care*. 1999; 13(3):112–9.
doi:10.1016/S0891-5245(99)90072-X

282. Sousa LN. *A Pederastia em Atenas no Período Clássico: Relendo as obras de Platão e Aristófonos* [dissertação]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás; 2008.

Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/SOUSA__Luana_Neres_de.pdf

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do projeto: **VIOLÊNCIA SEXUAL: POR QUE NÃO REVELAR?**

Essas informações estão sendo fornecidas para participação voluntária neste estudo, que visa avaliar os adolescentes que são ou foram vítimas de violência sexual, reveladas ou não reveladas, bem como as repercussões deste acontecimento na vida; objetivando, com isso, informar a população sobre o tema e desmistificar esse assunto, incentivando a revelação.

O estudo é composto por duas etapas: na primeira etapa o adolescente receberá um questionário contendo 18 questões de múltipla escolha que visam conhecer a idade, o curso que frequenta, nível socioeconômico e o comportamento sexual. Nesse questionário o adolescente não precisará colocar seu nome, apenas telefone para contato e/ou e-mail, para que a pesquisadora possa entrar em contato caso considere necessário (segundo momento do estudo). O adolescente receberá ainda sete instrumentos (todos validados para o português), explicados a seguir:

- Questionário sobre exposição a eventos traumatizantes (QUESI) – contém 28 questões que abordam a exposição a eventos traumatizantes referentes a abuso, tanto físico quanto sexual, e negligência;
- Inventário de Depressão de Beck - Beck Depression Inventory (BDI) – contém 21 questões que objetivam verificar sintomas e atitudes depressivas;
- Inventário Beck de Ansiedade - Beck Anxiety Inventory (BAI) – instrumento autoaplicável, com 21 questões, para a medida clínica de ansiedade;
- Escala de resiliência - instrumento que mede os níveis de adaptação positiva em face de eventos de vida importantes, constituído por 25 itens;
- Questionário sobre qualidade de vida - World Health Organization's quality of life assessment (WHOQOL) – instrumento contendo 26 questões referentes a aspectos da sua qualidade de vida (satisfação com a própria saúde, o acesso a serviços de saúde, transporte, lazer; satisfação com as relações familiares e sociais, entre outros);
- Teste para Triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST) - questionário estruturado contendo oito questões sobre o uso de nove classes de substâncias psicoativas (tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos e opiáceos). As questões abordam a frequência de uso, na vida e nos últimos três meses, problemas relacionados ao uso, preocupação a respeito do uso por parte de pessoas próximas ao usuário, prejuízo na execução de tarefas esperadas, tentativas malsucedidas de cessar ou reduzir o uso, sentimento de compulsão e uso por via injetável;
- Inventário de Estilos Parentais (IEP) Paterno ou Materno –questionário composto de 42 questões que visam avaliar o conjunto de práticas educativas ou atitudes utilizadas pelos cuidadores/responsáveis com o objetivo de educar, socializar e controlar o seu comportamento.

Na segunda etapa do estudo, levando em consideração as respostas assinaladas no Questionário sobre Exposição a Eventos Traumatizantes (QUESI), a pesquisadora

entrará em contato com o adolescente, por e-mail ou mensagem via celular (WhatsApp ou SMS), para convidá-lo(a) a participar de uma entrevista individual, em local e horário mais conveniente para ele(a). As entrevistas serão realizadas por uma das pesquisadoras responsáveis pelo estudo (Dra. Flávia Calanca da Silva), gravadas em áudio e transcritas na íntegra por profissional experiente. As transcrições serão conferidas e comparadas às gravações pela pesquisadora. As entrevistas serão conservadas em arquivos eletrônicos durante cinco anos, sendo destruídas ao final deste prazo. Estima-se que cada entrevista tenha duração média de 90 minutos.

O desconforto gerado pode ser considerado moderado, visto que o tema da pesquisa “Violência Sexual” pode acarretar desconforto emocional ao participante. Não há benefício direto para o participante.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Os principais investigadores são Flávia Calanca da Silva, Aline Monge dos Santos Soares e Maria Sylvia de Souza Vitale, que podem ser encontradas à Rua Botucatu no. 715 São Paulo - SP Telefone(s) 5089-9210 ou pelos e-mails: flavia_calanca@uol.com.br; alinemonge@gmail.com e sylviavitale@gmail.com

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) –Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@epm.br

É GARANTIDA A LIBERDADE DE RETIRAR O CONSENTIMENTO A QUALQUER MOMENTO OU NÃO PARTICIPAR DO ESTUDO, SEM QUALQUER PREJUÍZO. A PARTICIPAÇÃO NA PRIMEIRA ETAPA NÃO O OBRIGA A PARTICIPAR DA SEGUNDA ETAPA, CASO O ADOLESCENTE SEJA CONVIDADO

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros alunos, NÃO SENDO DIVULGADO A IDENTIFICAÇÃO DE NENHUM ESTUDANTE.

Você tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa. Não há despesas pessoais para o participante. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. Em caso de danos diretos ou indiretos causados por este estudo, imediatos ou tardios, o participante tem direito a tratamento médico na Instituição, bem como às indenizações legalmente estabelecidas. As pesquisadoras se comprometem a utilizar os dados coletados somente para esta pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Violência Sexual: porque não revelar?” Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação é isenta de despesas. Concordo com a participação neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Este termo será disponibilizado em duas vias originais, uma para ficar com o participante e/ou responsável e a outra para ficar com o pesquisador.

Assinatura do participante/representante legal Data / /

Assinatura da testemunha Data / /

(Somente para o responsável do projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo

Pesquisadora - Flávia Calanca da Silva Data / /

Pesquisadora - Aline Monge dos Santos Soares Data / /

Pesquisadora - Maria Sylvia de Souza Vitalle Data / /

Apêndice 2 – Termo de Assentimento

Título do projeto: **VIOLÊNCIA SEXUAL: POR QUE NÃO REVELAR?**

Essas informações estão sendo fornecidas para sua participação voluntária neste estudo, que visa avaliar os adolescentes que são ou foram vítimas de violência sexual, reveladas ou não reveladas, bem como as repercussões deste acontecimento na vida; objetivando, com isso, informar a população sobre o tema e desmistificar esse assunto, incentivando a revelação.

O estudo é composto por duas etapas: na primeira etapa você receberá um questionário contendo 18 questões de múltipla escolha que visam conhecer sua idade, o curso que frequenta, nível socioeconômico e o seu comportamento sexual. Nesse questionário você não precisará colocar seu nome, apenas telefone para contato e/ou e-mail, para que a pesquisadora possa entrar em contato caso considere necessário (segundo momento do estudo). Você receberá ainda sete instrumentos (todos validados para o português), explicados a seguir:

- Questionário sobre exposição a eventos traumatizantes (QUESI) – contém 28 questões que abordam a exposição a eventos traumatizantes referentes a abuso, tanto físico quanto sexual, e negligência;
- Inventário de Depressão de Beck - Beck Depression Inventory (BDI) – contém 21 questões que objetivam verificar sintomas e atitudes depressivas;
- Inventário Beck de Ansiedade - Beck Anxiety Inventory (BAI) – instrumento autoaplicável, com 21 questões, para a medida clínica de ansiedade;
- Escala de resiliência - instrumento que mede os níveis de adaptação positiva em face de eventos de vida importantes, constituído por 25 itens;
- Questionário sobre qualidade de vida - World Health Organization's quality of life assessment (WHOQOL) – instrumento contendo 26 questões referentes a aspectos da sua qualidade de vida (satisfação com a própria saúde, o acesso a serviços de saúde, transporte, lazer; satisfação com as relações familiares e sociais, entre outros);
- Teste para Triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas –Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST) - questionário estruturado contendo oito questões sobre o uso de nove classes de substâncias psicoativas (tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos e opiáceos). As questões abordam a frequência de uso, na vida e nos últimos três meses, problemas relacionados ao uso, preocupação a respeito do uso por parte de pessoas próximas ao usuário, prejuízo na execução de tarefas esperadas, tentativas malsucedidas de cessar ou reduzir o uso, sentimento de compulsão e uso por via injetável;
- Inventário de Estilos Parentais (IEP) Paterno ou Materno –questionário composto de 42 questões que visam avaliar o conjunto de práticas educativas ou atitudes utilizadas pelos cuidadores/responsáveis com o objetivo de educar, socializar e controlar o seu comportamento.

Na segunda etapa do estudo, levando em consideração as respostas assinaladas no Questionário sobre Exposição a Eventos Traumatizantes (QUESI), a pesquisadora

entrará em contato por e-mail ou mensagem via celular (WhatsApp ou SMS), para convidá-lo(a) a participar de uma entrevista individual, em local e horário mais conveniente. As entrevistas serão realizadas por uma das pesquisadoras responsáveis pelo estudo (Dra. Flávia Calanca da Silva), gravadas em áudio e transcritas na íntegra por profissional experiente. As entrevistas serão conservadas em arquivos eletrônicos durante cinco anos, sendo destruídas ao final deste prazo. As transcrições serão conferidas e comparadas às gravações pela pesquisadora.

Estima-se que cada entrevista tenha duração média de 90 minutos.

O desconforto gerado pode ser considerado moderado, visto que o tema da pesquisa “Violência Sexual” pode acarretar desconforto emocional ao participante.

Não há benefício direto para o participante.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Os principais investigadores são Flávia Calanca da Silva, Aline Monge dos Santos Soares e Maria Sylvia de Souza Vitale, que podem ser encontradas à Rua Botucatu no. 715 São Paulo - SP Telefone(s) 5089-9210 ou pelos e-mails:

flavia_calanca@uol.com.br; alinemonge@gmail.com e sylviavitale@gmail.com

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 –1º andar –cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 –E-mail: cepunifesp@epm.br

É GARANTIDA A LIBERDADE DE RETIRAR O CONSENTIMENTO A QUALQUER MOMENTO OU NÃO PARTICIPAR DO ESTUDO, SEM QUALQUER PREJUÍZO. A PARTICIPAÇÃO NA PRIMEIRA ETAPA NÃO O OBRIGA A PARTICIPAR DA SEGUNDA ETAPA, CASO O ADOLESCENTE SEJA CONVIDADO.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros alunos, NÃO SENDO DIVULGADO A IDENTIFICAÇÃO DE NENHUM ESTUDANTE.

Você tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa. Não há despesas pessoais para o participante. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. Em caso de danos diretos ou indiretos causados por este estudo, imediatos ou tardios, o participante tem direito a tratamento médico na Instituição, bem como às indenizações legalmente estabelecidas. O pesquisador se compromete a utilizar os dados coletados somente para esta pesquisa.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via original deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e elucidar as minhas dúvidas sobre a pesquisa “VIOLÊNCIA SEXUAL: PORQUE NÃO REVELAR?”

Explicaram-me, tornando-se claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, os desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão

Apêndice 3 – Questionário de perfil, comportamento e nível socioeconômico

Ficariamos extremamente agradecidos se você pudesse responder esse questionário da maneira mais sincera possível. Reforçamos que você não precisa colocar seu nome, apenas um e-mail e o número do seu telefone celular.

SUAS RESPOSTAS SÃO COMPLETAMENTE CONFIDENCIAIS.

ATENÇÃO: Algumas perguntas são apenas para as mulheres responderem, algumas somente para os homens e a maioria para ambos, tudo está explicado no próprio questionário.

Agradecemos muito a sua colaboração!

1) Idade ____ anos Data de nascimento ____/____/____ 2) Sexo: () feminino () masculino

3) Cidade de nascimento _____ 4) Em São Paulo há _____

5) e-mail _____ 6) celular com DDD _____

7) Curso: _____ Ano ou Semestre _____

8) Qual o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

- () analfabeto/fundamental I incompleto
- () fundamental I completo/fundamental II incompleto
- () fundamental II completo/médio incompleto
- () médio completo/superior incompleto
- () superior completo

9) Na sua casa tem:

a) Automóveis de passeio exclusivamente para uso particular

() Não Possui () Sim. Quantos? _____

b) Empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana

() Não Possui () Sim. Quantos? _____

c) Máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho

() Não Possui () Sim. Quantos? _____

d) Banheiros

() Não Possui () Sim. Quantos? _____

e) DVD, considerando qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel

() Não Possui () Sim. Quantos? _____

f) Geladeiras

() Não Possui () Sim. Quantos? _____

g) Freezers independentes ou parte da geladeira duplex

() Não Possui () Sim. Quantos? _____

h) Microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms e smartphones

() Não Possui () Sim. Quantos? _____

- i) Lavadora de louças
 Não Possui Sim. Quantos? _____
- j) Forno micro-ondas
 Não Possui Sim. Quantos? _____
- k) Motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional
 Não Possui Sim. Quantos? _____
- l) Máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca
 Não Possui Sim. Quantos? _____

10) A água utilizada no seu domicílio é proveniente de:

- Rede geral de distribuição
 Poço ou nascente
 Outro meio

11) Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que sua rua é:

- asfaltada/pavimentada
 Terra/cascalho

12) Você já teve relação sexual?

- sim. **Se você respondeu SIM continue na próxima questão.**
 não. **Se você respondeu NÃO, vá para o próximo questionário.**

13) Com que idade você teve sua primeira relação sexual? _____ anos não lembro

14) De modo geral, quem são seus/suas parceiros(as) sexuais (**você pode assinalar mais de uma alternativa**)?

- namorado(a)
 alguém com quem você está ficando
 alguém que conheceu em alguma festa, “balada”
 um amigo ou colega
 outros.

Especifique: _____

15) Quantos parceiros (as) você teve até o momento? _____ parceiros (as)
 não lembro

16) Quanto ao uso de métodos contraceptivos (“camisinha”, pílula, anticoncepcional injetável, adesivo de hormônio, “camisinha feminina”, anel vaginal, etc) nas relações sexuais você:

- usa em todas as relações sexuais
 usa frequentemente
 usa às vezes
 usa raramente
 não usa

17) Você já teve ou tem alguma Doença Sexualmente Transmissível (sífilis, AIDS, gonorréia, HPV, tricomoníase)?

- não sim. Qual (is)? _____

ATENÇÃO: A questão **18** é apenas para as **MULHERES** responderem.

18) Você já teve uma gravidez não desejada?

- não sim

Apêndice 4 - Questionário sobre Exposição a Eventos Traumáticos (QUESI)

Enquanto eu crescia.....	Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Eu não tive o suficiente para comer.					
2. Eu soube que havia alguém para me cuidar e proteger.					
3. As pessoas da minha família me chamaram de coisas do tipo "estúpido (a)", "preguiçoso (a)" ou "feio (a)".					
4. Meus pais estiveram muito bêbados ou drogados para poder cuidar da família.					
5. Houve alguém na minha família que ajudou a me sentir especial ou importante.					
6. Eu tive que usar roupas sujas.					
7. Eu me senti amado (a).					
8. Eu achei que meus pais preferiam que eu nunca tivesse nascido.					
9. Eu apanhei tanto de alguém da minha família que tive de ir ao hospital ou consultar um médico.					
10. Não houve nada que eu quisesse mudar na minha família.					
11. Alguém da minha família me bateu tanto que me deixou com machucados roxos.					
12. Eu apanhei com cinto, vara, corda ou outras coisas que machucaram.					
13. As pessoas da minha família cuidavam umas das outras.					
14. Pessoas da minha família disseram coisas que me machucaram ou me ofenderam.					
15. Eu acredito que fui maltratado (a) fisicamente.					
16. Eu tive uma ótima infância.					
17. Eu apanhei tanto que um professor, vizinho ou médico chegou a notar.					
18. Eu senti que alguém da minha família me odiava.					
19. As pessoas da minha família se sentiam unidas.					
20. Eu tive a melhor família do mundo.					
21. Tentaram me tocar ou me fizeram tocar de uma maneira sexual.					
22. Ameaçaram me machucar ou contar mentiras sobre mim se eu não fizesse algo sexual.					
23. Tentaram me forçar a fazer algo sexual ou assistir coisas sobre sexo.					
24. Alguém me molestou.					
25. Eu acredito que fui maltratado (a) emocionalmente.					
26. Houve alguém para me levar ao médico quando eu precisei.					
27. Eu acredito que fui abusado (a) sexualmente.					
28. Minha família foi uma fonte de força e apoio.					

Apêndice 5 – INVENTÁRIO DE DEPRESSÃO DE BECK (BDI)

Este questionário consiste em 21 grupos de afirmações. Depois de ler cuidadosamente cada grupo, faça um círculo em torno do número (0, 1, 2 ou 3) diante da afirmação, em cada grupo, que descreve melhor a maneira como você tem se sentido nesta semana, incluindo hoje. Se várias afirmações num grupo parecerem se aplicar igualmente bem, faça um círculo em cada uma. Tome o cuidado de ler todas as afirmações, em cada grupo, antes de fazer a sua escolha.

1. 0 Não me sinto triste.

- 1 Eu me sinto triste.
- 2 Estou sempre triste e não consigo sair disso.
- 3 Estou tão triste ou infeliz que não consigo suportar.

2. 0 Não estou especialmente desanimado quanto ao futuro.

- 1 Eu me sinto desanimado quanto ao futuro.
- 2 Acho que nada tenho a esperar.
- 3 Acho o futuro sem esperança e tenho a impressão de que as coisas não podem melhorar.

3. 0 Não me sinto um fracasso.

- 1 Acho que fracassei mais do que uma pessoa comum.
- 2 Quando olho para trás, na minha vida, tudo o que posso ver é um monte de fracassos.
- 3 Acho que, como pessoa, sou um completo fracasso.

4. 0 Tenho tanto prazer em tudo como antes.

- 1 Não sinto mais prazer nas coisas como antes.
- 2 Não encontro um prazer real em mais nada.
- 3 Estou insatisfeito ou aborrecido com tudo.

5. 0 Não me sinto especialmente culpado.

- 1 Eu me sinto culpado às vezes.
- 2 Eu me sinto culpado na maior parte do tempo.
- 3 Eu me sinto sempre culpado.

6. 0 Não acho que esteja sendo punido.

- 1 Acho que posso ser punido.
- 2 Creio que vou ser punido.
- 3 Acho que estou sendo punido.

- 7.** 0 Não me sinto decepcionado comigo mesmo.
- 1 Estou decepcionado comigo mesmo.
 - 2 Estou enojado de mim.
 - 3 Eu me odeio.
- 8.** 0 Não me sinto de qualquer modo pior que os outros.
- 1 Sou crítico em relação a mim devido a minhas fraquezas ou meus erros.
 - 2 Eu me culpo sempre por minhas falhas.
 - 3 Eu me culpo por tudo de mal que acontece.
- 9.** 0 Não tenho quaisquer ideias de me matar.
- 1 Tenho ideias de me matar, mas não as executaria.
 - 2 Gostaria de me matar.
 - 3 Eu me mataria se tivesse oportunidade.
- 10.** 0 Não choro mais que o habitual.
- 1 Choro mais agora do que costumava.
 - 2 Agora, choro o tempo todo.
 - 3 Costumava ser capaz de chorar, mas agora não consigo mesmo que o queira.
- 11.** 0 Não sou mais irritado agora do que já fui.
- 1 Fico molestado ou irritado mais facilmente do que costumava.
 - 2 Atualmente me sinto irritado o tempo todo.
 - 3 Absolutamente não me irrita com as coisas que costumavam irritar-me.
- 12.** 0 Não perdi o interesse nas outras pessoas.
- 1 Interesse-me menos do que costumava pelas outras pessoas.
 - 2 Perdi a maior parte do meu interesse nas outras pessoas.
 - 3 Perdi todo o meu interesse nas outras pessoas.
- 13.** 0 Tomo decisões mais ou menos tão bem como em outra época.
- 1 Adio minhas decisões mais do que costumava.
 - 2 Tenho maior dificuldade em tomar decisões do que antes.
 - 3 Não consigo mais tomar decisões.
- 14.** 0 Não sinto que minha aparência seja pior do que costumava ser.
- 1 Preocupo-me por estar parecendo velho ou sem atrativos.
 - 2 Sinto que há mudanças permanentes em minha aparência que me fazem parecer sem atrativos.
 - 3 Considero-me feio.

15. 0 Posso trabalhar mais ou menos tão bem quanto antes.

- 1 Preciso de um esforço extra para começar qualquer coisa.
- 2 Tenho de me esforçar muito até fazer qualquer coisa.
- 3 Não consigo fazer nenhum trabalho.

16. 0 Durmo tão bem quanto de hábito.

- 1 Não durmo tão bem quanto costumava.
- 2 Acordo uma ou duas horas mais cedo do que de hábito e tenho dificuldade para voltar a dormir.
- 3 Acordo várias horas mais cedo do que costumava e tenho dificuldade para voltar a dormir.

17. 0 Não fico mais cansado que de hábito.

- 1 Fico cansado com mais facilidade do que costumava.
- 2 Sinto-me cansado ao fazer quase qualquer coisa.
- 3 Estou cansado demais para fazer qualquer coisa.

18. 0 Meu apetite não está pior do que de hábito.

- 1 Meu apetite não é tão bom quanto costumava ser.
- 2 Meu apetite está muito pior agora.
- 3 Não tenho mais nenhum apetite.

19. 0 Não perdi muito peso, se é que perdi algum ultimamente.

- 1 Perdi mais de 2,5 Kg.
- 2 Perdi mais de 5,0 Kg.
- 3 Perdi mais de 7,5 Kg.

Estou deliberadamente tentando perder peso, comendo menos: SIM () NÃO ()

20. 0 Não me preocupo mais que o de hábito com minha saúde.

- 1 Preocupo-me com problemas físicos como dores e aflições ou perturbações no estômago ou prisão de ventre.
- 2 Estou muito preocupado com problemas físicos e é difícil pensar em outra coisa que não isso.
- 3 Estou tão preocupado com meus problemas físicos que não consigo pensar em outra coisa.

21. 0 Não tenho observado qualquer mudança recente em meu interesse sexual.

- 1 Estou menos interessado por sexo que costumava.
- 2 Estou bem menos interessado em sexo atualmente.
- 3 Perdi completamente o interesse por sexo.

Apêndice 6 – INVENTÁRIO DE ANSIEDADE DE BECK (BAI)

Abaixo está uma lista de sintomas comuns de ansiedade. Por favor, leia cuidadosamente cada item da lista. Identifique o quanto você tem sido incomodado por cada sintoma durante a ÚLTIMA SEMANA, INCLUINDO HOJE, colocando um “X” no espaço corresponde, na mesma linha de cada sintoma.

	Absolutamente não	Levemente Não me incomodou muito	Moderadamente Foi muito desagradável mas pude suportar	Gravemente Difícilmente pude suportar
1. Dormência ou formigamento				
2. Sensação de calor				
3. Tremores nas pernas				
4. Incapaz de relaxar				
5. Medo que aconteça o pior				
6. Atordoado ou tonto				
7. Palpitação ou aceleração do coração				
8. Sem equilíbrio				
9. Aterrorizado				
10. Nervoso				
11. Sensação de sufocação				
12. Tremores nas mãos				
13. Trêmulo				
14. Medo de perder o controle				
15. Dificuldade de respirar				
16. Medo de morrer				
17. Assustado				
18. Indigestão ou desconforto no abdômen				
19. Sensação de desmaio				
20. Rosto afogueado				
21. Suor (não devido ao calor)				

Apêndice 7 - WHOQOL – ABREVIADO

Instruções

Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. **Por favor, responda a todas as questões**. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha.

Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as **duas últimas semanas**. Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:

	Nada	Muito Pouco	Médio	Muito	Completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas. Portanto, você deve circular o número 4 se você recebeu "muito" apoio como abaixo.

	Nada	Muito Pouco	Médio	Muito	Completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número 1 se você não recebeu "nada" de apoio.

Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número que lhe parece a melhor resposta.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem boa	boa	muito boa
1	Como você avaliaria sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	Insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
2	Quão satisfeito (a) você está com sua saúde?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre O QUANTO você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	mais ou menos	Bastante	extremamente
3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	1	2	3	4	5
4	O quanto você precisa de um tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5	O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5
6	Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7	O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8	Quão seguro (a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5
9	Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam QUÃO COMPLETAMENTE você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	médio	Muito	completamente
10	Você tem energia suficiente para o seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
11	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5
13	Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
14	Em que medida você tem oportunidade de atividade de lazer?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **QUÃO BEM OU SATISFEITO** você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.

		 muito ruim	 ruim	 nem ruim nem bom	 Bom	 muito bom
15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5

		 muito insatisfeito	 insatisfeito	 nem satisfeito nem insatisfeito	 Satisfeito	 muito satisfeito
16	Quão satisfeito (a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17	Quão satisfeito (a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18	Quão satisfeito (a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19	Quão satisfeito (a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
20	Quão satisfeito (a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21	Quão satisfeito (a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5

22	Quão satisfeito (a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5
23	Quão satisfeito (a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24	Quão satisfeito (a) você está com seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
25	Quão satisfeito (a) você está com o seu meio de transporte?	1	2	3	4	5

As questões seguintes referem-se a **COM QUE FREQUÊNCIA** você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

		Nunca	algumas vezes	frequentemente	muito frequentemente	sempre
26	Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5

Apêndice 8

Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas. ASSIST (Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test)

1. Na sua vida, qual (is) dessas substâncias você já usou? (somente uso não médico)

- a. Derivados de tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)
 não sim
- b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka...)
 não sim
- c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)
 não sim
- d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)
 não sim
- e. Estimulantes como anfetamina ou ecstasy (bolinhas, rebites...)
 não sim
- f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)
 não sim
- g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepan, lorax, dienpax, rohypnol)
 não sim
- h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)
 não sim
- i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)
 não sim
- j. Outras: Especificar _____

2. Durante os três último meses, com que frequência você utilizou essa(s) substância(s) que mencionou? (Primeira droga, depois a segunda droga, etc)

- a. Derivados de tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- e. Estimulantes como anfetamina ou ecstasy (bolinhas, rebites...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepan, lorax, dienpax, rohypnol)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- j. Outras: Especificar _____
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia

3. Durante os três últimos meses, com que frequência você teve um forte desejo ou urgência em consumir? (Primeira droga, depois a segunda droga, etc)

- a. Derivados de tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- e. Estimulantes como anfetamina ou ecstasy (bolinhas, rebites...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- j. Outras: Especificar _____
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia

4. Durante os três últimos meses, com que frequência o seu consumo de (primeira droga, depois a segunda droga, etc) resultou em problema de saúde, social, legal ou financeiro?

- a. Derivados de tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- e. Estimulantes como anfetamina ou ecstasy (bolinhas, rebites...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- j. Outras: Especificar _____
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia

5. Durante os três últimos meses, com que frequência por causa do seu uso de (primeira droga, segunda droga, etc) você deixou de fazer coisas que eram normalmente esperadas por você?

- a. Derivados de tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- e. Estimulantes como anfetamina ou ecstasy (bolinhas, rebites...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia
- j. Outras: Especificar _____
 nunca 1 ou 2 vezes mensalmente semanalmente diariamente ou quase todo dia

6. Há amigos, parentes ou outra pessoa que tenha demonstrado preocupação com seu uso de (primeira droga, depois a segunda droga, etc)?

- a. Derivados de tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses
- b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka...)
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses
- c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses
- d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses
- e. Estimulantes como anfetamina ou ecstasy (bolinhas, rebites...)
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses
- f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses
- g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol)
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses
- h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses
- i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses
- j. Outras: Especificar _____
 NÃO, nunca SIM, mas não nos últimos 3 meses SIM, nos últimos 3 meses

7. Alguma vez você já tentou controlar, diminuir ou parar o uso de (primeira droga, depois a segunda droga, etc)?

- a. Derivados de tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**
- b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka...)
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**
- c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**
- d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**
- e. Estimulantes como anfetamina ou ecstasy (bolinhas, rebites...)
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**
- f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**
- g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol)
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**
- h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**
- i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**
- j. Outras: Especificar _____
 NÃO, nunca **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**

8. Alguma vez você já usou droga por injeção? (apenas uso não médico)

- NÃO, nunca** **SIM, mas não nos últimos 3 meses** **SIM, nos últimos 3 meses**

Apêndice 9 - Inventário de Estilos Parentais (IEP) – Práticas Parentais Paternas ou Maternas

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha entre as alternativas a seguir, aquelas que mais refletem a forma como **seu pai, ou sua mãe ou seu responsável** o(a) educa (**responda sobre a pessoa que você considera que é ou foi mais responsável por sua educação**).

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indicar a frequência com que seu **PAI/MÃE ou responsável** age nas situações relacionadas; mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o possível comportamento de seu pai naquelas circunstâncias.

Utilize a legenda de acordo com seguinte critério:

NUNCA: se, considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes.

ÀS VEZES: se, considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes.

SEMPRE: se, considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes.

	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Quando saio conto a ele espontaneamente onde eu vou.			
2. Ele me ensina a devolver objetos ou dinheiro que não me pertencem.			
3. Quando faço algo errado, a punição do meu pai é mais severa dependendo do seu humor.			
4. O trabalho do meu pai atrapalha sua atenção para comigo			
5. Ele ameaça que vai me bater ou castigar e depois nada acontece.			
6. Ele me bate com cinta ou outros objetos.			
7. Ele critica qualquer coisa que eu faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despenteados.			
8. Ele pergunta como foi meu dia na escola e me ouve atentamente.			
9. Se eu colar na prova, ele me explica que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a mim mesmo(a).			
10. Quando saio, ele telefona me procurando muitas vezes.			
11. Quando ele está alegre não se importa com as coisas erradas que eu faça.			
12. Sinto dificuldades em contar meus problemas para ele, pois vive ocupado.			
13. Quando ele me castiga, peço para sair do castigo, e, após um pouco de insistência, ele deixa.			
14. Tenho muito medo de apanhar dele.			
15. Quando estou triste ou aborrecido(a), ele se interessa em me ajudar a resolver o problema.			
16. Quando estrago alguma coisa de alguém, ele me ensina a contar o que fiz e pedir desculpas.			
17. Ele me castiga quando está nervoso; assim que a raiva passa me pede desculpas.			

	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
18. Fico sozinho(a) em casa a maior parte do tempo.			
19. Durante uma briga, eu xingo ou grito com ele e, então, ele me deixa em paz.			
20. Ele controla com quem falo e saio			
21. Fico machucado (a) quando ele (a) me bate			
22. Quando está nervoso acaba descontando em mim			
23. Mesmo quando está ocupado ou viajando, me telefona para saber como estou.			
24. Ele me aconselha a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.			
25. Sinto que ele não me dá atenção.			
26. Sinto ódio do meu pai quando ele me bate.			
27. Quando ele me manda estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e não obedeco, ele "deixa para lá".			
28. Especialmente nas horas das refeições, ele fica dando as "broncas".			
29. Após uma festa, ele quer saber se me diverti.			
30. Ele conversa comigo sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.			
31. Ele é mal-humorado.			
32. Ele ignora o que eu gosto.			
33. Ele avisa que não vai me dar um presente caso eu não estude, mas, na hora "H", ele fica com pena e dá o presente.			
34. Se vou a uma festa, ele somente quer saber se bebi, se fumei ou se estava com aquele grupo de maus elementos.			
35. Ele é agressivo comigo.			
36. Ele estabelece regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explica suas razões sem brigar.			
37. Ele conversa sobre meu futuro trabalho mostrando os pontos positivos ou negativos da minha escolha.			
38. O mau humor dele impede que eu saia com os amigos.			
39. Ele ignora meus problemas.			
40. Quando fico muito nervoso (a) em uma discussão ou briga, percebo que isso amedronta meu pai.			
41. Ele é violento.			
42. Quando estou aborrecido (a), ele fica insistindo para eu contar o que aconteceu, mesmo que eu não queira contar.			

Apêndice 10 - Questões norteadoras da entrevista semi-estruturada quando houve revelação da violência sexual

1. história familiar e individual
2. início da violência sexual, duração, tipo
3. quem era o perpetrador
4. estratégias utilizadas pelo perpetrador para manter segredo
5. sobre a revelação:
 - a. quando ocorreu a revelação
 - b. houve tentativas anteriores de revelar
 - c. se alguém houvesse o(a) questionado diretamente sobre o ocorrido, a revelação teria sido feita antes
 - d. para quem foi feita a revelação e qual a reação ao contar
 - e. consequências da revelação
 - f. sentiu-se revitimizada ao revelar
 - g. outras pessoas da família ou da casa sofreram abuso
 - h. sentimentos relativos à violência sofrida
 - i. consequências atuais do abuso sexual sofrido

Apêndice 11 - Questões norteadoras da entrevista semi-estruturada quando não houve revelação da violência sexual

1. história familiar e individual
2. início da violência sexual, duração, tipo, quem era o perpetrador
3. estratégias utilizadas pelo perpetrador para manter segredo
4. Sobre a não revelação
 - a. motivos para não revelar
 - b. consequências da não revelação
 - c. houve tentativas de revelar
 - d. se alguém o(a) tivesse questionado sobre o assunto você teria revelado
5. outras pessoas da família ou da casa sofreram abuso
6. sentimentos relativos à violência sofrida
7. consequências atuais do abuso sexual sofrido

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Normas para teses e dissertações [internet]. 2ª. ed. rev. e corrigida. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Biblioteca Antônio Rubino de Azevedo, Coordenação de Curso. Disponível em:
<http://www.bibliotecacsp.unifesp.br/Documentos-Apostila/normas-para-teses-e-dissertacoes>

Pereira TA, Montero EFS. Terminologia DeCS e as novas regras ortográficas da língua portuguesa: orientações para uma atualização [Internet]. Acta Cir Bras [Internet]. 2016 ;27(7):509-14. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/acb/v27n7/a14v27n7.pdf>